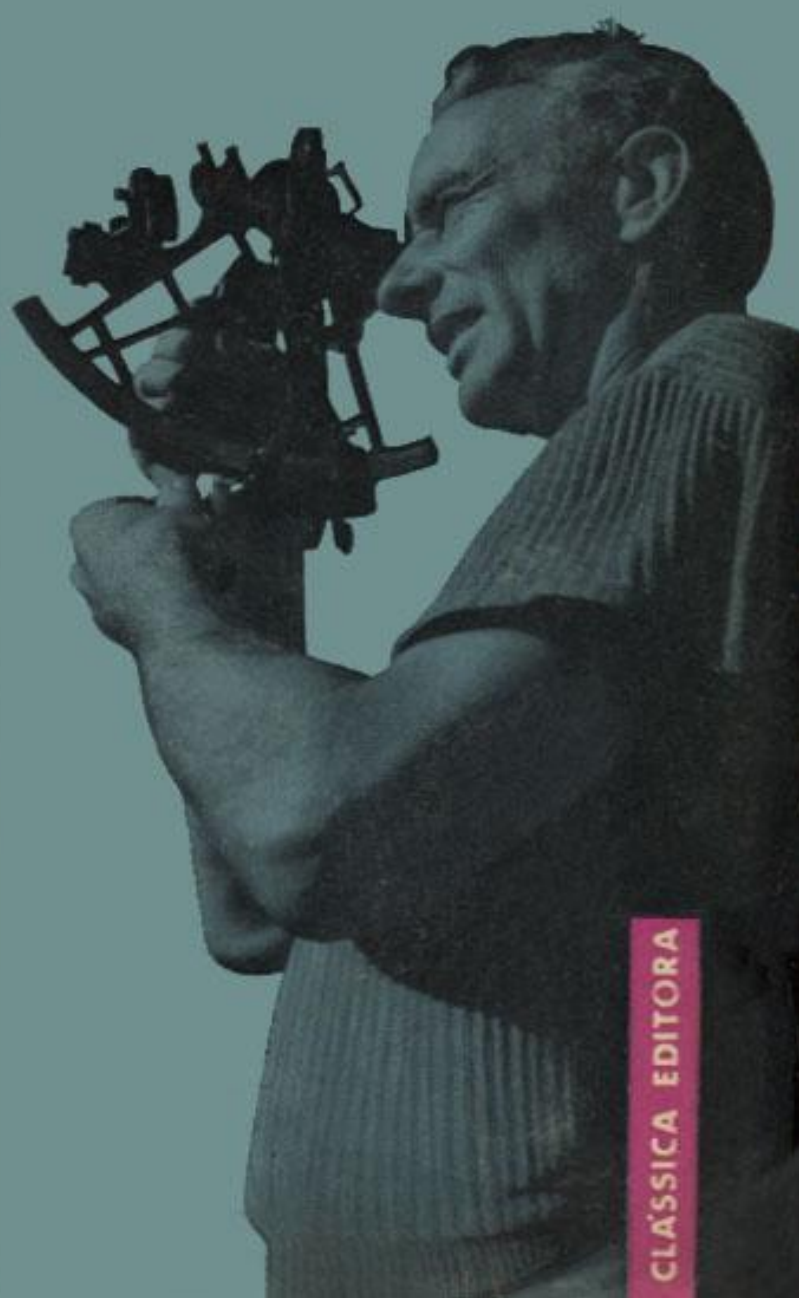


ERIC DE
BISSCHOP

COLEÇÃO VIAGENS - AVENTURAS - EPOPEIAS

4

KAIMILOA



CLÁSSICA EDITORA



ERIC DE BISSCHOP

KAIMILOA

De Honolulu a Cannes pela Austrália e pelo
Cabo, a bordo duma dupla piroga da Polinésia

VERSÃO DE
JOÃO DE LEMOS

2.ª EDIÇÃO



LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
A. M. Teixeira & C.ª, Filhos, L.ª
Praça dos Restauradores, 17
LISBOA

CAPÍTULO 1 --- Na Gafaria de Molokai

05

26 de Outubro de 1935.

Abri os olhos lentamente; oh! como por vezes as pálpebras nos pesam! Estou num quartinho muito branco e fresco; uma enfermeira de cabelos loiros curva-se sobre mim, sorri...; alto, magro, o médico americano, que empunhava uma seringa de Pravaz, sorri também... Everythings O. K.! (Tudo vai bem), declarou. Um outro médico, rosado e bem disposto - este era chinês, mas americano no entanto - colocou-me na mesa de cabeceira qualquer coisa de comer. E eu que havia um mês não sabia o que isso era! Tentei voltar o meu esqueleto no colchão, para ver!... Gostaria tanto de trincar um bom bife... mas eram apenas duas fatiazinhas torradas, minúsculas, e uma xícara de chá! - E sobretudo, recomenda o médico alto e magro, não coma tudo duma vez: só uma dentadita de dez em dez minutos! Olho para o médico chinês... Como compreendo agora os meus amigos canibais da Papuásia! Que belas bochechas que ele tem... este doutorzinho!

06

Rilho um pedacito de pão torrado... doem-me os queixos: há tanto tempo já que não faziam serviço! Dez minutos depois como outro bocado:

- Posso agora comer tudo, não é verdade? O médico chinês agarra na travessa:

- Não, ainda não... se pretende viver!

Que estranha sensação me causam aquelas migalhas de alimento e os poucos goles de chá que bebi: as pálpebras tornam-se-me mais leves... já revivo melhor o que sucedeu... a tragédia dos últimos dias...; fecho

os olhos: tudo perpassa em quadros nítidos. Será possível? Ou não passará tudo isto dum pesadelo?

E pergunto:

- O meu companheiro?

- Está bem! - responde-me a enfermeira dos cabelos loiros. - Melhor do que você! Poderá certamente levantar-se daqui a pouco!

Eu penso:

«Sim, bem sei! Deve, com efeito, estar melhor do que eu... Pobre diabo!»

- E o Fou Po?

- O vosso junco ainda lá está, no ancoradouro onde o fundearam ontem à noite. Poderá vê-lo, pela janela do seu quarto, amanhã, quando se levantar...

Sorri-me! O médico americano tem razão: Eve-rythings O. K.!

Mais outro americano entra no quarto. Que vitalidade, a deste homem! Reconheço-o. . . pois, claro, é ele mesmo, aquele que ontem à noite,

07

aquando da segunda viagem da piroga, acompanhava os indígenas...

- Você não queria sair de bordo, recordou-me ele, e então fui eu próprio lá buscá-lo... Não pesava muito, felizmente...- E soltou uma franca gargalhada. - Estava um mar dos diabos! Por pouco o não partíamos em dois, ao desembarcá-lo no molhe!

Deixam-me sozinho : devo repousar e não pensar mais em coisa alguma! E fácil de dizer! Queria agora comer mais um pedaço, só um pedacito de pão torrado... mas levaram-mos daqui.

Oiço ao longe uns cânticos meio religiosos meio profanos. Os cânticos religiosos são por vezes tão tristes! Quem cantará assim ? Os leprosos? Só poderão ser eles, pois Kalaupapa é a sua zona reservada e... excepto os médicos, todo o restante pessoal do hospital não passa duma grande colónia de leprosos... Eu bem o sabia, quando ontem, para não morrer no mar, me decidi a vir fundear naquela baía dos leprosos... «Aquilo» corrói, pensei eu, mas nunca sonhara que pudesse atacar de tal maneira!

Não pensar em nada, é fácil de dizer-se: quando vemos, ante os nossos olhos fechados, perpassar as imagens com tanta realidade como se as revivêssemos!

E vejo-me de novo largando de França, em 1927, chamado pelo apelo do mar, pela

08

atração do misterioso Pacífico... Tanto desejava era encher a minha vida, torná-la aos meus próprios olhos digna de ser vivida! Revejo-me, agora, chegando à China... Porquê à China? Porque era já a antecâmara do Pacífico... para tentar a aventura; revejo o meu desembarque como passageiro de primeira classe do André-Lebon das Messageries no Bund da grande cidade de Xangai, rico de coragem e de esperança... mas apenas com uns miseráveis cento e cinquenta francos na algibeira...

Como um filme em várias séries, perpassam ante os meus olhos fechados muitos quadros... Que estranha foi a minha vida na China, vida dupla ou tríplice, no meio dos meus amigos chineses, vida semioficial, semi-secreta... E sempre o mesmo fito lancinante, o único fito: amealhar os dólares precisos para a realização do meu sonho: abalar à conquista do Pacífico e dos seus mistérios...

Depois, a construção do meu primeiro junco, o Fou Po 1, um brioso navio de 40 toneladas... tão lindo, tão bem armado... com tão ricos instrumentos de estudo; logo os meus primeiros aborrecimentos... a dificuldade em recrutar uma tripulação, a desconfiança das autoridades do meu país, que não compreendiam se pudesse percorrer o Pacífico a bordo dum junco apaixonando-nos pelo estudo dos seus mistérios... e haviam decretado que eu me filiara muito simplesmente em qualquer organização secreta de pirataria,

09

para fazer o contrabando do ópio! A subida do Yang-Tsé, à vela, de Xangai a Hankow... mais de 1000 quilómetros de rio (ficara tão orgulhoso por ser eu o primeiro europeu a realizar semelhante façanha!); a descida do rio, a viagem de Xangai até ao mar... o tufão... a

luta desesperada: cinco dias e cinco noites, durante as quais, sós e a contas com o furacão, Tati e eu nos debatemos sem descanso. A tripulação de emergência, três jovens russos recrutados nos cais de Xangai, estava enrodilhada no fundo do barco, meio morta com o enjoo! A trágica chegada aos recifes da Formosa, e as âncoras, que nos deveriam ter salvo do naufrágio, lançadas ao mar por Tati com tanta precipitação, que se esquecera de amarrar previamente os «cepos» ('): se ele mo tivesse confessado, talvez conseguíssemos levantá-las de novo, uma após outra, e armá-las convenientemente... Ter-nos-ia sido possível salvar o nosso belo barco?... E logo o naufrágio, os piratas tombando sobre nós, do cimo das montanhas, como aves de rapina, pilhando tudo, aliviando o barco naufragado, em poucas horas, de todo o seu recheio e deixando-nos a nós, nus e arruinados, sobre a praia... Depois, o regresso à China! Among! A construção

(1) Peça de madeira que se fixa perpendicularmente à haste da âncora de forma a que as unhas sejam obrigadas a morder no fundo. (N. do T.).

10

do Fou Po 11, com Tati e eu, desta vez, como únicos tripulantes do barco!

Ah! como eu me sentia orgulhoso ao aparelhar: menos de três meses após a perda do Fou Po I, tinha reconstruído aquele Fou Po II, e lançávamo-nos novamente à conquista do Pacífico!

Valente juncozinho! O que ele passou em três anos... quantos perigos arrostando... ferido, mal tratado, sem dúvida, mas sempre saindo-se vitorioso das ciladas do mar e dos homens!

Penso nas horas de sonho que passei a estudar a contracorrente equatorial, a leste das Filipinas, ao sul das Carolinas, e depois, mais tarde, nas imediações do 180°; a rectificação das posições de ilhotas mal localizadas nas cartas, em busca daquelas outras terras outrora lobrigadas e hoje desaparecidas... e as raças humanas das populações insulares... Revivo com alegria esses meses passados entre os canibais papuas do Pruari--Delta... Ah! os valentes rapazes! Logo outras recordações trágicas... Mas vencêramos! Deus protegia-nos!

E na última escala do Fou Po, em Jaluit, nas Marshalls, que cara haviam feito o governador japonês e todos os seus polícias, de punhalzito à cinta!... Espiões! Nós?
Que história tão cómica essa !... Por causa de alguns cadernos de ponto, de alguns levantamentos de costa, ao norte da Austrália... Aquilo nunca fora espionagem!
Quinze dias prisioneiros e guardados à vista, no entanto...; os indígenas ameaçados com prisão,

11

se por acaso se aproximassem do nosso barco.. .; e as pesquisas no Fou Po, enquanto nos interrogavam em terra...: calculem : um aparelho emissor de T. S. F.... um outro aparelho de sondar, eléctrico, que deviam estar escondidos algures... Talvez eu os tivesse lançado ao mar antes da chegada, mas encontrar-se-iam os vestígios... em qualquer parte... não importa onde... debaixo do tombadilho, nas caixas de conservas...! Que imbecis!

E a partida? Mesmo a tempo... mais felizes nesse ponto do que aquele americano de há um ano. . . do que o inglês de há seis meses,.. desaparecidos ambos... volatilizados... um ar que lhes dera... para maior glória do Império do Micado!...

Na fuga para Honolulu, corrêramos milhares de milhas, no sentido de nordeste, quase tão velozes como um vapor, o que era bem contrário aos costumes do Fou Po, mais habituado a sondar as misteriosas correntes... ; depois, após mês e meio de mar, a trágica descoberta: um cheiro a podre no porão de vante: as caixas soldadas dos víveres de reserva completamente fermentadas: os japoneses de Jaluit também ali haviam procurado o posto emissor e a sonda eléctrica... mas podiam ter prevenido, para soldarmos de novo as caixas. A humidade fizera fermentar o arroz, azedar as massas, e as larvas pululavam na farinha avariada... Tudo lançado ao mar, pela borda fora!...

12

Feito o inventário dos víveres, restavam-nos: uma dezena de caixas diversas... e mais de um mês de viagem pelo mar... se tudo corresse bem! E então! Então?

Pobre Tati, ele bem se arrependeu depois!... «Assim o quiseste, pensou ele primeiramente, pois bem, rebenta!...» Mas, um dia, nada mais houve a bordo que se comesse, não só para mim, mas também para ele! E ele viu, igualmente, a morte aproximar-se!

Foi então que fez a sua confissão... e que confissão! Parece-me que revejo os seus olhos febris fixos nos meus: não omite nada... desde o martírio que fez sofrer ao nosso cãozito Lhiao Hen, ao roubo de conservas, aos desejos que sentira, de cada vez que nos aproximávamos de terra, de fazer um furo no barco ou de o arremessar contra os rochedos... e, todos os dias, os seus pecaminosos pensamentos... Fazê-lo calar? Tento-o, mas ele berra-me a sua miséria... além de que há aquela luz que lhe ilumina o olhar, que lhe dulcifica as feições, à medida que vai falando...

Depois é a reacção! À força de passarmos fome, já não temos fome! E a 21 de Outubro, dia do meu aniversário, aquela metade de cracker que o meu companheiro escondera para me fazer uma surpresa e que ambos comêramos... Que festança! Tati sente que vai morrendo aos poucos... dia a dia, e, vagarosamente, de olhos semicerrados, desfia o velho rosário que encontrou...; sinto uma sensação muito doce, infinitamente doce, que me

13

faz encarar a Morte exactamente como ela é: qualquer coisa de doce, de infinitamente doce, que se chama a Vida!... A 22 de Outubro, no dia seguinte, o encontro, durante a noite, com aquele grande vapor japonês, de luzes acesas, passando a 100 metros de nós!... Salvos? Não! Demasiadamente enfraquecidos para erguermos um fanal... ou para gritarmos a nossa agonia... e o paquete passa, deixando após si, no escuro da noite, um cheiro aliciante de cozinha... Logo a costa de Molokai no horizonte! Dois dias de calmaria podre... e moribundos...; Tati, que me obriga a rumar para o fundeadouro de Kalaupapa.

Como o consigo? Não sei! Revejo-me ao leme... Quem me dá forças suficientes para governar? Quero salvar o Fou Po... Depois, que a vontade de Deus...

Chove. Uma chuva fria. Os borrifos do mar contra o cais. Há escolhos à esquerda, perto do farol.. . Grito para Tati:

- Largar ferro!...

- E oiço ainda a corrente que desliza; pára finalmente, e a voz de Tati, vinda da proa:

- Já virámos, capitão!

Então, mais nada; um grande buraco. . . mais tarde, estou no meu camarote, para onde Tati me arrastara; ele berra para terra apelos de socorro.. . vejo oscilarem no convés luzes veladas... é um fanal que ele agita. . . lobrigá-lo-ão de terra? Mais tarde ainda, chegam três homens de pele morena, magníficos... havaianos!. . .

14

«Há em terra um missionário francês, dizem eles...; deixem-nos agir; vamos desembarca-los. . . » Não! Levem este bilhete: algumas linhas a lápis: « Estamos a morrer de fome! Pão, enviem--nos um pedaço de pão! » O missionário conseguirá decifrar aquelas letras? Logo os indígenas regressam com este americano que reconheci há pouco. . . é o director da gafaria. . . que nos arranca, sem mais explicações, de bordo do nosso barco... e, agora, este quarto branco do hospital, a loira enfermeira que sorri, o médico americano muito alto e magro, o médico chinês rosado e fresco. Tati, que está na sala ao lado, e o Fou Po, que baloiça na baía...

- É verdade: Everythings O. K. !

Será possível, meu Deus, será possível que vocês se divirtam com este jogo? Aquilo a que chamamos a vossa Providência, nunca dela duvidei!. . . Vós bem o sabeis! Vós destes-nos a força precisa para suportarmos todas as provações sem um queixume, fizestes-nos morrer de fome, navegar longos dias na companhia da Marte; fizestes-nos, a mim sobretudo, entrever a salvação, para mais prolongardes a minha

agonia... lembrai-vos bem disso... E o pacote? E a baía de Kalaupapa? Era o vosso direito, mas porque não me fizestes morrer, quando tudo havíeis maniganciado

15

para isso? Eu estava, bem o sabeis, preparado para tudo: mas de novo me insuflastes esperança na Vida, para hoje melhor me abateres... E sois VÓS aquele que dizem Bom?

Bom, Vós?... Que homem haveria tão cruel, para de tal forma brincar com o destino de outro homem!... Um gato não brinca assim durante tanto tempo com o rato que vai devorar!

* * *

Percebi-o nessa noite. . . ; passava-se qualquer coisa: não consegui pregar olho; recordo-me muito bem do golpe de vento que, durante alguns minutos, fez bater a janela do meu quarto; pensei imediatamente no meu Fou Po, que estava na baía onde na véspera lançáramos ferro... talvez sem termos tomado todas as precauções... Lembrava-me agora de que pedira que largassem outra âncora. Mas tê-la-iam largado?... Sim, com certeza.

Não obstante, na ocasião em que ouvi aquela rajada, senti em mim uma estranha perturbação... O meu Fou Po ? Não, não era possível... um Deus Bom não se divertiria com semelhantes facécias ...

E, no entanto!...

Há pouco, quando acordei, vi a enfermeira perto de mim. Ajudou-me a vestir, conduziu-me pelo braço até ao hall... fez-me sentar. Como se me afigurava diferente do que era na véspera: as

16

feições vincadas, fatigadas; parecia exausta; quer falar, mas só articula palavras sem nexos...

Além de que tudo se me afigura anormal: no extremo do hall, entrevi o médico alto e quis-lhe sorrir, mas ele desviou a cabeça, como que para

evitar o meu olhar, e deslizou para outro quarto! Tati devia ter vindo visitar-me esta manhã... e não aparece!... Onde parará ele?
Na minha frente, conserva-se a enfermeira; por que me olhará ela assim de olhos fitos?
Fala, e a sua voz afigura-se-me estranha:
- Imagine, diz ela docemente, imagine... que após ter sofrido muito... lhe dão... uma má notícia ?
Que quer ela dizer com aquilo? Não compreendo nada!
Imagine que... depois de ter sofrido... mas, enfim, de ter escapado à morte, salvo, não é? E é isso o principal... pois não é verdade?
Está variada! Uma noite má... certamente!
Vejo chegar Tatibouet, devagar, pálido; como ele vem pálido! Por que será que também este me olha fixamente?...
De súbito, compreendo tudo...: o golpe de vento desta noite? Aquele que entrou pela minha janela... o Fou Po ?
Com a garganta apertada, interrogo, sem me atrever a acreditar:
- O quê? Digam? O barco?... Tatibouet lança-se nos meus braços.
- E verdade, pobre capitão... o nosso barco !

17

Perdido!... Esta noite, lançado contra as rochas... Vimo-lo de manhã... desconjuntado !
Tive uma rápida visão do desastre. . . os olhos velaram-se-me... ergui-me como uma máquina... quis correr, «vê-lo» uma vez ainda... mas pôs-se-me tudo a andar à roda no quarto e caí por terra... sucumbido... como um farrapo !

*

**

Transportaram-me para a cama... Apenas a enfermeira ficou junto de mim: a pouco e pouco foi-me contando a enormidade do desastre.
- De manhã, os indígenas deram com o junco varado nos rochedos, com o casco aberto... Toda a noite ele levava a bater contra os penedos. O fundo, a quilha, haviam sido desfeitos pelo mar, que entrara no casco, inundando e levando tudo... Em poucas horas, três anos de esforços, de

lutas haviam-se perdido! Os meus manuscritos, as minhas notas, os desenhos, as fotografias, os meus cadernos de cálculos... tudo subvertido pelo mar!

E choro, choro como um garoto castigado... E sois Vós esse Deus que qualificam de Bom... ?

*

**

A porta do quarto entreabre-se. Pode-se entrar? Volto a cabeça: quem será que fala aqui francês?

18

Por entreportas, vejo a figura de um velho, com barbas grisalhas, que me sorri...

O missionário francês !... Um padre desse bom Deus de nós todos, deste ramo chamado católico... Que me quererá ele? Cai em muito má altura!

- Que pretende? inquiri, num tom rude. Ele entra, mais sorridente, fecha a porta e, mantendo-se diante da minha cama:

- Venho dizer-lhe apenas... isto: «Caro capitão, não desespere! Os desígnios de Deus são impenetráveis !»

Sinto que vou insultá-lo... Virá ele trocar de mim? Estará encarregado pelo seu Deus de prosseguir por mais tempo ainda a sinistra comédia? Mas detenho-me... Uma luz como que irreal parece iluminar o seu rosto de padre...

Mais baixo, ele continua:

- Sim venho unicamente dizer-lhe: Confie!... Os desígnios de Deus são-nos desconhecidos!...

E acrescenta:

- Sim, bem sei! Sei que perdeu tudo!... Ou que, pelo menos, julga haver perdido tudo!... O futuro apresenta-se sombrio? Chora? Está abatido? Acusa o Céu?... E, todavia, você é menos para lastimar, imensamente menos... do que estas centenas de desgraçados entre os quais eu vivo... estes leprosos! Sabe por acaso o que é um leproso? Roído no

seu corpo, na sua alma... foragido, desprezado de todos... e, não obstante, escute... eles não choram, eles!...
Um cântico longínquo parece subir, límpido,

19

semi-religioso, semi-alegre... o mesmo que eu ouvira ontem.. .

- .. Eles cantam, vê ?

Parece, agora, que mais luz irradia do rosto do velho.. . e eu. . . baixo a cabeça...

- E por que cantam eles, os seus leprosos?...

- Vou dizer-lhe, criança!

Ao passo que eu sorrio, ouvindo aquele tratamento dirigido aos meus cabelos, que começam a tornar-se grisalhos, o padre senta-se à minha cabeceira ...

- Porque, há alguns anos, um humilde padre, vindo da Flandres...

- O padre Damien ?

- Sim, o padre Damien veio até cá, e aqui morreu, leproso, como os seus leprosos... Se você soubesse o que ele sofreu!... Menos pela moléstia que o roía do que pelos ciúmes dos seus irmãos em Cristo. Mas nunca deixou de ser alegre .. É-se sempre alegre quando sabemos que minoramos os males alheios, não é verdade ?

Morreu... crê-se que ele morreu... Mas, não, a sua alma vive sempre aqui no meio dos seus leprosos, a sua alma alegre... Eis a razão por que os meus leprosos cantam...

«São alegres! Olhe, se pudesse firmar-se na8 pernas, viria comigo...

Verificaria o que a grande América tem feito por eles... Têm os seus cinemas, os seus automóveis, os seus dancings... Tudo isto está muito bem, mas levá-lo-ia também à missa... Ficaria ali, na última fila, para os ver

20

apenas de costas... (de frente, face a face, acredite-me, é horrível... Quando da minha primeira missa me volvei para eles ao Orate frates... digo--lhe que, de frente... é horrível!) Ouvi-los-ia cantar... e comover-se-ia... Porquê? Porque é a alma do padre Damien que canta neles...

Curvo mais a fronte... envergonhado de mim próprio...

Como num sonho, ouço a porta que se fecha; como num sonho também, a voz prossegue:

- Sim... não desespere nunca!

O quarto está vazio... e parece-me agora mais claro, mais alegre... Será a alma do padre Damien... ?

*

* *

Mal o digno padre saiu, Tatibouet entra...

- Tati, exclamo eu, não sei ainda como o farei, mas vou abalar novamente! Vou partir... Construirei um novo barco...

21

Tati toma-me as mãos e responde:

- Partirei consigo, capitão; bem sabe que o não posso deixar...: está arruinado... e algum tanto por minha culpa... Esperei que tivesse terminado de vez... julgava que esta aventura acabaria quando já não tivesse mais vintém; mas hoje digo-lhe que o caso é comigo: tenho ainda bastante dinheiro na China... Quer construir um novo barco ? Pois constrói-se um novo barco!...

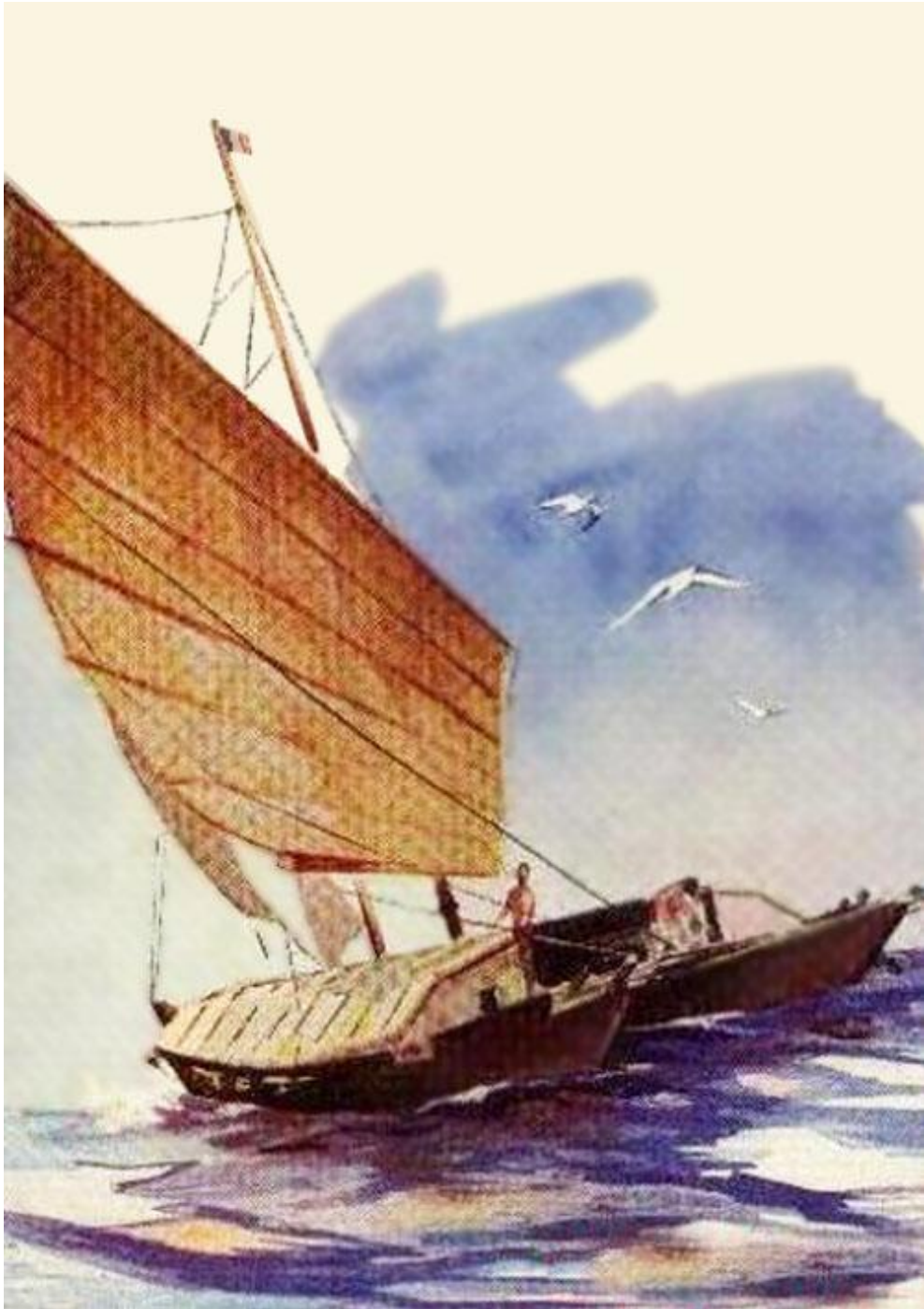
Visto isso, voltamos para a China, para construirmos outro junco!

- Não, meu valente Tati, não será bem um junco, desta vez! Vamos antes construir... uma dupla piroga polinésica...!

Ele olha para mim, estupefacto.

- Que espécie de barco é esse?

- Não sei ainda bem, mas é um tipo de veleiro que os habitantes da Polinésia empregavam antigamente para atravessar o Pacífico... Aqui há uns três mil anos.. . creio eu!...



22

CAPÍTULO 2 --- Em Honolulu

28 Outubro - Pacific Club.

A notícia do naufrágio levantou celeuma no arquipélago das Havai: os jornais americanos tiveram ensejo para publicar parangonas sensacionais! Não compreendiam o motivo por que aquele junco chinês,

de que tanto se falara já em todo o Pacífico, havia sido abandonado na baía de Kalaupapa, reputada pouco segura... enquanto os seus dois moribundos tripulantes jaziam no hospital! Não teria bastado falar pela rádio (visto que todas as ilhas do arquipélago estão ligadas entre si pelo radiofone) para Oahu, para que imediatamente o Coast-guard fosse dar-lhe um reboque e transportá-lo a algumas milhas dali... até ao magnífico porto de Honolulu?...

Mas para que queixar-nos? O Fou-Po estava perdido: tinha de ser!... O missionário francês da gafaria, o padre d'Orgeval, disse-o e repetiu-o: «Os desígnios de Deus são impenetráveis... não desesperemos nunca!...

Seja!

Fiat voluntas tua, sicut in cedo... et in maré!

23

Um avião, chamado pelo director do Settlement, deve vir esta tarde pousar junto do farol e levar-nos para Honolulu. As enfermeiras teceram-nos «leis» (1) de flores que lançaram sobre os nossos emagrecidos ombros. O padre d'Orgeval, as «irmãs» católicas, o pessoal do hospital, acompanham--nos... Chegam os leprosos, de automóvel: também eles querem saudar-nos, à partida.. . Noto que um deles, com o rosto terrivelmente corroído, nos sorri, num esgar... Junto dele, uma mulher elegante, bonita e fresca: a sua mulher! Há alguns meses apenas, dizem-me, que veio ter com o marido... Não era então leprosa, não o será ainda, talvez... Também ela sorri. Que lindo sorriso! E penso naquela outra frase do missionário francês: «É-se feliz quando nos sacrificamos pela felicidade dos outros!»

Descolamos: debaixo de nós, deslizam os rochedos e toda a costa de Kalaupapa. Reconheço o molhe onde nos desembarcaram, e mais longe, contra os penedos, a mancha branca do Fou-Po... o que dele resta!... Conserva ainda a sua mastreação, embora o mastro grande se me afigure

(1) Grinaldas de flores com que, segundo um poético e ancestral costume, os havaianos adornam os seus hóspedes e visitantes. (N. do T.).

anormalmente pendido para vante... O coração oprime-se-me. Volto a cara, fecho os olhos!

Agora, seguimos as arribas gigantescas que descem a pique sobre o mar. Quedas de água cortam--nas, verticalmente, de grandes fitas de prata. Sobrevoamos os platós simetricamente semeados de campos de ananases... atravessamos o estreito e dirigimo-nos em linha recta para uma série de picos, na vertente sul de Oahu... Distingo moradias perdidas na verdura, grandes hotéis, uma praia pigmentada pelas manchas claras dos banhistas, um grande porto... e aterramos!

*

* *

Avisado com antecedência, o nosso agente consular deve estar ali. Há imensa gente neste campo de aviação!... Mas, que terão todos eles, para correrem assim... e cercarem o avião ? Reconheço-os. São os repórteres, os fotógrafos! Irão jogar à pancada? Não! De súbito, param e mantêm-se tranquilos... Porquê? Ah! já sei, é porque acabam de ver surgir as nossas horríveis caras de esqueletos à porta da carlinga! Compreendo a sua surpresa: o corpo de Tati e o meu, envoltos em fatos demasiado apertados, que deixam transparecer os ossos... Deveras cómico!.. . Ambos com grinaldas de flores ao pescoço! É coisa alegre, geralmente, as flores... Mas não aquelas que acompanham os mortos...

Breve os repórteres voltam a si, agitando-se de novo, já refeitos do pasmo. Estão ansiosos por ser os primeiros a conseguir pormenores sobre uma beautiful experience! Também os fotógrafos anseiam por obter os negativos das nossas feias caras... Que mina !... Calculem! Um junco naufragado, ali à sua porta, por assim dizer, e dois franceses... mal escaparam das torturas da fome!

O nosso cônsul aproxima-se, o Sr. Irving Pecker; é americano, mas muito french de linha... da melhor!

- Mandeí reservar-lhes um bungalow no Pacific Club, onde ficarão muito bem instalados, pois é o mais chique Club de Honolulu... onde eu moro! Mas falaremos disso depois, quando para lá os conduzir... Deixo-os agora com a Imprensa !

Afasta-se um pouco e logo os repórteres nos assediam... Apoio-me ao braço de Tati... Como me apetecia mandá-los a todos para o diabo! Apertam-me com perguntas.. . A algumas não consigo dar resposta: os jornalistas americanos são de tal forma curiosos!

- Quais são agora os vossos projectos?

- Mas... mas..., respondo com toda a inocência, construir um outro barco... para nos fazermos de novo ao mar!

Tenho a vaga impressão de que acabei de dizer uma asneira!... Os repórteres entreolham-se, atónitos!... Depois, encaram-me. Todos aqueles homens, solidamente constituídos, frescos e rosados,

26

exuberantes de saúde, fixam o ridículo fantoche que eu sou, este esqueleto vivo que parece prestes a desfazer-se... e que fala de construir um veleiro... de voltar para o mar... Cómico... e triste, talvez? Mas querem saber mais...

Falo-lhes, mas já não sei o que digo... Trata-se duma dupla piroga polinésica... dois barcos ligados por uma plataforma, que os une entre si? Sim!... Bom barco?

Sem dúvida, a lenda fala no caso...

- Mas, os planos?

- Fá-los-ei eu próprio...

- Tem então prática desse género de construções?

- Não... nem quero ter; além de que, devem compreender, ninguém a tem... há mais de quinhentos anos... pelo menos.

Alguns repórteres olham-me com uma luz divertida no olhar...; os outros, seriamente e com certa inquietação...

«Pobre diabo... perdeu o juízo!» pensam eles.

O cônsul aproxima-se.. . A Imprensa afasta-se...

- Venha, diz-me ele!... Venha descansar!

*

* *

Para adquirirmos os indispensáveis objectos de toilette, mal nós chegássemos, o pessoal americano

27

do hospital reunira sessenta e cinco dólares, que nos entregou, discretamente, no momento em que descolávamos de avião... Tati vai, pois, fazer algumas compras..

.

O cônsul convoca o cozinheiro-chefe do Club, um francês: «Será preciso tratá-los bem, recomenda-lhe, mas não demasiadamente... de começo!» Breve

recuperamos forças. Os boys do salão restaurante trazem-nos frutas, às escondidas. Tati, por seu turno, faz várias incursões sorrateiras à cozinha. . . em busca de «papança». Regressa de lá, a maior parte das vezes, escandalizado:

- Se você visse, diz ele, o que se estraga naquela cozinha! Dezenas de bifes que voltam da mesa... intactos... e tudo aquilo perdido... para o caixote de lixo... Se nós apanhássemos um caixote assim, hem, a bordo do Fou-Po ?!

Refazemo-nos rapidamente, visto que não estávamos doentes: apenas meio mortos de fome!... Sinto as pernas ainda bamboleantes, mas o moral está tão bom como dantes. Recebi duas cartas que bastante contribuíram para isso : uma, do National Geographic Magasine, de Washington, enviada antes do naufrágio, pedindo-me que escrevesse alguns artigos sobre as ilhas visitadas.. . (uma rica revista, essa National Geographic!...); a outra, da nossa Sociedade de Geografia, de Paris: o Sr. Gran-didier, seu secretário-geral, anuncia-me que, há mais de ano e meio, corre atrás de mim, por todos os cantos do Pacífico, uma mensagem conferindo-me o Prémio Charles Garnier, pelos meus

28

estados sobre a contracorrente equatorial, realizados a leste das Filipinas e ao sul das Carolinas, o que representa alguns milhares de francos à minha disposição...

Telegrafo imediatamente para Paris... «Obrigado! Obrigado! Enviemo!»

Por seu lado, Tati expede um cabograma para a China, cumprindo as formalidades de um empréstimo sobre as suas « acções ». Recebemos também uma carta comovente dos leprosos de Molokai: aqueles pobres diabos quotizaram-se e remetem--nos cento e cinquenta dólares!

Os jornais continuam a dispensar-nos a sua simpatia e chamam-nos pomposamente «os cientistas ». A nossa atitude, pretendendo voltar a arrostar a morte, in interest of Science, é o seu mote preferido... Cada gesto nosso é interpretado, a menor anedota repetida, e há algumas bem engraçadas!

Quinze dias antes da nossa chegada a Molokai, descobrira eu, num recanto do Fou Po, uma velha lata enferrujada, no fundo da qual rançava um sebo infecto... uma lata que a Marinha americana nos ofertara, três anos antes, em Cavite, para ensebar a mastreação. . . Restava-nos então, como único alimento, meio frasco de Gurrypowder! Uma colherzita daquele sebo com uma porção de água do mar e uma pitada de curry formavam, uma vez cozidos, uma sopa... de óptima aparência...

Formava até olha, como no melhor dos caldos... mas, quando se provava, Santo Deus!, era de vomitar !... Os jornais americanos, para melhor falarem

29

à imaginação dos seus leitores, haviam transformado aquele sebo... em velas.

Certo dia, quando jantávamos com o nosso cônsul no salão à cunha do Club, o mordomo dirigiu-se-nos com grande pompa, precedendo dois boys carregados com uma travessa enorme de prata coberta com uma tampa.. .

- Aqueles senhores, anunciou ele, indicando um canto da sala (eram o director do Biskop Museum e um grupo de amigos) quiseram preparar este prato

especialmente para W. Ex.as!

Ergue a tampa e nós vemos - maravilha de arte decorativa! - uns olhos de alface, num molho de tomate, tudo rodeado de pickles e de catsup, ao passo que no centro da travessa se alongavam... mas que era aquilo, afinal? Curvamo-nos um pouco mais... e verificamos tratar-se de duas enormes... velas de sebo... abertas pelo meio!...

Recordando-me subitamente da sopa de sebo do Fou-Po... consigo reter a tempo um vômito, ao passo que formidável gargalhada faz estremecer o restaurante!...

No dia seguinte os jornais narram o caso, entusiasmados: Vive la french appetite!... O que mais pareceu admirá-los foi que aqueles franceses, em face da brincadeira, se mantivessem gentlemen who can take it, as the yanhs would have it!

30

*

* *

Vivemos durante um mês no Pacific Club. Depois deixámos o nosso bungalow, e o seu jardim e as suas palmeiras, com a boa cozinha francesa, e trocámos aquela dispendiosa instalação por outra mais económica!

A Pan Pacific Union oferece-nos alojamento gratuito. Esta Sociedade, de nobres aspirações, tem por fim estabelecer entre todos os povos do Pacífico, seja qual for a raça a que pertençam, uma simpatia e compreensão recíprocas. (Terá, certamente, grandes dificuldades a vencer com os Japoneses!). Reservara-nos dois quartos num vasto edifício que domina Manoa Valley, bem como uma cozinha... que nós partilhamos com outros scientists alojados também pela caridosa Union...

Partilhamo-la muito pouco, pois esses respeitáveis sábios, perdidos nas suas pesquisas, esquecem-se muitas vezes de preparar as suas refeições; são espíritos mais puros do que os nossos!...

E lanço-me ao trabalho!...

Oh! É fácil dizer que se vai construir uma. dupla canoa polinésica! Para isso, é preciso saber-se uma data de coisas!... Estranha ideia, além de

tudo!... Tenho, com efeito, uma impressão geral, intuitiva, por assim dizer, do que um barco desses poderá aguentar no mar... Mas os pormenores?... Os pormenores, tão importantes por

31

vezes?... Afinal - pensei, para me encorajar - existe um facto real: é que os polinésios de antanho atravessavam os oceanos em duplas pirogas. Nesse caso, por que não...?

Ponho-me a esquadrihar por toda a parte, a correr as bibliotecas da cidade, estudando os arquivos e as colecções do famoso Bishojo Museum... Nada digno de fé, absolutamente nada, ou muito pouco. Descubro, aqui e ali, alguns informes sobre as duplas pirogas... mas apenas sobre aquelas de que ainda hoje se utilizam os indígenas de algumas raras ilhas, esquifes que não possuem já nenhuma das características dos barcos de alto mar... Não passam do tipo das embarcações costeiras, de parada ou de combate, cujo sistema de propulsão era sobretudo a pagaia, alguns podendo em rigor suportar um pedaço de pano, mas que não se devem considerar como barcos de alto mar... Impossível extrair deles qualquer indicação para a construção de um barco semelhante às naves de exploração e de emigração polinésias...

Em resumo: a grande arte desaparecera!...

*

* *

Irei eu descoroçar?... Suponho-o por momentos!... Consigo saber tão pouca coisa!... Tudo o que descobri se resume nisto: as duplas pirogas da lenda compunham-se de dois cascos, cujo

32

comprimento alcançava, por vezes, vinte e cinco metros. Esses cascos estavam ligados, à distância de metro a metro e meio um do outro, por vigas transversais e as vigas suportavam uma plataforma que era simultaneamente o centro da vida de bordo e suporte da mastreação...

Quais eram as características desses cascos? Como os ligavam? Como se aguentavam e manobravam no mar? Como era armado o velame?... E verdade que encontrara no Bishop Museum muitos modelos chamados «antigos», embarcações polinésias com balanceiro ou ligadas, mas o olho do marinheiro não se podia enganar: aqueles pitorescos modelos só haviam sido concebidos e executados para agradar a qualquer turista curioso... Não passam de encantadoras «lembranças» das ilhas!... Que hajam sido depois oferecidos ao Museu, óptimo, para a decoração das vitrinas, mas zero para mim : tão lindas miniaturas são, no geral, extraordinariamente carregadas de velas de tão bizarro corte em concha que as embarcações verdadeiras que pretendem representar não somente nunca conseguiram velejar como seriam muito inferiores a qualquer tamanco para aguentarem decentemente o mar!...

Soube, de facto, que, algum tempo após a minha visita, o director do Bishop Museum, na impossibilidade manifesta de garantir aos seus «modelos» uma verdadeira autenticidade, os enviara para o sótão: algumas vitrinas perderão, sem dúvida, em pitoresco, mas ganharão em verdade científica.

33

Também me não posso reportar a todas as descrições oralmente recebidas de indígenas já fartos e refartos de perguntas, feitas, sabe Deus como, pelos investigadores científicos... Mais para os forçarem a dizer o que se deseja que digam do que para aprenderem o que porventura saibam!... Esses informes, forçosamente incompletos e incorrectos, afiguram-se-me, além disso, completados e deformados ainda por esses sábios, no desejo de apresentarem um lindo relatório...

Para falar de barcos, sobretudo de barcos à vela, e ainda da sua construção e navegabilidade, do seu comportamento no mar, não será preciso ter um mínimo de senso marítimo?... E o senso marítimo é coisa rara... Encontra-se com dificuldade nos próprios marinheiros... naqueles, pelo menos, a que nos acostumamos a chamar marinheiros. Para o profano, um marinheiro é aquele que a sua profissão constrange a viver no mar. Erro! Crasso erro! Um marinheiro é aquele que os seus

«gostos» levam a viver «com» o mar!... É, sem dúvida, por este motivo que o número de marinheiros está na proporção inversa do tamanho dos navios!

Resumindo: onde encontrar os pormenores técnicos referentes à dupla piroga?... Lendas, arquivos, museus, nada!.. . Mas, recordo-me, havia pirogas assim parecidas no tempo da descoberta do Pacífico... Vejamos as narrativas de Cook, de Bougainville, de d'Entrecasteaux...

Tenho muitas vezes notado, ao falar com sábios

34

especialistas dos problemas polinésios, a sua atitude um tanto desdenhosa pelas observações etnológicas dos primeiros navegadores e exploradores do Pacífico... Calculem! Como será possível acreditar-se naquela gente!... Homens que nunca receberam a menor formação especializada, reduzidos ainda a pensar e a deduzir pelo espírito dos outros; e pretendem ter personalidade ...

Mas, embora custe a esses sábios especializados, e admitindo mesmo que homens da envergadura de Cook e dos seus oficiais de estado-maior não tivessem o espírito de observação, a cultura, a largueza de vistas desses senhores dos museus; admitindo mesmo que houvéssemos de considerar sem valor as suas observações e anotações no que respeita à etnologia geral (o que está longe de ser um facto), há, no entanto, um ponto sobre o qual eles dirão, estou certo, menos asneiras do que os outros: é quando falam de barcos ou do mar! Assaz logicamente, parece-me, pois, que irei encontrar mais luz nas narrações de viagens dos primeiros navegadores do que em todos os modelos de barcos fantasistas do Bishop Museum. E espero até encontrar alguns esboços executados do natural pelos artistas que tantas vezes acompanhavam essas expedições!...

Volto a fariscar nas bibliotecas... Descobri admiráveis edições antigas.. . Procuro febrilmente e nada encontro... Sim, apenas alguns desenhos

35

vagos de pequenas duplas pirogas à vela, numa edição original das Viagens do Capitão Cook.

*

* *

Tanto pior, mas início os meus planos!... Que tenho para a resolução dos problemas? Vagas generalidades e umas gravuras esbatidas!...

36

CAPÍTULO 3 --- A construção: nascimento do «Kaimiloa»

Os problemas a resolver são muitos! O da ligação dos dois barcos é um dos mais delicados. Suponhamos os dois cascos construídos: como ligá-los entre si? Que relações deverão existir entre estes e a plataforma? Um «todo» rígido? Não me parece, apesar das opiniões de numerosos peritos náuticos. E preciso, segundo o meu critério, que cascos e plataforma formem um conjunto, uma unidade, um todo uno, sem dúvida, mas, se esse todo deve ter a precisa resistência para aguentar as desencontradas arremetidas do mar, deverá também possuir a elasticidade necessária para lhes resistir harmonicamente. Não será, portanto, rígido!

Os polinésios de outras eras (como os de hoje em dia, na fixação dos balanceiros das suas canoas) não terão resolvido esse problema com as amarrações executadas com fibras e cipós?... Estes, uma vez torcidos como cordas, não possuem exactamente a natural elasticidade requerida?

Posso, é claro, obter hoje o mesmo resultado com certos cabos modernos, mas seria pouco prático. Os navegadores de outrora eram muito numerosos

37

a bordo das suas duplas pirogas; podia, portanto, exercer-se uma fiscalização a todo o momento... e as reparações das amarras deviam ser frequentes...

Decido-me, pois, a empregar correntes em substituição dos cabos e, a fim de lhes fornecer o princípio de elasticidade imprescindível, adiciono-lhes um sistema de molas, agindo por compressão: sob a plataforma rígida, os dois cascos poderão ligeiramente «jogar»!

Resolvo, portanto, visitar o engenheiro dum grande estabelecimento fabril de Iron Works e peço--lhe que estude o meu projecto. O homem manifesta-me muita alegria em colaborar na execução de um dos pontos básicos da «dupla piroga» e, algumas semanas depois, como consequência, certamente, de complicadíssimos cálculos de resistências, apresenta-me o fruto do seu trabalho e das suas oficinas !...

Fico um tanto atónito com o resultado. E, de facto, muito diferente da ideia que eu formara... A sua mola é de tal maneira desmesurada no meio do amontoado de ferragens em que trabalha que me sinto tentado a perguntar-lhe se ele julgava que eu pretendia unir entre si o Queen Mary e o Normandie...

Abandono, pois, tão delicadamente quanto possível, o objecto resultante dos seus cálculos matemáticos e decido-me a fiar-me apenas no meu instinto.

Gandaio por todos os ferros-velhos e nada

38

encontro capaz em toda a Honolulu, o que não deixa, no íntimo, de me alegrar. É que ali, como em muitos outros pontos do vasto mundo, os ferros-- velhos são japoneses... (toda a gente sabe que os Japoneses têm necessidade de ferro, e tê-la-ão, sobretudo, dentro de pouco... de muito pouco tempo). Ora molas compradas a esses indivíduos não deixariam de me pregar grossa partida, pois é gente que só vende a «sucata» !

Finalmente, num velho cemitério de tramways eléctricos, descubro um monte de peças enferrujadas, entre as quais uma dúzia de molas em relativo bom estado.

Desenho um belo sistema para as tornar compressivas e explico a geringonça a um ferreiro, meio chinês meio havaiano, considerado muito hábil... e esse homem, que não é engenheiro mas é inteligente, compreende antes mesmo de saber do que se trata (o cruzamento de

chineses e havaianos é conhecido por dar os melhores produtos humanos... física e intelectualmente...), compreende-me, portanto, e executa o trabalho na perfeição...

Segundo problema... Quais as formas a dar aos cascos? Em consequência do seu próprio afastamento um do outro, cada casco está destinado a sofrer, sobretudo com as ondas do través, impulsos verticais e horizontais muito diferentes. Sinto instintivamente a razão por que as embarcações polinésias à vela, tanto as de outrora como as de hoje em dia, em muitas ilhas, são talhadas em meia-lua e com formas, é claro, tão finas quanto

39

possível para a deriva, embora com linhas imergentes aumentando progressivamente, muito progressivamente mesmo, a deslocação. Uma, mergulhando na água, sofre o impulso vertical de baixo para cima; a outra, erguendo-se, sofre o impulso contrário, de cima para baixo. Agem, em suma, sob os golpes de mar, como o faria uma dupla mola, extensiva e compressiva... Que é feito, para estes barcos, daquilo a que a «teoria do navio chama as «linhas de água»?... Não sei disso. Risco as minhas curvas, imagino-as realizadas... e modifico-as... na factura, se o julgo preciso!... Nada de matemáticas ali! Mas, quando vejo que as formas dum barco não correspondem ao papel que terão de desempenhar na água, reviro os olhos e sinto cólicas na barriga! Calculo desta forma para as correntes pontos de fixação diferentes, de modo que estas, suportando tracções intervaladas (e também, por consequência, as molas que as ligam), absorvam os golpes de mar progressivamente, harmonicamente. E preciso não brutalizar a Natureza, visto que a Natureza será sempre a mais forte. Como ela não é má, mas apenas brutal por vezes, basta saber resistir-lhe em tais momentos... cedendo. Ela vingá-se sempre, cedo ou tarde, daqueles que, no seu orgulho, julgam tê-la dominado em absoluto... Terceiro problema... Como fixar a mastreação, a meio da plataforma? Qualquer veleiro vulgar, sob a acção do vento,

40

inclina-se: o ângulo de pressão do vento sobre a vela diminui, portanto, geralmente, com o ângulo de inclinação, o que permite uma relativa ligeireza de obras de madeira e dos ovéns e enxárcias empregados, mas numa dupla piroga, que não se inclina, ou se inclina quase nada, é preciso que tudo se aguente e resista. Se qualquer coisa deve ceder, que seja então uma escota, o que acarretaria sempre menores avarias. É, portanto, necessário um mastro sólido... e solidamente fixado.

Quarto problema... E este o mais importante, pois dele depende - com uma tripulação tão reduzida como a nossa - que a viagem se torne possível ou irrealizável: o leme.

É absolutamente necessário que a dupla piroga governe sozinha. A cana do leme, como sucedia à do chorado Fou Po, terá de ficar dias, semanas, meses amarrada.

E forçoso que, sob todas as mareações, à bolina cerrada, a um largo, com vento das alhetas ou mesmo à popa arrasada, a dupla piroga navegue a vante, sem que tenhamos a recear perigosas guinadas e que, com todo o tempo, mantenha uma perfeita estabilidade de rota. Estou já a ver muitos yacktmens sorrirem. Que utopia! - dirão.

Lembram-se das acirradas polémicas em todos os Yacht Clubes do Mundo, quando apareceu o livro do capitão

41

Slocum, o primeiro navegador solitário de vela, sem motor? Não afirmava ele, esse Slocum, que o seu barquito, o Spray, navegava ... sozinho... enquanto o seu capitão passava meses sem que lançasse ao menos uma olhadela para o leme?... Que mágico! -diziam. - É impossível!

Muitos, no entanto, engolfaram-se na solução do problema - o leme automático —, chegando a imaginar complicados sistemas, com velame, cadernais e «cordelinhos», que agiam sobre o leme, mal o navio guinava ligeiramente. Muito lindo no papel e com tempo bonançoso! Semelhante mecanismo poderia em rigor funcionar em condições de mar e brisas regulares, mas receio bem que, quando qualquer destas circunstâncias viesse a mudar (e o mar, como a mulher, compraz-se nessas súbitas alterações de humor), velas,

cadernais e cabos não passassem então de mais um obstáculo e de causa de avarias suplementares.. .

Julgo até que seja esse o melhor meio... automático de lançar o navio em qualquer rascada!

Ora, é sobretudo com mar picado, sob vento fresco, quando a chuva chicoteia e estalam os escarcéus... que mais se aprecia uma «boa longitude» no nosso camarim e se desejará ter um barco assaz inteligente que se desenvencilhe sozinho!

O capitão Slocum faz parte duma categoria humana que possui muito poucos espécimes... E simples e verdadeiro. E a sua vida harmoniza-se com o seu carácter: é também simples e verdadeira. Abalou, a correr mares, no seu Spray... incontestavelmente por duas razões: porque gostava de viver no mar e porque gostava de viver consigo mesmo. Como poderia, pois, esse homem,

42

que escolhera a vida isolada que o seduzia, apresentar à admiração das multidões, que desprezava, uma descrição de viagem que não fosse simples e verdadeira?

Teria podido, ele que atravessou os oceanos, como nos revela, quase sempre deitado no seu beliche, lendo um bom livro ou divagando, descrever-nos imaginários sofrimentos, a sua resistência, as longas horas de aborrecimento passadas ao leme, as lutas com o mar encapelado, submergindo a sua frágil embarcação... Eu sei lá! Mas não fez nada disso. Nem decerto pensou em fazê-lo, pois era demasiadamente marinheiro para mentir a si próprio... e muito menos ao público...

O seu extraordinário périplo foi isento de grandes aventuras, conforme ele próprio o declara. E o seu naviozito navegou meses e meses... É ele que o afirma...

No entanto, todo o mundo exclamou:

- Mas que farsante! As histórias que nos vem contar!

Assim, a sua façanha não foi saudada como merecia... Inevitável, não é verdade?

Porque toda a gente, quando aplaude por vezes um feito com entusiasmo, pretende para isso ter as suas razões... qualquer coisa em

contrapartida! Que um pobre diabo haja sofrido, por exemplo - ótimo! Que tenha deixado os ossos no caminho - admirável! Far-se-á dele um herói imediatamente, ao menos por algum tempo... Slocum realizou o seu feito tranquila e simplesmente...

43

é ele que o diz, e não o acreditam... Um mistificador, e mais nada! Mas eis, para os que tudo ignoram da vida dos mares, a realidade dos factos... Slocum, realizando a sua viagem de este para oeste, isto é, com ventos ponteiros quase sempre, demonstra que a execução da sua façanha, num barco capaz de manter a sua rota com um leme que não carece de ser governado, é quase uma brincadeira de crianças. . . ; quase, digo eu, pois é necessário ser-se bastante «homem» para se compreender e gostar de semelhantes brincadeiras...

Tenho querido, nestes últimos anos, fazer vencer os ventos e as correntes do Pacífico ao meu Fou Po... de oeste para leste!... Idiota? Não! Porque não ambicionava executar um «raid» e não aconselho a ninguém que realize, por prazer, semelhante navegação. O meu fim era outro: queria estudar certas correntes pouco conhecidas e contribuir para aclarar alguns dos mistérios do Pacífico. . . Cada um tem os seus gostos, não é?

O meu camarada e eu lutámos, durante três anos, para ir da China às ilhas Havai (1); percorremos, sobre o mar, mais caminho do que o preciso para completar duas vezes a volta ao Mundo: do Estreito de Torres a Honolulu levámos quinze meses... e, durante esses quinze meses,

(1) As Havai eram, anteriormente, designadas por Ilhas Sanduíche. (N. do T.).

44

quanta aventura! Para citar apenas algumas: os canibais da Papuásia, tão civilizados nas suas relações connosco; os japoneses das ilhas

Marshall, tão selvagens, e, para fechar a série, um naufrágio... no intervalo!

Pois bem, o mesmo trajecto, em sentido inverso,, poderia o Fou Po tê-lo feito em dois meses... dois pequeninos meses de agradável navegação... no camarim... e com o leme amarrado...

Sim, quero que a dupla piroga governe sozinha... Mas nem por isso voltaremos ao Estreito de Torres, para arrostar com ventos e correntes contrários: não, pois existe ainda, para o sudoeste, um recantozinho de mar que me intriga... e me atrai., e, lá, a dupla piroga governará por si!

- E o velame? Que velas pensa empregar nesse navio? - perguntavam-me amiúde.

Eu respondia: «Um velame chinês!» Com o que provocava uma gargalhada geral! Pois serão as velas que empregarei, apesar de tudo ou antes, as chamadas chinesas... visto que todos os que hoje vêem uma vela tendida por bambus logo a associam ao junco: esquecem (ou ignoram) que o emprego dos bambus numa vela de pano ou de esteira foi, em todos os tempos, conhecida das populações do Pacífico, e isso numa época em que os Chineses ignoravam ainda a aventura dos mares em barcos à vela...

45

Mas porquê esse tipo de velame? Por muitas razões, das quais apenas citarei algumas:

Primeira: a sua extrema facilidade de manobra... Qual é o trabalho mais delicado e ao mesmo tempo mais aborrecido num veleiro ? Rizar, não é verdade? A refrega caiu-vos em cima: é necessário colher rapidamente; em muitas ocasiões o pano não vem; é forçoso panejar.. . O pano bate, rasga-se por vezes, a retranca tem saltos nervosos que ameaçam lançar-vos ao mar; uma vela vulgar, da mesma superfície da do Fou Po exigiria dois homens experientes para se baterem com ela o ainda um outro para o leme; e a manobra exige cinco a dez minutos, correndo tudo bem, para que fique a postos! Com a nossa vela de bambus, que é preciso? Um homem e um minuto... «folga a adriça, rapaz!» e a vela dobra-se por si mesma, em harmónio, toma os rizes que se quer,

automaticamente! Volta, amarra; um golpe de leme para caçar as escotas e... pronto, está acabada a manobra! No Fou Po, o leme, apesar da diminuição do pano, não precisava que lhe mexessem sequer: o barco não se desviava do rumo (bastante prático, como vêem!)

Segunda: inutilidade de se possuir velame sobresselente... o que é apreciável. Um buraco na vela, um rasgão... oh! não tem importância!... conserta-se depois... quando estiver bom tempo ou quando se chegue a um ponto de escala...; porque o buraco e o rasgão não passam dum pequeno losango, encerrado entre um sistema

46

de relingas, cosidas sobre o pano, em diagonal... A nossa vela do Fou Po, de algodão ligeiro, aguentou-se três anos sem ser desenvergada... Buracos? Ah! sim, tinha-os! Muitas vezes mesmo, o pano, queimado pela acção do sol, quase não passava disso: de buracos! Apenas se mantinha ainda a armação de relingas... mas navegava-se à mesma!... Lembrem-se das silhuetas daqueles juncos do Yangtsé... cujas velas, a maior parte das vezes, não passam de pedaços de trapos cozidos pelo sol, que se desfazem ao menor sopro de vento; mas a sua teia de relingas intacta, tendida pelos bambus, mantém o conjunto em forma; vê-se talvez a paisagem através... mas aquilo, no entanto, navega!...

*

* *

Honolulu... *Queen's Hospital», Janeiro, 1936.

Eis-me de novo num hospital... Estou aqui há quinze dias. Foi preciso suspender a construção... Havíamos descoberto, entre Waikiki e o portinho de Ala Moana, uma encantadora praia ensombrada pelas algarobas... Deram-nos autorização para lá construir e, na orla da estrada, frente ao mar, erguem-se os nossos «aposentos»: uma barraca rejeitada pelo Exército americano, que comprámos por 10 dólares... A tela está um tanto usada e, quando sobrevêm uma daquelas cargas de água tropicais, a trama, distendida pelo sol...

não tem tempo de apertar... e aquilo pinga nas camas... encharca tudo... Foi ali que o médico chamado à pressa por Tati espavorido me veio encontrar... torcido com dores... Eu sabia o que era. Já o médico de Port-Moresbly me havia dito... há dois anos: a apendicite. Levaram-me imediatamente e operaram-me algumas horas depois... Estava já disposto a ser operado, um dia ou outro, mas em Honolulu... aborrecia-me... o gold dollar!... Anunciara-me o cônsul que, para mim, o hospital seria gratuito. Um francês, perdido pelas ilhas, ia para mais de vinte anos, legara ao morrer uma bonita quantia ao hospital para que nele houvesse sempre duas camas gratuitas reservadas aos franceses doentes que se achassem sem meios. Valente e bondoso francês! Comuniquei a Tati a boa-nova... «Tati, é a nossa sorte: tens ainda uma cama vaga, é fazeres-te operar de borla!» Mas ele prefere guardar o seu apêndice!... Embora estivesse melhor aqui, com todas estas enfermeirazitas americanas, coreanas, japonesas e havaianas, tão lindas todas, do que a consumir-se, sozinho, debaixo da barraca...

Março 1938

Recomeçou o trabalho...

A barraca e o estaleiro tornaram-se num dos pontos de atracção da cidade e das ilhas...

Sobre a areia alongam-se as duas quilhas. Ninguém compreende nada: tal início de construção deita por terra todas as ideias dos especialistas... Tenho, não obstante, a impressão de que não é demasiadamente estúpido o que faço. Para conservar a forma de construção dos polinésios, que partiam do princípio do dugont (ou do tronco de árvore cavado), adicionando-lhe, para elevar os costados, tantas pranchas devidamente ajustadas quantas as precisas... suprimi a quilha habitual e, em seu lugar, coloquei uma espessa viga talhada nas formas que previra, sobre a qual preguei as tábuas do casco.

Nunca se construíram as obras vivas de um navio por aquela forma? Talvez!... Mas é mais rápido e afigura-se-me mais sólido...

Para nos ajudar a serrar as peças de madeira, precisávamos de um operário. Mas apenas os japoneses de Honolulu se dedicam à construção e reparação de barcos. Antes morrer! «Enguiçar-nos-iam» as tábuas!

Apresenta-se um chinês. Sabe manejar a serra e a plaina, é um carpinteiro de bungalow, especializado em coberturas de casas. Nunca pregou um prego num barco... Não importa! Pregá-los-á onde se lhe indicar que os pregue. Contratámo-lo!

A população havaiana da vizinhança interessara-se muito pela nossa obra. Os jornais colocaram--nos em evidência, falando demoradamente das pesquisas que eu realizo sobre as migrações polinésias e os métodos de navegação dos povos do



Ao alto: Segundo o método chinês, os «fundos» são divididos em compartimentos estanques.

Pacífico. Assim, todos os dias recebemos a visita de um velhote... Senta-se sobre qualquer pedaço de madeira, observa-nos e só interrompe a sua contemplação para interpelar todo e qualquer indígena que venha a passar ao alcance da sua voz:

- Vem ver, grita ele, vem aqui ver!... É aqui que estão os dois franceses que vão ressuscitar a nossa história.

E cada qual se aproxima, olha, sorri e volta a partir, sem dizer palavra... A população americana, naturalmente simpatizante com todo o projecto de aparência arriscada, não pode, no entanto, na sua maioria, deixar de considerar aquela construção... estranha, e a nossa intenção de atravessar os oceanos numa dupla piroga... afigura-se-lhe.. . loucura rematada... Já nos não designa senão pelo nome de two audacious but crasy Frenchmen!

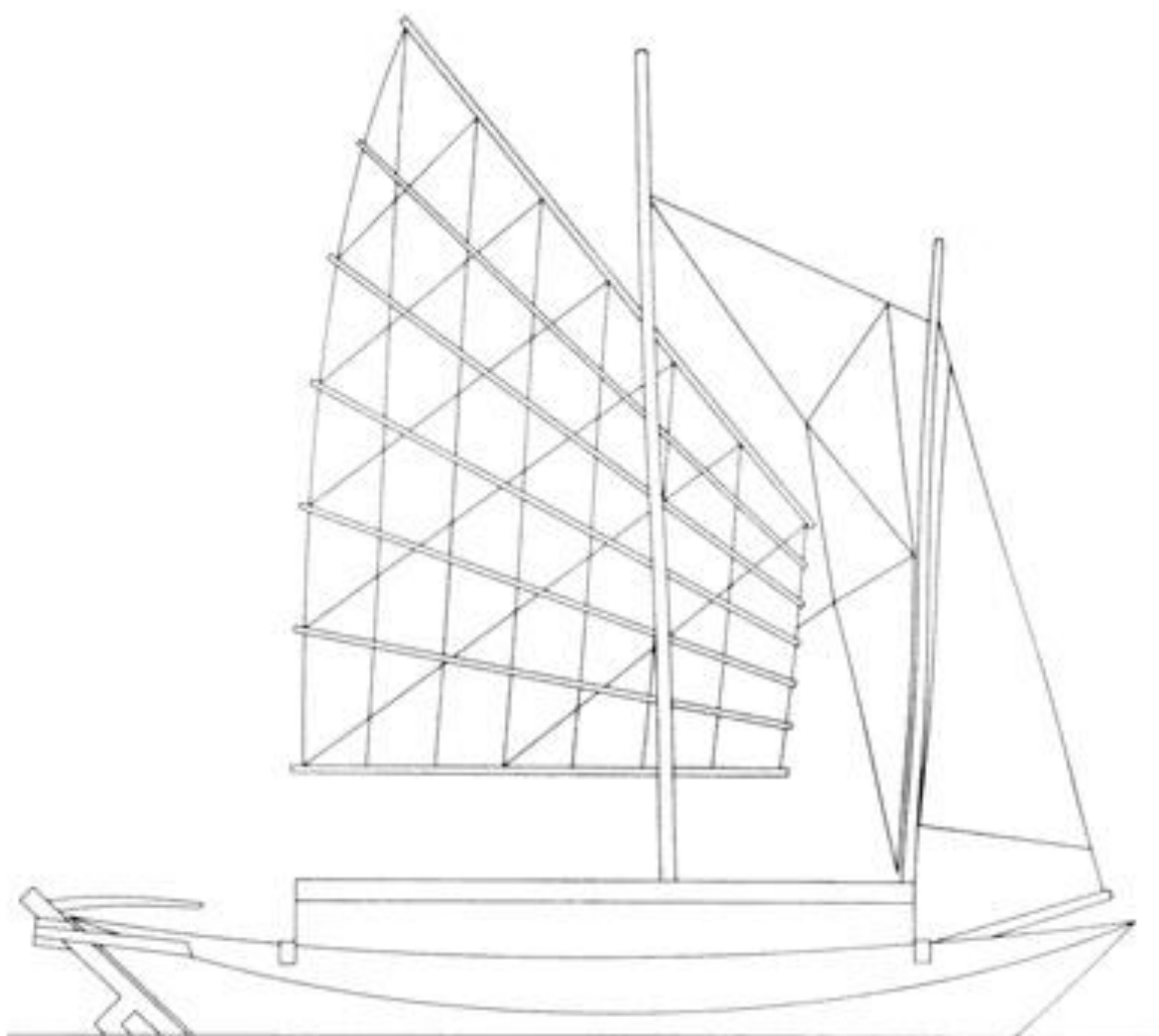
*

* *

A Imprensa, cada vez mais empolgada pela nossa aventura, publica artigos sobre artigos, fotos sobre fotos, indicando os mínimos progressos da construção...

Em frente do estaleiro, os automóveis abrandam o andamento... Alguns param, distraídos, e sucedem-se os choques e abalroamentos!...

Afluem os curiosos ao local: quanto mais



50

os barcos adquirem forma mais chovem conselhos. Todos querem largar a sua sentença, fazer as suas observações, emitir uma opinião esclarecida!... Muitos, para variar, fazem-nos perguntas dos diabos...

Numa palavra, o estaleiro nunca pára vazio. A cada escala dos paquetes Matson, President ou Empress, a tenda enche-se e os dois cascos recebem a visita curiosa de passageiros e passageiras

acabados de desembarcar, implacavelmente munidos de kodaks e «de Movie cameras», e com os ombros ainda ornados pelas «leis» de flores das boas-vindas!

Esforço-me, então, por manter intacta a boa reputação de gentileza que o nosso povo alcançou no estrangeiro. Mas tenho muito trabalho.

Depressa me convenço de que a paciência é uma virtude rara e fatigante. Quanto autodomínio é necessário para continuamente sorrirmos a pessoas... que desejaríamos enviar para as profundas dos infernos!

Certo dia, já exausto, escrevo no casco duma das pirogas este simples pedido:

*Please don't ask question. (Por favor, nada de perguntas).»

Os resultados são estupendos: as perguntas cessam imediatamente.

Mas, ai!, em compensação» os conselhos afluem, mais bastos do que nunca.

Completo a sentença, escrevendo noutra ponta do barco:

*We need more paint than advice! (Temos mais necessidade de latas de tinta do que de conselhos).»

51

Resultados mais estupendos ainda, embora não tanto quanto desejaríamos! Porque, se os conselhos, tal como as perguntas, terminam de vez, parece que ninguém atingira o espírito das inscrições... e os dias decorrem interminavelmente sem que surja no horizonte uma única lata de tinta!...

*

* *

Muitas vezes, enquanto fazíamos a nossa sesta na tenda, com a lona de entrada disposta de forma a poder «cair» de um momento para o outro, chegavam grupos de visitantes que vagueavam pelo estaleiro. Ouvíamos pedaços de conversas, traduzindo simpatia, é claro, mas a habitual palavra crasy surgia como um leit-motiv.

Toda a vida me habituei a este género de epítetos, mas... com aquela insistência... tornava-se uma obsessão...

Portanto, à colecção dos avisos, que em letras visíveis havia pintado sobre a madeira dos cascos acrescentei, incluindo Tati na sentença: «

We know we are crasy; so, please, don't try to prove it to usí (Sabemos que somos malucos; por isso, é escusado darem-se ao trabalho de no-lo dizer)».

*

* *

São-nos precisos cerca de nove meses para darmos à luz os dois gémeos. E mais de um ano

52

para lhes permitirmos a sua entrada no Mundo... O que há de mais normal, em suma!

Nove meses, à primeira vista, pareceria um lapso de tempo absolutamente de acordo com as leis da concepção. Mas, para ser verdadeiro... poderíamos ter feito melhor... quero dizer, mais depressa!... Alguns quatro ou cinco meses deveriam ter bastado. Mas quem nos acusaria, conhecendo... as ilhas Havai... e o encanto de Honolulu?

Além de que, quase no início da construção, surgiu na minha vida um acontecimento perturbador.. . uma aventura, que mais me viria ligar, ou antes, consagrar definitivamente a minha união com o Pacífico...

Resumindo: uma aventura que foi, ao mesmo tempo, o mais belo dos idílios e a mais comovente realização de um sonho.

*

* *

Teria desejado passar em silêncio esta aventura, mas a sua importância moral para o êxito do Kaimiloa é de tal ordem que necessito de narrá-la aqui.

O barco ia crescendo...

Os homens vindos da Europa e da América sorriam. Aquele barco era tão diferente dos seus! Ao passo que os homens morenos das ilhas Havai, esses, vinham e olhavam, sem palavras...

Ante aquela ironia dos homens da minha raça

e o pasmo, sem entusiasmo, dos indígenas, senti que, pouco a pouco, se me infiltrava nas veias o veneno da «desesperança».

Um dia, em que, pouco confiante, ia prosseguir o meu trabalho sem grande coragem, notei, surpreso, que nessa manhã rosada alguém fora mais madrugador do que eu e me precedera no estaleiro.

Estava um cavalo preso a uma algaroba... Aproximei-me.

Por detrás dum dos cascos do Kaimiloa estava uma mulher. Via-a de costas, de pé, imóvel, como que absorta em profundo cismar. Nos seus negros cabelos resplandecia uma grande e vermelha flor de ibiscus...

Ouvindo-me aproximar, virou a cabeça, e devo confessar que nada mais vi senão dois grandes olhos luminosos, que brilhavam como as estrelas nos céus puros dos trópicos.

Adiantei-me para ela e, como ante o nobre velho de Molokai, perguntei:

- Quem sois vós ?

Ela sorriu docemente e respondeu:

- Que lhe importa !

E dirigiu-se para a algaroba, a fim de soltar as rédeas do seu cavalo. Fila parar:

- Poderá fazer-me o favor de, antes de partir, me explicar por que razão olhava para os dois

cascos deste barco... com tanta seriedade, quando toda a gente costuma sorrir?

- Pensei, respondeu-me, deixando os lindos olhos errar diante de si como se mergulhassem no infinito, pensei que estes dois cascos, unidos qualquer dia, partirão à conquista dos mares. . . e que, sempre unidos, os hão-de conquistar.

- Quem sois vós, então, para assim falardes com tanta certeza?

- O meu nome nada lhe explicará e certamente soará aos seus ouvidos como uma música bárbara! Sou Papaleaiaina... e do meu antepassado Lonoi-kahaupu descendeu Kamehameha, o Conquistador das ilhas. Minha mãe e minha avó ainda cantam, contrariamente aos costumes da

terra, que disso proíbem as mulheres, as genealogias que os homens (infelizmente!) já esqueceram.. . Conheço, por elas, os feitos magníficos das duplas pirogas da Lenda. Há mais de mil anos que os meus antepassados abordaram estas ilhas, num barco semelhante ao vosso. Vinham de muito longe, lá do sul... dizem que dum lindo país azul como o céu e que certo dia mergulhou nas ondas. O seu Deus poupou-os e eles abalaram em busca de outras terras... à aventura!. . Descobriram estas costas. Mas sabe por que razão o Céu lhes permitiu a descoberta destas ilhas perdidas no grande Oceano? Dizem-no os cantares que minha mãe e minha avó não esqueceram: porque haviam erguido a sua vela vazia de bens, mas rica de esperança... Ice também

55

a sua, confiante nos deuses do mar, rica da sua fé, e chegará!
Calou-se por momentos, com os olhos errantes, como se mais fundo penetrassem no futuro, e prosseguiu:

- Parti, parti sem receio, nesse belo barco de Lenda, nesse barco de meus pais, de que se riem todos aqui! Parti com fé e atravessareis os mares, todos os mares, e chegareis, pois que tal é o fito da vossa viagem, às costas longínquas da vossa França...

E, mais baixo, acrescentou:

- Talvez também que um dia deixareis o vosso país distante para regressardes às nossas ilhas... em busca do vosso sonho.

- Em busca do meu sonho? Que quer dizer? Como é que o sabe?...

- Como o sei? Que lhe importa isso também! Saiba apenas que esse sonho, que canta em si, canta igualmente na alma de muitos dos nossos, apesar do tempo, apesar do abandono dos sagrados costumes, apesar da morte que os persegue em seus corpos.

E, docemente, murmurou:

- Como é que o sei? E que o seu sonho será, possivelmente, o meu também!...

E foi só desde então, depois desta conversa naquela rosada manhã, que me lancei ao trabalho, distraído muitas vezes, mas sempre confiante e entusiasta...

Finalmente, tudo se consegue. Numa bela manhã de Agosto, um dos cascos é dado por pronto. Fazemo-lo deslizar para além dos recifes, duzentos metros mais adiante, com a ajuda de rolos e cadernais... O operário chinês ajuda-nos, à maneira chinesa... lentamente... como usam os chinas e todos os que privam com eles...

Mas, vencido o banco de coral, o casco flutua no canal...

Três semanas depois, o segundo casco vem fazer companhia ao primeiro. A plataforma, a sua largura, a implantação dos mastros, tudo fora calculado em terra...

Uma vez abertos os buracos para os parafusos de fixação, resta apenas reuni-los... se por acaso não me enganei nas medidas! , .

Só alguns dias depois do lançamento à água dos dois cascos é colocada a plataforma: Kaimiloa nasceu!

O mastro de mezena é colocado em primeiro lugar e auxilia-nos a calar devidamente o mastro grande... Fazemos tudo aquilo sozinhos, sem a ajuda de mais ninguém... um capricho nosso.

Risco, pois, certas perguntas do questionário habitual dos curiosos. Não mais poderão perguntar-me, por exemplo: «Como diabo pensa você fixar a sua mastreação no meio dessa plataforma

de madeira?» Ou ainda: «Julga que lhe será possível uni-los entre si?...», etc.

Todas essas perguntas estão hoje reduzidas a uma única, não menos enervante: «Julga que tudo «isso» se aguenta?»

E chega breve o dia, o primeiro grande dia: o dia dos «ensaios»!

* *

Será preciso que eu o confesse? Mas a verdade é que me sinto um tanto inquieto! Por muita confiança que sintamos, temos sempre momentos de dúvida. Desde há meses, desde que nasceu o projecto da

dupla piroga, que centenas de pessoas, evidentemente bem intencionadas, me têm criticado, aconselhando-me que desista. . . Percebo que o próprio Tati, minado na sua inalterável confiança em mira, tem momentos de depressão, originados pela atmosfera envenenada de cepticismo que nos envolve... Escondi-lhe, não obstante, muitas causas de desânimo... porque os ecos mais pessimistas chegaram aos meus ouvidos por vias indirectas: um oficial de Marinha, por exemplo, de passagem por Honolulu, vem visitar-me ao «Castelo» (é assim que chamam à minha «barraca»), já quase noite fechada, tendo, por esse motivo, visto muito pouco da construção, além de algumas pranchas e talvez algumas cavernas... Mas apressou-se a ir dizer para Paris

58

que o meu projecto era louco, que semelhante barco se não aguentaria no mar... e que aquilo se lhe afigurava uma nova maneira de suicídio! Amigos muito queridos logo me assinalam tal opinião daquele «homem do ofício», suplicando-me que abandone o meu projecto!... O nosso agente consular, de cada vez que nos encontramos, não deixa de perguntar: «Olá! Então, como vão esses dois caixões?» Animador, não é verdade ?

Um almirante da Armada americana, de visita a Pearl Harbour, declara-me, no decurso dum jantar:

- Se o vosso craft chegar a França, arranco os meus galões!

Pretendo, não obstante, que o meu barco seja francês. O Sr. Pecker dirige-se ao cônsul-geral, em São Francisco, mas esteja dera a sua opinião... desde o início da construção:

- Que o capitão Bisschop se contente com os seus conhecimentos náuticos e ponha de parte as pretensões a carpinteiro naval!

Recusam-me a bandeira francesa e logo encontram uma fórmula diplomática para esse efeito, mantendo as aparências de serem forçados a fazê-lo: exigirão uma visita do Véritas ou do Lloyd; o agente deverá afirmar, por escrito, que o meu barco poderá chegar... a França... além de que tanto eu como o meu camarada teremos de declarar, igualmente por escrito, que tomamos inteira responsabilidade da nossa determinação!

Deixo «cair» o assunto... E o agente consular traz-me, não obstante, uma pequena bandeira francesa...

- É em meu nome, pessoalmente, confia-me... Falei no caso em São Francisco... Que o capitão, recomendaram-me, não esqueça que não tem quaisquer direitos para se servir dela!

- Não te rales, velhinho!... Hei-de arvorá-la à mesma, em chegando o dia! Se tivermos de ir para o fundo, prefiro arvorá-la no tope do mastro... e se, pelo contrário, os deuses consentirem que nós alcancemos a França... então, veremos... talvez me perdoem a indisciplina...

Por mais que uma pessoa, mesmo que não seja extraordinariamente vaidosa, se julgue dotada de certa dose de senso comum, não poderá, contudo, deixar de se impressionar com a grande massa da humanidade, quando esta unanimemente concorda em nos catalogar como seres atacados de loucura mansa...

Tento persuadir-me de que não inventei nada; de que esta ideia da dupla piroga, que decretaram ser novidade, não passa duma ideia morta que eu faço reviver, e de que, além disso, toda a ideia reputada nova teve sempre os seus detractores.. . Não consigo, todavia, dissipar uma vaga inquietação... Inquietação que um dia se dissipa, no entanto: no dia em que o Kaimiloa, de proa ao largo, vai pela primeira vez utilizar-se das suas

velas. Nesse momento preciso, a minha confiança, até então abalada, transforma-se como que por magia... Fortalece-se. Porquê? Mistério! Mas «sinto» nesse momento que tudo foi bem feito e que o Kaimiloa inicia uma luta harmoniosa com o mar. E sei que o meu barco desafiará o mar, os oceanos, todos os oceanos... vitoriosamente!

É ao primeiro raiar da aurora do dia 11 de Outubro de 1936 que o Kaimiloa, secretamente, larga do fundeadouro de Ala Moana, rebocado pelo yacht dum amigo, o Árcade. O sol acaba de se erguer, numa poalha de ouro, sob os perfis de Diamond e de Coco Head, quando o nosso naviozinho, desembocando da passagem de Kewalo, toma contacto pela primeira vez com a vaga do largo... com o mar... e faz assim a sua entrada no Mundo!

Largado logo o reboque, içamos as velas... e estas batem lastimosamente contra a mastreação! Não sopra a menor aragem! Breve, porém, as colunas de fumo azul que nas colinas de Oahu subiam direitas para o céu começam a inclinar-se, prenunciando assim a brisa próxima.

Depois, no mar tranquilo, surgem as refregas. A primeira chega até nós, brincando com o avermelhado das águas, que, ainda calmas, parecem

62

arrepiar-se voluptuosamente... Como irá o velame recebê-la ? E como corresponderá o Kaimiloa à sua pressão?... Obedecerá?... Como trabalharão os lemes? E é então, no próprio momento de o saber, antes mesmo que o saiba, que todas as minhas inquietações se dissipam... Porquê? Não sei! Mas sinto que o meu barco governará sozinho: dir-se-ia que a brisa ligeira, vinda das colinas de além, varre na sua frente as negras nuvens da dúvida!

A brisa refresca e, como que curiosa da estranha embarcação que a aguarda, apressa-se para ela. A água irisa-se de alegria. A vela, até aqui pendida entre os seus bambus, estremece, ondula, imobiliza-se de novo... Surpreso, o Kaimiloa roda lentamente sobre si mesmo, aproa ao largo... sozinho! Será para me dar a entender... ?

Sim, amarro os lemes, oriento as velas... O Kaimiloa carrega para o sul e sinto subir em mim qualquer coisa de infinitamente consolador, como que uma carícia. . . doce e perturbadora. Afigura-se-me que o Kaimiloa tem já uma alma.. . Pretende assegurar-me que saberá ser sempre digno dos seus antepassados.

Mudo de rumo, caço as escotas, regulo de nova os lemes e amarro-os outra vez... Valente barquinho! Obediente e dócil, prossegue a sua rota, a minha, a nossa, direito, muito direito, sem o menor desvio, sem a

menor guinada! A carícia de há pouco torna-se mais real e sinto em mim um arrepio de gozo... O rosto de Tati, pouco a pouco, ilumina-se com um sorriso... Tenho imenso

63

trabalho para afastar do espírito as pérfidas insinuações do Demo, que se esforça por estragar-me a alegria que sinto, conspurcando-a de orgulho!

*

* *

A brisa refresca mais. Aproo a leste, ao larga de Koko Head. O mar, junto deste cabo, tem má reputação entre os yachtmen de Honolulu. De facto, a vaga torna-se dura, curta, incessante... as pranchas de ligação começam a jogar, as molas trabalham, os cascos encaixam. . . mas tudo se passa sem choques, sem brutalidade, com harmonia!

Ainda não me atrevo a cantar vitória, pois sei, por experiência, que isso traz desgosto: já muita vez observei que o direito de nos sentirmos felizes no fundo da alma não obriga a que exteriorizemos essa alegria e confiança à nossa volta... a menos que se não bata na madeira... e mesmo assim!...

Não me contenho, no entanto, que não bata nas costas de Tati uma palmada amigável e lhe não grite:

- Hem ? Não vão tão mal como isso... para umas crianças!...

Mal de terra nos descobrem, barcos à vela, a motor, yachts de todo o género aparelham e

64

largam dos portos, curiosos, para virem observar as nossas primeiras evoluções...

Estranho. Tudo parece aguentar-se... nenhuma coisa se parte em duas. Ainda não é desta!...

Os barcos ultrapassam-nos, vão, vêm, circulam em torno de nós e a bordo de todos eles parece reinar certa surpresa: eis, finalmente, esse tão famoso Kaimiloa no mar, mas, facto surpreendente, os two audacious but crasy frenchmen estão para ali repimpados sobre o tejadilho da cabina, indiferentes e ociosos, de papo para o ar e fumando cigarros!...

- Como é que então o governam? gritam-nos ao passar.

E eu respondo:

- Estes gémeos são de tal maneira inteligentes... Olhem para eles: mal acabam de nascer, e já andam sozinhos... e num tal conjunto... hem!

Pelas duas da tarde, todavia, temos de regressar ao porto: os brandais do mastro grande, em cabo de aço, foram cortados muito à larga, ou antes, os fios que os compõem cederam mais do que se previra: os tirantes, apertados já a fundo, não permitem, no entanto, que os estiquemos convenientemente.

Além disso, não colocara ainda certa peça de madeira que, só por si, seria bastante para suprimir as forças de impulsão do mastro, da popa para



O «Fou Po I» era um belo junco de 40 toneladas.



O «Fou Po II» à sua partida de Amoy.

vante e, portanto, para me dispensar do uso dos ovéns... Não fora negligência minha, pois fizera-o propositadamente, no desejo de verificar se o sistema de apoio básico do mastro grande, ao centro da plataforma, não seria por de mais idiota.. .

Mas neste mar de vaga curta (a mais perigosa o desagradável para um pequeno barco como o Kaimiloa), o pesado mastro, privado do amparo dos seus ovéns, e sobretudo da peça de madeira prevista, começa a jogar perigosamente... mas aguenta-se, e eu digo para comigo: «Este conjunto não resistirá perfeitamente a todos os golpes de mar, a todos os saltos de vento, quando a fixação definitiva estiver completa?» Enraíza-se em mim a confiança, de forma absoluta!... Santo Deus da Marinha de Vela, tal confiança mantê-la-ei... O Kaimiloa chegará a França!

*

* *

Que a nossa aventura haja excitado e continue mesmo a excitar a curiosidade é coisa que nada tem de extraordinário. A nossa chegada às ilhas Havai, vindos das ilhas «proibidas» do Mandato japonês; a estranha forma do nosso navio, a tragédia do seu naufrágio, a perda de todos os meus documentos, a nossa quase imediata decisão de partir novamente num outro barco, este de tipo desaparecido, um barco de lenda, como anuncia a

Imprensa, além do destino da nossa expedição e os estudos que nos propúnhamos realizar, eram, sem dúvida, suficientes para isso.

Senti-me, contudo, pregado ao chão, de surpresa e quase vergonha, quando soube que os jornais americanos nos elevavam bruscamente a ambos, e em grandes cabeçalhos, ao grau defamous scientists (famosos sábios) e famed professors (reputados professores)...

Explico aos repórteres que é possível, às vezes, a gente interessar-se por qualquer assunto chamado científico sem que por isso mereça o

título de scientists, que podemos até possuir sobre alguns desses assuntos pontos de vista pessoais e formular sobre eles teorias que pareçam originais sem que por esse motivo se seja «professor». Mas não há nada a fazer: estamos catalogados como «sábios» aos olhos da multidão e temos de proceder em conformidade com a etiqueta.. . Esta simpática maniazinha do carácter americano é, creio eu, a resultante de duas amáveis tendências: uma, que o leva a um amor por vezes exagerado pelos títulos, graus e designações honoríficas e o induz a tratar por «Captain» o proprietário do mais modesto batel ou por «Oomodore» o presidente de qualquer clube náutico; a outra, fruto duma delicada hospitalidade, que se manifesta pelo desejo de honrar o mais modesto estrangeiro de passagem pelo seu país. Talvez exista para tal uma razão mais subtil: esses tão diversos elementos humanos que, acorridos de todos os

67

cantos do Velho Mundo, formaram a jovem nação americana. Tenho, pois, que me tornar num scientist, quer queira quer não, e, o que é mais grave, forçam-me também, embora o mais gentilmente possível, a proceder em conformidade.. . Fiz estudos, pesquisas! Muito bem, quais são eles? Estudo o mistério das migrações polinésias! Ok! How interesting! What about some lectures! Esforço-me por lhes opor a força da inércia. Argumento com o pouco domínio que possuo da língua inglesa... Asseguram-me que consigo perfeitamente dizer o que pretendo. Tento entrincheirar-me por trás da minha terrível pronúncia, que me tornaria incompreendido da maioria do auditório... e vão ao ponto de me garantir que tal pronúncia dará um maior encanto às minhas conferências...

*

* *

Sou forçado a decidir-me: realizo a minha primeira conferência e, após essa, outras se seguem, inevitavelmente, porquanto a primeira causara certo rumor no meio científico local.

Pensava divertir o meu auditório com a música da minha pronúncia afrancesada e que ele assim esquecesse e deixasse passar as revolucionárias teorias que lhe expunha... Desilusão! Todos aqueles sisudos sábios permaneceram sisudos e me ouviram até final com a mais inabalável seriedade!

68

Sinto-me mortificado: o encanto latino da minha pronúncia não actuara...

Porque - é forçoso que o declare - a teoria geral que expus sobre as migrações polinésias afigura-se demasiado atrevida ao mundo scientist local (e Honolulu, com o seu Bishop Museum e o staff que lhe está apenso, é um dos centros mundiais de maior reputação no que respeita ao estudo das migrações marítimas do Pacífico). Inocentemente, tenho a louca ousadia de atacar algumas teorias solidamente estabelecidas e de pensar ao invés da generalidade daqueles senhores. . .

A este respeito, só poucas palavras posso dizer! Na verdade, o seu estudo aprofundado e a exposição das provas em que apoio as minhas teorias exigiriam alguns grossos volumes.

Eis, em linhas gerais, o estado actual do problema polinésio.

Desde a descoberta do Pacífico que se apresentou o enigma: os primeiros navegadores, tendo encontrado nas duas regiões geográficas, Malásia e Polinésia, indígenas com caracteres étnicos comuns, aparentaram-nos... Sendo a Malásia um centro humano importante e a Polinésia algumas ilhas dispersas e relativamente pouco povoadas do Grande Oceano, decretou-se que o grupo mais importante era o Pai que dera vida ao grupo somenos... Ora, uma comunidade de caracteres étnicos nem

69

sempre quer dizer uma comunidade de sangue... Pode, como hoje se sabe, representar, simplesmente, contacto ou comércio...

O problema que primeiramente se me apresentou ao espírito foi, portanto, este: o contacto ter-se-ia efectuado da Malásia para a Polinésia ou vice-versa? Ou teria sido mesmo recíproco?

O mundo erudito admite, geralmente, que as migrações se realizaram numa época histórica, isto é numa época em que a repartição das terras e dos mares e as condições atmosféricas (portanto, a navegação; portanto, a migração marítima) eram aproximadamente idênticas às de hoje. Neste caso, a teoria por todos admitida do povoamento da Polinésia pela Malásia (ou por qualquer outro centro ocidental) é difícil de conceber-se, direi mesmo, desde já, inconcebível!

Como marinheiro, esforcei-me, em primeiro lugar, por estudar e esclarecer as dificuldades marítimas de tal migração. E elas são numerosas, até mesmo demasiadamente numerosas!

Para reforçar a minha convicção, para poder dissecar as provas apresentadas, que pretendiam dar como definitiva a teoria unanimemente admitida, estudei essa ciência nova, tão apaixonante nos seus diferentes ramos: a antropologia moderna. B fui por isso recompensado.

Uma incógnita do problema marítimo, que Pretendia estudar primeiramente, a fim de estabelecer

70

a meus próprios olhos uma prova definitiva da minha teoria revolucionária, dizia respeito à contracorrente equatorial. Porque muitos sábios, se estavam de acordo em reconhecer as dificuldades práticas duma navegação de oeste para leste, contra os ventos alísios, apegavam-se, no entanto, à existência da contracorrente equatorial e ao auxílio que nela teriam podido encontrar os antigos navegadores polinésios... Não estava esta contracorrente indicada, na maioria das cartas, como correndo majestosamente através do Pacífico, de oeste para leste ! ?

Ora, se nós averiguarmos os resultados precisos de todos os estudos feitos sobre a contracorrente equatorial do Pacífico (estudos esses que

podemos encontrar condensados nas diversas Instruções Náuticas, publicadas pelos serviços hidrográficos do mundo marítimo), verificaremos que, no estado actual dos nossos conhecimentos, pouco podemos afirmar quer sobre a velocidade quer sobre a direcção dessa corrente e até mesmo sobre a sua existência!

Eis as razões por que, no decurso dos três anos de navegação do Fou Po, se pôde ver o juncozito vogando e demorando-se por enigmáticas paragens !...

Sei que muitos sábios, para quem as antigas hipóteses se tornaram, na maioria dos casos, teorias inatacáveis, foram ao ponto de afirmar que, se no estado actual dos nossos conhecimentos não podíamos, baseando-nos na tal corrente, explicar uma

71

migração de oeste para leste, nada nos proibia de admitir que os antigos polinésios soubessem mais do que nós a esse respeito.. .

E é aqui que vamos encontrar o ponto fraco destes estudos de migração marítima, os quais nunca foram prosseguidos a fundo no referente à questão marítima! Ignorou-se sempre, por exemplo, que, para se conhecer a existência e a vida duma grande corrente oceânica, é absolutamente necessário dispor-se de um método preciso de navegação astronómica. E nunca se procurou saber quais poderiam ser os métodos precisos de navegação astronómica dos polinésios.

Apenas sobre este assunto, poderia escrever-se um livro, a que não faltaria interesse... nem humorismo. Para explicar essas viagens migratórias, encontraram certos estudiosos processus de que me não atreveria a falar se, desgraçadamente, os mesmos não tivessem feito escola, visto que foram emitidos com autoridade.

Os antigos navegadores, dizem eles, serviam-se, para se orientar no Grande Oceano e atingir as terras que pretendiam alcançar, das indicações fornecidas pela direcção... da vaga... da brisa... pela crista das ondas que quebrassem... melhor ainda, pelo voo de certas aves migradoras e - argumento ainda mais forte - pelo voo dos peixes-voadores !

Outros, a maioria, entrincheiraram-se prudentemente numa vaga afirmação, que, só por si, bastaria para resolver o problema... se não fosse tão vaga.

72

«Os antigos navegadores polinésios - afirmara eles - conheciam as estrelas... e serviam-se delas». Não tentem obter mais dados precisos sobre este capítulo um tanto especial, os possíveis instrumentos ou os métodos empregados... ficariam desiludidos... Prefiro os que declaram simplesmente: «Partiam, guiados por Tangaroa, o Deus dos Oceanos». Tendo-me apaixonado pelo estudo dos possíveis conhecimentos astronómicos dos polinésios, susceptíveis de lhes permitirem uma navegação de longo curso, devo dizer que tudo o que apurei a esse respeito não resistiu a um exame sério. Talvez outros venham a ser mais felizes !

Encontrei mesmo sábios, e não dos de somenos, que architectaram uma admirável teoria comprovativa da realidade duma migração das Marquesas para as Havai, segundo uma lenda... uma lenda estudada e comentada à luz da famosa cabaça sagrada, da qual todos os estudiosos da Polinésia ouviram falar... a tal sacred calabash que teria servido aos antigos navegadores para observarem a altura da Estrela Polar e daí deduzirem a latitude do lugar.

Tal instrumento possuía, pelo menos, a vantagem de uma possibilidade astronómica: assim deveria ser... visto que fora imaginado integralmente por um oficial da Marinha americana, amigo da brincadeira!... Tive mesmo a sorte de poder reunir em Honolulu toda a informação histórica referente ao advento de tão famoso instrumento

73

de navegação, que nunca existiu, mas cujos métodos imaginários de navegação, esses, sim, existem ainda!

Resumindo, creio que esse ramo da etnografia, a que poderemos chamar etnografia náutica, até aqui ignorado ou abandonado, bem merecia alcançar um lugar de primeira plana no estudo das migrações marítimas... e persuado-me de que, graças a ele, se poderia finalmente

lançar um pouco de luz sobre as incógnitas e os mistérios das origens polinésias.

*

* *

No dia seguinte ao da minha primeira conferência, no seu artigo de fundo, um jornal cobre--nos de flores... Tornáramo-nos os «vivos exemplos das lutas e sofrimentos arrostados por esses homens de ciência (lutas de que conseguem tantas vezes sair vencedores) para as suas pesquisas do novo, do diferente, do ignoto...».

Devia-se «tirar o chapéu ante homens da nossa têmpera» porque «nós prosseguimos o nosso caminho e realizamos façanhas contra e apesar de barreiras quase intransponíveis» ...

«Não era nada!...», como diriam em Marselha !..

74

*

* *

Mas voltemos ao Kaimiloa!

Este primeiro ensaio não é concludente. E preciso prevermos outro. Longo lapso de tempo decorrera já, desde a minha primeira surtida, e certas pessoas, favorecidas por línguas bem afiadas e activas, começavam a espalhar, com certo ar compungido, o ruir dos meus projectos, das minhas esperanças. Aquele capitão francês, audacioso, but crasy, quis sempre guiar-se pela sua cabeça, mas agora, no mar, verificou a inverosimilhança da célebre «canoa dupla», que apresentou, em muitos pontos da construção, defeitos e deficiências. Finalmente, compreendeu que aquela plataforma entre os dois cascos e a sua ligação não resistiriam nunca a um pouco de mar... como era fácil de prever!

Como podiam eles adivinhar, esses santos varões, que o principal motivo que me leva a fazer novas experiências é precisamente a confiança que deposito no Kaimiloa!

Renovar experiências afigura-se-me, com efeito, uma simples formalidade, destinada, sobretudo, a encorajar o pobre Tati, o qual - verifico-o mais uma vez - anda torturado pela dúvida e cansado dos vãos esforços que faz para mo esconder...

75

*

* *

Certo dia, no entanto, decido-me. Para esta segunda saída do Kaimiloa, projecto sujeitar os dois cascos a uma prova real... Preciso dum mar de vaga especialmente dura e curta (um mar no género daquele que se nos depara no Golfo de Lião quando sopra o mistral, por exemplo). Desportistas náuticos de longo curso falaram-me duma região, muito próxima de Honolulu, que gozava da mais perfeita má reputação a tal respeito: é o canal que separa Molokai de Oahu... Foram mesmo ao ponto de me assegurar que, se a minha «dupla piroga», naquele mar selvagem e revolto, sob um bom golpe de trae toinds, se não fizesse em bocados, poderia então, sem o menor receio, afrontar as próprias iras do Cabo Horn!

Marquei a segunda saída para o começo de Novembro... Quando chegou o dia, soprava um bom vento de nordeste: as previsões do weather man (do Gabinete Meteorológico) anunciavam para o dia seguinte um ligeiro decrescimento da intensidade dos ventos e céu claro... Como a reputação deste augure dos elementos futuros está em Honolulu solidamente estabelecida, eu sabia com toda a certeza possível que devia esperar ventos do nordeste, que se entreteriam, como de costume,

76

a contradizê-lo; soprariam, portanto, com intensidade redobrada... e o céu devia estar todo coberto.

Tudo está a postos... no Kaimiloa (ou parece estar) para uma nova comunhão com o mar. Resta-nos apenas estarmos prontos também para quaisquer pequenos imprevistos, sempre possíveis... Eles que venham e nós nos desenrascaremos ... como das outras vezes!

* *

Não precisámos de esperar muito tempo... Pelas quatro horas da tarde, e sob o maior segredo, o Kaimiloa, rebocado mais uma vez pelo Árcade, desembocava da passagem de Kewalo Basin e, graciosamente, saudava o mar largo a cada ondulação da vaga que mais longe se ia desfazer em rolos selvagens contra os recifes.

Era a sua segunda entrada no Mundo!...

Cabia-lhe, para esta segunda entrada, correr uma aventura... E que aventura!... Foi de molde a manter-nos o coração oprimido, durante três longas noites, à beira da tragédia...

77

CAPÍTULO 5 --- A primeira saída: Partirá? Não partirá?

Desde os primeiros dias da existência dos meus «gémeos» que caprichei em anotar, com toda a regularidade, num diário de bordo, os seus mínimos actos... e reacções. Confiava neles. Nunca duvidei de que eles iam, com tal documento, adquirir autênticos títulos de nobreza.

. . .

Estas notas diárias, apontadas à pressa, poderão parecer talvez frias àqueles que não experimentaram o seu trágico sabor; talvez também, por vezes, um tanto obscuras... Prefiro, não obstante, para lhes não tirar o seu carácter de autenticidade, transcrevê-las tal as leio hoje, após dois anos, nas folhas amareladas e ainda húmidas por aquelas águas que nos tornaram a vida dura entre Molokai e Oahu...

DIÁRIO DE BORDO

Segunda saída do Kaimiloa... de segunda-feira, 3 de Novembro, a domingo, 9 de Novembro de 1936.

78

Segunda-feira, 3 de Novembro.

Aparelhagem às 4 horas da tarde, rebocado pelo Árcade... A bordo do Árcade, Papaleiaiaina e alguns amigos do proprietário. Às 4 e 30, largamos o reboque no estreito de Kewalo, içamos o pano; boa brisa de lés-nordeste, rumamos para o largo, em direitura a Palmer's Point, a 2 milhas (velocidade média desde Kewalo: 6 nós)... Não é nada mau! Uma pequena lanterna de azeite, deixada na embarcação de estibordo, entorna-se... arriscando-se a pegar fogo... Mau presságio? . . . 11 horas da noite, brisa fraca; calma. Refresca por refregas e, finalmente, fixa-se do nordeste, pela meia-noite. Dobrado o cabo mais a oeste de Oahu, a três milhas, prosseguimos a bordada, com amuras a bombordo. O mar torna-se duro. Às 3 da manhã, o mar está francamente mau, viramos de bordo. Tempo cerrado... não tenho nem carta nem bússola... Idiota!

Terça-feira, 4 de Novembro.

Pelas 6 da manhã, o mar torna-se perigosamente duro... vagas curtas e nervosas; ferramos o beque na água; vogamos em meio de rajadas com borrifos; vigio a ligação da plataforma ... Aquilo parece aguentar-se!.. . Choques brutais,

79

mas que parecem ser harmoniosamente absorvidos pelo jogo dos cascos e pelas molas... Quero que isto se aguarde, Santo Deus!... 8 horas; rebenta uma escota da vela grande, amainamos para a reparar...; estamos encharcados; picamos de novo o mar e uma das tábuas da plataforma da frente é levada... Nem mesmo estava amarrada!... Tê-la-íamos podido agarrar, mas Tati parece enjoado... Terá ele ainda, desta vez, qualquer ideia velhaca a miná-lo?... Acabo por lhe perguntar:

- Então! Que é que te arrelia?... Responde-me, sombrio:
- Nada; um pouco de enjoo, apenas. Conheço-o bem; há mais qualquer coisa; talvez na verdade um pouco de enjoo, mas muitas coisas mais... Estranho: vamos ter nova crise... esperemos... e façamos de conta que não vemos nada!
A noite é terrível... Maldição! Os dois cascos metem água! Onde provirá aquilo? Visito os porões: nada de anormal; despejamos... de duas em duas horas. Tati parece decompor-se.
Às 5 horas da manhã, viramos de bordo para alcançar a costa... Não se sabe nunca o que pode suceder!
Acostamos a sotavento dos pilones da T. S. P., na costa noroeste. Estamos absolutamente exaustos... Não dormimos toda a noite, sempre a esvaziar a água...
Impossível pregar olho com um tempo assim...
Damos finalmente com o ponto por onde fazíamos

80

água: o pequeno porão de vante, onde o calafetamento da parede estanque não fora feito até cima... e, quando o porãozito está cheio, a água infiltra-se, ou antes, corre francamente para a cabina... Aquilo representa uma tonelada de água à proa de cada barco e, conseqüentemente, uma navegação de traseiro erguido...
Devemos parecer um pássaro!... Nada bole na plataforma e, não obstante, que sucede? Tudo vai bem! Aquela entrada de água pode remediar-se.
Afocinhamos na vaga até ao mastro grande: que terrível mar! Soltam-se mais duas pranchas... Good bye!... Nada tinham com a ligação... Não passa, pois, de uma perda de madeira!
Mal adquirimos um pouco mais de velocidade, a água infiltra-se na cabina... e o seu soalho começa a flutuar passada uma hora... Sinistro! Se ao menos o mar abrandasse um pouco, repetiríamos o truque do Fou Po... Teremos que o fazer, mesmo assim... Caso contrário, morreremos de fadiga e de falta de sono...
Sinto que a crise de Tati se aproxima... Há vinte e quatro horas que apenas trocamos as palavras indispensáveis... Má atmosfera! Às 8

horas da manhã, na ocasião em que despejávamos novamente a água, cessa de trabalhar e pergunta-me bruscamente:

- Se qualquer coisa estoírar, onde é que nós estamos ?

81

Olho-o, surpreso:

- Estamos no mar, ora essa!

- Sim, mas... os destroços, para onde derivariam?

- Destroços ?.. . Destroços ?... Você tem cada uma.. . Derivaríamos contra os rochedos da costa...

- Então está bem! Deixa correr!...

E, com um pontapé, afasta para longe o balde.

Está com uma cor verde e parece esgotado... Calo-me e esforço-me por não lhe revelar a minha perturbação... pois acabo de ter a impressão dum desastre iminente.

Recomeço, sem palavras, com os gestos habituais de cada hora, a despejar a água... Tati fita-me e, como um autómato, volta também aos mesmos gestos.

O silêncio entre nós torna-se intoleravelmente pesado... Os fundos mais uma vez estão secos... Será preciso recomeçar dentro duma hora, depois em cada hora que se siga... Noite de pesadelo...

A plataforma continua a manter-se bem... Navegamos com o nariz na água. Se isto tudo não rebenta agora, então nunca mais rebentará! Quinta-feira, 6.

Partamo-nos de bordejar toda a noite. De madrugada, no entanto, os excomungados pilones »a estavam, mas por barlavento, desta vez... Santo Deus! Que este malfadado vento mude e que possamos dobrar a ponta!

82

Falta de sono... Aguento-me ainda pelos nervos... As 8 horas, rebenta a trovoadas... com Tati! Lança-me de repente, como que para mais depressa se descarregar, tudo o que lhe oprime o coração. E temos

uma longa história, uma nova confissão... Compreendo-o melhor, à medida que vai falando... Mas que grande história!...

Felizmente que ainda mantém a sua velha confiança em Sant'Ana d'Auray. Aquela Santa Virgem sempre lhe faz passar cada bocado!... O bastante, se isso fosse preciso, para lhe outorgar títulos definitivos de santidade...

Quanta paciência devem ter lá no Céu!.. . Ele embarcara sabendo que íamos naufragar e tudo preparara para se salvar, estando certo de que, graças à protecção divina da Santa Mãe de Deus, acabará por salvar a pele... aconteça o que acontecer...

Pobre Kaimiloa! Parece que, agora, resto apenas eu para te querer, apenas eu para confiar em ti... eu e Papaleiaiaina !

Tati compreendeu que este «maldito barco», como ele lhe chama, se não desmanchará... e que ele, Tati (gostaria de saber porquê!) terá de prosseguir a viagem.

Suplica-me que não persista nos meus projectos, que desista dos meus estudos a leste do Pacífico, que não teime em navegar meses e meses, contra ventos e correntes, mas que volte antes, e o mais breve possível, para França... Pede-mo, por tudo!.. .

Tomo imediatamente uma grande resolução...

83

Está combinado, farei o que ele me pede... porque a súbita ideia de regressar a França o mais depressa possível faz-me encarar sob um outro aspecto os fins a alcançar: aquela solução, a dele, está longe de me desagradar... Prevejo uma estadia mais ou menos longa em Honolulu, aguardando a época favorável...

Regressarei mais tarde, e mais livre de movimentos, ao meu Pacífico. Com renovado ardor, recomeçamos a esvaziar a água. A fadiga parece, por momentos, ter-nos deixado... Arrisco mesmo algumas brincadeiras: Tati ri.

Que estranho tipo! Vemo-lo ir-se abaixo como um fantoche e, cinco minutos depois, ei-lo guindado aos píncaros da esperança!

Mais uma noite sem dormir. . . mas o moral está melhor e sentimo-nos menos deprimidos do que na véspera.. . Não passará o sono de uma questão de hábito?

Há, entretanto, no ar qualquer coisa de trágico... Este mar que ruga à nossa volta, a água que baloiça nos porões e o nosso farolim que enche de fumo o ar da cabina, um ar pesado, de humidade e sal...

Sexta-feira, 7.

E absolutamente necessário sustar aquela entrada de água... Já não podemos mais!... O mar parece tornar-se mais bravo ainda... Impossível continuar lutando... Se nos acontece o mais

84

pequeno acidente, encontra-nos sem forças e sem cérebro para reagir... Onde estamos nós? Levámos toda a noite a afocinhar nas vagas, em vez de navegarmos... e o estúpido que eu sou, que nem mesmo trouxe uma bússola... e o céu negro, carregado de nuvens baixas, que apenas se desfazem para verter trombas de água, tornando tudo mais negro ainda... Nem bússola, nem carta da ilha... Navegamos pela estima. Está tudo bem, se o vento não mudar de direcção... mas calcular a derrota por uma brisa que pode ter tido numerosos caprichos, e isto perto de terra, é, de certo modo, desafiar a Sorte... Inquieto-me... Onde estaremos nós exactamente?... Mas é preciso que Tati não dê pela minha preocupação !...

Pelas três horas da manhã, noto certa claridade por entre as nuvens... A Lua! Aproveito para deduzir a sua altura aproximada... muito aproximada. Tento recordar-me das noites claras que passei no porto de Kewalo, vendo-a subir num céu estrelado... e calcular, pela hora, qual a sua declinação aproximada acima do horizonte... a olho! Aquilo dá certo! A Lua está onde deve estar... pouco mais ou menos! O mar e o vento têm-se mantido tal como ontem e anteontem... Devemos pairar a nordeste de Oahu, no canal de Molokai..

Ainda este Molokai!... Uma série de trágicas recordações perpassa-me pela mente. Afasto-a... Depois, subitamente, tenho a impressão de que

85

navego à maneira polinésia... Afigura-se-me absolutamente lógico isso, a bordo dum Kaimiloa : e a confiança volta-me.

Às seis da manhã, vemo-nos submersos por duas vagas selvagens: vimo-las vir de longe... Apanham-nos pelo través. A água dos porões, com o choque, esguicha e chapinha por todos os lados... Olhamo-nos pálidos, sem dizer palavra... Entreabrimos a porta da cabina e apontamos o foco da lâmpada eléctrica para as correntes, as molas e as pranchas de ligação.

Tati murmura-me:

- Não há nada a fazer! Aguentou-se com um golpe destes, o animal. Agora, resistirá a tudo!

Viro de bordo, de madrugada... para reconhecer a terra...

Às 9 horas, por entre uma bruma sinistra, desenham-se as cristas do Pali. Aproximo-me um pouco mais... Dam'it! Ainda estes malditos! Rodámos a noite inteira para ganharmos apenas quatro miseráveis milhas contra o vento! E para desesperar! Nunca mais chegaremos com um mar assim e os nossos dois porões de vante cheios de água a «vencer» o preciso para dobrarmos o cabo...

Se ao menos esta maldita brisa quisesse virar um nadinha... Que se importava o bom Deus com isso? Era uma coisa que não incomodava ninguém. Com um tempo destes, não se encontra com certeza mais nenhuma vela cá fora. Se o mar ao menos pudesse abrandar e com uma pua

86

fizéssemos um buraco nas proas dos cascos! Era a única saída...

Acabo de me aproximar de terra, onde o mar está menos bravo...

Amarrei Tati pela cintura, com um valente cabo, e segurei-o, inclinado para a frente, fazendo contrapeso sobre as pernas... Armado da pua, pôde assim abrir dois buracos acima da linha de água... Esta esguicha, então, para fora e o nível estabelece-se... A proa agora só ficará meio cheia. Já é uma vantagem!... A piroga de estibordo parece manter-se e a calafetagem do tabique deve impedir a entrada da água... que já não penetra na cabina.

Experimentamos a mesma operação na piroga de bombordo. Torna-se impossível: o corpo, muito submerso, é batido pelo mar. Tati parte a broca no buraco...

Desistimos... Assim só teremos de vigiar um barco... Este meio êxito alegra a fisionomia do meu camarada e eu aproveito para tentar nova bordada... Estou a tornar-me teimoso!

Oh! bom São Pedro, fazei rondar a vossa danada brisa ao menos só três quartos, três pequeninos quartos, e nós safar-nos-emos e chegaremos na perfeição, com vento pela popa, à baía de Honolulu!...

Sábado, 8.

São Pedro é surdo... ou então está a brincar connosco. Entre marinheiros, deveríamos ajudarmos

87

uns aos outros!... Virou a brisa, é certo, mas para o lado mau... Este facto decide-me a abandonar a luta... Deixa andar, rapazes!... O mar apanha-nos pela popa e pelo través... Que sensação de repouso para o barco e para nós! Andamos 7 milhas. A vaga rebenta sempre furiosa. Os cachopos parecem perseguir-nos, ultrapassam--nos, perdem terreno e amontoam-se contra a ré com ruído selvagem... mas o Kaimiloa não parece preocupado com isso... Ei-lo com vento traseiro.

Acabaram-se os pinotes pela vante e pelo través, a água já não salta nos fundos da cabina... Que deliciosa sensação de calma... de segurança! Olhando a inútil fúria do mar, apetece-me, de súbito, gritar ao vento o habitual insulto dos marinheiros de vela, depois de passada a tormenta: « - Já te tramámos, desavergonhada!»

Mas calo-me... É preciso ser-se delicado com semelhante personagem! Às três horas da tarde, dobramos, a rasar, a ponta extremo norte da ilha; o mar de nordeste vem quebrar-se ali com ruído de trovão, deixando apenas, como rasto da sua vencida fúria, uma comprida faixa de baba espumante que corre para o sul.

A breve trecho, abrigados pela terra, deslizamos num mar raso. A brisa brinca, desce das colinas em rajadas, abrandando, morre, revive... O

Kaimiloa espera-a, recebe-a, roda e rodopia, para melhor se aproveitar dela. Devagarinho, aproxima-se de terra.

88

Precisamos dum ancoradouro; temos de dormir, seja como for. Julgo reconhecer a baía de Haleiwa e costeamos, mercê de uma brisa quase desfalecida, um rochedo que sai pelo mar fora. Tati sonda: «Quatro braças! Fundo de rocha», grita-me ele.

« - Lança ferro!» A âncora cai a pique; era tempo. A brisa cessou. Arriámos rapidamente todo o pano e, sem sequer o carregarmos, atiramo-nos para cima das nossas tarimbas... e adormecemos como brutos!.. .

Domingo, 9.

Ah! que noite tranquila.. . Desperto com a impressão de regressar do nada... Mas é verdadeiramente o nada?... Ilusão... pois parece-me ter tirado dele como que uma vida nova... Será possível extrair Vida do Nada?

Os nossos olhos abrem-se para um céu que se tornou claro. Algumas nuvenzitas, levemente rosadas pelo sol que nasceu do outro lado da ilha, correm pelo espaço.. . As colinas revelam com maior nitidez os seus contornos, acentuam os seus relevos com profundos sulcos violeta, ao longo dos quais se apegam logo os verdes das florestas, que trepam ao seu assalto!

Como a vida é bela! Sinto o coração tão leve e a alma tão alegre como o ar, nesta manhã rosada !...

Sinto também o estômago pegado às costas... Não tivemos grande coisa para mastigar desde a

89

partida... Raio de Tati!... Esplicou-me, depois na altura da sua confissão... (1): «Devíamos naufragar e, nesse caso, para quê embarcar os víveres previstos para os dez dias?...» Ele já esquecera Molokú? Talvez temesse, tendo o estômago muito cheio, apanhar alguma

congestão, quando naufragasse! Enfim, que importa agora isso?... Vamos aparelhar!.. .

Antes de levantar ferro, fazemos, com a pua e a broca partida que arranjámos conforme pulemos, um buraco no casco da piroga de bombordo... Esquisita ideia esta, de fazer buracos no barco, antes de aparelhar! .. É porque se não pensa bastante no princípio dos vasos comunicantes!.. .

lçamos o velame, que se reflecte sobre um mar liso e como que adormecido. Levanta-se uma ligeira brisa, que nos ajuda. Refresca mais, brinca com a nossa paciência, e a marota, para nos arreliar também um bocadinho, põe-se de repente a virar a sudoeste, isto é, temos de ir «à bolina cerrada»... É de mais, já! Mas está tramada... Nem mau humor nem uma praga! Aliás, o mar, aqui, está apenas encrespado: podemos bordejar.. .

Efectuo uma das bordadas perto, muito perto da costa, junto a um cantinho bem conhecido... E sonho então um instante ao fixar os olhos na verde colina coberta de algarobas onde durante

(1) As Confissões de Tatibouet vêm descritas num livro com este nome, da autoria de François Pierrefeu. (N. do T.).

90

todos estes últimos meses vim tantas vezes acampar uma parte da noite... Não distingo a grande luz vermelha e tradicional do fogo das ramadas, não distingo, à simples vista, as anfractuosidades de rochas negras onde o mar se comprazia, ao retirar-se, em deixar imóvel, nessas bacias marinhas, um pouco da sua água clara, para que a Lua nelas se pudesse reflectir... Não torno a ver com os meus olhos, banhando-se ali, um lindo corpo luminoso e quase irreal, todo ele impregnado da natureza e em tão perfeita comunhão com ela que todas as vezes me parecia tratar-se dum jogo gracioso, duma perturbadora fantasia dos raios da Lua!... Mas revejo tudo isto e com bastante nitidez... na minha «Recordação»...

A decisão tomada ontem, desde a nova confissão de Tati, veio-me à memória: o Kaimiloa vogará a caminho da França, pelo Cabo das

Tormentas, que também é o Cabo da Boa Esperança... Consolo-me. Os estudos que eu queria fazer no Pacífico, claro está que renuncio a eles... por agora! Penso então com prazer que para esta nova travessia o regime dos ventos não exige tão rápida partida... De facto, ser-me-á necessário esperar, nas ilhas Havai, que passe a estação dos ciclones na região das Fidjis...

Prepararmos a partida para começos de Março seria da maior prudência. Assim, passaria ainda cinco meses em Honolulu... Cinco meses... Quantas vezes se elevará ainda, na noite, o grande clarão vermelho das fogueiras, lá em baixo, a meio

91

da faixa verde das algarobas? E quantas vezes ainda tornarei eu a ver, mirando-se nessas bacias de água calma, cavadas nas rochas, a harmonia plena dos raios lunares?

Dobramos Parmer's Point por volta das 9 horas. O mar imediatamente se torna forte, mas, no entanto, bastante manejável. As bordadas de estibordo fazem-nos ir de nariz abaixo e a água volta a subir nos pequenos porões de vante; os orifícios feitos tornam-se insuficientes... E porque a direcção do mar tem uma diferença de 5 «quartos» da do vento, ou seja mesmo pela proa, e há pequeno intervalo entre cada vaga. E justamente o que não devia ser... «tosse que je te retosse*, ou então, como diriam de maneira mais realista os meus amigos luggers australianos de Broome, falando dum barco que perde o andamento a cada balanço da vaga: She stops dead! The bastará!... Claro que não empregaria tal expressão, visto que sou eu o reconhecido pai destas crianças gémeas!...

Perdemos na bordada de bombordo aquilo que ganhamos na de estibordo. E desesperador!

- Nunca mais chegaremos, resmunga Tati. E eu respondo:

- Havemos de chegar... Quero dormir em terra esta noite... A tarde o Kaimiloa estará ancorado... em Pearl Harbour!

- Em Pearl Harbour? É proibido! lembra-me ele.

Tem razão! Pearl Harbour, o importante porto militar das ilhas Havai, ou seja um dos maiores

portos dos Estados Unidos no Pacífico, decidiu há coisa dum ano conservar ciosamente os seus segredos... Inquiri há alguns meses, junto do Almi-rantado, se me permitiriam fazer escala por lá no dia das experiências do Kaimiloa.

Ficou assim combinado, mas sob condição de eu prevenir o Almirantado quarenta e oito horas antes!... Bonito sarilho!... Como é que hoje hei-de cumprir os «regulamentos» ? Como, se algumas viragens de bordo suplementares vão daqui a pouco enfiar-me no estreito e, uma hora ou duas mais tarde, penso lançar ferro no fundo da baía, defronte do elegante Yacht Club de Pearl Har-bour ?

Um contratorpedeiro americano cruza-se connosco. Chamo-o à fala e aviso-o da minha intenção de entrar no porto: é de toda a urgência, metemos água! Na ponte, os oficiais agitam os braços e param para assestar os binóculos sobre nós... e cada vez agitam mais os braços... Estão ocupados de mais em ver para que possam ouvir. Até que finalmente observam esses dois famosos cascos vermelhos e amarelos, em pleno mar, com todo o velame fora !...

Habituaram-se de tal modo a vê-los estendidos na areia entre Waihiki e Ala Moana que lhes deve ter parecido que ali ficariam para sempre a alegrar a paisagem!

Pior! Aconteça o que tem de acontecer!... O almirante Yarnell pareceu-me bastante marinho e, por isso, muito encantado com os barcos

para que não desculpe as primeiras passadas dum deles. O Kaimiloa (1) è tão pequenino, tão novo e inexperiente!

Enfio deliberadamente pelo estreito, às duas horas da tarde. Os recifes através dos quais foi cavado o canal amainam a turbulência do mar...

Sopra aragem fresca e a brisa vem-nos das alhe-tas... Fazemos uns dez nós e o mar cava-se graciosamente a meio das duas canoas (quase se via a quilha) e segue fervilhando em comprida e bela ondulação para a popa... Dir-se-ia que o pequeno Kaimiloa, desembocando no grande porto de guerra, quer brincar aos torpedeiros

de esquadrilha. E domingo, e tudo parece morto naquele arsenal; é dia de descanso, até para as actividades militares...

Efectuo algumas pequenas bordadas no fundo canal, onde a brisa brinca connosco... Diviso ao longe, a estibordo, algumas silhuetas cinzentas de unidades de guerra, encimadas por fumaradas negras, e depois, a bombordo, no fundo duma baía azul, finos triângulos brancos inclinados sobre as suas bases e correndo uns atrás dos outros... E o dia das regatas no Yacht Club! Passamos lindamente a barlavento duma das corridas... Bravo! Cheers! e Kodaks!...

(1) Kaimiloa, na língua do Hawai, quer dizer : «para além dos horizontes longínquos», segundo nos informou o próprio Eric do Bisschop. (N. do T.).

94

Às três horas, e a alguns metros da ponte volante, o Kaimiloa ancora... Ufa!! Bendito seja Deus!...

Logo somos invadidos pelos curiosos... Sofro pela coquetterie do Kaimiloa... A água que nos esquecemos de despejar, desde a nossa entrada no canal, faz flutuar o sobrado no interior das cabinas... Todos aqueles yachtmen se sentem impressionados... Verdade seja que há de quê!

Um coronel americano e brilhante yachtman, chefe do Intelligence Service da Esquadra nas ilhas Havai, admira-se do meu atrevimento... Penso que também ele me quer falar daquela «audácia» em afrontar os mares com o Kaimiloa, assunto de que já temos os ouvidos saturados.. . Não! A sua. admiração tem outra origem.

- Que toupet, diz-me ele em perfeito francês, entrar assim em Pearl Harbour e divertir-se a. executar as suas bordadas no canal... E ainda por cima com a sua bandeira tricolor içada !

Faço-me estúpido (e consigo-o sem esforço):

- È assim tão proibido? Se soubesse, teria hasteado.. . a bandeira.. . japonesa !

Ele riu com gosto. Mas prossegue, um pouco vexado, parece:

- Não sabe então que Pearl Harbour é um dos portos mais reservados da Marinha de guerra americana... e que até a mim, coronel da Armada e oficial de Informações, me obrigam a pedir,

95

de cada vez que preciso dela, uma autorização ao Almirantado para o meu yacht!?!... E você...

- Então, cometi uma gaffe! confessei, contrito. Amanhã irei ver o almirante e pedir-lhe-ei que me desculpe!...

Explicar-lhe-ei que, havendo apenas passado para alcançar a baía dos yachts, nem sequer tive tempo para descobrir os segredos da defesa nacional... e que, se os japoneses o ano passado, nas Marshalls, me tivessem deixado passar com o meu Fou Po, sem terem tido a louca ideia de lá me conservarem detido quinze dias, é muito provável que não tivesse também notado... alguns dos deles!

E penso cá para comigo: «Ah! valente coronel... não pescas nada de Marinha, apesar do teu luxuoso yacht e da elegância do teu uniforme!... Com certeza que os marinheiros se aborrecerão com a minha entrada em Harbour, mas estou convencido de que só me patentearão o seu descontentamento com mansidão, pois espero, conforme é de regra entre homens do mar, que, se me fizerem uma censura, será uma censura quase fraternal... Quero crer que lhes custará mais chamar à ordem, mesmo com suavidade, um dos seus irmãos do mar do que descompor todos os coronéis juntos do seu Exército de terra!»

Ao cair da noite, Tati e eu deixamos a âncora bem engatada e o velame bem ferrado. O nosso

96

naviozinho descansado, alugamos um carro de passagem... e descemos diante... do restaurante «Ah Fong», no bairro chinês... Depois, «recompostos» das nossas emoções por um delicado jantar chinês... corro a procurar... Mas isso não interessa ninguém!

O Kaimiloa, ao abandonar alguns dias mais tarde o molhe de Pearl Haibour, volta a tomar o seu lugar no elegante portozinho dos yachts dAla Moana. Fez a reboque as milhas que separam estes dois pontos. O rebocador é o Hualakai, pertencente a um verdadeiro desportista de Honolulu, M. A. Pow-lison. Quero fazer estas milhas sem a ajuda das minhas velas, para evitar, à saída do grande porto de guerra, as inevitáveis evoluções que... poderiam ser interpretadas com malícia ... Porque os meus amigos da Marinha de Guerra americana, que foram os últimos a ser atacados pelo vírus dessa doença da desconfiança espalhada pelo Mundo e vulgarmente chamada «Espionite», parecem demonstrar me nesta época os primeiros sintomas do mal! Quem os não desculparia? Não vivem eles em Havai, em pleno foco de infecção?...

Imaginem que, entre os 380.000 habitantes que comporta o grupo de ilhas, pululam 150.000 japoneses, dos quais - curiosa coincidência - a maioria vive em Uahu, a ilha de Honolulu, e nas proximidades de Pearl Harbour.

97

Todos sabem, porém, que a «Espionite» é, de certo modo, o antídoto dum mal muito mais perigoso, a espionagem, que atinge desde nascença os japoneses, quer sejam machos ou fêmeas, e isso está-lhes tão entranhado no organismo que se tornou para eles, sobre todas as latitudes, como que uma condição necessária à sua existência.

*

* *

A dupla piroga vê-se, pois, obrigada a conservar-se ancorada... esperando a estação favorável para a sua largada em direcção ao sul... o que de novo causa o espanto de todos! Que significará tão longo repouso? Recomeçam a cochichar, esforçando-se por descobrir na piroga esse desconhecido defeito de construção que parece impedir-lhe para sempre os perigos das grandes batalhas do largo. O interesse que a Imprensa americana demonstra pelo Kaimiloa não afrouxou um só instante Mas também ela pretende conhecer a causa

desta demora. Não posso explicar (sem fornecer pormenores, que Tati não quer por coisa alguma tornar públicos) as razões que repentinamente me fazem renunciar aos estudos começados e a minha decisão de voltar o mais depressa possível a França e por conseguinte, singrar para leste trocando a rota do Panamá pela do cabo da Boa Esperança.

Começam a procurar... Fazem-se mil suposições e descobrem logo, aliás com a maior das

98

facilidades, uma espécie de explicação. Essa explicação, sendo de ordem sentimental, segue veloz o seu caminho:

- Eu conheço, disse-me um dia um repórter muito curioso, a causa da sua estada aqui... O« meus colegas são muito patetas por não terem ainda encontrado essa causa!

- Ah! sim? Sabe? Que sabe então?

- Ah! respondeu-me ele... Descobri o segredo. . . com a maior facilidade, ao recordar aquilo que dizem sempre no seu país quando querem explicar um mistério ou descobrir... um assassino!

- Diabo! Que é então?

Aponta com o dedo para a sua frente e, devagarinho, com o mais puro acento yankee, declarou: «Oherchez «le» femme!»

- Ora aí tem, disse para comigo: «Procure «o» mulher!»

Ele safou-se, feliz pela sua ideia... e perspicácia!...

.. .No dia seguinte, aparece na primeira página do Jornal um artigo sensacional, com enormes notas marginais e estes simples títulos:

«O nosso Ulisses do Século encontrou a sua Oircea!»... «A viagem do arrojado capitão foi retardada por uma linda feiticeira». Vê-se então uma grande fotografia da Fair Enchantress, surpreendida um mês antes no Kaimiloa, por indiscreto fotógrafo, quando pintava um fresco polinésio no interior duma das cabinas... Por debaixo da foto, o Jornal, muito galantemente (e... também

99

generosamente, querendo sem dúvida desculpar aquela fraqueza sentimental do «arrojado capitão» acrescenta: «E quem o não compreenderia?»

Desde esse dia o interesse pela expedição do Kaimiloa tornou-se ainda mais forte... E tudo porque fizeram pairar em redor da estranha dupla piroga, em descanso no porto d'Ala Moana, um ar misterioso, no qual parece moverem-se duas formas de contornos vagos, irreais, que todos os homens em geral e os americanos em particular queriam apanhar, ver de mais perto, chamar-lhes «suas», uni-las para todo o sempre à própria vida para lhes colorir e poetizar os dias cinzentos... duas formas que se chamam... Aventura e Romance!... (Adventure and Romance).

100

CAPÍTULO 5 --- A grande aparelhagem

Aproxima-se o grande dia, o dia da aparelhagem, o verdadeiro, aquele que deve lançar o Kaimiloa, durante meses, e sem esperança de regresso nem de arribadas, de norte para sul, através do Pacífico! Escondi o melhor que pude a data exacta da partida, desconfiando instintivamente duma aparelhagem estrondosa, pois tenho notado que, se audaces Fortuna juvat, os deuses só concedem a sua protecção aos audaciosos que executam o seu feito sob a égide da discrição e humildade!

Quero que o Kaimiloa desapareça das praias de Havai, no dia fixado, apenas [com os alohas de alguns amigos íntimos, prevenidos à última hora.

Muitos aconselharam-me a dar uma festa antes de abandonar Honolulu, uma festa havaiana, um luau: este barco, que quer fazer reviver a lembrança das horas gloriosas do passado marítimo polinésio, deve ser motivo para uma solenidade. O Kaimiloa pode escrever uma página nova na história das ilhas... E, para me tentarem, acrescentavam

que, além disso, a festa teria a grande vantagem (cada um dos numerosos convidados querendo, segundo o uso, levar-me os seus presentes de festim) de carregar a «dupla canoa» com uma provisão de víveres para meses!... Claro que opinei pela minha cabeça, resolvido a só fazer o que muito bem me parecia. Felizmente não ficara ainda o tempo suficiente entre os civilizados para me deixar entontecer com fumaças vãs de reclamo e publicidade. Além disso, recordando que Tati-bouet e eu pudéramos levar a cabo toda a construção do nosso barco sem receber nem aceitar o menor auxílio da Sociedade americana, que tanto nas ilhas como no mainland é naturalmente generosa, teria mau gosto em ofuscar, no próprio momento da partida, a orgulhosa reputação do Kaimiloa, que nasceu livre, com um gesto que os mal-intencionados (há-os por toda a parte) teriam transformado num último apelo à assistência pública!...

Sim, eu sou cioso da reputação do Kaimiloa, e isto por motivo fácil de compreender: não podendo, no decurso desta nova travessia, prosseguir os meus estudos, visto que desta vez, navegando para oeste, preciso de alcançar a França com a maior brevidade, o meu único fim é efectuar essa viagem sem qualquer ostentação, mas com uma dignidade mais altiva do que nunca. Tornou-se isto em mim numa verdadeira obsessão... ampliada depois, em consequência duma ferida feita no meu amor-próprio!

Realmente não posso pensar, sem sentir o coração oprimido e sem despeito, que esse meu filho, que eu quero lançar pelos mares, ninguém da minha grande família de França se dignou querer reconhecer! Os meus «gémeos» não passam duns bastardos sem nacionalidade. Julgaram-nos indignos do glorioso distintivo tricolor.

Querer aparelhar sem clamores e realizar esse desejo são coisas bem diversas... Experimentem esconder à Imprensa da América os pequenos casos do dia... e até do dia seguinte!

Temos, no entanto, de encomendar víveres, não é assim? Sabe-se logo isso e, sem ser muito Sherlock Holmes, um repórter tira a conclusão de que se pode tratar dum preparativo de aparelhagem ... Por isso, quando o camião da Amerikan Export desembocava no cais em frente do Kaimiloa, com os seus sacos de arroz e as suas latas de conservas, já lá se encontravam homens, uns com máquinas fotográficas, outros com livros de apontamentos e lápis... Querem ser informados da data e hora certa da aparelhagem, mas eu entrincheiro-me por trás das incertezas meteorológicas, deixo a questão no vago... e creio haver assim dobrado o difícil cabo da publicidade.

Dois dias mais tarde, nesse domingo 7 de Março de 1937, julgo poder finalmente partir sem espanto nem ruído!... Infelizmente, quando ontem passeava pela cidade, notei nos garotos vendedores de jornais uma desusada excitação... Rápida olhadela

103

para o jornal permite-me ver um grande cabeçalho:

The french scientists prepare to sail Sunday for the South Sea⁸. (Os «sábios» franceses preparam-se para partir no domingo em direcção aos mares do Sul!)

Compro o jornal... Uma longa série das mais variadas fotografias acompanha um sensacional artigo. Vê-se um dos últimos aspectos do Kaimiloa no porto, diferentes fases do embarque de víveres e, claro está, uma nova reprodução da Fada Encantadora, que, voltam a repetir, tem grande responsabilidade pela demora do capitão em Honolulu!.. .

Quando cheguei a bordo, esta manhã, não me surpreendeu, portanto, ver no cais alguns grupos de curiosos, observando. Às 10 horas o cais está cheio de gente e, como estamos acostados a ele, começo a achar muito desagradável aquelas centenas de olhos pregados a cada um dos meus gestos... «Conhecimentos» e pessoas das minhas relações acorrem logo com a mesma censura nos lábios:

- Isso não é chique da sua parte... partir assim sem nos prevenir!...

Que havia eu de responder! Não encontro desculpa razoável e contento-me em meter os pés pelas mãos, sorrindo com ar idiota.

Ao meio-dia a situação passa de lastimosa para trágica. O cais, desta vez a transbordar, despeja uma

104

parte da sua multidão para o barco: e são então kodaks, máquinas de filmar, pedidos de autógrafos, perguntas indiscretas...

Graças a Deus, a Fada Encantadora está junto de mim e, como é natural, desvia a maior parte da atenção... Temos que fugir!

Tati, mais esperto, percorre a cidade... mais esperto não sei, e isso inquieta-me, porque também ele tem de prosseguir entre os humanos uma navegação bem delicada... Neste momento está talvez a fazer as suas bordadas entre dois ou três namoricos de sentimentalidades diferentes... para as quais, sem defesa possível, o arrastou o seu destino... Encontro-me com ele para almoçar. Está muito satisfeito porque soube nestas últimas horas navegar com sábia prudência. Felicito-o!.. .

Conseguira evitar os escolhos finais; o seu moral parece-me pronto para a partida; e é isso que em especial me interessa!

As duas horas da tarde voltamos para bordo. O porto d'Ala Moana e os seus arredores estão cheios de carros. Nunca pensei que a nossa aventura se tornasse tão popular. Evito encontrar os olhares daquela turba excitada, para guardar dela uma simpática recordação. Não estou eu quase convencido de que descobri em alguns esse clarão de curiosidade envenenadora que têm os outros olhos da multidão que se consolam em ver na manhã mal nascida a montagem dos «madeiros» da Justiça e esperar a chegada do condenado à morte?

105

Não somos nós também, para a grande maioria de toda essa gente, uns «condenados à morte» ?...

Os amigos acorreram em número mais elevado e trazem-nos, juntamente com as «leis» tradicionais, algumas coisas boas para comer: lembram-se da nossa chegada a Molokai e querem com certeza evitar-nos a repetição das angústias da fome e da sede...

Soa a hora da partida: o Kaimiloa, repentinamente aliviado duns quarenta visitantes, toma sobre a água um verdadeiro andamento marítimo. O cais já transborda de curiosos, alguns dos quais, mal equilibrados na margem, com esta nova vaga quase caem à água... É ainda o meu simpático amigo Sr. Powlison quem, com o seu Hualakai, se encarrega de prestar o último auxílio ao Kaimiloa: o reboque para além dos recifes.

Vem acostar... Nós aliviamos os ombros, ornados das numerosas grinaldas de flores, as «leis» de aloha (1), e começamos a soltar as amarras...

(1) Aquando da sua recente passagem por Lisboa, a bordo do Kaimiloa-Wakea, perguntei à princesa Papaleaiaina, hoje Madame de Bisschop, qual o significado da palavra «aloha». Parece que o sentido dessa palavra é variável segundo a entonação, podendo significar - «Adeus», «Amizade», «Ternura», etc. É palavra do dialecto havaiano. (N. do T.).

106

O Kaimiloa afasta-se alguns metros do cais... A bordo só está a tripulação... Não, minto, está também uma passageira, a Fada Encantadora, Papaleaiaina, que quer ser a última a abandonar o barco! O Hualakai amortece o reboque... e então (a minha querida França que me perdoe!) quero que todas aquelas pessoas que acorreram a deitar um último olhar ao Kaimiloa saibam bem que esse barco que parte para a grande luta dos oceanos, apesar de ter nome e forma polinésios, é bem francês!... Por isso, e contrariamente a todas as leis estabelecidas, violando os regulamentos em vigor, ato à adriça da bandeira as três cores da França, e, com o coração a pulsar de emoção, iço-as no topo do mastro!

Nesse instante percorre a multidão comovida qualquer coisa que eu sinto. Logo que a dupla piroga se afasta do cais, essa gente, há pouco tão ruidosa e alegre, cala-se subitamente... A angústia apodera-se deles... O Kaimiloa e os seus dois cascos devem parecer-lhes tão pequeninos e frágeis, tão rasos à água, ante o grande oceano, que podem ver e ouvir dali, tão perto, por cima da linha dos recifes,

atormetado já pelos ventos alísios! Distingo uma gorda senhora havaiana que não conheço e, sozinha, agita um braço... Está transtornada e o braço, estendido na nossa direcção, traça, em gesto largo, o sinal da cruz... a sua bênção! Com certeza pensa que vamos morrer, como morreram há já muitos anos e em idênticas

107

condições alguns dos seus antepassados. Tal como nós, cheios de confiança, haviam-se lançado na grande aventura dos mares... Aquele silêncio comovido da multidão, que se prolonga durante todo o tempo em que ato a bandeira na adriça, parece enobrecer o meu simples gesto de timoneiro e dar-lhe repentinamente a grandeza dum rito religioso!

À medida que sobem as cores francesas, a multidão revive: quando elas chegam ao topo do mastro, e são batidas pelo vento, acolhe-as formidável aclamação.

Sinto-me imensamente comovido!... E, ao dirigir-me para o canal, penso:

«Valente Kaimiloazinho, meu filho, agora tu! Não deixes ficar mal teu pai! Mostra ao Mundo que és digno de haver sido ornado com as cores francesas... A tua nacionalidade, cabe-te a ti ganhá-la... e impô-la a todo o Mundo!...»

Costeando o recife ao longo do novo parque, somos escoltados por centenas de carros, que, em pequeno andamento, mas com enorme algazarra de trompas e klaxons, nos desejam boa viagem. O Hualakai, chegado à pequena baía de Kewalo, diminui o andamento para permitir a Papaleaiaina abandonar o barco e tomar o youyou que a veio buscar. O Kaimiloa só tem agora a bordo a sua tripulação do mar...

Um único elo o prende ainda às coisas terrenas: aquele cabozito de reboque, que vamos largar daí por minutos!

108

Tati, de repente, parece inquieto, mas duma inquietação que não lhe conhecia ainda, uma inquietação distraída que o prende à margem: os seus olhares percorrem-na duma ponta a outra, dum lenço que se agita

a uma buzina que toca! Procura alguém!... Não tenho tempo para perceber a sua perturbação... Acabamos de desembocar da baía de Kewalo e sopra bastante aragem. A brisa, contrariada pela terra, mostra o seu mau humor por fortes rajadas... O mar, na borda do recife, vindo do largo em longa mareta, rebenta ali com ruído de trovão, marcando o limite da barreira velhaca dos recifes, por comprida linha torturada de cachões. Atrás dela, o oceano, de azul profundo, encrespa-se... Aqui a brisa é norte. Lá adiante será nordeste. Ora ainda bem! Chegou a tua hora Kaimiloa! Anda, meu velhinho!

Precisamos de andar!

Grito então: «Larga tudo!» As velas sobem. O Kaimiloa, pulando sobre as vagas, aproa ao largo... Alguns iates a motor acompanham-nos, mergulham o beque na água e voltam para trás, desconsolados. O pequeno Hualakai segue-nos e estafa-se para nos apanhar... De pé sobre o tejadilho da cabina vejo, perigosamente agarrada ao mastro, por um braço, uma silhueta... É Papa-leaiaina, que, estendendo para o ar, na direcção da dupla piroga, o braço que tem livre, parece implorar para nós a protecção dos deuses!

Irei eu panejar para diminuir o andamento e ter ainda uma última visão da silhueta querida,

109

ouvir no espaço um último grito de aloha!... Não! Proa ao largo!... A pequena vedeta, numa poeira de borrifos, desiste da perseguição, vira de bordo e volta para terra... Daí a pouco não é mais que um pontinho claro sobre a água azul... que surge e se eclipsa nas ondas... e vai desaparecer no estreito!

Ao largo! Proa ao largo! O mar torna-se mais forte e entra frequentemente por vante: as «leis» que atirei para perto do mastro, no momento da largada, são levadas por uma vaga. Observo as pesadas grinaldas de flores... que no caminho sobem e descem nas ondas, como há pouco o Hualakai, e que como ele desaparecem...

Talvez que as encontrem amanhã, arrastadas por sobre os recifes, pondo manchas claras ao longo dessa pequena praia que as algarobas ensombram !...

A ilha de Oahu, que nos fica para trás, começa a esfumar os seus contornos. Grossas nuvens brancas se acumulam nos cimos. A chuva cai. Só se vê, acima do negro horizonte, uma claridade grande e difusa: a cidade de Honolulu!

Fixo um instante, na brisa que refresca, essa claridade distante, que também desaparecerá.

Na minha frente estende-se o grande Pacífico, a luta, os perigos talvez, mas também a doçura de longos meses de solidão, a sensação de ter que vencer essas três mil milhas de água, antes de encontrar a primeira escala... a ilhazinha de Futuna, perdida ao norte das Fidji!...

110

Pensava - custando-me a crer, de tal maneira ela foi brusca - na realidade da separação e na realidade da grande aventura em que acabava de me lançar...

arrastando nela o meu camarada... quando, metendo a cabeça em desalinho pela porta da piroga de bombordo, Tati me grita:

- Capitão! Capitão! Metemos água!... Vamos afundar-nos!

111

CAPÍTULO 7 --- Isto vai mal! Isto vai melhor!

9 de Março.

Há quarenta e oito horas apenas que andamos no mar... e a viagem não se anuncia auspiciosa !... Pergunto até como irá acabar tudo isto... Tati está desmoralizado e quer que eu o desembarque na primeira ilhota que encontrarmos!... É ainda uma pequena alegria que lhe poderei dar, visto que tanto insiste, mas o pior é não existir nenhuma nas proximidades: o primeiro recife de coral fica-nos, pelo menos, a dez ou quinze dias de bom andamento!...

Não me importo muito com isso... Se ele continuar naquela «desesperança», e os deuses permitirem que ela se não torne mais trágica, estou convencido de que, no momento de abandonar a dupla piroga para ir enraivecêr numa ilha deserta, Tati sentirá, sem que o saiba explicai que o Kaimiloa, a navegar, é ainda preferível ao banco de coral... Nos bancos de coral não existe nenhum ser humano; no Kaimiloa, ao menos, ainda tem o seu capitão, que não apresenta o aspecto de

112

quem quer brincar com a morte! Não me apetece nada morrer!, tem-me ele repetido estes anos. E então eu?...

Quando, na primeira noite passada no mar, fui despertado pelo grito de: «Capitão, metemos água! Vamos naufragar!» desci logo a juntar-me a ele na cabina e, para verificar bem o veio aberto, acendi os dois lampiões de petróleo... Fi-lo com estudada lentidão e sorridente calma. Demonstrar um domínio de mim próprio que nem sempre possuo tornou-se para mim uma coquetterie, pois Tati, desde a sua confissão de há dezoito meses, tornou-se «outro homem», segundo declara, quando afinal está exactamente o mesmo... Possui as mesmas qualidades, os mesmos defeitos e ma-nhas ... Uma das suas manias é querer, de vez em quando, exagerar-me a importância dum perigo. Deixando-se apanhar pela sua própria armadilha, comunica-me esse perigo de tal modo que julga que eu vou perder a cabeça...

Tati gostaria de me ver, pelo menos uma vez durante a sua vida de marujo, de cabeça perdida. Sinto tão bem nele esse prazer quase infantil que, em muitos casos, recebo as notícias que me dá com um sorriso, de que me dispensaria se não fosse aquela sua táctica. Como Tati não pode perceber a causa deste meu desprendimento perante o perigo, o sorridente desprezo que eu arvore leva-o à conta de uma «coragem» que eu não tenho, e só atribui a absoluta confiança que em mim deposito a qualquer dom misterioso que com

113

certeza provém de algum pacto secreto com o Diabo! Acendo, pois, com toda a calma, os dois lampiões e, com maior calma ainda, começo a inspeccionar.

Infelizmente, sabia, antes de partir, que mete-ríamos água e continuaríamos a metê-la. Devia, antes da largada, ter feito dois trabalhos... mais ou menos uma hora de faina... uma simples horazita, e não os fiz: um consistia em abrir alguns furos suplementares no casco, para permitir uma vazão mais rápida dos porões; o outro era a calafetagem das divisórias... Não os realizei porque sabia que a principal entrada de água se fazia pela parte do convés que a viga de ligação de vante tornava inacessível ao ferro e ao maço do calafatei e, portanto, aquilo duraria, enquanto durasse a viagem... e porque, se os buracos que existiam agora se revelassem insuficientes para certos andamentos, nos restava o recurso de tomarmos andamentos... mais comedidos!

Mas prever o remédio para um mal não tem o mesmo valor que teria a aplicação do remédio antes de o mal se manifestar... Podia, antes de ter largado para o mar, fazer os meus buracos e ter calafetado as divisórias... Quem mo impediu foi aquela multidão curiosa que enchia o cais na manhã da partida e cujos olhos ociosos, e muito provavelmente críticos, se teriam fixado em cada

114

um dos meus gestos! Se gosto de trabalhar... detesto, porém, fazê-lo rodeado de espectadores... Se soubessem que coragem me foi precisa para construir o Kaimiloa na praia d'Ala Moana, com esses milhares de visitantes, conselheiros e críticos eruditos!...

Mas, apesar de todas estas desculpas, o que não resta dúvida é que não saímos para o mar «na afinação» ! Houve descuido da minha parte... Ao percorrer com o lampião a divisória dita «estanque», que deixa, no seu fundo, a cada balanço do barco, filtrar a água na cabina *comme vache qui pisse» (falando à marítima), encontro nova desculpa... não tão má, esta. Comunico-a a Tati. E que, desde que andam barcos a navegar, não há exemplo, sejam quais forem as precauções tomadas e mesmo que tudo haja sido previsto antes da

partida, de se saber o que irá passar-se no mar. Portanto, não podemos acusar-nos de não estarmos «na afinação». Qual seria, nesse caso, o encanto da navegação se, podendo prever-se tudo em terra sossegadamente, nos tirassem o prazer de nos «desenvencilharmos» no mar?

Esta simples máxima marítima, que diz tanto na sua concisão, não terá já o seu valor?: «Na terra? A terra! No mar? O mar!»

No mar, um marinheiro deve, se é realmente marinheiro, safar-se das rascadas!.. . Que se lembre muitas vezes desta grande oração com que os nosso3 marujos marselheses imploram à sua santa padroeira, Nossa Senhora da Guarda:

115

«Oh, boa Mãe do Céu, tende piedade dos marinheiros que se encontram... em terra!...»

Porque aqueles que estão no mar, esses, que se desenvencilhem!

Pois bem, nós cá nos arranjaremos.

Levanto a cabeça!

Tati parece ter, à luz do lampião, as feições transtornadas pela angústia...

- A culpa é minha, confessei eu, devia ter acabado este trabalho antes de partir... Mas com todos aqueles sornas!

- Não é isso... capitão! geme o pobre Tati, não é isso. Quer que lhe diga? Já não tenho confiança... Olhe para esta água... Isto vai recomeçar!

Tentei gracejar:

- Já não tens confiança... Em quem? Em ti? Então estamos bem! Nada mudou! Nunca confiaste em ti mesmo, pois não? Há quatro anos a esta parte... que não nos têm faltado os avatares, hem! E esqueces que sempre escapámos deles!

E Tati declara logo:

- Já não tenho confiança... no barco !

- Mas tiveste, alguma vez, um minuto de verdadeira confiança nele? Sim, talvez, depois dos ensaios... Mas também isso não importa. O essencial é que... as nossas duas pirogas tenham confiança nelas

próprias, bastante confiança... para prosseguirem juntas o seu caminho, gentilmente, como duas irmãzinhas siamesas!

116

Esta alusão a que as duas pirogas poderiam separar-se parece transtorná-lo.

- Pois bem! grita-me ele, como se se aliviasse dum peso, já que o quer, aqui tem, vou dizer-lhe tudo: já não tenho confiança em si!

Eu desato a rir (um riso, aliás, bastante amarelo).

- Também isso não tem importância, meu valente Tati... porque te direi que sempre tive confiança em mim... mas tanta confiança que creio poder dispensar a tua.

Julgo que a possuo em dose suficiente para ambos!

Dou-lhe uma pancadita no ombro.

- Vamos, meu velho. Eu sei o que é isso... um resto de enjoo, não é verdade?... Sim, bem sabia ! Isso passa!...

- Mas esta água, capitão, olhe, há poucas horas que navegamos!...

- Pois bem! Vai-se tirar!... Vamos diminuir o velame e ficar apenas com o estai!... Teremos menos velocidade e os buracos de proa terão tempo para se despejar...

Entretanto, amanhã nascerá o dia!

Tati, como um autómato, começa a despejar pela porta alguns vinte grandes baldes de água que eu lhe enchi e, ainda como um autómato, ajuda-me a arriar a vela

grande e a mezena. Amarro o leme... e o Kaimiloa, aliviado, parece agradecer-me...

- Vês, disse eu a Tati, já não metemos água. Vai dormir, descansa, e não te rales...

117

Fico de quarto toda a noite... indo dum barco para o outro, lançando uma olhadela para as entradas de água...

Não há razão para desesperar. Será necessário, logo que o estado do mar o permita, fazer ainda vários buracos nesse casco... Bizarro... isto de fazer buracos no casco do próprio barco, para lhe esvaziar a água!

10 de Março.

Tati está doente.. . e este mar que não parece afrouxar!... Ontem à noite disse-lhe: deita-te, amanhã será dia! Não menti: à noite sucedeu o dia, mas um diazito enfarruscado, bem feio por sinal, com as suas nuvens encavalitadas. O mar tem aquele aspecto duvidoso que sabe adquirir quando prepara qualquer partida.

Nunca o meu camarada poderá recuperar o moral com semelhante atmosfera... E então se ele lhe era preciso! Partimos! Partimos com vento traseiro! E tarde de mais, agora, para fazer como na cantiga: «voltar bordejando».

Por volta das 8 horas o mar parece tornar-se mais manejável... Se eu aproveitasse para tapar essas divisórias da proa?... Armado com um bom martelo, bons pregos e tiras de borracha cortadas duma velha câmara de ar, começo o meu trabalho. Sem grande entusiasmo, no entanto, porque, ao abrir os paneiros, verifico, pelo madeiramento completamente seco, que não é ali que se deve

118

procurar a causa das entradas de água; o meu gesto apenas tem um alcance moral! Como lastimo que esta verificação faça que o execute sem entusiasmo!...

Tati, despertado pelas marteladas, arrasta-se para fora da cabina... Inspira-me dó! Triste natureza humana, esta nossa! Aquele rapagão que, há quarenta e oito horas ainda, podia, com o seu vigor, causar na praia de Waikiki o espanto dos desportistas estava reduzido a um farrapo... Bastou um pouco de enjoo, agravado por um possível enfraquecimento moral... Pergunta-me:

- Já consertou?

- Sim, tapei as duas divisórias ; e acrescentei: - O mar parece que caiu um bocadito, não é verdade ?

Penso, ao dizer-lhe isto, tornar a dar-lhe um pouco de alento, a esperança dum tempo mais propício. Depressa compreendo que ele interpreta o meu pensamento de modo diferente: acabo de lhe falar no mar menos forte para lhe censurar de maneira disfarçada, pensa Tati, ter sido a causa do pouco que andámos desde a partida, apenas com o estai, e exprimir-lhe assim o meu desejo de largar de novo todo o pano...

Por isso, não se querendo atrasar, propõe-me bruscamente:

- Se tornássemos a içar a vela grande? Antes mesmo de reflectir, respondo:

- Combinado, vamos a isso!

Enquanto fazia a manobra, pensava: «Atenção

119

ao que vai suceder! Vamos tomar velocidade e começar a ferrar o beque na água; o porão vai encher-se outra vez e Tati sofrerá nova crise!» E certo e sabido!

As duas horas da tarde fazemos as nossas 7 milhas: é maravilhoso ver o Kaimiloa investir para o sul!... A brisa refresca ainda e uma olhadela para a canoa basta para confirmar as minhas tristes previsões.. . A água, através o tabique--estanque, pôs-se de novo a esguichar para a cabina. Tati, pálido e transtornado, jaz na sua tarimba. Finge que dorme, mas eu sei que está acordado. O ruído da água a marulhar no fundo deve até mantê-lo bem desperto... Esgueiro-me para fora da cabina e amaino mais de metade da vela grande.

Mal terminei esta manobra, volta-me a aparecer à porta da cabina a cabeça do meu camarada... mais miserável e desalinhada ainda do que na véspera... E eu digo, então, no tom desprendido que as circunstâncias permitem:

- Estas malditas divisórias, hem! Parece-me que o meu trabalho não vale um prego!

Tati arrastou-se para fora e encontra-se agora na minha frente, com os olhos espantados, tornados mais turvos ainda pelas olheiras do enjoo...

- Acabou-se, começa ele em voz baixa, acabou-se!

Sinto uma piedade infinita e, como percebo que ele ainda vai dizer mais coisas, espero...

Então, tal como um dique que cede à forte pressão da água que encerra, declara:

- Não posso mais, capitão! Não posso mais, não quero morrer. Suplico-lhe, capitão, que me deixe na primeira ilha que encontrarmos... Esta água! Tenho medo dela.

Não quero morrer, e tenho medo! Já não tenho confiança! Sou um covarde!

- Não, meu bom Tati, tu não és um covarde. Se o fosses, não terias partido... Não queres morrer? Pois bem! Julgas que és só tu a pensar assim? Também eu não quero morrer! Nunca a vida me pareceu tão bela... Vamos, isso passar é o teu enjoo!...

- Não, capitão, não! Não é o enjoo!... Já não tenho confiança! Tenho medo! - As lágrimas vêm-lhe aos olhos e, com voz tão comovida que revolve o coração, continua, quase a soluçar:

- Abandono-o! Sim, abandono-o! Deixe-me sozinho numa ilha, já não posso mais, tenho medo, abandono-o!

Pego-lhe pelo ombro e sacudo-o. Este gesto simples parece acalmá-lo um pouco...

- Bem sabe, capitão, que a minha ideia era voltar para a China depois do naufrágio e reconstruir um junco como o Fou Po! O capitão não quis. A culpa não é minha!

Este barco é ideia sua! No princípio prometi ajudá-lo e tudo tentei para isso! Fiz mal, agora é que vejo, não tinha confiança, eu sabia que isto acabaria mal... Não posso mais, sou um covarde! Sou um covarde!...

Suplico-lhe que me deixe numa ilha. Sei que continuará a viagem sozinho!

E acrescentou, com grande espanto meu e sem ele próprio notar como era ilógico :

- Creia que serei o primeiro a felicitá-lo à sua chegada a França!

Realmente é para se ficar pasmado! Ele não tem confiança no barco nem em mim e, no entanto, o triunfo completo dum e doutro parece não lhe deixar dúvidas...

Vê-se mesmo liberto da sua ilha deserta e de volta a França para assistir à chegada triunfal do Kaimiloa !

Já não percebo nada!... Estará ele convencido do desastre que espera o Kaimiloa! Ou não estará?

Desisto de esclarecer esse mistério... Mais tarde se verá... O essencial, neste momento, é reduzir o pano e tornar a fazer a manobra da véspera...

- Vamos, meu velho, combinado, plantar-te-ei na próxima ilha! Mas, enquanto esperamos, temos de alcançá-la... não achas ? Arriemos a vela grande e deixemos correr apenas com o estai.

E, como na véspera, o barquito, alijado, passando das suas 7 milhas para 3, mergulha menos nas vagas e a água, retomando um nível conveniente nos porões de vante, cessa de entrar nas cabinas...

Passo uma noite péssima... Nunca vi Tati em tal estado de depressão. Com tão poucos dias de mar... Voltar pelo mesmo caminho? Nem se

122

pensa nisso!.. • Atingir a terra mais próxima levará ainda alguns longos dias... E em longos dias, sobre o mar, pode passar-se tanta coisa!... Se ao menos esta água escura, este vento lúgubre e estas nuvens baixas... Sol! Sol é que nos falta! Gostaria de ter sol!

Quarta-feira, 11 de Março.

O mar continua agitado de és-nordeste. Tempo de rajadas. A brisa tem tendência para rondar para este. Sobre as nossas cabeças passam nuvens que despejam tal quantidade de água sobre o tejadilho das cabinas que o barulho ressoa como se ela caísse sobre a pele muito esticada dum tambor. Faço um prato de macaroni... o primeiro prato realmente cozinhado, com queijo ralado e molho de tomate (Os italianos podem aparecer!).

Tati come com apetite: bom sinal! O moral revive! Abrimos uma garrafa de vinho... Um luxo! Desta vez temos uma cave bem fornecida: duas caixas, presente de amigos franceses de Honolulu. Ah! o poder do vinho da França: por um pouco que Tati não esquecia que caminhávamos ontem numa corrida certa para a morte!

No fim do último copo, sente-se um balanço; ele nem sequer deita a cabeça de fora para verificar a «união» e convencer-se, mais uma vez, com ar admirado, de que «nada cedeu».

123

Sexta-feira, 12 de Março.

O brandal do mastro grande está quase a ceder sob a força do vento: a tracção faz-se sobre um fio de aço que une o casco à plataforma, num ângulo demasiadamente agudo. Vejo com satisfação que Tati desce, sem dizer palavra, para a embarcação de estibordo, tira duma prateleira um bocado de fio de aço sobresselente e começa a fazer a união dos dois cabos... Agora é certo! O moral está já «fino»! Ao meio-dia o trabalho está pronto.

Decidimos então modificar amanhã, e de igual modo, o brandal de bombordo.

Desta vez preparo um prato de choucroute, enfeitado com salsichas (Podem vir agora os alemães!)... e tornamos a abrir uma garrafa de vinho!

Pela primeira vez, desde a nossa partida de Honolulu, vemos sinais de vida no mar e no céu: um cardume de peixes-voadores, que se espalham em leque à nossa proa, e duas «fragatas», que planam, imóveis, no céu tormentoso.

Penso, ao ver aquele primeiro cardume de peixes-voadores, no papel quase maravilhoso que em certos meios científicos se pretende que eles desempenham em vista duma possível explicação das antigas migrações marítimas dos polinésios. Recordo-me, que no decorrer duma conferência que fiz na Sociedade de Antropologia de Honolulu, mostrando a dificuldade, sob o ponto de vista marítimo, de explicar uma migração voluntária

124

contra ventos e correntes, sem o auxílio dum método astronómico, apareceu um «doutor» que, com a maior das seriedades e à míngua de recursos, me expôs que esses navegadores polinésios de outrora se serviam, para calcular a sua rota e encontrar o seu rumo, das indicações fornecidas pelo... voo dos peixes-voadores...

Ao ouvi-lo, não pude conter uma gargalhada. Que humor, pensava eu, têm estes americanos! Mas enganara-me: o doutor falava a sério, pois sucedeu-lhe um sábio etnologista que, com seriedade digna da situação que ocupava, apoiou, com a sua elevada autoridade, aquela explicação, que eu tomara como farsa! Em consequência, modifiquei o meu riso de franca alegria para simples sorriso... Não sei, porém, se esse sorriso não seria mais desagradável ao etnologista do que o riso franco o fora para o doutor!

Tati participa-me que acaba de ver um enorme bonito saltar nas proximidades do barco.

- Depressa, guarneçamos a linha! grita-me ele. E, enquanto eu me alegro por o ver retomar interesse pela vida de bordo, ele estende-me o anzol...

- Para que serve isto, afinal? Não verifiquei bem a lista dos víveres e a American Factor Cy. esqueceu-se de nos entregar... sal... Uma fritura sem sal não vale a pescaria!

Tati tem razão, não vale o trabalho, pelo menos, por agora. E verdade, estamos no meio do salso oceano, sem sal... Passaremos sem ele...

125

mas é bastante original sabermos que temos fartura de provisões: latas de carne, sardinhas, salmão, choucroute, feijões, frutas, vastas reservas de macarrão, arroz, leite, café e chá... nada esquecemos ... excepto dois quilos de sal!

Hoje, pela primeira vez depois da partida, faço o ponto... O sol entre duas nuvens mostra-se fraco. Também pela primeira vez me sirvo do magnífico sextante que me ofereceram, com encantadora delicadeza, há um ano, dois amigos, o Sr. e a Sra. George Moffett, de Maryland: é um instrumento maravilhoso, que me consola do estado lastimoso em

que foi encontrado esse outro sextante, amigo de tantos cálculos, num canto do casco rebentado do Fou Po! Esse guardo-o como relíquia. Este novo e luxuoso sextante possui uma pequena particularidade que me encanta: no punho oco, estão colocadas duas minúsculas pilhas eléctricas que, sob a pressão dum botão, iluminam o nónio... e, como tenho a mania das observações nocturnas... Que pena não ter esse instrumento no Fou Po ! Aqui, no Kaimiloa, adeus estudos, longas estadias na tranquilidade tropical, derivando dias após dias nas correntes equatoriais, em busca dos mistérios da vida do Pacífico!... Aquilo que prometi a Tati cumprirei!... Caminho! Voltaremos o mais breve possível a França!

Não andámos nada mal com o nosso único estai e uma mezenazita de nada. Não resta dúvida

126

de que nos desviámos um pouco para oeste do caminho previsto, mas depressa recuperaremos isso quando pudermos içar todo o pano e fazer um andamento normal, o que, aliás, não tardará: o tempo parece melhorar. O ponto ao meio-dia deu-nos: latitude 14°47' norte. Longitude 162°10" oeste.

13 de Março.

Muitos instrutores navais se admirariam com certeza ao saber que, apenas com alguns metros de superfície de velame, fizemos, desde a partida, uma média de 85 milhas por vinte e quatro horas; e os de terra mais ainda, só vendo do Kaimiloa o seu aspecto exterior (não é ele quase tão largo como comprido?)

Ao meio-dia a brisa refresca um pouco, mas com tendência para «esticar»: parece querer rondar de leste para nordeste. Não resisto: mais um bocadinho de pano na vela grande!

Deslizamos na água azul... Infelizmente, não pudemos ainda fazer os buracos de vazão no porão dianteiro e a água volta a entrar na cabina... Ao cair do dia, despejamos a água e, para passarmos uma noite tranquila, reduzimos pano.

14 de Março.

Sinto, pelas quatro horas da tarde, o meu maior arrepio desde há muitos meses.

127

Estou tranquilamente estendido na minha tarimba a rever os meus cálculos. Tati, na outra tarimba, volta-se e torna a voltar-se, pega num livro, tenta ler e, com o espírito alheado, larga-o... Vejo-o inclinar a cabeça de vez em quando para o fundo do barco, que se loriga por uma das tábuas do soalho.

Por fim, não podendo mais, desabafa:

- O outro barco deve ter água... Vou despejar alguma!

Desaparece.

Alguns minutos mais tarde, ouço, de fora, um grito de chamamento... que primeiro me parece vir de muito longe: Capitão! Capitão!

Eu escuto!... Torno a ouvir o grito, mas desta vez cheio de angústia:

Capitão! Capitão!

Corro para a ponte e fico mudo de espanto: acabo de verificar que a porta da embarcação de estibordo, para onde se devia ter dirigido Tati, está fechada a ferrolho, pela parte de fora !... Na ponte, ninguém.

Pronto, Tati caiu ao mar! Navegamos a sete milhas, com vento pela popa, e o mar está picado.

Foi só o tempo de mudar de bordo, de bolinar e regressar ao mesmo local... Mas não há nada a fazer... está perdido! Sobem-me suores frios à testa. Precipito-me para a cana do leme, para virar de bordo e tentar o impossível. Viro o leme para o vento.

Os meus olhos pesquisam o rasto. Fico admirado por não ver subir na onda um ponto a debater-se

128

ter-se e a querer manter-se à superfície, lutando contra o medo e os tubarões... Pobre Tati!...

O Kaimiloa começa a dar voltas... Uma vaga apanha-o de lado... e então... então... ouço uma voz, a mesma, a de Tati, sempre longínqua e angustiada: Capitão! é capitão!

Eu grito:

- Mas, santo nome de Deus, onde estás tu?

- Aqui!

- Aqui, onde?

- Mas, aqui, na cabina! Este estupor do fer-rolho fechou-se sozinho, com um balanço!

Abro. Ele está muito calmo, eu transtornado de feições.

- Pregaste-me um bom susto, julguei-te caído ao mar.

Tati parece muito feliz por me ver comovido ... O meu coração é que necessita de alguns minutos para se acalmar...

129

CAPÍTULO 8 --- Isto vai cada vez melhor!

29 de Março.

Latitude 10 30' sul, longitude 166° 10' oeste. A brisa está boa de ésnordeste. Esta manhã apanhámos um grande atum vermelho: não resistimos ao prazer de pescar um peixe.. . Pesa, aproximadamente, 100 quilos. E, afinal, para quê? Depois de nos havermos cevado nele o dia todo, somos obrigados a deitar ao mar mais de dois terços! Por volta das 9 da noite, distingi no horizonte o fumo de um vapor... Ataco-o com «Morse», mas presumi demasiado da minha ciência de telegrafista: há já dois anos que não fazia sinais e logo às primeiras palavras engasgo-me. As malditas letras que eu mais esquecera parecem ser justamente aquelas que mais aparecem... De repente assinalo (ou julgo assinalar), em subs-tância, que sou o Kaimiloa, dupla piroga, partida de Honolulu em 7 de Março, a caminho de Futuna, tendo como tripulação dois frenchmen; que dese-jam seja assinalada a sua

passagem, e que tudo vai bem a bordo... Percebeu? Se eles perceberam

130

é porque são uns ases da sinalização: merece, na verdade, o nome de telegrafista quem traduz aquilo que lhe «quererem» transmitir... Para tornar maior a minha atrapalhão, esse vapor, como resposta, começa a sinalizar, com um andamento que me parece desordenado, urna quantidade de coisas. Não posso senão interpretar sempre as três primeiras letras da sua frase: «G-. O. T.. . .» Na minha vaidade, satisfaço-me em crer que ele me comunica got your message (compreendi a sua mensagem), mas, logo que desapareceu, não pude deixar de pensar de modo diferente. Maçado, com certeza, com a minha maneira de empregar os sinais ópticos, certamente que ele não repetia uma frase começando, claro está, por estas três letras, G, O, T, mas alguma que, em vez de continuar por your message, se completava pelas letras O Hell go to hell, o que em bom francês quer dizer: *Tu m'ennuies; va-t'en au diable !

30-31 de Março. 1 de Abril.

Três dias de bela navegação, sol, mar azul, céu azul, boa brisa regular... Não temos outro remédio senão ler, trabalhar, meditar... e dizer que a maioria das pessoas pensa que nós somos «desportistas» ! Hoje, 1 de Abril, estamos a 7º 05'5" sul e 167º 20' oeste. Se tudo correr bem, chegaremos a Futuna no prazo dum mês... O prazo que eu, afinal, fixara como provável aos jornalistas de Honolulu...

131

só para os embasbacar! De tal modo que um deles, céptico, falando-me da célebre aviadora Amélia Erhardt, que devia partir de Honolulu dias depois de nós para a sua travessia do Pacífico, me respondera: - Vamos! Vamos! Capitão, não exagere! Quer fazer-nos acreditar que o Kaimiloa tem asas e chegará a Sonralaya antes de Amélia!... .

Para me distrair, ou antes, para ocupar as minhas horas da noite, ponho em ordem algumas notas que me forneceu o meu amigo doutor Stokes, de Honolulu... .

Essas notas têm uma relação muito vaga com os estudos polinésios que eu prossigo, mas desejo, no entanto, publicá-las, para as tornar conhecidas do público francês. Trata-se dum estudo um pouco especial, feito por esse sábio, sobre o famoso capitão Cook, o explorador do Pacífico a quem cabe a honra da descoberta das ilhas de Havai.

Como me desgostou verificar que o grande capitão deixara má reputação nas ilhas! Tudo o que sobre ele li em Havai o descreve como um «vilão» e como o autor responsável de todas as desgraças e maldições que recaíram, pela vida fora, sobre a pobre raça polinésica. Cook, tal como La Perouse, Bougainville e outros de nobre estirpe, haviam sido os meus heróis da mocidade. Nas horas em que conseguia libertar-me do encanto um pouco doentio que sobre mim exerciam outros marinheiros, os de «corso» e flibusteiros, gostava de me transportar,

132

no meu amor pelo mar, àqueles mesmos que o amaram o suficiente para se entregarem à sua conquista...

E não podia suportar que emporcalhassem a memória do maior de entre eles...

Como certo dia contasse ao doutor Stokes algo da minha desilusão, vi-o sorrir através da barbicha grisalha:

- Não tem razão, confiou-me ele, conserve a sua admiração pelo capitão Cook! Venha visitar-me amanhã... e eu lhe explicarei por que nasceu essa má reputação... Fornecer-lhe-ei todas as provas históricas.

2 e 3 de Abril.

Continua o bom tempo... Brisa fraca de leste. Deitamos, sem nos cansarmos, as nossas 110 milhas por dia. Noite de 3: mar revolto, céu coberto, chuva, refregas curtas, mas violentas, de és-sudeste.

4 de Abril.

A brisa esmorece e cai. Calma podre durante toda a noite.. . Não fizemos 5 milhas, nas últimas vinte e quatro horas... Felizmente que a corrente de oeste transforma aquele andamento em 30 milhas. Latitude 10°06' sul; longitude 169° 10' oeste.

133

5 de Abril.

Mudei de rumo. Às 2 horas da manhã aproo, para reconhecer um pequeno banco de coral, a ilha Swains (170 milhas aproximadamente ao norte das Samoa). Não me importei de ver essa terra, para rectificar a marcha do meu cronometro. Deixei Tati de quarto, recomendando--lhe que vigiasse bem... Quando aproo a uma costa, colho sempre mais pano... que o devido... Foi um hábito prudente que me ficou do Fou Po! Tati parece-me realmente mudado: no Fou Po estava sempre a dormir, ao passo que no Kaimiloa permanece, pelo contrário, de olhos bem abertos... Enfim, mais vale prever o possível regresso da doença do sono!...

Foi ele que avistou os primeiros topos dos coqueiros na nossa frente, ao nascer do sol... No momento do toque da faxina para o mata--bicho, às 8 horas, estamos a 3 milhas, ao sul. Tiro uma série de profundidades para verificar o «Estado absoluto». Mais tarde farei os cálculos. Por agora só quero gozar a paisagem da primeira terra encontrada desde a partida de Honolulu. É sempre impressionante ver essas ilhas baixas, tufos de coqueiros que uma simples língua de areia reluzente separa do oceano, emergindo alguns metros apenas dos abismos... que são aqui duma profundidade de quase 5000 metros!

Quem ousará explicar os mistérios da formação destas ilhas coralinas! Foi o grande Darwin

134

quem, com o seu génio tão vasto, forneceu uma explicação do fenómeno: segundo o seu parecer, os bancos de coral seriam apenas devidos ao abatimento do solo submarino, ficando as terras a um nível

suficiente para permitirem a vida e crescimento desses minúsculos seres que, vivendo e morrendo alternadamente, constroem sobre os altos fundos muralhas com os seus esqueletos calcários e são, por isso, a causa duma nova emergência. A sua explicação é ainda, no momento actual, o que de melhor se encontrou, mas parece, no entanto, dever adaptar-se dificilmente a certas regiões do Pacífico. Esta teoria poderia adoptar-se com bastante facilidade para arquipélagos como o das Pidjis, onde o estudo das profundidades permite reconstruir com alguma exactidão (tendo em vista o número relativamente importante das sondagens) as curvas de nível e formar-se assim uma ideia bastante exacta do que teriam sido outrora os relevos de terras de mais vasta extensão actualmente imersas. Tal teoria torna-se, porém, difícil de admitir para arquipélagos como o das Ellices, das Gilbert, das Phoenix, onde cada um dos ilhéus que os compõem se ergue, quase a pique, de enormes profundidades e (tanto quanto algumas raras sondagens permitem dizê-lo) de fundos geralmente regulares.

Outra teoria célebre, que explica o fenómeno de emergência pela retirada das águas do oceano, poderia explicar também, com um pouco de fantasia, a existência das planuras coralinas. A infelicidade,

135

no entanto, permite que às vezes se encontrem a grande altura sobre as colinas de certas ilhas. Os homens possuem uma tendência instintiva para decidir que a terra só foi construída para uso exclusivo das suas conveniências: é a sua «casa» e, como toda a casa que para eles construísem, querem-na estável, sólida e quase eterna: repugna-lhes a ideia de que ela possa, sem sua autorização, modificar-se; preferem, para lhe explicar as transformações, fazer mover as águas, com as quais, pensam eles, nada têm que ver.

Numa palavra, estas duas principais teorias explicam muita coisa, mas não tudo. Será, sem dúvida, necessário investigar ainda mais e noutros lados...

Tenho a impressão de que também aí encontrámos a solução dum problema antes de havermos estabelecido todas as incógnitas: no dia em que conhecermos melhor o relevo dos fundos equatoriais, centro dessas formações coralíferas, talvez então cheguemos a lançar um

pouco mais de verdadeira luz sobre a vida e as pulsações da nossa móvel habitação terrestre!

O ilhéu de Swains, situado 100 milhas ao sul de Fakaofu, a maior das terras do grupo Tokelau, segundo indicam algumas sondagens realizadas nos seus arredores imediatos, está cercado, a 20 milhas pouco mais ou menos, por um abismo de 5000 metros de fundo! Portanto, completamente isolado, geologicamente falando, de todas

136

as terras circunvizinhas (Tokelau, ao norte, e as Samoa, a umas 170 milhas ao sul).

Nesta pequena ilha, pertencente aos Estados Unidos, vive uma família americana... Invejá-la-ia, se a ilha não fosse tão baixa e se no seu centro, dominando um pouco as verdes palmas dos coqueiros, se erguesse uma simples colina onde eu pudesse edificar a minha palhota. Então, gozando o horizonte infinito, poderia apreciar melhor a solidão!

5-6 de Abril.

Calma! Calma! Alguns pequenos sopros de oeste! Depois do norte! Também a brisa parece sentir-se bem neste canto do Pacífico: vagueia e não faz o mínimo esforço para girar para outro lado... O mar e o céu estão duma beatífica quietação. Nem um peixe salta, nem um pássaro voa... Uns e outros, em recantos só deles conhecidos, devem pavonear-se ao sol e ao longo da mareta... A mareta, aqui, é, aliás, também bastante caprichosa... Vem devagarinho, mas poderosamente, um pouco de toda a parte, do norte umas vezes, depois de leste e de sudoeste, combinando-se, aumentando de amplitude, para desaparecer de repente!

137

7 de Abril.

Calma, sempre calma. Já faz três dias que isto dura... Como o mar é imenso e belo!...

Tati começa a achar o tempo demasiado longo... Para o consolar, digo-lhe:

- Não te rales! Isto há-de mudar um dia! Não há memória de que, sobre canto algum do mar, a calma haja durado sempre !

Lembro-lhe então este encorajante aviso que o meu monitor de aviação dava em Pau aos alunos mais nervosos que deviam realizar as primeiras acrobacias:

- Partam, partam sem receio. Subam ao ar e não se ralem. Vocês voltarão! Não há memória de que um avião haja ficado sempre no ar!

E acrescento:

- Para a calmaria e os barquinhos que navegam serve a mesma receita! Isto não dura sempre, senão encontraríamos ainda aqui algum daqueles pesados galeões espanhóis que vinham em 1600 do México às Filipinas. Talvez mesmo (pena é que assim não seja) encontrássemos também, vítimas da calmaria, algumas velhas duplas pirogas da Polinésia, antepassadas do Kaimiloa. E, como esses marinheiros dos diabos faziam as suas maravilhosas viagens inteligentemente acompanhados pelas esposas, talvez encontrássemos ainda sobre as suas carcaças alguns descendentes, guardas fiéis das grandes tradições náuticas!

Perguntar-lhes-ia donde vinham os pais, quando a calmaria os surpreendera,

138

para que margens navegavam e por que motivo tinham querido mudar de céus e ilhas. Isso permitir-me-ia informar os senhores sábios da América e algures, evitando que eles torturassem de mais as meninges para encontrarem novas hipóteses que comprovassem as antigas. Havia de pedir--lhes que me explicassem bem o emprego da famosa sacred càlabash que quiseram atribuir-lhes, em substituição do sextante, ou, na sua falta, qual era o seu segredo para se orientarem no grande Oceano; como é que liam o caminho a seguir, no voo dos peixes-voadores, na direcção da mareta e na rebentação das vagas,

como é que calculavam a sua direcção exacta sobre a água e operavam, na terra procurada, uma aterragem limpinho, ...
Por volta das quatro horas da tarde a brisa levanta-se do nordeste.
Fazemos os nossos 5 nós. Aqui está o que deve ter acontecido aos pesados galeões de Espanha e às estreitas duplas pirogas da Polinésia!

8 de Abril.

Ao amanhecer observamos o mais elevado cume de Savaí, a mais oeste das Samoa, no sul-sudeste verdadeiro.
Como gostaria de poder parar em todas estas terras avistadas!
Infelizmente, precisamos de fazer caminho para França, o mais breve possível... para poder voltar também o mais depressa possível.

139

Dessa vez espero ter bons instrumentos de estudo...

9 de Abril.

É noite. Refregas violentas acompanhadas de chuva e rajadas de nor-noroeste a oeste... A costa desaparece na bruma. Dobramos a ponta oeste de Savai a 10 milhas. Deus do céu, como é lindo o Kaimiloa investindo para o sul!

Esta noite uma refrega do nor-noroeste cai-me em cima sem prevenir... soprando com uma força que parecia rebentar tudo... Deitei o nariz fora da cabina e fiquei impressionado com o emporcalhado aspecto do tempo: há meia hora apenas, havia ainda tantas estrelas brilhando no céu!...

Precipito-me para a adriça da vela grande debaixo duma tromba de água que me fustiga o sangue.

Alguns metros de escota a caçar, e pronto. Torno a saltar para a cabina. A manobra toda não levava um minuto!

Num veleiro vulgar, o velame iria pelos ares antes de o haver metido nos segundos rizes, como era indispensável, e a manobra exigiria pelo menos quatro homens (três para se debaterem com o velame e o último para a cana de leme).

Se se tornassem conhecidas para os grandes cruzeiros as vantagens das velas chinesas, no mar apenas se veriam velas de bambu!...
Um quarto de hora depois, calma podre...

140

Existe nesta região uma forte corrente oeste de 35 milhas. A corrente equatorial parece-me ter aqui as suas fantasias.

10 de Abril.

Avistámos a pequena terra vulcânica, Tafahi, erguendo o seu cone perfeito de 600 metros de altura por detrás do horizonte. Esse ilhéu depende geologicamente, com a ilha Keppel, do arquipélago das Tonga. Encontramo-nos num país de recifes marcados no mapa com as interessantes iniciais P. D. (posição duvidosa)...

Como gostaria de poder fazer algumas sondagens e passar uns dias, semanas, meses, anos até, em semelhantes paragens!... Tenho de renunciar por esta vez a rectificar um pouco os mapas. Em vez de me comprazer a rondar nesta zona para a estudar, levo toda a noite a afastar-me dela e tenho a vaga impressão de que não cumpro o meu dever de marinheiro!

Temos uma bela brisa de oeste, acrescida de feias refregas, felizmente de curta duração.

12 de Abril.

Desde ontem que a brisa retomou por fim a direcção és-nordeste. Ao meio-dia estávamos pelo través desse estranho ilhéu Ninafu, mais conhecido no Pacífico pelo nome de Tin Gan Island, por causa da maneira, um pouco especial, como o serviço dos correios lá costuma deixar a correspondência.

141

Ninafu não tem porto, e uma acostagem, mesmo com um barco de pequena tonelagem, só é possível com muito bom tempo.

A sua população compõe-se, no entanto, de mil indígenas e dum europeu. Até estes últimos tempos, quando o barco-correio era avistado, um indígena ia a nado ao seu encontro. Deitavam-lhe o correio numa caixa de folha soldada.

Tudo correu muito bem até ao dia em que um tubarão, sem dúvida coleccionador de selos, engoliu a caixa e parte do funcionário. Hoje os indígenas servem-se novamente das pirogas. Podem dar graças a esse tubarão, que os fez voltar aos hábitos antigos.

Ninafu é uma ilha vulcânica circular, de cerca de 4 milhas de diâmetro, formada por uma coroa de rochedos íngremes e cobertos de matas, encerrando no lugar da antiga cratera um vasto lago de água doce a 25 metros do nível do mar. Disseram-me que se encontram ali as maiores nozes de coco do Pacífico, e, entre os pássaros raros que a habitam, há um, denominado malua, que põe o maior ovo que pode pôr um pássaro em proporção à estatura...

Ninafu parece antes estar ligada geologicamente às Tonga, como Tafahi, do que às Fidjis, mas, decerto, nada tem com as Samoa. Vestígios de submersão.

Aproemos a Futuna! Ainda faltam 170 milhas!

13 de Abril.

Esperava distinguir Futuna antes do pôr do sol... No horizonte, nada: o tempo está claro,

142

mas brumoso para oeste. Ao cair da noite, amaino e meto de capa para aguardar a madrugada...

14 de Abril.

Ao amanhecer aproamos na direcção de Futuna: a brisa sopra fresca do nordeste... Há muitos bonitos e pássaros pescadores, nestas paragens.. . As majestosas «fragatas» causam de novo a nossa alegria picando sobre os peixes-voadores e apanhando-os em pleno voo sem nunca molharem as asas, ao passo que outras espécies, menos elegantes na

sua forma de caçar, deixam-se cair como pedras e apanham-nos mergulhando... Estes últimos deixam-se também muita vez roubar pelas «fragatas», de bico para bico... As «fragatas» são, na verdade, os «reis» das aves do Pacífico!

Às 9 horas avistámos, desenhando-se no horizonte límpido, a linha acidentada das colinas de Futuna e Alofi...

Resolvo passar entre as duas ilhas... Aproximamo-nos. Fico logo encantado... A floresta desce até ao mar, povoando as longas praias de areia branca e agarrando-se a enormes restos de rochedos outrora precipitados do alto das montanhas por antigos cataclismos... A ilha de Alofi parece deserta: apenas algumas cubatas abandonadas ... Como seria bom viver ali!

Costeamos a ilha oposta, a de Futuna, e os seus recifes. Em frente de uma aldeia que o mapa designa com o nome de Alo, homens, mulheres e

143

crianças avançam para o mar, correm ao longo da praia, agitam palmas e fazem-nos sinais de boas-vindas. Depois, a arriba torna-se mais escarpada e o nosso alegre cortejo vê-se obrigado a abandonar a perseguição... Fazem-nos sinal para que paremos e deitemos ferro nas águas do seu domínio, Gritamos-lhes que vamos para Sigave, que fica algumas milhas mais longe...

A brisa, leve e perfumada, favorece-nos: entramos na baía deslizando apenas sobre a água. Que remexida em toda a parte!... Erguem-se fumos de todos os cantos da montanha. Deve ser um acontecimento a chegada dum barco aqui! Uma multidão, envolta em «páreos» de cores claras, comprime-se já no embarcadero... Um barquito destaca-se. Há um branco com uma mulher a bordo... e alguns belos espécimes de humanidade morena, para a manobra.

Donde vêm? Como encontraram esta ilha? São as primeiras perguntas feitas... enquanto os indígenas, excitados e depois interditos, repetem uns aos outros, na sua colorida linguagem, frases em que a palavra lualua se ouve constantemente - lua lua, o nome das duplas pirogas polinésias dos seus antepassados!...

O europeu e sua mulher são os únicos comerciantes do sítio: o Sr. e a Sra. May, da Austrália... Participaram-lhes, há mais duma hora, que se avistava uma vela que entrara pelo canal entre Alofi e Futuna, e eles haviam rido... Boa piada, pensavam. A não ser o barco das «Messageries»,

144

que vem todos os três ou seis meses das Novas--Hébridas por algumas horas, não haviam avistado nunca qualquer barco... Só acreditaram quando viram com os seus próprios olhos o Kaimiloa mostrando a ponta do nariz à entrada da baía. Os indígenas pregavam-lhes tanta vez destas partidas!...

Ofereço-lhes um cigarro. O Sr. e a Sra. May ficam estupefactos diante do meu maço de «Lucky Strike»: há um mês que só fumam tabaco indígena... Ao menos uma vez, o nosso barco pode mostrar-se luxuoso.

- Vêm de Honolulu ? Com esse barco ?

- Sim, senhor!

- E para onde vão?

- Para França!

Os esposos May olham-se... Entendem-se sem falar: antes de morrerem, pensam eles, que estes pobres diabos tenham ao menos um pouco de bom tempo na terra!...

- Quantos dias aqui se demoram ?

- Uns quinze!

- Pois então passá-los-ão connosco!

Uma hora depois, rejuvenescidos por um bom duche e por uma hospitalidade oferecida com evidente boa vontade, encontrávamo-nos, com esses dois novos amigos, que a comum aventura do Pacífico, ainda que vivida de modo diferente, nos tornava simpáticos, diante dum bom whisky and soda!...

145

CAPÍTULO 9 --- Futuna

Eu tinha particular empenho nesta escala por Futuna, devido ao seu isolamento. Não estava ela também situada no meio das grandes rotas de migração que estamos habituados a atribuir aos misteriosos polinésios ?

Poucos brancos a habitaram, excepto um ou dois padres das Missões católicas, padres maristas.

É conhecida a história de muitas ilhas do Pacífico... Assinaladas, primeiro, por um barco de exploração; visitadas, de passagem, por outros, tornavam-se, uma vez conhecida a sua posição, em ponto de escala e de reabastecimento para baleeiros. O tráfico dos baleeiros chamava o negociante. Este era, felizmente, perturbado no seu comércio de exploração e envenenamento do indígena pela chegada do missionário. E, como o missionário era, a maioria das vezes, o destruidor de velhos usos, tinha, para sua protecção, de apelar para as autoridades militares do país a que pertencia e, então, apareciam os barcos de guerra. Assegurada a ordem por acordos mais ou menos

146

oficiais com os chefes indígenas, surgiam outro» negociantes: o comércio recuperava os seus direitos e os indígenas perdiam os deles!...

Futuna possui uma grande vantagem sobre muitas outras ilhas isoladas; a progressão pareceu parar por completo nos missionários... Os seus indígenas não têm ainda hoje que sofrer muito com os benefícios da civilização!

Futuna e a sua vizinha imediata, Alofi, fazem parte (com a ilha coralífera "Wallis, a 120 milhas a és-nordeste) das colónias francesas da Oceânia. O residente deste pequeno grupo vive em "Wallis, vantagem (se assim lhe posso chamar) que este ilhéu deve, menos à sua importância do que às calmas águas que protegem o seu recinto de coral e permitem aos navios visitantes encontrar ali um ancoradouro de toda a confiança. Futuna só tem uma aberturazinha na sua costa oeste: a baía de Sigave, que constitui um bom abrigo quando os ventos sopram de leste... Se se anuncia mudança de brisa (o que, aliás, é frequente de Dezembro a

Abril, que é também a estação do» ciclones tropicais), o navio no ancoradouro, limitado nas suas rotações, tem de fazer-se ao largo a toda a pressa, para não apanhar para o seu tabaco. Futuna e Alofi foram descobertas em 1616 por Lemaire e Schouten. Bougainville, em 1768, viu-as, mas sob uma bordada que fez com que as tomasse por uma só... Deu então a essa terra isolada o nome característico de «Filho perdido».

147

Em 1801 chegam os primeiros missionários.. . London Missionary Society tenta lá desembarcar os seus pregadores e os caixotes de Bíblias... E a época em que, sob pretexto da religião, se consegue interessar as boas almas de Inglaterra e de outros sítios pelo amor da humanidade e em que se criam, sob essa etiqueta, poderosas sociedades cujos fins nem sempre são desinteressados... Os bravos futunianos, que com certeza gostam de viver a seu modo, dão então a entender aos recém-desembarcados que podem muito bem passar sem a sua preciosa companhia. Os agentes da London Missionary Society sentem-no bem e voltam pelo mesmo caminho. Experimentarão algures e ensinarão a viver melhor outros «selvagens» que habitem terras mais hospitaleiras. Em 1837 desembarcam os primeiros missionários franceses. Também eles encontram a mesma hostilidade, mas, tendo, sem dúvida, um ideal diferente dos outros e uma fé mais mística na necessidade do seu apostolado, ficam... o que lhes concede a honra de virem a ter o primeiro mártir da Oceânia: o bem-aventurado P.º Chanel... Corajosa e nobre figura de missionário! À luz dos conhecimentos um pouco mais profundos que hoje possuímos sobre as raças indígenas do Pacífico, não podemos, na verdade, acusar os futunianos de selvajaria por este assassínio: o mesmo se teria dado noutro sítio qualquer, pois o P.e Chanel torna-se culpado, desde a sua chegada, dum crime considerado em toda a parte de «lesa-majestade»,

148

crime agravado, aliás, por manobras de usurpação de poder!...
E, com efeito, por ordem do rei da ilha que ele é assassinado. Porquê?
Por motivos que tanto em Futuna como em Paris ou Londres
reclamariam nessa época a pena de morte. Não veio ele, um estranho,
semear a revolução na ilha, repetindo, para quem o queria ouvir, que
era o representante de Deus na terra, que só a religião que ele pregava
era verdadeira, que a recebera do próprio Deus, de quem era o porta-
voz?... .

Perigosa doutrina essa! Porque S. M. o rei de Futuna, continuando a
tradição de inúmeras gerações de outros reis da ilha, afirma aos seus
vassallos... exactamente as mesmas verdades: é ele, em Futuna, o
representante de Deus; o rei dos futunianos é mesmo mais do que o
porta-voz da palavra da divindade, mais do que um seu representante,
ele é a própria reencarnação do grande Fakavelikéré... o seu
tabernáculo vivo!...

Esses dois representantes dum Deus, o mesmo, se bem que
diferentemente chamado, não poderiam entender-se bem: o P.e Chanel
é o próprio a assinar a sua sentença de morte. A execução já não tarda:
o tempo material necessário aos indígenas e ao seu rei para bem
penetrarem o sentido e o espírito dos seus discursos!

Devemos crer que toda a ideia propagada com fé e todo o ideal vivido
até ao supremo sacrifício de si mesmo trazem neles os seus frutos.
Sanguis martyrum..., O Pe. Chanel morreu, mas vieram

149

outros depois... Hoje toda a ilha é católica... tão católica, nas suas
práticas exteriores, pelo menos, que o Papa de Roma não tem com
certeza no mundo mais fanáticos praticantes, não só dos Mandamentos
de Deus e da Igreja, senão também das regras dominicais. Mais adiante
voltarei a falar do assunto.

Hoje, a descendente directa do matador do P.e Chanel abandonou para
sempre o vestido de tapa das suas irmãs, renunciou às flores de tiale ou
de fan que lhe ornavam a cabeleira, para se cobrir com o pesado hábito
de pano preto orlado de azul, pôr à cintura um comprido rosário e
esconder os negros cabelos debaixo da alva cornette da irmã de

caridade. Pude vê-la ostentando esse hábito com o mesmo santo orgulho e a mesma dignidade que as suas admiráveis irmãs de França!

Torna-se difícil, creio, encontrar ilha mais pitoresca do que Futuna, do que, sobretudo, a sua vizinha Alofi.

Os seus vales profundos, escarpados pela longa erosão dos séculos, descem em montões de verdura para a praia... Até o próprio mar parece ceder a este poder invasor da vegetação... Em determinados sítios da costa, essa verdura, levada pela vitalidade do seu impulso, continua o assalto vitorioso para o oceano...

interrompido, aqui e além, apenas por uma simples barreira de fina e reluzente areia. Em face desta natureza transformada

150

por algum antigo cataclismo, sentimos a alma perturbada pelo poder desordenado da vida e a sua tranquila poesia.

Não sou geólogo - e lastimo-o. Futuna e a companheira devem ter escrito nas suas rochas uma longa e interessante história. Aos meus olhos de profano, estas duas ilhas não são mais do que o resultado de numerosos levantamentos do solo submarino, sobrevividos em épocas sucessivas, mas demasiado rápidos para que permitissem às madréporas o trabalho construtivo dos platós submarinos.

A ilha de Alofi, especialmente, dá bem essa impressão: é construída em andares sobrepostos sobre três níveis planos, recortando-se nitidamente a pique, assim como três gigantescos degraus que subissem para o céu, compondo-se cada um de corais colocados sobre um substratum de pedras vulcânicas: o subsolo. Em cada um desses andares se descobrem espantosas cavernas e grutas cujo estudo faria a alegria dum geólogo... Noto também ao longo da costa de Futuna enormes blocos de rochedos basálticos, nitidamente corroídos pelo mar, cuja deterioração se encontra a um nível 3 metros mais alto, pelo menos, que o nível médio actual das águas, como se esta costa tivesse sofrido um impulso vertical relativamente recente. . .

Essas duas ilhas não oferecem, aliás, nenhum vestígio aparente de erupção vulcânica moderna. As lendas (aquelas, pelo menos, que os missionários

151

puderam coligir) nunca a tal se referem. Contudo, as enormes e por vezes impressionantes fendas abertas ao longo dos platós coralinos indicam a frequência dos tremores de terra. E os indígenas, que têm, como toda a Polinésia, uma facilidade espantosa para poetizar as manifestações de força da Natureza, lembrando-se sempre do seu velho Deus, que o Deus dos cristãos destronou, dizem que é o poderoso Fakavelikéré, há tantos anos já adormecido sob Alofi, que por vezes se volta, na sua cama, para mudar de posição!

O estudo da antropologia em Futuna lança nova luz sobre esta prática que nos sentimos tentados a classificar, genericamente, como um hábito selvagem!

Nunca se deve perder de vista que a antropologia só tem de comum com o canibalismo o aproveitamento alimentar da carne humana. O espírito que dita este acto é, porém, totalmente diferente: um é de essência puramente religiosa e o outro é apenas o resultado dos apetites mais grosseiros da natureza humana...

Um antropófago não matará pelo prazer de variar a sua ementa, ou pela necessidade de manter uma população crescente num nível compatível com as possíveis produções da ilha; um antropófago não comerá carne humana, por gosto; fá-lo-á por respeito e, direi mesmo, por amor... O atractivo físico do alimento não existirá para

152

ele e o seu gesto alcança até, por vezes, toda a grandeza da «comunhão»... Um filho comunica assim com o espírito de seu falecido pai e o espírito dum chefe ou dum sábio comunicar-se-á aos vivos. Disto se depreende a razão por que, após o combate, os guerreiros vencedores consideravam uma festa comer os inimigos que tombassem

valorosamente, afastando com desdém os cadáveres daqueles que não haviam sabido morrer!...

Se quisermos considerar que no homem existe sempre uma centelha da divindade, o que os selvagens admitem tão bem como nós, não haverá maneira de os acusar por essa prática (enquanto ela conservar a sua pureza de espírito). De facto, eles não procedem por forma essencialmente diferente da dos «comungantes» de outras religiões.

Mas, dirão, se é certo que eles procuram com essa comunhão a transmissão dum princípio vivificante e divino, é igualmente certo que se alimentam, como

selvagens, da carne dos seus semelhantes... Também aqui não existe algo de muito diferente, em princípio: basta que se recorde o dogma da «presença real»... o pão e o vinho, o corpo e o sangue...

O canibalismo, pelo contrário, não passa da degradação duma nobre prática; o homem torna-se no animal: quer viver, sobreviver, unicamente... Também neste ponto, como no caso de Futuna, ela pôde tornar-se, em certa época, uma necessidade grosseira. Mas devemos admirar-nos tanto?... Quem é que não conhece as tristezas da nossa

153

natureza animal, selvagens ou civilizados que sejamos?!

Semelhantes instintos, credes vós, só podem revelar-se em degenerados, em seres inferiores e selvagens, ou com qualquer outro qualificativo que nós tanto gostamos de aplicar àqueles que julgámos diferentes de nós! Desenganai-vos. Nós temos, nós os brancos, muitos exemplos de canibalismo que certamente envergonhariam alguns selvagens que conheço. Basta que se recorde o mais lamentável de todos: a história da jangada da Medusa. Escolhi este exemplo porque eu próprio pude viver as mesmas horas trágicas, horas mais angustiosas talvez, porque me senti morrer de fome no mar, ao passo que os outros tinham apenas...

medo de morrer de fome !

Depois do naufrágio da fragata sobre o banco de Arquim, ao longo das costas do Senegal, uma parte da equipagem refugiou-se numa enorme jangada

(inegavelmente mal construída, diga-se de passagem). A jangada parte à deriva. Embarcaram nela víveres e água. Passados apenas quatro dias, essa gente, que tem medo de morrer, começa a matar: uns, com medo de se afogarem... atiram-se à água, com grande alegria dos tubarões; outros, os que receiam a fome, começam a comer a carne crua dos seus semelhantes assassinados !!!

Pois eu estive um mês sem comer. Se nunca senti nascer em mim o desejo de matar o meu bom amigo Tati, para lhe cortar um bife...

154

(e essa ideia contou-me ele depois que também nunca lhe passara pela cabeça), houve, no entanto, um pensamento que ambos confessámos ter tido: se um de nós morresse, não atiraríamos todo o seu corpo aos tubarões.. . Tornar-nos-íamos canibais. Lembro-me até de que, mais tarde, quando recuperei os sentidos no hospital de Molokai, ao ver inclinarem-se para mim as faces tão rosadas e rechonchudas dum doutorzito chinês, senti, mais uma vez, que um «civilizado» pode, em certos casos, ter tentações de canibal!

Ora sobre uma ilha deserta do Pacífico a população aumenta às vezes numa tal proporção que a comunidade chega a não se alimentar convenientemente:

aparecem então os espectros da doença e da fome. Será de admirar que surjam no homem os instintos mais animais, quer ele pertença à raça morena, amarela, preta ou branca? Não houve mais selvagens em Futuna do que na jangada da Medusa... ou no decurso de certas expedições polares, e outras... Nem todos os homens aprenderam ainda a morrer: há aqueles (no geral, creio eu) que receiam a morte, e o instinto de viver, por força, é ainda para eles o único que lhes dita a conduta a seguir.

A prova de que o canibalismo não constitui em Futuna um costume especialmente reservado aos «selvagens» está no facto de se ter vivido lá centenas, talvez até milhares de anos, sem se conhecer tal uso. Segundo as pesquisas minuciosas dos primeiros missionários, foi apenas por

155

volta de 1800, no tempo do rei Veliteki, que semelhante prática foi introduzida... Como ? Muito naturalmente, pois não se queria morrer nesse canto do Pacífico.

Nessa época, Alofi contava 1500 habitantes; Futuna, 4000. No final do período canibalesco, as duas ilhas não contavam mais de 850 habitantes. Hoje (consolador espectáculo, devido antes à influência benéfica dos missionários, que souberam evitar a seus «filhos» os contactos da nossa civilização e do comércio duvidoso que ela representa, do que aos desgraçados medicamentos que lhe dispensam com parcimónia) a população elevou-se para 2000.

Essa população de 5500 habitantes em 1800 é, senão uma desculpa, pelo menos uma explicação à introdução do canibalismo.

Nessa época um ciclone passa sobre Futuna e Alofi, deixando tudo arrasado... Acabaram-se as plantações de taro e os coqueiros foram arrancados. Sobre essas ilhas, já demasiadamente povoadas, cai a fome. Que se passa? Com certeza começam por comer os seus mortos... porque queriam viver... Pouco depois, dando provas duma inteligência de civilizados, fazem a guerra: comem os mortos... e, então, é uma orgia: os homens não são mais do que feras !

O predecessor imediato desse rei que decretou a morte do P.e Chanel foi o mais célebre dos antropófagos. Entendia ele, sem dúvida, que, sendo rei, devia fazer as coisas com realeza... e chegou-se a pontos de se ver na mesa de Sua Majestade

156

catorze cadáveres muito bem assados (ele, aliás, repartia-os nobremente pelos senhores da sua corte e restante família).

O rei Miliki, seu sucessor, compreendendo que com tal regime os seus vassallos estavam sujeitos a desaparecer (e que, com eles, desapareceriam as vantagens dos seus reais atributos), decreta a abolição do canibalismo! Um velhote tenta fazê-lo desistir da decisão tomada e conta-lhe que teve um sonho em que lhe apareceu o próprio Fakavélikéré, que lhe declarou :

- Vai procurar o teu rei e diz-lhe a minha vontade: «Quero ver o meu povo tornar a voltar à alimentação dos deuses!»

E o rei respondeu ao velho :

- Não duvido nem do teu sonho nem das palavras que o grande Pakavéikéré me transmite pela tua boca: obedecerei e tu serás o primeiro a ir para o espeto, festejando a volta aos antigos usos! Nessa época, de 1500 habitantes, Alofi não possuía mais do que... 50; e Futuna, de 4000, estava reduzida... a 800... Era tempo de acabar com tal costume!...

Aqui deve fazer-se uma observação - e uma observação importante. Reconheçamos, pois, como selvagem esse primeiro rei que deixa implantar o canibalismo na sua ilha... não lhe concedamos mesmo as circunstâncias atenuantes... a fome... Mas... Mas, então, como havemos de chamar a esse outro rei seu sucessor imediato?... A mesma raça,

157

o mesmo sangue, a mesma educação, e esse decreta a sua abolição... e tudo isto, notem bem, sem os conselhos de um civilizado e sem a menor pressão exterior.

Não seria ajuizado concluir que a natureza humana é a mesma por toda a parte ?... Existem «civilizados» entre os selvagens... e mais selvagens, talvez, entre os civilizados.

Foi nas ilhas geograficamente situadas nos limites daquilo a que se convencionou chamar a Melanésia e a Polinésia que muitas vezes se julgou encontrar a solução do mistério: qual é a origem da raça polinésica? Quais foram as suas rotas de migração?

Futuna, pela sua situação e isolamento, deveria, mais do que qualquer outra ilha, ajudar a que se desvendasse o mistério. Infelizmente, só foi feito sobre o assunto um estudo bastante recente e consciencioso, tratando o mais cientificamente possível do caso, mas (segundo a confissão do missionário que lá vivia há cinquenta anos), inexacto em muitos dos pontos capitais, e isso devido, como em várias investigações desse género, à amável facilidade que têm os pretos interrogados em sentir o que é preciso dizer... para agradar!

Futuna merece de novo ser estudada, pois nessa ilha há mistérios ainda por esclarecer, como, por exemplo, o de se encontrarem nos costumes

e caracteres físicos dos seus indígenas tantos traços polinésios como melanésicos, ao passo que a sua

158

linguagem é polinésica pura, semelhante à de Samoa, e a dos seus vizinhos de Wallis se assemelha à de Tonga.

Uma das características dos indígenas da ilha (que prova uma ciência da vida que outros deveriam esforçar-se por adquirir) é esta: conhecendo o dinheiro e os seus usos, eles não se tornam escravos dele. Conservam aqui, graças aos missionários, que lhes evitam, na medida do possível, todo o contacto com visitantes indesejáveis, essa mentalidade que tanta admiração causou a Elis, da London Missionary Society, aquando do seu primeiro contacto com os indígenas de Tahiti. Como esse missionário desejasse ensinar-lhes que o trabalho era abençoado pelo Céu (sobretudo quando feito com vantagem para os seus representantes na terra) e tentasse persuadi-los de que esses representantes vinham para os recompensar com lindas chitas de cores berrantes e mil objectos manufacturados em Inglaterra, os indígenas responderam-lhe:

- Tudo isso que nos mostrais, todas essas coisas novas... nós gostaríamos de possuir ! Mas... dizeis-nos que para isso é preciso que trabalhem para vós... Isso não nos agrada muito! Preferimos passar sem as lindas coisas que nos mostrais e só fazermos aquilo a que estamos habituados... O taro, a árvore do pão, a noz de coco, etc., tudo o que os deuses nos deram, cresce e é colhido sem esforço... O peixe abunda na laguna e é para nós um prazer a sua pesca. Por que pretendeis então que estraguemos a nossa vida com trabalho inútil,

159

que só nos trará como recompensa coisas que dispensamos ? O missionário concluiu que eles não passavam duns horríveis preguiçosos, quando na verdade eram apenas uns sábios. Se todas as pessoas se convencessem, na época actual, de que o trabalho útil é nobre e o inútil ridículo, tornar-se-iam talvez mais úteis à comunidade. Não será um tanto ridículo decretar um trabalho inútil, nobre e grande,

pelo simples facto de não sermos suficientemente inteligentes para organizarmos um trabalho útil ?

A verdadeira ciência da vida material consiste, creio eu, em seguir o exemplo desses taitianos de outrora: encontrar o meio de trabalhar o menos possível,

procurando a maneira de, com esse mínimo de trabalho, realizar o máximo da vida, tornando-a o mais sã possível. Não encontraram eles essa solução difícil... «esses selvagens» do Pacífico, com a sua aparente indolência e a sua preguiça... tão apregoada... e os seus maravilhados corpos tão ágeis e musculados... com a sua pseudomiséria, sim, mas com os corações quase sempre alegres ?

Os futunianos conservaram também a sabedoria dos seus antepassados: com certeza se deixaram tentar pela leve chita, os sabonetes cheirosos, os frascos de perfume, o tabaco e todas as coisas que não podem obter do comerciante senão com dinheiro! Mas limitam os seus desejos apenas a essas coisas... Um exemplo: as ilhas de Futuna

160

e de Alofi, só com os coqueiros que lá nascem e crescem por toda a parte, podem com facilidade produzir 1500 a 2000 toneladas de copra. Os indígenas

descobriram que, colhendo apenas 600 toneladas, têm dinheiro suficiente para pagar os seus pequenos caprichos... Que fazem então? Não colhem mais... O resto cai aos pés dos coqueiros? Pois decerto! Bem tentaram fazê-los trabalhar. Calculem, a 1000 francos a tonelada por época: fartaram-se de rir! As 600 toneladas são o bastante para terem, durante o ano, tabaco, alguns frascos de perfume (para os homens) e algumas peças sobresselentes de chita para as suas beldades... tendo em vista o grande acontecimento social de cada semana: a missa do domingo!

A missa dominical em Futuna é qualquer coisa!... A partir de sexta-feira, abandona-se o trabalho. As famílias espalhadas pelas duas ilhas deixam as suas palhotas provisórias e tomam alegremente o caminho das aldeias: Sigave, na costa oeste, e Alo, na costa sul... O dia todo de sábado é empregado na preparação da festa do dia seguinte: barrela,

limpeza geral das cubatas, grinaldas de folhagem, flores para a decoração da igreja e, sobretudo, a preparação da cabeleira... A cabeleira é o ponto convergente de todas as manifestações da coquetterie futuniana: ao sábado encontram-se elegantes de ambos os sexos com os cabelos empastados numa massa branca, mistura tendo em vista o desengorduramento, com base em leite de cal. A seguir vem a pintura, que vai do castanho-avermelhado

161

ardente ao amarelo-palha claro... Essa tinta vermelha é obtida por um cozimento de raízes de «ama», um arbustozinho do país, e o amarelo com madeira de sândalo... A vista em conjunto das cabeças dos fiéis na igreja é das mais surpreendentes, porque à cor dos cabelos reúne-se o imprevisto dos penteados e da maquilhagem.

Os penteados têm um corte especial. A suprema beleza para um futuniano consiste em ter um feitio de cabeça de maneira a que o pescoço e a nuca fiquem no mesmo alinhamento: chama-se àquilo ulupapa... Obtêm isto pela compressão do crânio, que praticam desde a infância (este uso da deformação artificial do crânio foi sempre muito espalhado em certas regiões do Pacífico, o que fez com que os sábios medidores, que o ignoravam, tirassem daí falsas conclusões e que as classificações de tipos e raças que delas dependiam mais falsas fossem ainda! Este costume da deformação artificial, mesmo depois de conhecido, e com o andar dos tempos, em nada mudou as classificações obtidas, algumas das quais ainda hoje servem de base a sábias hipóteses).

A tinta, transformada numa espécie de betume, conserva nas cabeleiras o feitio que se lhes quer dar: a moda actual em Futuna parece-me tender para um prolongamento agressivo do pescoço e da nuca para o céu, partindo em ângulo recto da testa em direcção às fontes, num corte em bicos meticulosamente alinhados...

162

Alguns toques de vermelho, aqui e acolá, entre as tatuagens (o que nas mulheres indica que se separaram do marido e não se importariam de arranjar outro).

Lastimo não ver já os indígenas empregarem esse uso, tão peculiar da sua ilha, que consistia em dividir o rosto em quatro quadrados simétricos: dois pretos e dois vermelhos!

Não falto à missa nos dois domingos da nossa estadia. Tudo corre, aliás, com a maior cerimónia: uma igreja de Madeleine, em Paris, mas em miniatura. Lá vemos o 'porteiro e o bedel, faltando apenas os uniformes, é claro.

Noto ali o que nunca notei na Madeleine: bedéis de sentinela a cada uma das portas da igreja... Estão encarregados, segundo me disseram depois, de tomar nota dos retardatários e de os designar ao rei da ilha.. . que, para lhes provar o seu descontentamento, os multa. E então que multa!...

O regime político da ilha é muito fantasista... Em 1888, os missionários católicos fazem os indígenas reconhecer a nossa bandeira e estabelece-se um protectorado oficial... Os reis das aldeias de Sigave e Alo conservam o poder sobre os seus vassallos. Em 1917, o residente, de "Wallis, pede a anexação, mas nada se ratifica.

Porque, por sua livre vontade e sem esperarem por um processo que com certeza se encontra pendurado nalgum canto de ministério, os indígenas, de acordo com os seus reis, pagam a taxa de capitação...

163

(actualmente são 40 francos por ano). Futuna ó, pois, anexada sem o ser. O corajoso P.e Haumonté, que há cinquenta anos vive na ilha e lá representa o Governo francês, deixa os reis muito quietinhos; os vassallos deixam também os seus reis muito sossegados e os reis, por sua vez, deixam o velho missionário e os seus subordinados em paz.

Só haverá selvagens, na hora actual, capazes de viver em paz?

Imaginem o que seriam 2000 «civilizados» a viver numa ilha!... Não crêem que em breve se sentiria a necessidade de haver Polícia?... E um tribunal, e uma prisão, e estabelecimentos de auxílio aos desgraçados, assistência pública, eu sei lá? Todas essas belas instituições

necessárias àqueles que julgam saber viver!? Aqui, em Futuna, não há nada disso!

O residente, de Walis, quer um dia, para mostrar o seu zelo e fazer ver que se ocupa da sua longínqua dependência, dar relevo a Futuna...

Para isso, ordena a criação duma estrada entre as duas aldeias... O P.e Haumonté sabe, sem dúvida, que as estradas que se constroem através das ilhas, para melhorar as condições de existência dos indígenas, só têm um fim: servir apenas para o carro do residente; e que, além disso, o residente de Futuna nunca terá automóvel e morrerá até sem o ter visto (pois ainda os não havia quando ele partiu para as ilhas), mas transmite, no entanto, fielmente as ordens aos dois reis da ilha. E os reis consultaram os seus vassalos: o carreiro que liga

164

desde sempre as duas aldeias não é o suficiente?... Convertê-lo numa estrada de cinco metros de largura dá muito trabalho. E, ainda por cima, trabalho escusado, visto que a necessidade de o executar não se faz sentir... e, como atrás expliquei, os indígenas de Futuna têm o bom-senso de saber evitar toda a fadiga inútil... Mas o residente falou e é preciso obedecer... Agora os reis que organizem as fainas. Mas, como formar as brigadas? Naturalmente com aqueles que infringissem as regras reais estabelecidas na ilha!...

Acreditarão? A estrada espera há anos... por trabalhadores, porque, entre esses 2000 entes humanos que vivem como «selvagens», nunca se apanhou nenhum em falta!

A estrada parecia, pois, nunca mais ser feita quando os reis, querendo à viva-força apanhar em falta os seus vassalos, inventam um delito novo... um delito inédito, numa ilha que está sob o protectorado republicano da França. . . Um dia decreta-se: «Será castigado com três dias de trabalho na «estrada» todo o indígena que chegar atrasado à missa de domingo» !

Eis o que justifica (aquilo que não existe na Madeleine) um bedel às portas das igrejas, explicando não somente a sua função, como também a sua facção: estão encarregados de recrutar trabalhadores para a estrada!

A missa é, na verdade, o grand social event! O rei, Te Tamole, aparece lá em toda a sua dignidade!
Os missionários perceberam com certeza que

165

nunca se ganha nada em querer matar completamente, com outros ensinamentos, as tradições seculares; o erro do P.e Chanel serviu: desde que Futuna existe, o rei é considerado pelos seus vassallos como a expressão viva do «Deus todo--poderoso»... Não seria imprudente e descabido, da parte dum missionário que chegou tarde, destroná-lo brutalmente e impor-se, com exclusiva vantagem, às boas relações divinas? A população inteira abraçou depressa o catolicismo, é claro. .. mesmo demasiado depressa, até, se reflectirmos um pouco...

Quando os hábitos ancestrais se curvam às exigências da nova religião, essa nova religião não deverá também curvar-se às exigências duma tradição talvez abandonada, muita vez esquecida, mas, no entanto e na sua essência, sempre presente na alma dos novos convertidos?... E essa essência de todas as tradições não é, não será sempre, a mesma? Seria injuriar a inteligência dos missionários supor que eles acreditam que os seus novos fiéis estão convencidos da real catolicidade da sua nova religião só pelo facto de a terem aceito e de seguirem as manifestações exteriores do seu culto.

Aliás, nunca os ensinamentos dos homens levarão esses outros homens a compreender e a conhecer a Deus, pois Deus não se compreende nem se conhece:

sente-se... A inteligência do cérebro mais esclarecido nada representa ao pé dessa visão interior que ilumina por vezes a alma do simples. E, sobretudo, pela facilidade que tem uma alma em

166

se tornar permeável, em se pôr em contacto com o infinito misterioso que a rodeia e compõe, que o homem poderá «sentir» a Divindade daquilo que o compõe e rodeia. Não haja confusões! Muitos seres humanos, que a cor da pele ou a diferença de costumes nos fazem com facilidade catalogar como «selvagens», vivendo mais do que nós em

contacto com a Natureza, e sentindo-a, portanto, melhor, conseguem muitas vezes comunhões tais com ela que as suas almas têm, mais frequentemente do que as nossas, a intuição profunda daquele que convencionámos chamar Deus. Muitos missionários, desses que souberam com coração amante e compreensivo debruçar-se sobre a alma dos selvagens, não puderam deixar de me exprimir a sua admiração a tal respeito... Por isso, não devemos admirar-nos quando alguns, infelizmente muito raros, se esforçam por harmonizar as tradições da sua religião com as tradições das religiões dos outros, cumprindo assim o maior gesto de amor e de compreensão humana, e dando um passo para a descoberta da única Verdadeira tradição perdida.

Mas voltemos ao nosso rei de Futuna: a alta posição que lhe conferem a sua cadeira e o estrado demonstra-nos que, embora um tanto decaído das suas altas prerrogativas divinas aos olhos dos novos senhores espirituais da ilha, conserva ainda entre os vassallos, ajoelhados à sua volta, a mesma situação privilegiada...

Admiro nele essa dignidade natural de chefe

167

polinésio, que causou o espanto dos primeiros exploradores do Pacífico: muitas vezes, olhando-o na sua pobre cadeira, se me afigurou vê-lo sentado sobre um trono magnífico. Com voz grave e bem timbrada, dirige os cantos litúrgicos, murmura as litanias e, sem vacilar, lança-se em intermináveis orações, que todos ouvem devotadamente, para responder num piedoso coro. Também admiro muito a disciplina e a decência com que homens, mulheres e crianças se aproximam da Santa Mesa da Comunhão. Lastimo, portanto, verificar que alguns deles conservem ainda um resto desse sentimento de pudor que tiveram a felicidade de desconhecer antes da chegada dos missionários e que hoje se estadeia, sobretudo, por chita a mais à volta dos seus corpos castanhos... A Futuna ainda não chegou aquela linda simplicidade da missão católica de "Wanoni Ray, por exemplo, onde passei um mês tão feliz no Fou Po: aí, os corpos dos fiéis, tanto na capela como na floresta ou nas praias, não tinham pejo em se mostrar a Deus tal como Deus os fizera.. .

Uma única nota cómica, da qual me penitencio, por haver sorrido num lugar tão santo: no momento da Comunhão, vejo o «Porteiro» avançar a passos lentos para a fileira dos fiéis ajoelhados e, com a sua comprida bengala, insígnia da autoridade, tocar no ombro dum velho indígena semi-despido! Quis chamá-lo assim ao sentimento das conveniências: esse bom velhote não se distraiu ao ponto de se aproximar dos Sacramentos tendo

168

no buraco do ouvido ama enorme «beata», ainda mal apagada na sua folha de bananeira ?!... Tudo é relativo!

Tive o prazer e a honra de receber a bordo o rei Te Tamole: conhece algumas palavras de inglês aprendidas no decurso das primeiras visitas às Fidjis e alguns termos em francês que aprendeu com os missionários da ilha. Explica-me, então, o motivo por que a nossa chegada causou tanta impressão nos seus vassalos...

Esta dupla piroga não é um vaka papalangi, não é um vulgar barco vindo dos países dos estrangeiros... Este barco só podia vir de Wallis ou de Samoa ou ainda do país inimigo de outrora... de Tonga... A nossa pele morena fez-lhes crer que a piroga era dirigida por homens do seu país. Alguns disseram mesmo que eram os descendentes dos seus grandes antepassados que chegavam, aqueles que um dia, para fugirem ao forno do rei canibal Veliteki, tinham desertado da aldeia de Sigave levados pelo vento leste (esta partida histórica de Futuna... foi devidamente comprovada: os fugitivos abordaram a leste duma ilha, ao sul das Novas Hébridas, à qual deram o nome de... Futuna, nome que ainda hoje conserva).

Compreendo agora a excitação dos indígenas ao verem aproximar-se o Kaimiloa... Mas senti bem, por mil pormenores, que, nesse povo de marinheiros e aventureiros dos mares que já não tem barcos, perdura ainda o amor pelo mar e o

169

secreto apelo dos longínquos horizontes. Quem ajudará, pois, numa inteligente evocação do passado, a fazê-los voltar aos antigos costumes e a ser o que eles eram? Quem virá restituir-lhes aquilo que perderam em muitas das ilhas: a alegria de viver? Que razões levaram esse povo de marinheiros a abandonar o mar, e tão depressa? Porque o P.

Haumonté, que vive há cinquenta anos na ilha, disse-me: «Na época da minha chegada, cada família possuía ainda o seu outrigger (piroga de balanceiro) e as viagens de ida e volta a Fidji eram frequentes... Muitos indígenas, mesmo, chegaram a Futuna vindos de Wallis... Hoje, como vedes, alguns raros pequenos outriggers nem sequer são empregados na pesca; quando muito, servem-lhes para irem à ilha de Alofi, a sua vizinha mais próxima, a fim de transportarem de lá alguns sacos de copra... e, às vezes, ainda voltam pagaiando».

Vi, no entanto, ontem, esses descendentes duma raça de altivos navegadores servirem-se duma bela brisa. Que pena! Havia-içado de esguelha uma ponta de esteira sem feitio e serviam-se dela sem arte... Por que abandonariam os futunianos o mar? Procurou-se dar a esta pergunta várias explicações, todas tão complicadas que pareciam autênticas. Este método de «classificação», que nos vem da Alemanha e que há a mania de empregar para tornar mais claros, dividindo-os, os dados dum problema, claro que se fez sentir nos estudos

170

respeitantes ao mistério polinésio. A má sina quer, infelizmente, que essa classificação seja baseada, na maior parte dos casos, em falsas concepções, o que torna o problema ainda mais obscuro. .

Autores de língua inglesa pensaram, por exemplo, a fim de tentar iam primeiro esclarecimento, encontrar dois grupos gerais nitidamente definidos e classificados, que deviam abranger todas as raças do Pacífico: os food proãucers, dum lado, ou seja, os produtores de alimentos (cultivadores e criadores), e os food gatherers, do outro, os errantes, os viajantes (os colhedores de alimento, aqueles que vivem à custa do país...).

O mais superficial estudo dos povos do Pacífico permite considerar como fantasista esta primeira grande classificação de raças numerosas e diversas em duas espécies. O exemplo dos Futunianos, sem irmos

mais longe, basta, por agora, para o demonstrar: há cinquenta anos apenas, essa população vivia ainda, e principalmente, da pesca e da viagem.

Os nossos sábios podiam, sem se enganar, catalogar esses indígenas, marinheiros e viajantes na categoria dos food gatherers! Ora, que é feito desses food gatherers no decurso destes cinquenta últimos anos?...

Tornam-se em autênticos food producers! Abandonam os seus barcos, as viagens e as pescas, por campos de taro perfeitamente irrigados; cultivam, em eidos, novos legumes desconhecidos dos pais e praticam a irrigação

171

mais inteligente: o marinheiro tornou-se lavrador!

Embora pese aos senhores sábios classificadores, eles não deixam de ser hoje, como há cinquenta anos, os mesmos verdadeiros polinésios!... Qual seria então o motivo que os levou a mudar em tão pouco tempo a sua maneira essencial de vida?

Também se poderiam emitir aqui as mais sábias hipóteses. Mas não bastará, ali, como noutro qualquer lugar, para se encontrar a explicação, colocarmo-nos na situação e na pele dos futunianos, nas duas épocas consideradas, e deixar depois que fale o simples bom-senso?

O «facto» novo, causa da Revolução, é a chegada dos brancos à ilha... Nós somos os causadores dessa mudança de vida... e (uma vez não é costume) a sua causa involuntária! Mas não merecemos por isso a menor censura. Não melhorámos nós tanto, desde a descoberta do Pacífico, a agricultura de certas ilhas, que uma mudança profunda não podia deixar de se produzir nos hábitos e na vida dos seus habitantes? Que não se esqueça: muitas dessas ilhas estavam praticamente, antes da descoberta e há centenas de anos, sem a menor comunicação com o mundo exterior!

Connosco acabou-se o isolamento: as numerosas escalas dos «baleeiros», o estabelecimento das diferentes missões, o tráfico dos traders são elementos de que se despreza muita vez o valor activo.

172

Qualquer que viaje nas ilhas conhece, por exemplo, o interesse que o indígena liga à introdução de plantas novas e de tudo o que em geral possa contribuir para a melhoria da sua vida material; compreende-se desde logo o papel benéfico (nesse ponto de vista, pelo menos) que desempenharam as escunas de outrora no decurso das suas numerosas escalas.

Como admirar-nos, então, desde que consideremos a grande fertilidade duma ilha como Futuna, ao vermos o marinheiro transformar-se pouco a pouco em

camponês? Para que havia ele de se dar ao trabalho de ir procurar fora o que encontra na sua terra com profusão? Por que há-de ele correr para a pesca, quando pode, sem trabalho, ter moas (galinhas) ou puahas (porcos) à volta da sua cubata, quando taro, yam ou kumara (batatas doces) crescem por toda a parte e quando, para variar a ementa, basta mandar a mulher com uma rede passear sobre o recife, a descoberto na vazante, para logo ter um bom peixinho frito para o jantar?!

E esta uma simples explicação, tornada mais definitiva ainda por esta observação elementar: por toda a parte onde a pesca deixou de ser uma necessidade, por todos os lados onde a terra foi bastante fértil para produzir com abundância e variedade alimentos novos, o tipo polinésio navegador e marinheiro desapareceu gradualmente. Notar-se-á, ao contrário, que a piroga, e com ela o espírito do mar, só se encontra nos bancos de

173

coral sem terra cultivável ou em ilhas de solos áridos e pobres!

Visto sentir-me com disposição de sorrir um pouco de certos métodos chamados científicos que tentam esclarecer o problema do Pacífico, falarei do jantar que me ofereceu S. M. Te Tamole, de Sigave, sobre a sua real esteira... e das reflexões etnológicas que ele me sugeriu.

Sabe-se que em antropologia também é de uso, ao repartir as raças humanas, empregar duas outras «classificações»: os povos que conhecem a olaria e os que a ignoram... estando assente que aqueles que não souberam ainda encontrar a arte e os benefícios dos potes de barro são muito inferiores em civilização... aos mais «primitivos».

Ora o rei de Futuna convida-me a partilhar da sua refeição. Não há neste festim, como aqueles que ofereciam os seus antepassados, uma boa dúzia de corpos humanos assados, escolhidos entre os melhores vassalos (os melhores de saborear, claro está), mas, sim, umas vinte mulheres e um cento de garotos, que rodeiam a palhota, mas comente como curiosos!... Os homens, como é terça--feira, foram trabalhar para as plantações do interior da ilha (a cultura é um trabalho reservado aos homens, naturalmente, porque a Natureza, generosa, se compraz em fazer por eles a maior parte).

Trazem uma sopa feita de lu, folhas novas de taro, cozidas no leite da noz do coco; nesta sopa cozem uma boa quantidade de deliciosos peixinhos

174

vermelhos... A sopa é trazida para cima da esteira por S. M. a rainha... A multidão (assim manda a delicadeza), desaparece; fica só a rainha, não como conviva, mas, sim, como criada, submetida aos nossos menores caprichos...

A sopa foi cozida à umu, quer dizer, à moda polinésica. O método é conhecido: num buraco cavado no chão, colocam-se grandes pedras previamente aquecidas ao rubro; sobre essas pedras escaldantes, prepara-se um leito de folhas de bananeira, sobre as quais se colocam as iguarias, para cozer, separadas umas das outras por novas camadas de folhas; quando o jantar está no forno, dissimula-se tudo sob uma espessa e última camada de folhas, esta, por fim, completamente coberta de terra... A refeição é assim «estufada», sendo difícil calcular-se a excelência e o sabor de semelhantes cozinhados!

Porém, o que mais me admira é que a sopa de lu (uma sopa, oiçam bem, que equivale a duas grandes terrinas sopeiras de família) também foi cozinhada no umu... mas numa simples folha larga de bananeira, habilmente dobrada, reforçada com folhas de árvore de pão, tudo ligado à sua parte superior por um pequeno atado de cipós...

A rainha vai buscar, então, a um arbusto vizinho duas folhas, faz em cada uma três pequenos entalhes, dobra-as com muito jeito e apresenta-as a nós... As folhas transformaram-se em pequenas conchas... perfeitas colheres ! Está deliciosa a sopa!

Vem, em seguida, um leitãozinho, com a sua carne rosada e perfumada pelas ervas do mato, juntar-se à sopa de peixes, sobre outra folha de palmeira.

Devo confessar que, então, inúmeras moscas pretendem antecipar-se ao rei e ao seu convidado, neste banquete... Inúmeras moscas? Creio mesmo que todas as moscas da ilha combinaram encontrar-se à mesa real, pois o porquito depressa desaparece debaixo daquela multidão turbulenta... Notando-o, a rainha vai buscar um abano e caça-as com gesto augusto e poderoso, sem se importar de que elas se afoguem na sopa fumegante.

À sobremesa, tomo a ousadia de fazer ao rei uma pergunta extravagante, que me atormentava desde o princípio do jantar :

- Por que ó, perguntei-lhe eu, que não empregam, para cozinhar a vossa sopa, panelas, boas panelas como as que usa o missionário e se vendem na loja? Não seria mais cómodo?

Ele olha-me de soslaio, com os seus olhos risonhos, e responde :

- Vaka Futuna.' (E a moda em Futuna...) Alguns dos nossos compraram outrora dessas panelas que vende o trader, mas depressa perceberam que a moda de Futuna... era a melhor !

- Como assim?

- Nós gostamos mais de não ter desses pratos, nem desses barros nem dessas coisas todas do mesmo fabrico, que se partem... Folhas de bananeira para tudo: como toalha, serviço de mesa,

terrina... Outras folhas servem-nos de colheres e os nossos dedos de garfos... Pois bem! Quando se acaba de comer, deitamos tudo fora; em cada refeição fornecemos-nos de novo «serviço» e... assim, nada fica para lavar!

Penso na classificação dos «sábios»... e concluo que estes polinésios, que eles catalogaram, não sem certo desprezo, entre as raças que não conhecem a olaria, são formidavelmente mais inteligentes do que aqueles... que a teriam inventado, pois, mesmo conhecendo-a, sabem

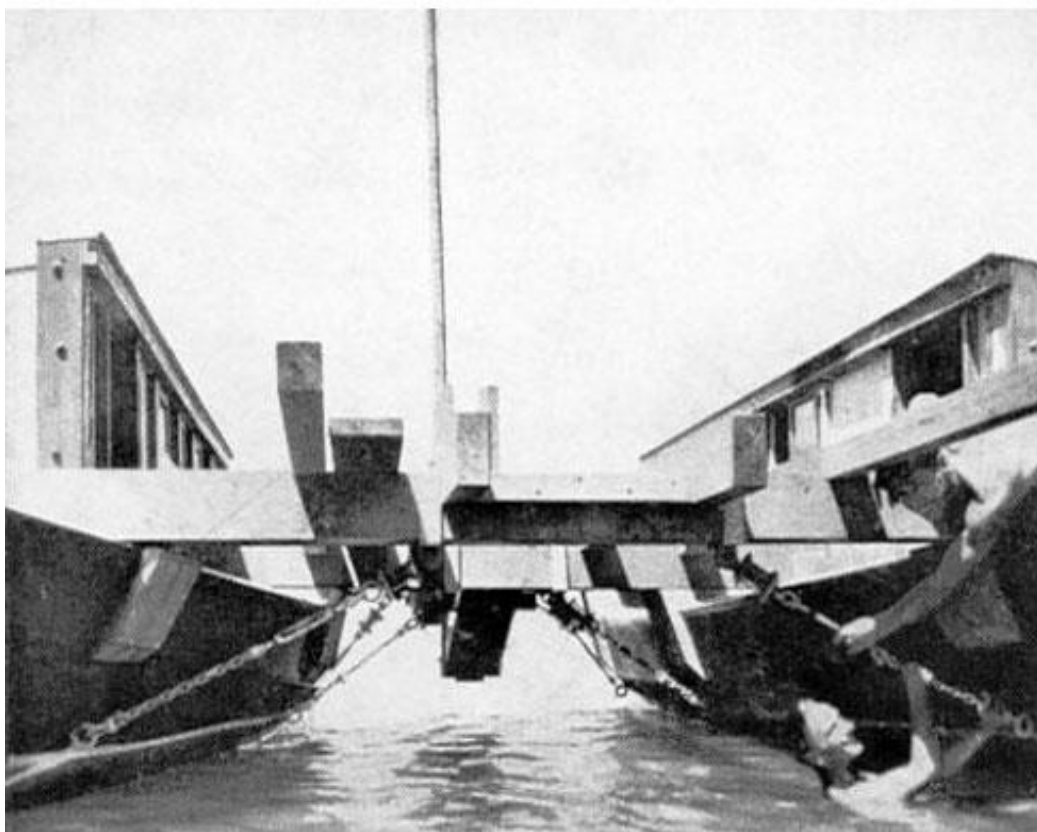
passar sem ela. A folha de palmeira foi-lhes dada por Deus, em profusão... Não demonstraram eles ser mais civilizados, encontrando o meio de se servirem com inteligência dos dons da Natureza, em vez de se entregarem ao inútil trabalho de fabricar potes e panelas de barro cozido! ?

Quando abandono o rei, vejo a rainha, que sai dos seus aposentos privativos, onde esteve rodeada pela numerosa família, a fazer um feitiço à sopa de lu e au leitão. Dirige-se para um pequeno abrigo, dependência do palácio. Galinhas e belíssimos porcos pretos atropelam-se para ir ao seu encontro. A rainha atira-lhes um braçado de folhas de bananeira: é a loiça... Porcos e galinhas «devoram-na», radiantes!

O rei declara-me, com o mesmo ar finório:

- Nos cacos desta «loiça», os meus filhos, quando brincam, não correm o perigo de cortar os pós!...

Em Enfuna, compreendi uma vez mais que o



Ao alto: Os dois cascos do «Kaimiloa» estão unidos... Apenas de Bisschop e Papaleaiaina, se persuadem de que eles... assim se possam manter.

Ao baixo: O Capitão de Bisschop, verifica o seu sistema de ligação por meio de molas.

grau de «civilização» dum povo nem sempre se deve avaliar em função do «material» que ele emprega!

la aparelhar sem ter visitado a ilha vizinha de Alofi, hoje abandonada... O motivo que me faz prolongar por mais alguns dias a minha estadia entre os futunianos, com o único fito de lá ir fazer uma excursão, é bastante curioso para que deixe de o narrar aqui.

No decurso da minha visita de despedida à missão de Sigave, o padre contou-me, entre outras coisas, que haviam descoberto há dias uma nova gruta... Um indígena aventurou-se no seu interior, munido dum archote eléctrico (que comprara no trader (1). Deixa-o, porém, cair e, quando começou a procurá-lo às apalpadelas, pôs a mão sobre qualquer objecto estranho... O que quer que é tem o mesmo feitio mas não é o seu archote... De regresso à claridade, admira-se ao ver que tem na mão um osso humano, uma tíbia! Essa tíbia parece-lhe maior do que o habitual; alinhando-a ao longo da sua, para a comparar, vê, perturbado, que o osso tem mais 10 centímetros de comprimento!... O missionário acrescenta : «Este indígena já possui uma bela estatura, maior do que a média, o que me faz crer que, na verdade, essa tíbia era realmente extraordinária»!

Pulo de alegria... ossos pré-históricos, um

(1) Comerciante. (N. do T.)

178

novo pitecantropo.. . Talvez... talvez mesmo o famoso esqueleto do missing link (1), de que ainda se espera encontrar um indício no menor queixai desenterrado!

Pretendo logo obter indicações.. . Chamam um indígena que, segundo parece, conhece o local da nova gruta. Eu queria que me trouxessem aquele que encontrou as ossadas. Começam à sua procura, mas infelizmente anda em digressão pelo outro lado da ilha. Mandarão alguém preveni-lo e amanhã já cá estará.. .

O nosso amigo Sr. May, o comerciante, entusiasma-se como eu, quando se fala em tal descoberta. Uma expedição começa logo a ser

organizada para o dia seguinte: passaremos dois dias a sondar na ilha, visitando a gruta e fazendo escavações no sítio da descoberta.. . Nessa noite não durmo...

Partimos ao amanhecer, o Sr. May, Tati, eu e três indígenas. Fico desolado por não ver entre os três insulares aquele que descobrira a gruta e as tíbias, mas um deles, o que vimos na véspera, conhece o local. Faço-o falar. Foi-lhe impossível, conta ele, reunir-se ao camarada. Perguntando-lhe mais coisas, soube que o companheiro não descobrira só uma tíbia: havia também outras ossadas não longe dali, até mesmo um crânio... Que fez ele de todos esses ossos? Atirou-os para fora da

(1) Elo perdido - o homem pré-histórico que falta na cadeia antropológica para justificar as doutrinas de Darwin e quejandos. (N. do T.J.)

179

caverna!... Para onde? Não sabe., . A aventura parece-me tornar-se um tanto obscura!

Desembarcamos na costa noroeste de Alofi e, tendo deixado as nossas bagagens numa cubata que servia de presbitério à capelinha hoje abandonada, pomo-nos a caminho...

Que os antropólogos da pré-história, que me lerem, acalmem a sua emoção! Não descobrimos um «homem de Futuna» para concorrer com <o homem de Java», mas nada me impede de crer (pelo contrário) que outros mais favorecidos não tenham essa alegria. O meu instinto diz-me que aquela história da tíbia não é uma fábula... Indígenas, bons católicos, não inventam uma história destas para o seu missionário, e o próprio religioso está persuadido da boa fé do informador. Mas dá-se este facto: estes indígenas, ainda que bons católicos, não deixaram, por isso, de conservar uma crença supersticiosa nos poderes mágicos dos seus antepassados e, por consequência, pelo respeito que se deve aos seus restos mortais. . . Esses estrangeiros patentearam logo, ao ser-lhes anunciada a descoberta dos ossos, uma curiosidade que o missionário não tivera... Que pretendem eles fazer desses ivis (ossos)?... O espírito dos antepassados não se vingará ainda dos que ajudarem mãos estranhas na sua profanação ?

O nosso guia faz-nos visitar a ilha de mistério, com os seus montões de rochas, os seus estranhos pináculos de corais emergindo do mato; abrem-se

180

passagens através dos cipós que tecem entre si as árvores da floresta. O guia mostra-nos todas as grutas de Alofi, grutas maravilhosas, mas já conhecidas dele e dos seus... O que nos interessa, sobretudo, é a última descoberta: vê-la, visitá-la pormenorizadamente. E nas suas proximidades que desejamos fazer pesquisas.

Aventuramo-nos por todos os cantos da ilha e, nas altitudes mais diversas, encontramos oito magníficas grutas, algumas de grandiosa beleza... Querendo penetrar mais nessas passagens subterrâneas, já não podemos avançar, pois os peka peka (pequenos morcegos) são aos milhares, voam, espavoridos, e assustam-nos, além de que as nossas pernas se enterram até aos joelhos numa fina poeira húmida, que não é senão o estrume acumulado, desde séculos, por todas essas aves da penumbra...

Como eu gostaria de poder limpar aquelas cavernas e a sua espessa camada de esterco secular, para ver o que lá há por baixo!... Talvez vestígios dos homens que outrora as habitaram, desses homens de compridas tíbias... Mas onde está a gruta, a gruta dos ossos ?

Só ao cabo de desejos muitas vezes manifestados, chegamos, no fim da nossa excursão de dois dias, à gruta misteriosa. A sua situação isolada e de difícil acesso pode fazer crer que seja aquela, mas eu não estou convencido. Por descargo de consciência, começamos a proceder a algumas escavações, que os nossos guias seguem com delicado interesse... O meu amigo May, que conhece

181

bem a mentalidade dos insulares, diz-me no final de duas horas de trabalho: «E inútil procurar mais, não encontraremos nada... Ofereci belas recompensas àquele que me encontrasse qualquer osso, mas, olhe para eles... as nossas investigações parece até que lhes desagradam...»

Tanto ele como eu temos a impressão de que não estamos na tal caverna das tíbias... e, mesmo que lá estivéssemos, pouco adiantaríamos. As ossadas já devem ter sido piedosamente reunidas, enterradas e escondidas... longe de toda a profanação possível. Outros terão a dita de as descobrir : por exemplo, um missionário bastante curioso e bastante paciente também para saber a verdade sem ter o ar de andar à procura dela!

Quem desvendará o mistério da «comprida» tibia da ilha de Alofi ?

Uma das figuras mais pitorescas de Futuna ó, sem contestação, o R. P. Haumonté, de longa barba branca, levemente sombreada de nicotina, e há cinquenta anos residente na ilha - homem que nunca viu automóveis e que está encarregado dos mais diversos e delicados cargos. . . É ele o chefe espiritual da ilha, «residente»

ou representante oficial da protecção tutelar da França, preceptor de impostos, oficial das alfândegas, engenheiro dos trabalhos públicos e recebedor dos correios!

Na qualidade de chefe espiritual e de «residente», pouco tem a fazer, pois todos os futunianos são católicos perfeitos e, a par disso, perfeitos cumpridores das leis civis e religiosas. Se lhes

182

acontece infringir umas ou outras, fazem-no com tanta ingenuidade e uma naturalidade tão grande, que o padre, conhecedor das fraquezas humanas e ainda mais das da natureza polinésia, esforça-se por não ser demasiadamente rigoroso. . . Se sobrevêm qualquer divergência entre eles, fala com o rei, para a regular, e, como já atrás deixei dito, não é a organização da Polícia que lhes dá cuidado, pois em Futuna não há Polícia: esses 2000 «selvagens» de Futuna sabem muitíssimo bem viver em sociedade!

A qualidade de engenheiro dos trabalhos públicos tinha de recair do facto nesse missionário construtor de igrejas, monumentos de pedras talhadas e encimadas por um sino, em honra do Deus dos cristãos! E não são igrejas construídas à moda indígena, não! Igrejas em pedras talhadas e cada um dos pesados blocos, trabalhado e esculpido pelas mãos do próprio padre. E ele que mo diz, mas, quando começo a visitar detalhadamente a linda igreja da missão de Alo e observo essas pedras

tão perfeitas nos seus ângulos, aquelas colunas e os seus capitéis tão artisticamente trabalhados, julgo que está a trocar de mim...

- Não, não estou a fazer pouco de si, responde ele, tirando da boca um cachimbo curto, que só de lá sai nas grandes ocasiões; talhei-as e esculpi-as eu próprio, talhei-as com a minha serra de carpinteiro e esculpi-as com o meu canivete de bolso.

Desta vez creio que exagera... Tenho, no entanto, de me render à evidência: o R, P. Haumonté

183

não mente: mostra-me, na encosta duma colina, uma pedreira, aberta num aglomerado de formação coralífera (formação muito velha ou muito recente isso não sei dizer), apenas mais resistente do que pode ser a argila um pouco seca. «Faço saltar, disse-me ele, grandes blocos, que desbasto com a serra em quadrado, e, depois, trabalho-os com o canivete. Após uns seis meses de exposição ao sol, esta terra maleável transforma-se em pedras duras, bastando colocá-las umas sobre outras para fazer uma igreja!

Mais uma vez lastimei não ser geólogo... e decidi aproveitar a primeira oportunidade para o vir a ser!... Não se encontraria nesta estranha qualidade de pedra parte da explicação do mistério das gigantescas estátuas da ilha da Páscoa ou das esculturas e das muralhas ciclópicas, tão perfeitamente ajustadas, dos Incas, que não possuíam, segundo nos afirmam, ferramentas de ferro ou de metal suficientemente resistentes para um tal trabalho (o que, aliás, está perfeitamente provado) ?

Parece-me, no entanto, que é na qualidade de director dos correios que o bom do missionário tem mais que fazer. Os Futunianos não mantêm, é claro, muitas relações epistolares com o mundo exterior; apesar disso, o P.e Haumonté passa várias horas, a cada visita do correio, isto ó, de quatro em quatro ou de seis em seis meses, a carimbar selos!

Futuna é, com efeito, uma ilha isolada do Pacífico e os selos recolhidos, só pelo tráfico da

184

correspondência, tornam-se, na verdade, muito raros. O missionário recebe, pois, por cada correio, numerosas cartas de colecionadores ou de negociantes filatelistas mandando-lhe selos de Fatuna, comprados em Paris, para que ele os inutilize com o carimbo.

Certo dia, conta-me o padre, chega-lhe de Paris um pedido de 100 francos de selos carimbados... Ele manda os selos e recebe, um ano depois (as comunicações são raras em Fatuna)... uma carta insultuosa: - Você borrou os meus selos com o seu carimbo imundo! diziam-lhe.

O padre zanga-se:

- Devolva-me os meus selos, seu malcriado, que eu lhe mandarei o seu dinheiro.. .

Passou-se outro ano... Qual não é o espanto no nosso recebedor quando o correio entrega um dia na ilha numerosas cartas vindas dos cantos mais inesperados do Globo: todas pedem que lhes sejam enviados com urgência «esses selos de Futuna inutilizados com o tal carimbo imundo» e, sobretudo, com essa tinta que ele emprega, feita do cozimento da noz do abacate (sic) e com óleo de noz de coco!

E é quando obtém a explicação. O seu irritado correspondente de há dois anos, um fura-vidas, negociante de selos, pensou melhor.

Lembrou-se de publicar, numa revista filatélica, esta notícia: só há um sítio no Mundo em que os selos são carimbados com semelhante tinta (de que ele próprio

185

inventou a composição fantasista) - e então os colecionadores do mundo inteiro começaram a disputar-se os selos «enxovalhados» do P.B Haumonté .. .

Há muito que aprender com certos missionários, porque eles vivem em contacto, às vezes muito íntimo, com os indígenas e o país, e tanto que, em certos casos, esses indígenas e o próprio país deixam neles a sua marca : aprendi mais, da alma simples e clara do P.6 Haumonté, sobre a atmosfera futuniana do que aprenderia nos trabalhos mais cientificamente organizados de qualquer antropologista oficialmente educado...

Fazem mal em julgar que um missionário só se preocupa em angariar almas de «pagãos» para as felicidades do paraíso cristão !

Entre esses missionários, encontram-se os mais reputados especialistas da nossa ciência profana..-O P.º Haumonté não é um sábio, mas possui o espírito curioso dum científico. O P.º Haumonté , cujo trabalho de cortador de pedras o predispõe a ter uma certa curiosidade pelos mistérios da formação da sua ilha, contou-me um dia, para terminar um bom almoço regado com vinhos de França, a seguinte anedota acerca de Alofi:

Essa ilha misteriosa sempre o intrigou. Muitas vezes rondou pelos seus matagais. Um dia, enquanto cavava em determinado sítio, admirou-se de encontrar, a alguns metros apenas de profundidade, um solo tão quente que lhe era impossível manter lá a mão. Dá-lhe na fantasia, para satisfazer

186

a sua curiosidade, mandar analisar, num laboratório oficial de Noumea, algumas amostras do solo e uma garrafinha de água proveniente da nascente termal que brotava a certa distância dali...

Recebe a seguinte resposta:

«Deduz-se das amostras que nos foram enviadas que a sua ilha é eminentemente vulcânica e que o senhor e a sua missão se arriscam a ir pelos ares dum momento para o outro!»

Mas ele acrescenta com a sua grande serenidade:

- Não lhe parece que esses sábios geólogos se enganam às vezes nas suas conclusões?

Eu não respondo, por prudência, pois o P.e Haumonté, há cinquenta anos na sua ilha, ignora com certeza os «progressos» recentes da geologia, especialmente os relativos à cronologia dos fenómenos terrestres. Sem dúvida, ficou ainda no «tempo» geológico da Bíblia e ignora que se saltou bruscamente de alguns milhares de anos, aos quais era costume atribuir a criação da Terra, para centenas de milhões de anos, concedidos hoje generosamente para a sua única formação... Tenho razão: o P.e Haumonté evidentemente que há-de ter ouvido falar dessas centenas de milhões de anos!...

- No meu fraco entender, declara-me ele, se até aqui interpretámos mal as Santas Escrituras, esses senhores sábios estão talvez, por seu turno, em erro no campo oposto, não lhe parece? E, desatando

a rir, com um bom riso jovem e fresco, enche outra vez o cachimbo enegrecido pelo uso do tabaco preto (da sua colheita) e conclui:

- Se o meu sábio correspondente de Noumea, com as suas análises de rochedos e da água da nascente quente de Alofi, espera ver-nos ir pelos ares dum momento para o outro, comete um errozito de contas, do mesmo género daquele que os seus colegas cometem com a data da criação do Mundo; ainda terei uns milhões de anos na minha frente para fumar algumas boas cachimbadas entre os meus bons futunianos!... Não lhe parece ?

- Sim, bom Padre Haumonté... Assim vo-lo desejo... para bem dos futunianos!

CAPÍTULO 10 --- De Futuna à Grande Barreira

Domingo, 25 da Abril.

A manhã foi toda dedicada às despedidas, o que o serviço dominical, aliás, facilitou. Enquanto dava as minhas voltas, os indígenas, sob a direcção do meu velho amigo comerciante sr. May, embarcam a nossa nova provisão de água e víveres (sempre à base de arroz e massas), e alguns bambus sobresselentes para a vela...

Na ilha reina a mais simpática animação. Alguns jovens futunianos, lembrando-se, sem dúvida, das lendas contadas por seus avós, observam os preparativos da partida com um olhar de inveja e mostram desejos de ir connosco...

«Desta vez não! Talvez um dia», pensei eu. «Se os deuses permitirem que volte à vossa ilha, tornarei a dar-vos o gosto pelo mar!»

Na água calma da baía, apenas irisada por ligeira brisa que se infiltra preguiçosamente pelos vales, o Kaimiloa deixa o seu ancoradouro... São 2 horas da tarde.

Numa colina que se ergue a pique sobre o

189

mar, ao lado da escola das raparigas, as duas irmãs católicas lá estão, rodeadas pelas crianças... Juntam-se em volta dum mastro de bandeira onde acabam de ser içadas as cores da França... Apronto o meu binóculo, pois o sol faz brilhar neste canto da ilha, contrastando com o fundo sombrio da floresta, uma quantidade de pontos claros e multicores: são as raparigas de Futuna, que acenam, em sinal de adeus, enormes pedaços de chita... A bandeira do Kaimiloa baixa três vezes e a brisa fresca que acaba de se levantar fá-la estalar ao vento! Será realmente a brisa que a faz assim estremecer? Não será antes o orgulho de saudar essa outra bandeira que, lá longe, erguida pelas irmãs, que só pensam em praticar o bem, protege aquele recanto de terra perdido no Pacífico ?

Estamos a uma boa distância, mas um excelente binóculo faz-nos ver muita coisa... E eu então noto que todas essas jovens virgens têm uma maneira simpática e ingénua de exteriorizar o seu entusiasmo: aquelas que não têm à mão um pano ou um bocado de algodão, para acenar com ele, desenrolaram com a maior simplicidade o pedaço de tecido claro que habitualmente lhes dissimula um pouco dos acastanhados corpos!

As irmãs não parecem afligir-se muito... Todo o perigo lhes deve parecer afastado: o Kaimiloa não está já ao largo? Não é ele já apenas um pontinho sobre o Oceano?... Penso no que me dissera a madre superiora três dias depois da

190

nossa chegada à ilha. Como lhe fizesse notar a minha admiração por só haver encontrado raríssimas futunianas nos primeiros dias, para depois as ver sorrir ao longo dos atalhos, após o terceiro, ela respondeu-me com malicioso sorriso:

- É que nós temos uma casa na montanha... e, logo que nos assinalam qualquer barco no horizonte, depressa as nossas pequenas são mandadas para lá... Nunca se sabe quem vem, não é verdade ?... As

nossas raparigas são tão alegres!... Já tivemos noutro tempo aventuras bastante desagradáveis com os visitantes... Por isso é que usámos da mesma precaução consigo.. . Mas, concluiu ela, como que a desculpar-se, logo percebemos que podíamos ter confiança em si.

Respondi-lhe então:

- Agradeço-lhe a sua confiança, minha irmã, posto que... eu saiba que não é muito lisonjeiro o que acaba de me dizer... Um homem, geralmente, e um francês em particular, gosta sempre de passar, na nossa situação sobretudo, por ser um pouco perigoso...

Olho com comoção, naquele final do dia, esta ilha feliz que lentamente mergulha no horizonte, salpicada de doirado... Porque Futuna ficará sendo para mim um desses raros cantinhos da terra, abençoados dos deuses, onde homens de coração simples sabem viver ainda no espírito dos deuses, quer dizer, na paz e na harmonia.

O Kaimiloa dirige-se para oeste, onde o sol

191

deixou, antes de se esconder, longos rastos avermelhados...

Domingo, 25 de Abril.

E ainda é domingo... Não passaremos o grau 180 senão amanhã, mas prefiro mudar hoje a data... Os futunianos, que se tornaram tão bons católicos, nem sabem o que perderam abandonando a grande navegação dos seus antepassados: caminhando para oeste, poderiam dar-se ao luxo de gozar, semanalmente, dois dias seguidos de missa dominical e, voltando logo para leste, teriam um dia a menos de trabalho na semana!

1º de Maio.

Calmaria... A brisa com certeza recebe ordens da C. G. T.: não é hoje a festa do trabalho no nosso país, se a memória me não falha?... .

2 de Maio.

Alguns sopros de és-nordeste a és-sudeste, com pequenas rajadas de chuva de tempos a tempos, o suficiente para nos dar uma deliciosa carícia de frescura...

Que bela navegação aquela que é feita com ventos favoráveis! Um dia demonstrarei que, com amor pelo mar e um mínimo de senso marítimo, é uma brincadeira de crianças dar a

192

volta ao Mundo num barquinho pequeno. Tomar-me-ão por impostor... E, não obstante...

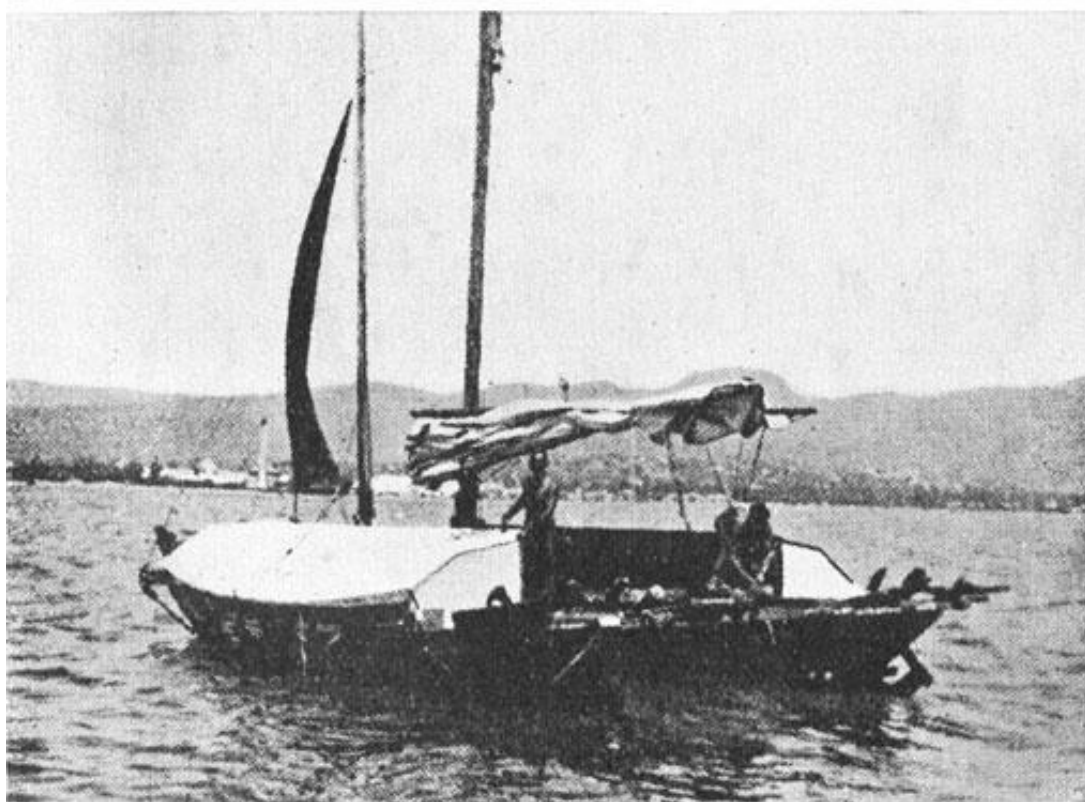
Quando chegarmos a Sourabaya, ao Cabo e a França, os sedentários ignorantes, ou marinheiros que o não sejam menos, soltarão gritos de admiração e aplaudirão a façanha. Falaram-lhes dos barquinhos, das iras dos oceanos!...

Esta tarde (latitude 14°40' sul, longitude 173°48' leste), distingo sobre o mar, barrando o horizonte para norte, um comprido rasto amarelo.

Aproo para lá a ver do que se trata: é uma barra duns 30 metros de largo, composta duma espécie de limo, que em certos sítios tem a espessura de cinco centímetros. A minha ignorância de biologia marítima impede-me de classificar o fenómeno. A todo o seu comprimento, vêm alinhar-se os cachopos, deixando a barlavento uma comprida faixa de água perfeitamente lisa.. . Esta acumulação de matéria oleosa atravessa o oceano todo, duma ponta a outra, correndo na direcção és-sudeste, és-nordeste.

Observações astronómicas tomadas de cada lado dessas linhas mostram-me que ela indica com precisão o limite de duas correntes algo contrárias... Apanho um bocado desse agregado amarelo para um copo, examino-o, procuro compreender, e desespero, uma vez mais, por não passar dum ignorante. Se ao menos tivesse um bom microscópio, permitir-me-ia fazer talvez observações que, fielmente transmitidas, poderiam ter o seu valor...

Deleito-me nesta zona e sigo uma rota que lhe



Ao alto: Soprava vento fresco de Este, no dia da «Grande Largada».

Ao baixo: O «Kaimiloa» faz a sua «entrada no mundo».

fica paralela... Teria podido segui-la toda a noite, porque a Lua, reflectindo-se ali com a maior clareza, ilumina a faixa de água que a costeia. Desisto, porém: prometi a Tati não me demorar com os meus estudos de correntes!

3 de Maio. - (Latitude 14°45' sul, longitude 172°30' leste).

Bandos de aves migradoras, vindos do sul, voam para o norte! Sinto-me muito vexado, porque nenhum desses bandos se digna mudar de rumo para deitar uma olhadela ao Kaimiloa.

5 de Maio. - (Latitude 14°40' sul, longitude 169°30' leste).

Já me não arrelia nada ver que a nossa rota é ainda cruzada por bandos cada vez mais numerosos dessas aves migradoras... Tenho de participar esta observação àquele sábio antropologista de Honolulu que tentou explicar-me o mistério das migrações marítimas polinésias pelo voo das próprias aves migradoras! As pirogas da lenda encontravam o seu caminho, e as ilhas por descobrir, seguindo... os bandos!

Receio bem que uma piroga que em 3 de Maio seguisse as primeiras colónias dessas aves não encontrasse, no seu caminho, a mesma terra que aquela que se encaminhase pelo voo dos bandos que hoje passam por nós.

Que pássaros serão estes? Donde vêm? Para onde vão ? Nenhum daqueles bandos, de 10 a 30 indivíduos o máximo, passou suficientemente perto para me permitir encontrar-lhes uma característica, a fim de os classificar depois. Apenas o seu método de voo merece ser assinalado: chegam do sul, fazendo caminho para o

norte, voando com uma regularidade de conjunto enorme e, tal como se seguissem as curvas de invisível «montanha russa», planam ao rés da água e elevam-se depois uma dezena de metros num rápido bater de asas, oblíquo ao vento, para se deixarem de novo cair, planando à superfície...

Donde vêm? De qualquer lado do sul, donde os expulsa o Inverno. Da Nova Zelândia, talvez? Mas, para onde vão ? Mais um problema a resolver... Por agora, o que deduzo é que aqueles pássaros dos diabos têm um ar muito mais inteligente do que muitos seres humanos - aqueles que continuam a tremer de frio, a envenenar a vida e o carácter em países aborrecidos, só porque forjaram para si mesmos as cadeias dos escravos, cadeias feitas desses pesados elos a que chamam (para lhes disfarçar o peso) costumes, convenções e obrigações...

6 de Maio.

Temos tido, em todos estes dias, uma boa brisa de és-sudeste, com lindo céu claro. O tempo cerrou-se, pouco a pouco, desde ontem à noite; aliás,

195

assim sucede sempre que pretendo reconhecer terra... Dir-se-ia que os deuses do mar se divertem trazendo-me certa inquietação (oh! muito pouca!), para me multiplicarem as alegrias ao fazer uma boa atracção...

Desde ontem que não posso «fuzilar» o sol e fizemos bom andamento: os meus cálculos devem colocar-me, ao nascer do dia, nas Novas Hébridas, ao norte da ilha Espiritu Santo (1). Felizmente o começo da noite torna-se mais claro, algumas estrelas reaparecem e a Lua concede-me mesmo o privilégio de assistir ao seu despertar.. .

Quando abandono o quarto, às três horas da madrugada, digo a Tati: - Aqui tens! Entrego-te o céu claro... Tudo vai bem. Estamos em terra ao amanhecer...

Quando ele me acorda, às 8 horas da manhã, fico admirado ao ouvir a chuva, que fustiga, como metralha, o tecto da cabina!

- Chove? digo eu.

- Chove, responde-me ele. Posso mesmo dizer que isto não abrandou desde que retomei o quarto : meia hora depois, o céu tornou-se negro «como o traseiro duma preta enlutada» e cai água se Deus a dá! E o mar?... Há coisa duma hora saltava-me aí por todos os lados que até impunha respeito! Assalta-me um pressentimento. Corro para a ponte. Pensava dizer ao meu companheiro: «Por

(1) sic. (N. do T.).

196

que é que não me chamaste quando viste mudar o tempo?», mas já sabia a resposta: «Fica sempre mal disposto quando o vou acordar» !... Por agora é preciso tratar do mais urgente: este mar esfarrapado, torturado, rebentando por toda a parte, eu sei qual é a sua causa: a terra!... A terra deve encontrar-se muito perto!

Faz um tempo sinistro. As nuvens parecem despejar toda a água que há no céu sobre nós e à nossa volta. Não se vê nada a vinte metros em redor.

- Depressa! grito a Tati. Metamos de capa!

Amainamos a vela grande e a mezena, e tomo um andamento de toda a segurança. Quer dizer, não passamos do mesmo sítio, «afocinhando» num mar incerto.

Entre os intervalos das rajadas, tento descortinar, para oeste, o horizonte pardacento que devia desenhar, na cerração uniforme do mar e do céu, o vulto da terra, que sinto bem próxima... O caminho faz-nos derivar para norte, paralelamente à costa. Elementar prudência, pois há pequenos ressaltos de brisa que me inquietam: é também um dos indícios da proximidade de terra... Não me apetecia nada ir lá parar com semelhante mar...

O tempo mantêm-se assim toda a manhã e toda a tarde...

Só às 16 horas o céu começa a desanuviar-se: vê-se então um cantinho azul, por onde atravessa um sol muito pálido.

Corro para o meu sextante e, conforme posso,

197

tiro algumas alturas, embora o recorte indeciso do disco solar e o horizonte confuso me aconselhem a que não confie nelas demasiadamente. Enquanto faço os meus cálculos, fechado na cabina, sempre um pouco perturbado pelos movimentos anormais do barco, grito, entre duas olhadelas para a tábua de logaritmos:

- Tati, toma bem sentido no vento! Devemos estar à entrada do canal.

- Sim, estou alerta, não se rale!

Mas, minutos depois, precipita-se para a porta da cabina:

- Terra, capitão! Terra mesmo na nossa proa! Dum salto, alcanço a plataforma. Um enorme vulto escuro recorta-se a grande altura no horizonte e desenha na bruma um cone impressionante...

Que terra é esta? Segundo os meus cálculos, só pode ser «Meralau», um ilhéu vulcânico que o mapa me indica ter aproximadamente 1000 metros de altitude!

A visão apenas dura alguns minutos porque o céu volta a carregar-se e a noite cai, mais negra do que nunca... Será, na verdade, uma ilha?

Colocado em relação àquela terra na mais perigosa das posições, adopto um andamento de extrema prudência: é possível que perca 24 ou 48 horas, se for preciso, mas não me irei aventurar às cegas em semelhante labirinto!

198

7 de Maio.

A manhã nasce mais limpa... Não admira que se haja permitido tal luxo, depois de toda a chuva que caiu desde ontem à tarde e que lhe lavou a cara! E com efeito «Meralau» que temos pela nossa proa... Tornamos a içar as velas e pomo--nos a caminho!

Passamos a 2 milhas duma ilha extremamente pitoresca, que os mapas denominam «Ureparara». As Instruções Náuticas chamam-lhe também ilha de Bligh. Foi descoberta com certeza pelo capitão Bligh, que, abandonado depois da revolta da Bounty, rumou a oeste, com os membros da tripulação que se lhe conservaram fiéis, numa simples canoa de salvação... e chegou a Timor, passando pelo estreito de Torres.

E uma impressionante cratera extinta, de que um dos lados das paredes escarpadas se desmoronou para leste, dando acesso a uma baía.. .

Que bonito aspecto ela tem! Apetece-me imenso aventurar-me por ali, ancorar naquela água que dorme, preguiçosamente, no próprio sítio onde outrora foi um inferno de lavas efervescentes... Mas sou obrigado a seguir caminho... Temos de tornar a ver a França !...

A oeste da ilha, o mar toma logo o seu aspecto desordenado, a brisa refresca e temos de meter novamente de capa, só com o estai...

Algumas milhas à nossa frente, o caminho está fechado, de sul para norte, por perigosa barreira de ilhéus

199

e recifes denominados Torres Reef... Não nos cheguemos a eles!

8 de Maio.

Ao amanhecer largamos de novo o pano... Que esquisito mar! Navegamos ao largo, e o Kaimiloa defende-se às mil maravilhas... E um lindo espectáculo a que não nos podemos subtrair: sentimos aumentar em nós uma admiração cada vez mais respeitosa pelo valente barquinho... Vagas monstruosas elevam-se às vezes pela proa e por detrás, avançando para nós, acompanhadas do surdo ruído do rebentar das suas cristas. A cada momento pensamos que irão passar-nos por cima e submergir-nos. Agarramo-nos com força à cabina... e hup! o Kaimiloa levanta gentilmente o seu traseiro e as monstruosas vagas passam sempre a rugir... deixando apenas alguns borrifos na plataforma!

- Sempre o mesmo barulho para nada, digo eu a Tati.

- Se víssemos isto no cinema, responde o meu companheiro, não nos caberia um feijão-frade...

No entanto, uma delas submerge-nos antes do anoitecer... e mesmo na altura em que o mar parece começar a cair... Uma dessas vagas, por acaso menos impressionante do que muitas outras, avança, rebentando como tantas... Sem reflectir, cerro para ela os punhos em ridículo gesto de desafio e grito:

- Cala a boca, palerma !

Apenas soltei o meu insulto, a vaga pareceu aumentar de volume, rebentou com um ruído furioso e caiu-nos em cima, submergindo toda a amurada. Se não tivéssemos a presença de espírito suficiente para nos agarrarmos àquilo que estava à nossa mão, o Kaimiloa seguiria o seu cruzeiro sem equipagem...

- Não devia ter dito isso, censura-me Tati,. cuspiendo a água salgada que engolira. Nunca se deve insultar o mar!

10-11-12-13 de Maio.

Que lindos dias! Esta é que é a verdadeira navegação.. Nada a fazer. Apenas admirar o mar e o céu, sentir na solidão dos espaços infintos a presença e o poder das forças infinitas que nos rodeiam e fortificam...

14 de Maio.

Dia de calmaire podre... Estamos a 13°35' sul e 150°30' leste... Daqui por alguns dias voltaremos a ver a nossa costa da Papuásia e a deleitar a vista por essa Pruari Delta onde o Fou Po foi hóspede dos canibais durante oito meses - uma das mais ternas recordações do cruzeiro! O estudo das correntes nessas paragens é de muito interesse ... Penso, com pesar, nessas duas ilhas misteriosas, das quais pouco ou quase nada se sabe,

Bellona e Rennel, que em princípio dependem do governo das «Salomons britânicas», mas que, geologicamente, é muito provável que pertençam à «Nova Guiné» e ao arquipélago das «Loui-siades»... Duas ilhas que particularmente me apaixonam, pois se a teoria que adoptei, duma migração marítima de leste para oeste, for exacta, elas devem ter sido um ponto de escala dos navegadores polinésios de outrora. Quando as circunstâncias permitirem que se estude a raça misteriosa que nelas habita e que, pelo seu isolamento completo, conserva

características difíceis de descortinar noutros indígenas, causará admiração encontrar-se, em plena Melanésia, tantos traços de puro polinésio.

Ah! que se eu pudesse seguir o impulso da minha intuição !...

Cheguei a lembrar-me, vindo de entre as «Santa Cruz» e as ilhas Banks, de passar por entre as «Indispensable Reefs» e «Rennel»... mas não me senti com coragem... Ver essa ilha de mistério perfilar-se no horizonte e não a poder abordar!... É preciso tempo para se tomar contacto com indígenas desconhecidos e conseguir pouco a pouco captar-lhes a estima, ganhar-lhes a confiança. Só assim se sabe qualquer coisa deles. Para isso, são precisas semanas, até meses... E eu prometi a Tati que não me demorava. Foi para evitar tentações que passei ao sul das «Indispensables Reefs»,

202

16 de Maio.

A vida prossegue, suave e regular. Consegui interessar Tati no que ele chama, não sem certo orgulho, as suas «matemáticas». Parece tomar-lhes o gosto.. .

Aproveito o ensejo para trabalhar, sem que ele se melindre.

Ao cair da noite, dedicamos alguns minutos ao exercício da sinalização Morse, com a tocha eléctrica ! Temos de estar bem treinados, para o caso de encontrarmos um vapor. Acabado o exercício, lemos o jornal... e ficamos assim ao par do que se passa no Mundo e em França. . . há um ano. Temos todos os dias o nosso jornal, e (vantagem reservada apenas aos navegadores como nós), como esse jornal so chama Gringoire e é um semanário, temos todos os dias o nosso hebdomadário.

Agradeço ao médico americano de Honolulu, que me fez presente da sua colecção de um ano e meio...

Em Honolulu há muito poucos jornais e os que se publicam na América não se preocupam com o que se passa em França.. . salvo as mudanças de Gabinete. De cada vez que isso sucede, os Americanos julgam que nós estamos em revolução! A leitura do Gringoire informa-nos todas as noites de factos bem lamentáveis.

Será, pois, verdade que em França já se não seja francês? Será verdade que se não sinta já orgulho pela bandeira francesa? E nós, os retardatários, que sentimos ainda tanto em fazê-la flutuar dignamente pelo Mundo!...

203

18 de Maio.

Amanhã, se tudo correr bem, avistaremos "South Cape", a ponta sul da Papuásia. Terei de me desvencilhar para esclarecer um mistério de correntes que se me deparou ali, há dois anos, quando cruzei estas paragens com o Fou Po.

Eis, nas suas linhas gerais, como se passaram os factos: se olharmos para certos mapas do Pacífico (não só os dos atlas reputados como documentados, mas também os das mais sérias publicações dos diversos serviços hidrográficos), ver-se-á, subindo para o golfo de Papua, um braço principal da grande corrente vulgarmente chamada «Equatorial». Onde vai parar esse enorme afluxo de água superficial ?... Muitos fazem descer uma parte ao longo da Grande Barreira, mas outros fazem-na caminhar... simplesmente, pelo estreito de Torres, para o mar de Arafura! Um mínimo de conhecimentos hidrográficos desta região de Torres autoriza-nos que consideremos esse longo caminho da corrente equatorial do Pacífico como a mais completa das fantasias !... Estudos concisos, efectuados há dois anos a oeste do famoso estreito, com o Fou Po, depois a leste, até à ponta extrema da costa da Papuásia, demonstram-me isso claramente.

Para só falar do leste do estreito, notara eu, ao longo dessa costa, uma corrente geral és-sueste, quer dizer diametralmente oposta ! Algo admirado, atribuí essa corrente (não tendo conseguido

204

livrar-me ainda da opinião geral de que as correntes marítimas da superfície são em grande parte uma resultante dos ventos dominantes) à monção de noroeste, que nessa época da minha travessia já soprava desde há vários meses...

Voltando hoje com o Kaimiloa, em plena monção do sueste, a pergunta impõe-se: irei encontrar, com este novo regime de ventos, a minha desaparecida corrente... substituída desta vez por outro escoamento de águas superficiais que, obedecendo à impulsão dada pela brisa, teria uma direcção oposta?

19-20-21 de Maio.

Custou... Perdi talvez quarenta e oito horas a fazer caminhadas em ziguezague e disse algumas mentiras a Tati, mas agora tenho a consciência tranquila.

Embora isso custe aos hábeis desenhadores de correntes, existe sempre, mesmo com a monção de sueste, uma corrente caminhando para leste; quer dizer, não se ralando com os ventos dominantes!... A vida dos oceanos, de que uma das manifestações exteriores mais fáceis de estudar parece ser a das correntes superficiais, é mais misteriosa do que se pensa... Em todo o caso, nas costas da Papuásia, como em muitos outros lugares do Pacífico, pude verificar que a importância que os Físicos do Globo atribuem aos ventos, para explicar o regime das grandes correntes oceânicas, foi imensamente exagerada.

205

Um pouco mais de vida em contacto com o mar permitir-nos-á talvez um dia confessar humildemente que a nossa ciência «sabe» menos do que julga saber e que muitas das suas «explicações» só têm de positivo a autoridade com que se compraz em afirmá-las!

22 de Maio.

Aproximamo-nos da Grande Barreira ! Tati declarou-me ontem:

- Farei uma oração a Santana, quando tivermos acabado com todos esses «reefs»... Este estreito de Torres dá-me cabo do fígado!

Ele tem na realidade uma razão séria para estar apreensivo: é que sabe que eu não possuo mapa algum desta perigosa região...

Só depois da partida de Honolulu, decidi, feita a escala de Futuna, encaminhar-me para a Grande Barreira. Fora meu projecto inicial dar a

volta à «Nova Guiné», pelo norte, e visitar esse interessante atol polinésio, igualmente perdido na Melanésia, «Ungtong-Java», e sobretudo, encontrar na passagem a minha querida contracorrente equatorial ... Porém, desde os primeiros dias, logo percebi que não devia demorar-me e decidi-me pelo norte da Austrália. Possuía, pois, os mapas da «Nova Guiné», mas nenhum do estreito de Torres! Distraio-me tentando preencher um pouco essa lacuna fazendo, segundo as latitudes e longitudes dadas no final da minha tábua de Logaritmos

206

para os principais pontos do Globo, um plano dos maiores recifes e ilhéus do estreito... Tati examina de quando em quando o meu trabalho com inquietação : não saberá ele que os bons mapas marítimos, mesmo «os mais recentes», são ainda bastante inexactos e que a navegação pode, a todo o instante, tornar-se num «puzzle» ? Para lhe incutir confiança, garanto-lhe que me recordo muito bem do caminho que tomámos há três anos com o Fou Po... Verdade, verdadinha é que só conservo uma vaga lembrança: a única recordação real que me ficou é que, mesmo com os bons mapas que então possuía, muitas vezes me aconteceu... meter o rabo entre as pernas!...

Rodamos ao norte de perigosos escolhos, ao largo e a oeste da Grande Barreira!... Não os vemos ainda, mas sentimo-los bem perto...

A noite está duma claridade excepcional... Com estrelas tão luminosas e um horizonte tão límpido, não posso resistir ao luxo duma noite de «alturas de Estrelas». E preciso que as estrelas dêem de facto um pouco do seu brilho, para consentirem em reflectir-se nos espelhos sem aço do meu sextante...

23 de Maio.

Ao abandonar o quarto, às 9 horas da manhã, arriámos o pano...

- Abre bem os olhos e os ouvidos, digo para Tati. Devemos estar apenas a algumas milhas da

207

Grande Barreira... Conserva uma direcção derivando para leste.
Içaremos ao amanhecer!

Estendo-me sobre a tarimba, mas não consigo pregar olho. Por vezes parece-me distinguir, nos ruídos regulares das vagas que rebentam contra o casco, perto dos meus ouvidos, como que um murmúrio longínquo e confuso... Será o tão conhecido rugido da vaga do largo, no seu eterno assalto à planura coralífera, que tanto desejaria destruir e apenas consegue fortificar?

As 6 horas da manhã levanta-se o dia, um dia claro mas que deixa a oeste o horizonte leitoso. Proa a oeste, direito à Grande Barreira! Aproo a um ponto que, segundo a minha posição, nos deve aparecer um pouco por bombordo, como o cume dum ilhéu, a ilha Murray, que as «posições» da minha tábua de logaritmos indicam dever estar a algumas milhas no interior dos escolhos... Rebentamos com os olhos e... nada lobrigamos!

- Talvez ela tenha partido à deriva...- resmunga Tati, irónico. Como quer navegar com um mapa desses, feito num pedaço de papel?... Uma vaca seria incapaz de reconhecer aí o seu vitelinho!

- Talvez a ilha tenha partido à deriva..., mas os escolhos com certeza que não. Olha lá para baixo, a dois quartos por bombordo!

Com efeito, parece-me distinguir, no horizonte branco, uma linha mais branca, que aparece e desaparece, se alonga e encolhe, conforme o Kaimiloa sobe e desce na vaga!

208

Tati trepa ao mastro.

- São eles, grita-me com emoção, os escolhos! Barram todo o mar na nossa frente!... Também se vê terra por bombordo, que deve ser a sua ilha Murray.

A ligeira bruma, que até aqui no-la dissimulava, com o sol acaba de desaparecer...

- Temos de procurar agora uma passagem!... Há rebentação por todos os lados?

- Por todos os lados... e pode mesmo dizer-se que rebenta cá por cima. Por detrás dos escolhos, o mar muda já de cor: está verde!

Consulto o meu «mapa»: sinto-me algo impressionado com a sua falta de informações. Lá marquei uma passagem que a lista da minha tábua de logaritmos denomina Flinders Entrance, a 20 milhas aproximadamente ao norte de Murray... A latitude e longitude da sua ponta extrema, lá estão indicadas com o nome de sand cay, o que quer dizer «banco de areia».

Isso permite-me talvez marcá-lo... Mas talvez me não aventure nele... Ignoro o que sejam as correntes nessa estreita passagem, e também o que lá irei encontrar por detrás, uma vez lançado nesse perigoso mar interior. A minha tenção é tomar a passagem norte, a célebre passagem de Bligh (decididamente seguimos o seu rasto), aquela por onde saímos de noite, há três anos, com o Fou Po... Mais uma recordação !

Tati, que se conserva pendurado no mastro, assinala-me a direcção geral dos escolhos, e costeamo-la,

209

numa bordada paralela... Informa-me logo de que em determinado ponto o mar parece ter um tom claro, regular... Consulto-me:

- Teremos ali uma passagem livre ? Não seria prudente introduzirmo-nos nessa passagem e fazermos caminho sobre Murray, abandonando a ideia da Bligh Entrance?

Em Murray, poderemos talvez descobrir um mapa ou informações sobre o caminho a tomar, a fim de encontrarmos a passagem conhecida dos vapores...

Trepo também por minha vez ao mastro... Tati viu bem : a passagem parece livre... Vamos com a graça de Deus!

Aproo lá... aproximando-me, primeiro, do largo, para logo atacar esse ponto da barreira, bolinando: a prudência exige sempre que ninguém se aproxime duma costa perigosa que se pretende reconhecer senão de bolina, para, se for preciso, se recorrer à fuga, com vento pela popa.

Aproximamo-nos... Para que a grande vaga do largo não rebente nesse ponto é porque deve haver água suficiente para as quilhas e os lemes do Kaimiloa ou, então, o mar e as rochas estão combinados para nos pregarem alguma partida ...

Deixo andar: vai à sorte!... Entraremos na Grande Barreira... por cima dos recifes... não somos obrigados a servir-nos das passagens que os outros utilizam.

Quando o capitão Cook descobriu

210

a Austrália, também se viu na necessidade de navegar, como nós, pela vista e pelo «faro».

Ao aproximarmo-nos, a água passa rapidamente do azul negro do oceano ao leve azul cerúleo. Depois, de repente, mancha-se de grandes placas verdes...

Tati, sempre na mastreação, dá-me parte daquilo que observa:

- Há dois tubarões que nos perseguem há meia hora!... Começa-se a ver o fundo... Uma grande mancha negra a estibordo, água mais verde a bombordo... O Kaimiloa avança.. . Vamos passar a barreira... Estou um bocadito assustado. Vejo nitidamente o fundo: destroços de rochas negras no meio de luminosas manchas de areia branca.,. Não haverá qualquer coisa que aferre os nossos compridos lemes à passagem?...

Os dois tubarões continuam a seguir-nos. A vaga do largo rebenta ainda, alterosa, umas duas ou três vezes, e desaparece... Navegamos agora sobre uma água límpida, verde clara... A Grande Barreira está transposta. O barulho do mar canta de maneira diferente ao longo do casco... e o Kaimiloa, orgulhoso de si mesmo, dirige-se, apressado, para a ilha de Murray, onde quer chegar antes do cair da noite. Não se deve brincar muito, pensa ele, com o Destino... nem com a água!... Por volta das três horas, Tati assinala-me compridos escolhos ligeiramente a estibordo e, depois, outros a bombordo. Existe uma faixa de água verde que se encaminha para o ancoradouro...

211

Metemo-nos por ela, com os olhos bem abertos... Graças a Deus o caminho está desimpedido.

As arestas vulcânicas das pequenas ilhas de Murray aumentam1.

Picamos espantados ao encontrar esse pico erguido como sentinela na orla desta grande barreira... na fronteira deste mar interior.

Aproximamo-nos com toda a prudência, mas, no entanto, com todas as velas em cima, pois o sol não tardará a pôr-se... Temos de manobrar com rapidez:, a água não parece reservar-nos surpresas... A uns cem metros da margem, algumas cubatas de folhagem desenhavam-se à sombra dos coqueiros. A praia começa a animar-se. Brilhantes manchas vermelhas, amarelas e azuis sobem, descem, correm ao longo da encosta: os lavas-lavas dos indígenas!

A brisa cai... Um golpe de sonda: 30 metros... Vê-se o fundo... 10 metros.

- Prepara para fundear, grito a Tati. Depois, a seguir:

- Lança ferro ! Ancora!

É demasiado tarde. E Tati acha inútil fundear em 15 centímetros de água...

Largo a vela grande toda para fora... todo o leme a sotavento...

Tocamos por estibordo: o fundo sobe bruscamente ao tocar. Felizmente já não íamos com

velocidade... Subimos um pouco o leme: nada sofreu e afastamo-nos um pouco... A âncora desta vez cai e ferra. Chegámos!

Um barquito destaca-se da costa... Traz dois brancos a bordo e quatro indígenas.

212

Aproxima-se, os brancos conversam.. . e apontam para a bandeira! Com certeza não conseguem explicar a presença das três cores francesas num barco de tão exótica aparência!...

- Quem são ? De onde vêm ? pergunta-me um dos brancos, com certa rudeza.

- Franceses ! Vimos de Honolulu!

- Onde é isso, Honolulu?

Sinto-me feliz por verificar que não são só os franceses que não sabem geografia...

- Lá longe... no Pacífico ! Ele sorri:

- Pois pregou-nos um grande susto. Julgámos a princípio que era um sampan japonês!...

E de crer que a epidemia dos sampans japoneses não haja desaparecido destas paragens. Já há três anos não se falava senão das

suas façanhas. O meu bom australiano nunca viu com certeza um dos tais sampans, pois de contrário não se enganaria... Os barcos que os japoneses empregam nestas paragens para pilhar os bancos de ostras perlíferas e, sobretudo, os de trochus (ao mesmo tempo que segundo as instruções precisas do seu Governo e para completar um pouco mais os mapas do Almirantado britânico ou australiano), não se assemelham em nada ao Kaimiloa. Deviam saber que só existe um barco nos mares do Mundo como o Kaimiloa - e que esse barco é o próprio Kaimiloa ! Os ditos sampans japoneses são sólidos barcos de pesca, cuja silhueta faz pouca diferença dum barco dos nossos... Não têm, aliás,

213

elegância nem nobreza, propulsando-se não com bonitas velas, mas sim com potentes motores Diesel.

- Há uma hora, diz-nos o nosso interlocutor, que os observo com o meu «telescópio». Quando se aproximaram, tomei-os por um catamaran papu de Port Moresby...

Também nunca viram, decerto, um catamaran papu...

- Mas, acrescenta ele, no fim de contas o que são vocês ?...

- Como vê, nem japoneses nem papus: apenas dois franceses; dois estranhos franceses, concordo, navegando num barco ainda mais estranho... Uma história muito complicada!

- Venham a bordo !

Cinco minutos depois, somos os melhores amigos do Mundo... Temos de aceitar um convite para jantar...

Enquanto a embarcação nos ajuda a arrancar para encontrarmos, mais próximo de terra, um ancoradouro seguro, temos de pensar em fazer uma toilettezinha, em barbear-nos, em procurar umas calças e uma camisa...

Como a vida se torna logo complicada, mesmo nas ilhas, mal a gente se encontra com «civilizados» !...

214

CAPÍTULO 11 --- A passagem da «Grande Barreira»

24 de Maio.

Aparelhamos às 8 horas e 30.

Murray Island deixa-nos uma agradável recordação, mas sinto, ao içar as velas, que partimos para nova aventura: não pude obter a menor informação precisa sobre as perigosas passagens. Tati está inquieto. Desta vez tem certa razão; o caso é que outros, antes de nós, descobriram um caminho nesse labirinto, sem também terem tido mapas... Torres, por exemplo, ou Cook!...

- Nós somos tipos no género do capitão Cook, disse-lhe com ar brincalhão. Aventuramo-nos pelo desconhecido!

- Não é muito consolador o que me está para aí a dizer, responde-me ele, pois lembro-me de que há dois dias me contou que Cook, ao encontrar a Grande Barreira, pregou com o navio contra um rochedo e, para se desenrascar, teve de atirar ao mar todos os seus canhões e grande parte das provisões... E isto somente porque um bloco de coral se entalou na abertura do casco, tendo a

215

tripulação conseguido dificilmente combater a entrada de água e manter o casco a flutuar, até que encontraram um ancoradouro na costa da Austrália

- Talvez não tenhamos a mesma sorte!... Algo vexado por haver escolhido mal a minha desculpa comparando nos com o capitão Cook, cujas aventuras lhe narrara, em vez de escolher Torres, por exemplo, que também deve ter tido as suas, mas que eu não podia ter-lhe contado pela simples razão de que as desconhecia, acrescento:

- Ele lá... se desenvencilhou de qualquer maneira!... Também havemos de nos sa. . . far, Se nos acontecer qualquer percalço... Já não é a primeira vez, não é verdade?

Sim, eu nada pude saber em Murray... O nosso amigo, o Branco, professor e representante do Governo australiano da ilha, depois do jantar em família, de ontem, chamou um indígena que tem fama de conhecer as passagens... Tudo o que lhe pude arrancar é que, logo que largasse, deveria aproar a noroeste e que, vencidos os primeiros recifes em volta da ilha, descobriria a passagem por bombordo...

O resto da explicação foi das mais obscuras... Em dado momento, cinco ou seis milhas mais longe, encontrar-me-ia em frente duma linha de recifes pela proa, onde o mar rebenta sempre com fúria (animador!); é aí que a passagem faz cotovelo: do alto do mastro logo veria. Bem tentei que ele fizesse um plano qualquer, mas logo vi

216

que, se o homem possuía certo sentido de orientação navegando no dédalo dos recifes da Grande Barreira, não tinha nenhum para fazer girar o lápis sobre um pedaço de papel...

Por fim, partimos: aconteça o que acontecer... Abriremos os olhos e faremos pelo melhor.

De começo, tudo parece correr às maravilhas. Sopra uma brisa de sueste. Tati, do alto dos mastros, indica-me que descemos por larga passagem que parece prolongar-se para lá do horizonte... Eu grito-lhe:

- Não vês ainda os célebres escolhos de que os indígena falou e que daqui por algumas milhas nos devem barrar o caminho?

- Não! grita ele.

- Então desce! Há peixe a saltar à volta. Vamos deitar a linha...

Três minutos depois, um enorme Kinãfish está a bordo.

- Pensa que terei tempo de o preparar? pergunta Tati.

- Sim, vai lá, eu olho para a frente.. . e puxa a linha...

Vamos em bom andamento. A brisa sopra agora fresquinha... Com certa inquietação, vejo a passagem apertar-se cada vez mais... Sou obrigado a orçar, para evitar uma avançada traiçoeira em que o mar tem maus redemoinhos.

- Deixa o teu peixe, Tati, acaba-se mais tarde: parece-me necessária agora uma vista de olhos lá de cima da mastreação...

217

O meu camarada torna a trepar e, enquanto ele trepa, novo Kind fish se prende na linha... Penso içá-lo para bordo, mas, para não atravancar a plataforma, resolvo deixá-lo ficar no anzol, arrastado, alguns metros, à popa: ele debate-se, mas o anzol ferrou bem; pouco a pouco, com a goela aberta, vai para o fundo... Tenho a impressão de que acabo de

cometer uma má acção: para quê ter prolongado o martírio desse peixe? Para quê, mesmo, ter tornado a deitar a linha, visto que o primeiro peixe era mais que suficiente? Teremos de atirar à água perto de três quartos... Parece-me que, enquanto aquele peixe agoniza, a linha dos escolhos se aproxima de nós pouco a pouco e nos estreita a passagem; parece-me também que este peixe na nossa esteira me deita mau olhado!

Tati grita-me daí a pouco lá do alto:

- Há escolhos pela proa!...

- Vês uma passagem ?

- Não... nada... Há escolhos por todos os lados, o mar rebenta por toda a parte!...

Aproximamo-nos... E meio-dia! Desde as 9 horas que fazemos caminho... Navegamos a 5 nós, em média, sobre o fundo... Isto faz 15 milhas... seja qual for a velocidade das correntes. Aqueles recifes não correspondem em nada aos que me anunciava ontem à tarde o indígena, a 4 ou 5 milhas de Murray...

Onde nos encontramos então?... Não sei nada! Não é, com certeza, na boa passagem!

218

Subo também ao mastro... Pela primeira vez compreendo o receio de Tati: temos na nossa frente um mau beco-sem-saída!... Parece-me distinguir, para lá do escolho de estibordo, uma linha de água azul-escura, de algumas milhas de largura... Ali é que deve ser a passagem... Aquela que tomamos é talvez também uma abertura, mas uma abertura que conduzirá ao desastre!...

O escolho que nos aperta semeia-se de manchas mais claras. Sobre essas manchas é evidente que há bastante água para nós... Mas noto também feias orlas negras onde as vagas vão rebentar com selvajaria. . Aquilo é o mesmo que fazer o Kaimiloa em bocadinhos...

Diviso um cantinho dessa orla selvagem onde não há rebentação... Por detrás dela, em águas relativamente calmas, existe uma passagem muito estreita e apenas obstruída por algumas grandes placas cinzentas... e inquietantes, essas !...

Enfim, não há que hesitar... continuar é impossível: ancorar no meio desses escolhos e com este mar, ou tentar safar-nos bordejando, é tentar o diabo!. . . Tratem-se de passar por cima dos escolhos: se por infelicidade o não conseguirmos, deitaremos a âncora sobre uma dessas manchas claras onde a água parece mais calma... Tocar, encalhar na maré alta não é nada desejável. Antes ou depois, também o não é, mas, enfim, resta-nos uma esperança: podemos ver o mar subir e tomar disposições para desencalhar na próxima maré...

219

Tomei o meu partido... Vou enfiar por aqueles metros de água que não rebentam no recife... e no recife se verá... lá adiante onde o mar parece morto.

E nestes momentos que sentimos todas as alegrias e pequenos calafrios que nos dá o nobre desporto da vela...

A manobra efectua-se com precisão. Conservando bastante pano, para poder manobrar e atacar o sítio indicado apesar da forte corrente, que é preciso calcular em alguns segundos, o Kaimiloa entra no recife... Uma olhadela para o fundo... de passagem: impressionante! Não há mais de 2 metros e meio de água e, na nossa frente, o mar mancha-se de negro, sinal de mau agouro.

Berro logo a Tati:

- Arreia por todos os lados a mezena, a vela grande, à vontade...

Depressa, só o estai em cima!

Em menos dum minuto, todo o velame cai na ponte.

- Vigia bem na tua frente, que eu mantenho-me ao leme!...

E penso: «Se batermos no fundo, nada partiremos, porque já levamos pouca velocidade... O leme tocará primeiro... e é capaz de suportar um pequeno choque!»

Nesse momento Tati grita-me:

- Uma ponta de rocha pela proa...

E, segundos depois... sinto, pela cana de leme, que este se alija... Por mais que se espere, a impressão é desagradável.

220

Berro:

- Batemos !... Larga ferro !... Larga!...

A âncora cai... Maldita rocha!... Sem ela, e com mais uns metros de caminho andado, atingiríamos uma larga placa de água azul onde teríamos tido 6 a 10 metros de fundo... Por agora estamos encalhados... Felizmente, a cintura dos escolhos que deixámos a uma centena de metros protege-nos... Estamos em mar calmo!

lçamos os lemes: o Kaimiloa roda um pouco, mas depois fica imóvel.. . Não resta dúvida: estamos bem encalhados. Não há nada a fazer... A maré está baixa... Pois que baixe!... Quando subir, se verá!... Até lá, vai-se prever outro ancoradourozito nesse canto de água azul que nos fica perto...

Às 2 horas e 30 da tarde, o barco de estibordo está em seco: a quilha assenta sobre o cimo do rochedo... O barco de bombordo, esse, está em falso e flutua, enterrado mais meio pé do que é habitual...

Que está sucedendo à minha plataforma?... com o conjunto e as molas desta vez comprimidas a fundo! Apetece-me dizer a Tati: quando penso que em Honolulu esses senhores das construções navais me profetizavam a rotura depois de alguns golpes de mar... Mas calo-me. Não perdemos tempo... Estendemos uma centena de metros de corrente na direcção do cantinho de água azul e ferramos mesmo ao meio uma âncora. Quando o mar nos puser de novo a flutuar, poderemos desenrascar-nos. Bom... depois

221

veremos... pelo menos não nos arriscaremos, ancorados ali, a infligir à quilha do Kaimiloa um outro contacto impuro com os grandes rochedos negros, na próxima baixa-mar!

Às 4 horas e 30 da tarde estamos a flutuar: às 5 horas ancoramos no nosso cantinho de água azul. Salvos... temporariamente.

Decidimos passar a noite nesse ancoradouro e só largar de lá de manhã, depois de termos marcado todas as cristas de rochedos que emergem na maré baixa, para procurarmos um canal de saída: esse plató de coral sobre o qual nos encontramos tem pouco mais ou menos uma milha de largura... A seguir a ele, é a faixa de água sã que avistamos do alto do mastro, e que aliás deve ser a passagem

frequentada pelos pescadores de pérolas e de tro-chus, pois lá distingo, há algumas horas, os mastros dum lugre, ancorado...

Está um lindo tempo claro, a brisa sopra fresca, e o mar, contido pela muralha do recife que nos rodeia, está calmo... Tati mergulha para ver se não sofremos muito com o nosso encalhe... Desde Honolulu que ele se tornou um nadador famoso. . . Para passar o tempo, diverte-se conservando-se debaixo de água todo o tempo que pode... e pede me que conte os minutos, julgando bater o recorde, mas, com grande desgosto seu, só posso contar os segundos... Dá me, no entanto, uma boa notícia: o casco nada sofreu e só, debaixo da quilha, um cantinho de cobre com dois palmos de largo foi arrancado pelo cabeço de coral...

222

Permita Deus que seja esta a única recordação que o Kaimiloa leve da sua passagem pela Grande Barreira!

Desde o meio-dia que vigio com o binóculo a mastreação desse lugre ancorado do outro lado do recife, para me certificar das correntes que tem no seu

ancoradouro e poder assim desconfiar ou servir-me delas amanhã, quando estivermos onde ele hoje está!

Enquanto o observo, vejo pontinhos negros que vão e vêm no meio doutros pontos negros, estes imóveis, que são as cristas dos rochedos que se descobrem.

Cedo, três desses pontitos negros aumentam e aproximam-se de nós: são as lanchas do lugre, à pesca, em busca da afamada «hoiotúria»... Estão a mais de 3 milhas. Virão ao nosso encontro? Não me atrevo a esperar tal... Transpor a remo, no meio destas correntes, semelhante distância, parece-me um esforço sobre humano. Tenho, no entanto, de render homenagem à paciência desses indígenas. Pelas 5 horas e 30, sem terem parado um segundo de pagaia com os seus remos... chegam... e examinam-nos com curiosidade. Pedimos-lhe que subam, mas não se atrevem, tal o medo que têm de sujar o nosso barco. Os seus corpos morenos estão cobertos de filamentos viscosos das «holotúrias», que se exibem negras e nojentas no fundo das lanchas.

Curioso encontro: entre esses pescadores está um dos nossos amigos do Fou Po, encontrado há três anos em Coconut Island... Reconhece-nos

223

com entusiasmo. Recebera-nos então em sua casa por ser nessa época uma personagem importante da ilha: desempenhava as funções de professor!...

Explica-me que o lugre em que embarcou se encontrava ontem no ancoradouro da pequena ilha ao sul de Murray, que soubera ali da passagem de dois franceses num barco... . esquisito, e que logo desconfiou de que nós houvésssemos voltado...

Um indígena, de origem malaia, que conversa com Tati, conta-lhe que o nosso ex professor conhece bem os recifes. Mando-o logo subir e interrogo-o ..

Responde-me com explicações atrapalhadas. Peço-lhe que me faça um pequeno plano e vejo imediatamente a razão por que ele perdeu o seu posto de educador da mocidade, na ilha dos Coqueiros... Não sabe escrever, quanto mais desenhar !

No entanto, dá-se ares de conhecer a «sua» Grande Barreira... Talvez nos possamos fiar nele para sair daqui...

Depois duma distribuição de tabaco, bolachas e conservas, as três embarcações são amarradas à traseira do Kaimiloa. A dezena de corpos papus, malaios e polinésios que compõe a tripulação atiram-se a água, desembaraçam-se dos filamentos viscosos que a cobre e volta para bordo. O meu ex-mestre-escola explica-me então que tomei à partida de Murray o pior caminho e o mais perigoso, no qual os capitães dos lugres só se aventuram com a máxima prudência, mesmo nas épocas das águas mortas, porque as correntes são

224

ali muito fortes... Como havemos de sair daqui?... A única solução é atravessar o recife no momento da maré-cheia e ir fundear a 4 milhas dali, no sítio onde se encontra agora o lugre.

Sabendo que o seu capitão faz tenção de aparelhar ao nascer do dia e que possui um mapa da Grande Barreira, vem-me à ideia, visto que o mar ainda sobe, aparelhar já com toda esta gente a bordo e deixar-me ir à deriva com a corrente das vagas e em árvore seca, metendo depois à vela, vencer os escolhos no canal e ir fundear já esta noite perto do lugre. O ex-mestre-escola fará de piloto...

O primeiro trabalho do nosso amigo é da maior prudência. Manda dois dos seus camaradas sondar por cima dos rochedos que há pouco mostravam as suas feias cristas negras, para verificar a altura de água que as cobre agora.. . Um pouco mais de 3 pés, assinalam eles!

Belo! Como o Kaimiloa só mergulha 3 pés, com a corrente que nos corre ao longo da amurada a mais de 3 nós, não levaremos muito tempo a sair da nossa crítica posição...

Com o maior dos entusiasmos, a minha tripulação ocasional levanta ferro, abandonando por instantes o volumoso pacote de tabaco de onde todos fazem, desde a chegada, cigarros sobre cigarros...

O Kaimiloa, liberto, deriva agora com bom andamento, embora sem elegância, levado de través pela corrente. Os nossos marinheiros de acaso,

225

sabendo que só terão de manobrar depois de franqueado o recife, precipitam-se outra vez para o pacote do tabaco. Quase se batem para ver qual faz o cigarro mais grosso, quando repentinamente um choque formidável os atira para o outro lado da plataforma!

Solto uma praga! Acabamos de bater, mesmo de lado, numa crista de rochedo... Tati olha para mim, apavorado... Este está a menos de três pés de água! diz-me ele.

Lanço um mau olhar ao piloto. Tati, dando o exemplo, mete-se na água e os indígenas seguem-no: conseguem fazer girar o barco, que se safa do rochedo; parte com a corrente e pára, depois de novo choque noutra crista de rochedo... Igual manobra, seguida dos mesmos choques...

Fazemos a hidrografia das pontas das rochas a menos de três pés com o casco do Kaimiloa... Um dos choques é seguido de sinistro estalido: desta vez não foi o casco que tocou, mas sim a porta do leme... Sinto-me arrepiado. Começa a cair a noite... Como poderemos apreciar a

avaria? Um indígena mergulha o participa-me que tudo corre bem! Deus queira!

Já anoiteceu... Eu contara com a Lua para nos alumiar, mas o céu cobriu-se subitamente.. . Que fazer? Estamos à mercê do mestre-escola e talvez que ele não saiba grande coisa... Se soubesse mais do que nós!

- Estamos safos, diz-me daí a pouco, no seu calão inglês, pode içar a vela!...

226

De facto, há alguns minutos que o Kaimiloa deriva sem agarrar outras pedras à passagem...

Estai, mezena e um bocado da vela grande, porque a brisa está fresca, sobem, enquanto eu com Tati levanto os lemes... Um fica amarrado.

Tomo uma das canas do leme... Vamos a andar bem.

O meu piloto grita-me :

- Pode encaminhar-se agora para o lugre... Uma refrega de chuva fina cai sobre nós.

A luz indicativa de que o lugre está ancorado desaparece. Guio-me pela brisa... Sei que estou bem encaminhado para o lugre, se a brisa, claro está, não mudar durante a refrega... Grito a Tati que olhe bem na sua frente por causa da luz e berro para o meu piloto a perguntar se «vamos bem»... Tati responde-me que vigia, o «piloto» não pia... Vejo-o, preocupado, subir à embarcação de estibordo e saltar à de bombordo, olhar para o lado, para a frente e para o céu... Dá-me a impressão de ter perdido o norte... Berro-lhe várias vezes:

- Seguimos bem?...

O animal continua a não me dar resposta.

De repente, sinto o leme subir-me nas mãos. Que desgraça! Tocámos, santo Deus! Tocámos! E esse animal que nada diz... Desta vez acabou se, é o fim. Corremos à velocidade de 5 a 6 nós; se a porta do leme apanha um bico de rochedo em cheio, com esta velocidade arrancamos a traseira toda!.. . E o desastre!...

227

Ao grito de tocámos, Tati precipita-se para o mestre-escola...
Responde, por Deus, responde, não ouves?
Tocámos!... Encontramo-nos sobre um recife... Para que lado havemos de governar?

O leme levanta-se mais: raspamos o fundo. O desastre está iminente...
O piloto, que Tati agarrou pelos ombros e sacode com fúria, começa a balbuciar:

- A luz do lugre, ali na frente, depressa, para a direita!

Tati grita-me repetindo:

- Vê-se outra vez a luz do lugre na frente; é preciso vir para a direita.

Depressa! Estibordo!

Bombordo!

E precipita-se então para me auxiliar a manobrar a cana do leme.. .

Nessa ocasião, a Lua, que passa entre duas nuvens, ilumina o mar...

Horror! A luz dos seus raios pálidos, verifico que navegamos sobre um fundo de manchas brancas e negras... Ainda nos encontramos sobre o recife!...

- À direita! Venham para a direita! berra cada vez mais o meu mestre-escola.

Não restam dúvidas. Ele julga haver abandonado o primeiro recife e atravessado o estreito, e ter-se metido no recife em frente...

Venham para a direita! Estas palavras de repente fazem-me mal... Não posso dizer porquê, mas «sei» que o meu piloto se engana, «sinto» que ele se engana... Não devo ir para a direita,

228

mas sim para a esquerda. O recife sobre o qual navegamos, que talvez nos vá arrancar os lemes e as traseiras dos cascos, é aquele em que estávamos e de que ainda não saímos...

E, enquanto ele me grita com voz cada vez mais aflita: «Para a direita, depressa, venham para a direita!», eu curvo-me sobre a cana do leme e enfio em cheio... para a esquerda!...

Donde me vem esta certeza, esta intuição que me faz agir como que mecanicamente e que evita o desastre? O Kaimiloa deve ir para a esquerda: sinto-o com tal força que me parece receber uma ordem a que só me resta obedecer.

A Lua permito-me ver as manchas brancas e negras do fundo um pouco mais confusas... Depois... de repente, mais nada... Acabamos de sair do recife e estamos no estreito.. . salvos!

Insultar o meu mestre-escola... piloto? Não! Tenho melhor a fazer: dou graças às forças misteriosas da natureza, que se comprazem às vezes em manifestar-se àqueles que se esforçam em múltiplos e humildes contactos com elas, que procuram harmonizar-se com elas...

Meia hora depois, com uma brisa cada vez mais fresca, mas a vela grande desta vez içada e após alguns bordos executados sob rajadas de chuva, fundeamos na orla do recife, a alguns metros do lugre...

Salto para uma embarcação e vou visitar o capitão... E um verdadeiro marinheiro: esse conhece bem a Grande Barreira. O valente capitão

229

indígena recebe-me no seu beliche, onde, sentado no sobrado, quase toca com a cabeça nos barrotes do convés.

Fumamos alguns cigarros e ele mostra-me o seu mapa (de que nunca se serve): acrescenta-lhe escolhos que não figuram lá, diminui a importância doutros existentes e indica-me o caminho mais cómodo para sair deste labirinto. Parto com o mapa corrigido e passo metade da noite a tirar uma cópia... Virá um indígena de manhã buscá-lo... aparelharemos juntos e separar-nos-emos algumas milhas mais ao norte... Para ele, outros escolhos com as viscosas «holotúrias».. . e, para mim, outros recifes com os maus cachões !.. .

25 de Maio.

Ao amanhecer aparelhamos: sopra vento rijo de és-sudeste... O meu amigo, o capitão indígena do lugre, levanta ferro ao mesmo tempo que nós... Não me sinto arreliado por abandonar este ancoradouro. O que nós baloiçámos nele toda a santa noite!...

Algumas milhas mais ao norte, o nosso camarada deixa-nos, enfiando por entre os dois recifes que se estendem a sudeste de Darnley Island. . e prosseguimos sozinhos a aventura...

Tati, que ontem na altura do encalhe e desencalhe, e no decorrer da perigosa navegação nocturna sobre os rochedos que se divertiam com o nosso leme, se conservara muito calmo, está hoje

230

dum nervosismo extremo... Claro que a cópia que fiz do mapa, com os recifes a atravessar, só pode ter sentido para mim... Ele confessa-me que o mapa lhe inspira tanta confiança como o outro da Grande Barreira!...

Teima em conservar-se agarrado no alto do mastro, onde não é cómoda a instalação, quando uma olhadela circular, de dez em dez minutos, seria suficiente...

- Na ponte, confessa-me ele, não vivo! Tudo estaria muito bem, se do alto do seu poleiro me não assinalasse os escolhos e as suas aparências sombrias, com voz tão aflita... que acaba por me impressionar... Por toda a parte ele vê recifes, o que é verdade, mas vê-nos também já feitos em estilhas sobre eles, o que ainda não é verdade. Largo a cana do leme várias vezes para ir eu próprio deitar uma olhadela à paisagem. Claro que não é atraente... Mas, como digo a Tati, estando estabelecido que todos esses maus escolhos são conformes às indicações do mapa, não vejo razão para não nos enfiarmos entre eles e, metendo-nos lá, há todo o interesse em fazê-lo com confiança! Sejam tanto mais calmos quanto mais o mar se faz bravo! Ele olha-me com os seus olhos muito espantados, como se eu fosse o diabo... Às 5 horas da tarde o horizonte destaca-se um pouco: chegamos a fundear na ponta noroeste do Yojk Island, uma ilhazita baixa e coberta de coqueiros...

231

Que doce sensação!... Passamos bruscamente dum mar de vaga curta, onde abríamos caminho numa nuvem de borrifos, a uma zona subitamente calma e protegida pelo ilhéu...

Bonitas e pequenas refregas permitem que nos aproximemos com prudência da costa e distingamos nas águas claras um fundo propício...

Que doce volúpia deixar cair a âncora e saber que nesse ancoradouro bem abrigado se poderá passar uma boa noite !...

26 de Maio.

Aparelhamos por uma radiante manhã. Tudo está cor-de-rosa !...

Aproamos a Coconut Island, onde faço tenção de parar... Conservo de Coconut Island uma boa recordação... O mestre-escola já lá não estará (mas por que diabo não teria ele ficado ?) e o velho francês que se chamava Garnier, mas que os indígenas só conheciam pelo nome de Didon, morreu. Contudo, esse outro velhote que nos faz as honras da sua pequena ilha e que acompanhou uma tarde toda a mocidade feminina a bordo e à noite nos fez assistir, debaixo dos coqueiros, a maravilhosas danças que exhibia à tripulação dum lugre de passagem, esse, com certeza, nos reconhecerá...

Dobramos, a rasar, uma ilhazita desabitada a 4 milhas a nordeste de Coconut... Foi aqui, se bem me recordo da história que me contou outrora o velhote, que fundeou Gerbault e lhe aconteceu

232

a seguinte aventura: «Numa noite, enquanto o navegador solitário dormia profundamente, o seu Fire crest, desconsolado com a terra, garrou e retomou o largo...

«Ao amanhecer, os indígenas de Coconut Island ficam intrigados com esse barco que não é um lugre, que tem uma mastreação cuja altura lhes parece anormal e que voga à deriva! Seguem-no com o olhar durante algum tempo. Depois, vendo-o dirigir-se, levado pelas correntes, para uma barreira de perigosos recifes que atravessa o caminho de oeste, saltam para uma embarcação. Ao aproximarem-se do barco, olham-se, admirados: não está ninguém a bordo...

«Boa presa! pensam eles. E tratam de o acostar. . . Mas eis que salta da cabina um homem bronzeado, com os olhos ainda inchados de dormir, e que lhes grita palavras em linguagem estrangeira. Não o compreendem, mas eu creio bem que ele lhes haja dito: «Eh lá! já se não pode dormir sossegado? Que vêm vocês aqui cheirar?»»

«Depois, arregalando os olhos para perscrutar bem o horizonte e não reconhecendo o seu ancoradouro da véspera... creio bem que deva ter acrescentado : «Mas, santo Deus! Que diabo vim eu aqui fazer?»
«Então, guiado pelos simpáticos indígenas, volta a tomar o seu fundeadouro na boa ilha «Coconut...»
Também nós nos aproximamos da boa ilha

233

Coconut... Um pequeno cutter indígena balouça ali. A tripulação principia logo a movimentar-se na ponte: «Que estranho barco será este que chega?» Uma embarcação, tripulada por alguns belos diabos musculados, afasta-se do seu costado... e aproxima-se, prudentemente, a pequenas remadas.. .

Um dos indígenas chama-nos à fala:

- You? White men? (Vocês são brancos?) Desatamos a rir... O engano é justificado:

naturalmente só vêm abordar ali brancos, australianos. Nós nada temos de comum com eles... Nem capacete, nem chapéu de palha flexível, nem camisa .. nem short!...

Os tipos precisam a pergunta:

- You no Japanese ?

Esta agora é o cúmulo!... Sermos tomados por japoneses!...

Nesse mesmo instante ouve-se um assobio que vem de terra... Olho, admirado, e vejo então na praia um homem vestido de branco, que faz gestos... A embarcação parte a toda a pressa... E o chefe branco da ilha, dizem-nos eles.

Um chefe branco em Coconut... Que diabo, a ilha tornou-se importante!...

- Digam ao «governador» que vamos a terra... para o cumprimentar! Que somos dois franceses. Os indígenas reconhecer-nos-ão, pois parámos aqui há dois ou três anos...

Desembarcámos.. . Toda a aldeia se encontra ali reunida. Uns cinquenta indígenas. Os rapazes

234

criaram... O nosso amigo «velhote» quase se atira para os nossos braços. As raparigas de Didon continuam risonhas: reconhecem-nos e fazem nos festa...

O branco espera-nos em casa...

- Meteram-me um susto, confessa ele. Ora vejam... já tinha preparado o meu Colt... Julgava que era mais um desses malditos sampans japoneses!

Decididamente a epidemia do sampan continua a ser crónica nestas paragens... Também ele nunca viu com certeza um sampan... Tomar o Kaimiloa por um sampan japonês! Que insulto!

O branco é um homem simpático que exerce ao mesmo tempo o cargo de governador da ilha .. e de mestre-escola. Realmente é sempre preciso um mestre-escola nestes ilhéus... Pelo menos o título faz efeito: dá-se assim a impressão de querer levantar o nível cultural do indígena... É o aniversário do governador e os seus administrados preparam uma festa em sua honra...

Somos convidados. Encantadora festa, pela sua simplicidade e sinceridade... Há um jantar ao qual fazemos honras... Um guisado de tartaruga !...

À noite voltamos para bordo e o governador acompanha-nos.. . Os indígenas ficam parados (tal como os de Murray), diante dos enormes taros vindos de Futuna.

Damos-lhes dois... e pedimos que lhes chamem taros Kaimiloa...

Aqui têm menos probabilidades de êxito

235

na sua cultura do que em Murray. Enfim, eles que experimentem!.. . Adormecemos ao som dos tantas. Estes são mais civilizados do que os dos nossos amigos papus: os tantas de lá não são de madeira oca e artisticamente ornados de esculturas... são latas vazias de gasolina.. . Não faz mal. A alegria é a mesma. Dança-se toda a noite debaixo dos coqueiros... E canta-se ao luar... Feliz povo!... Partiremos de manhã cedo... a caminho!

28 de Maio.

Se tudo correr bem, esta noite teremos saído da Grande Barreira! Logo que nos safámos de Coconut, a brisa começou a soprar com selvajaria... O mar tornou-se forte.. . muito forte... Ondas curtas e rebentadas martelam os cascos...

Tati sai da embarcação de barlavento. . . Está pálido...

- Que tens?

- Vai-se partir tudo! diz-me ele. Cai-nos tudo em cima com esta brisa e este mar! Se estivesse lá dentro... Vá para lá... Tudo estala e com certeza rebentará alguma coisa...

Talvez tenha razão... Dá-me a impressão de que desta vez o Kaimiloa baloiça e afocinha de mais... Sobretudo, de bolina cerrada. O mar, por vezes, parece marrar contra os cascos, fazendo estremecer tudo...

Temos, pois, de aguentar mais uma hora...

236

Há um recife a sotavento que ainda se não vê... Campbell Reef. Temos de o dobrar. Uma vez safos dele... tudo estará bem!

Tati continua na mastreação (não percebo como consegue agarrar-se tanto tempo lá em cima) e assinala-me a leste um lugre, ao sul das Harvey Rocks...

- Tem a vela grande rizada... e nós ainda temos o pano todo em cima! Nesse momento, um bambu da nossa própria vela grande estala...

- Amainemos! grita-me Tati. Amainemos!

- Ainda não!... Temos que safar este recife...

- Onde está ele, esse penedo?

- Por aí, em qualquer lado!

Desço à cabina, a fim de apontar algumas observações. Uma corrente arrasta-nos para oeste sobre o recife... que ainda não vemos... Isto rebenta por todos os lados... com este vento, este mar... parece-me daí a pouco ver da ponte um rasto mais branco sobre a água...

- Não vês nada ali em baixo, Tati ? Ele responde:

- Não, nada! Por toda a parte continua a estalar a mesma coisa... Além disso, estou farto... Vou descer... Daqui a nada cai o mastro comigo em cima...

Desce, mas verde!

É realmente o recife o que eu vi.. . da ponte. Tati vê-o também perfeitamente. Safar-nos-emos à justa... por uns duzentos metros, o máximo.

237

... Às 13 horas e 45 estamos-lhe pelo través.

- Safos! Tati, safos!... Podemos agora reduzir o pano...

Ele não se faz rogado...

- Tinha-me dito que este maldito barco era sólido, declarou-me, uma vez terminada a manobra. - Pois bem ! Agora acredito-o !

Ao longe desenham-se o monte Adolphus e a costa norte da Austrália... por bombordo "Wednesday... e Good Island...

E já noite quando passamos pelo farol. Por detrás de Good... deve estar a adormecer a ilhazinha de Thursday.. . a boa ilhazinha...

Pego no archote eléctrico e <ataco> o faroleiro.

- Somos os dois franceses que vieram a Thursday há três anos.. . com um junco chinês, o Fou Po... Apresente os nossos cumprimentos ao Dr. Nêmo, ao Mayor e a todos aqueles que tão bem nos receberam e auxiliaram... Nós rumamos para Java !...

Às 8 horas e 15 dobramos o farol isolado de Booby e entramos no mar de Arafura! Bem ao largo!

Esta madrugada, às 3 horas, quando Tati tomou o quarto participou-me:

- Agora já poderei rezar uma oração a SantAna.

268

CAPÍTULO 12 --- Navegando em forno de Bali

2 de Junho.

A navegação prossegue bem, muito bem. Só temos que deixar correr. Uma média de 145 milhas por dia... não é nada mau.. . E leme amarrado!

Abandonámos as frias águas amarelas que orlam as proximidades do estreito de Torres, a oeste, e navegamos agora num mar mais alegre:

verde-claro. Quantas bordadas não fizemos nós outrora, neste canto do mar, com o Fou Po!

Foi nestas paragens que, certa noite, quase nos espetámos num grande recife, desembocando muito ao largo dum ponto que o mapa apenas indica como sendo um pequeno banco de areia: Turu Cay.

Querendo esclarecer este mistério, examino, logo que chego a Thursday Island, os mapas mais recentes do Almirantado britânico, mas, não vendo lá nenhum recife... içamos as nossas velas... e voltamos para trás...

Não sem correremos algumas aventuras, encontramos o banco de areia chamado Turu Cay... e o terrível recife também.

239

Que bons dias de estudos !

Fundeados o Fou Po, descemos ao banco e traçamos o mapa. O recife desconhecido que o cerca é de boa envergadura: mais de dois quilómetros de comprimento...

uma insignificância! Ao mesmo tempo, estudo as marés naquele cantinho, as correntes e as profundidades... Logo me admiro de encontrar uma anomalia (que bem merece estudo mais pormenorizado): a umas vinte milhas de distância apenas, as marés revelam-se diferentes na hora e amplitude... Booly parece ser a demarcação limite de duas ondas diferentes: uma vinda de leste (golfo de Papuásia), pelo estreito de Torres, e a outra de oeste, do Oceano Índico.

Acontece-nos, então, uma aventura... uma aventura que nos arrepiou, retrospectivamente. Ei-la:

Depois de havermos terminado as nossas observações no banquito de areia com algumas centenas de metros de comprimento, e no grande recife desconhecido de 2 000 metros, vamos ter com o Fou Po, abandonado todo o dia no seu ancoradouro na ponta do recife...

Não podíamos, porém, ter voltado antes, porque desembarcámos com a maré cheia e a água, ao vazar, deixara a nossa embarcação longe, em seco, sobre os rochedos descobertos...

Passámos a noite no fundeadouro e só aparelhámos de dia... São duas horas da manhã. Ponho em ordem as notas e as observações tomadas durante o dia, calculo as «rectas» com o fim de rectificar a

posição geográfica do sítio. Vejo, então, ao olhar para a bússola, que está perto de mim, que o Fou Po anda às voltas: retorno das correntes de maré, pensei eu!

Mas, como estou justamente a fazer um diagrama das diferentes correntes observadas no fundeadouro... acho que aquela que nos faz girar nessa altura está absolutamente fora da regra...

Meto uma ponta do nariz de fora. Na noite, parece-me ver a linha branca dos cachões com demasiada nitidez. Corro a vante: um dos cabos de fundear (nessa época não tínhamos correntes para as nossas âncoras) pende a pique ao longo do casco. Puxo-o para cima: já não tem âncora no extremo... Corro para o segundo cabo:

nada de âncora, também. Os cabos, embora fortes, em consequência das numerosas rotações sofridas durante o dia, enrolaram-se à volta dos corais... deram de si... e cortaram-se...

O Fou Po, arrastado pela corrente, desvia-se para a costa. Eu berro como um doido:

- Tati! Depressa! Já não temos âncora! Vamos para cima das pedras !. .
. Pano, depressa!...

Felizmente que a mezena não foi amarrada e é içada em segundos. Já era tempo e bem tempo. Roçamos pelo desastre: precisamente a alguns metros, desfila o recife que acabáramos de estudar.

Eis-nos, pois, a salvo no mar livre, mas sem âncora! Acabaríamos por tornar a fundear em Thursday Island: um amigo, o Sr. Cleveland, prevenido pelo guarda do farol de Good, a quem

comunicámos a nossa crítica situação, vem ao nosso encontro à baía e passa-nos um ferro...

Mas não foi esse o nosso maior receio... O nosso maior susto sofremo-lo, safado o recife e já passado todo o perigo... Medo retrospectivo !

Se o Fou Po tivesse largado do seu ancoradouro durante o dia, quando no banco de areia só tínhamos por bagagem um sextante, um cronometro e um horizonte artificial... Se tivéssemos visto o nosso barco

na baixa-mar abandonar-nos, nada poderíamos fazer para o apanhar! Ou, então, se a aventura tem sucedido durante a noite, com nós ambos a dormir... Como seria o nosso despertar, ao sentirmos um grande choque? O Fou Po estampado numa rocha e arrombado pelo mar.. . Admitindo até que escapássemos ao naufrágio, acabaríamos os nossos dias a secar ao sol sobre o areal de Turu Cay?... Nada mais encontrariam das nossas pessoas, alguns anos depois, é claro, senão dois esqueletos bem comidinhos pelos caranguejos e pelas aves marinhas... Brru!... Como se consegue ter medo com um pouco de imaginação!... Ainda hoje sinto frio na espinha quando me lembro!

8 de Junho.

Nada a assinalar. Sempre uma média de 120 a 140 milhas por cada vinte e quatro horas... « sempre o leme amarrado !... Passo o tempo a tomar alturas sobre alturas.

242

Quero confirmar a minha ideia, tantas vezes verificada já, de que este braço da corrente equatorial que bons atlas dizem passar pelo estreito de Torres (aliás, perguntar-se-á por onde) e continuar o seu majestoso curso para o Oceano Índico... existe apenas na imaginação dos desenhadores de mapas!

Nem um só peixe no mar desde o estreito! É esquisito!... Quando aqui passei com o Fou Po, na mesma época do ano, era só o que havia! Navegávamos literalmente sobre bancos de Kingfish... bancos tão espessos que, à noite, me divertia a fisgar a água ao acaso ao longo do casco e, de cada vez, trazia sete ou oito peixes...

Várias vezes, até, os tubarões intervinham (tubarões cujos enormes olhos luziam na água sombria como pedras preciosas), e esses Kingfish, assustados, saltavam em vagas de centenas, salpicando a amurada de água fosforescente... e - o que a muitos parecerá uma história de Marselha - alguns até chegaram, certa noite, ao extremo de cair na nossa ponte.

9 de Junho.

Acostamos perto de Soemba, a oeste de Timor. Sinto sempre uma doce alegria em «aterrar». Porque vejo terra? Não, senhor! Apenas porque a encontro onde ela deve estar!... É que temos no Kaimiloa o raio dum cronometro que não é de confiança!...

243

10 de Junho.

Chuva calma, brisas variáveis. O diabo dum tempo cerrado... Não saímos do mesmo sítio.

12 de Junho.

Caímos sobre uma linha estranha de tiderips... Sigo-a... Tomo alturas em vista dos estudos de correntes (que calcularei esta noite). Esta linha de tiderips parece seguir exactamente a linha dos fundos de 1000 braças... Porquê?

14 de Junho.

Tati acorda-me de manhãzinha:

- Calma podre, diz-me ele. Venha ver a costa.

Apesar de tudo, este país é bem bonito! Há dois dias que só víamos feios recortes de costa enevoados de cinzento! Desde a nossa aproximação da terra, o céu estivera sempre carregado de nuvens, deixando entrever apenas, e com parcimónia, encostas sombrias de colinas muito baixas... Esta manhã, num céu bem limpo, uma linha de picos, de contornos nítidos e ao mesmo tempo delicados, desenha cones majestosos com tonalidades rosadas de pastel.

Podemos admirar a paisagem com todo o vagar, pois estamos sem vento, em plena baía, a algumas milhas da costa sul de Bali!

O mar, logo ciumento do esplendor das montanhas,

244

diverte-se, presumido, enfeitando-se com os clarões da aurora... Saltam peixes aqui e acolá, fazendo, na água imóvel, círculos que se alargam frementes de cor, tão regulares como nas águas calmas dum lago. Um bando de golfinhos brincalhões passa perto de nós, a um de fundo, rumando para o sul. Estes simpáticos peixes devem sentir também a suavidade alegre desta manhã. Parecem atacados de loucura, saltando de maneira curiosa sobre o lado e fazendo piruetas sobre si mesmos duas ou três vezes antes de tornarem a cair na água com um grande «estoiro» sem elegância.

Estamos em calmaria e derivamos para sudoeste. A pouco e pouco aproximamo-nos dessa má ponta Mebulu que tanto me custou a dobrar a última noite... É a vazante. Para ocupar o tempo, divirto-me com uma pequena experiência que deve controlar certa observação feita ao largo, estes últimos dias, no momento de acostarmos!...

Deixo correr a âncora dita flutuante e lanço-a a 15 metros de fundo, mais ou menos... Qual não é o meu espanto ao ver que logo deixamos de derivar: a proa é impelida para o norte e tudo se passa como se a corrente da maré apenas agisse à superfície e por debaixo dela existisse, em sentido contrário, uma ligeira contracorrente.. . No entanto, estamos apenas em fundos de 60 metros...

Como tudo ignoramos da vida dos oceanos, penso nos belos estudos que nós, vagabundos do mar, poderíamos fazer, desde que possuíssemos alguns instrumentos...



Esta existência das correntes de fundo tem, creio eu, uma tal importância, uma importância tão insuspeitada, que quero citar aqui como exemplo a observação realizada no Pacífico e que não deixará para muitos sábios hidrógrafos de se afigurar assaz perturbadora. A última foi feita em 12 de Junho, entre Lomboch e Musa Besar. Ao acostar, diverti-me (uma das minhas maniazinhas) utilizando as raras sondagens indicadas no mapa, a fim de fazer uma ideia aproximada do relevo submarino sobre o qual estou navegando... As sondagens, aqui relativamente numerosas, tornam fácil os traçados das curvas de nível... A minha curiosidade é em breve despertada, pois que, ao aproximar-me da linha dos fundos de 1000 braças, noto no mar esse fenómeno tão conhecido dos marinheiros, a que os ingleses chamam tiderips e nós «remoinhos das correntes das marés», fenómeno esse causado pelo encontro de duas correntes contrárias, produzindo, num mar por vezes calmo, uma agitação superficial (agitação que pode, em certos casos, dar o efeito dum mar muito duro, curto e encapelado). O Kaimiloa, aproveitando-se da brisa favorável, diverte-se seguindo essa linha de tiderips... Breve, verifico com alegria que estou seguindo também exactamente e segundo as suas menores curvas submarinas a linha dos fundos de 1000 braças! Ora se uma linha de nível no fundo do oceano, e com perto de 2000 metros de água sobre si, se pode

revelar à superfície com tal exactidão, não será porque existe nesses fundos uma poderosa deslocação da massa inferior das águas, desviadas e trazidas à superfície pelo relevo encontrado? E isto com tal regularidade que, encontrando outras deslocações (estas superficiais, como as correntes das marés), provocam assim os tiderips? A observação de tal fenómeno poderia, pois, como no caso citado, dar uma ideia exacta do relevo dum solo submarino!... Isto leva-me (o que talvez seja um pouco atrevido da minha parte, visto que, por falta de instrumentos, não o pude verificar) a emitir a seguinte

hipótese: se uma corrente de fundo pode assim revelar à superfície o relevo do solo submarino conhecido, não poderia também um estudo sério das fantasias até aqui inexplicáveis das correntes superficiais de certas regiões fazer-nos descobrir, no fundo dos oceanos, relevos imprevistos e curvas de nível bem diferentes daquelas que é hábito, aliás com demasiada leviandade, desenhar em certos mapas, sobretudo nos do Pacífico?

Calculando as forças e as direcções de certas correntes deste oceano, verifiquei muitas irregularidades misteriosas... E senti que, se possuísse na altura dessas observações um aparelho de sondagem de «ultra-som», teria descoberto debaixo de mim a explicação do mistério! O fundo dos oceanos é menos conhecido do que julgamos, e a vida das águas pode ser muito diferente daquilo que supomos.

247

Perto da tarde, o alegre bando dos tubarões volta, sempre brincando, do seu passeio pelo largo, e traz-nos uma pequena refrega, que corre, como eles, sobre a água. O Kaimiloa deixa logo de andar à volta: a sua vela, elanguescida, estremece entre os bambus, e a água canta de novo, devagarinho, ao longo da amurada.

Deixamos no nosso rasto um amontoado de objectos heteróclitos que vogavam à nossa volta desde manhã (a calma é um poderoso estimulante para a limpeza e para pôr um barco em ordem...).

Desaparecem atrás de nós pacotes de jornais velhos, uma lata vazia de leite condensado, uma colecção de latas vazias de tinta, algumas roupas de cores diversas e... pouco tentadoras... A brisa está ainda bastante anémica. Temendo vê-la cair-nos em cima sem aviso prévio, decido ir fundear o mais breve possível próximo de terra...

As 5 horas fundeamos diante duma aldeiazita simpática, com cubatas belamente alinhadas em semicírculo, frente ao mar. Tem o nome de Seseh. E tudo quanto ficamos a saber, por ser impossível desembarcar lá, devido à vaga comprida que rebenta sorrateiramente no fundo da baía com um ruído selvagem.

Uma embarcação tripulada por dois indígenas dirige-se para nós... mas depois afasta-se. Fazemos-lhes sinais, mas não respondem! Os tikis

polinésios pintados no casco talvez lhes metam medo.. . Talvez lhes lembrem lendas confusas

248

em que se trata das incursões desses diabos polinésios de outrora! Não é em Seseh que acabará a nossa travessia; por isso, necessito de entrar em comunicação nesta costa com qualquer indígena. De Bali, desconheço tudo, até onde se encontra o seu principal porto! Tentaremos mais longe. Ao amanhecer, abandonaremos este fundeadouro para procurar outro. Talvez tenhamos mais sorte!

15 de Junho.

Seguimos a costa aprofundados a oeste, uma costa coberta de ricas pastagens, semeada de aldeias aqui e acolá, e tendo, como pano de fundo, a linha majestosa dos cones vulcânicos... Bonito, mas nada tentador para fundear! Temos, no entanto, de abordar em qualquer parte. Há cartas queridas que me esperam em Sourabaya...

Deve com certeza haver comunicações entre todas estas aldeias da costa sul de Bali e Java... Mas, então, por que não havemos de nos dirigir directamente a Sourabaya? Porquê esta ideia de parar em Bali, quando à partida de Honolulu eu decidira fazer apenas escala em Sourabaya?

Contudo, esta noite lançamos ferro diante duma aldeiazita chamada Pengambengan e, tal como em Seseh, os indígenas parecem fugir-nos... Nem um barco avança da margem! Está um pequeno prau malaio fundeado perto de nós. Tem gente a bordo, porque o fumo do forno de lenha, onde

249

coze o arroz para a refeição da noite, filtra-se através do tejadilho de caniços entrançados. Mas ninguém deita o nariz de fora: devem espiar-nos lá de dentro!...

Decido-me. Para o diabo a ideia duma escala sobre esta costa sul de Bali. Queria evitar com isso, sobretudo, a travessia dos dois estreitos:

um, que separa Bali de Java (cujas correntes gozam de má fama); outro, que separa Java de Samatra (célebre pelo famoso Cracatoa e as suas imprevistas explosões). Tanto pior! Vamos directamente a Sourabaya! Os dois estreitos... deixá-lo! Tornar-nos-ão interessante a navegação! Esperemos que, com o auxílio e protecção dos deuses, ela seja isenta de muitas aventuras!

16 de Junho.

Aparelhamos de novo ao amanhecer... Desta vez muito bem acompanhados, pois de todos os maciços de árvores da costa surgem embarcações indígenas que rumam, como nós, em direcção ao estreito.. .

Cada indígena aqui deve ter o seu barquito. O barco de que se servem, bastante localizado nestes mares a leste de Java, é o «duplo outrigger ou «piroga de balanceiro duplo», bem carregada de pano e com a tão linda vela em triângulo. Este velame é elegante para a vista, mas deve ser pouco prático para a manobra!

Às 4 horas da tarde, subindo a corrente e costeando a roçar pelas árvores da costa oeste de

250

Bali, enfiamos pela parte mais apertada do estreito. Procuro um canto para passarmos a noite, mas é preciso ver claro para tentar a aventura. Uma repousante baiazinha breve aparece a estibordo: o meu mapa designa-a com o nome de Gili Manuk Bay.

Meto-me nela... Sobre uma jangadazita de madeira, pessoas que vieram ver manifestam-se com sinais de simpatia, os primeiros desde que navegamos ao longo da costa, e aquele cantinho parece-nos mais encantador. Logo que fundeamos e caçamos o pano, depois de as manobras estarem em ordem, atiramos o botezinho à água: não se poderá dizer que não pusemos pé em terra, na poética Bali!

Em traje de mar, quer dizer, com o essencial para dissimular dos nossos corpos aquilo que é costume esconder-se, desembarcamos. Um jovem holandês,

gaguejando algumas palavras de inglês, leva-nos a casa de seus tios, os únicos brancos do sítio», segreda-nos ele. Com certeza quis dizer «os mais brancos», pois o tio é francamente mestiço de malaio e a tia é levemente arraçada de holandesa... Oferecem-nos uma chávena de chá, preparado e servido pela rapariga da casa (que, para fornecer nova confirmação da exactidão da lei de Mendel, nos aparece com a gorda e rosada compleição duma loira leiteirinha de Amesterdão !). Sabemos assim que «Manuk Bay», apesar do seu isolamento, é muito frequentada. É com efeito

251

aqui que desembarcam alguns turistas em tournée por Java, atraídos pelos encantos tão gabados de Bali... Todos os dias uma pequena chalupa a motor sai de Banyuwangi para a margem oposta. Esses turistas fazem-se muitas vezes preceder dos seus automóveis, transportados nos pequenos outrig' gers malaiois...

Assim se explica a entrada, há pouco, daquele lindo «Dodge», que apareceu ao mesmo tempo do que nós na baía. Diverti-me a ver tão faiscante máquina

esmagando com a sua soberba a elegante pirogazinha, sem desconfiar do ridículo da sua situação... O contraste era evidente - aliás, com pouca vantagem para o «Dodge»! Por muito elegante de linhas e harmonioso que fosse, aquele carro deu-me a impressão dum novo--rico, pesadão... e um pouco incomodado com a simplicidade nobre e de raça daquele fino barquinho que deslizava à vontade no mar, apenas sob o impulso das suas velas brancas!

Claro está que um automóvel não é feito para se ver no mar, nem tão pouco um pequeno outrigger para ser visto na estrada. E, no entanto, aqueles que se vêem lá ao fundo no caminho, à sombra das palmas dos coqueiros, não me parecem ser, de forma alguma, um insulto à harmonia da natureza que os cerca.

No dia seguinte assisto à chegada dum pequeno grupo de turistas. Vêm dar a sua volta a Bali!

Que espectáculo, meu Deus! Eu, Tati e o nosso amigo da chávena de chá da véspera encontramo-nos na ponte-volante, quando eles atracam.

O carregamento compõe-se de três senhores e duas senhoras rosadas e gordas, de capacetes e shorts, carregados de aparelhos fotográficos e de binóculos !

Fazem-me dó. Nunca vi, em caras de pessoas que viajam para se distrair, tanta indiferença e tanto desgosto pela vida... Aquelas cinco cabeças de turistas dizem-me logo que as almas de que elas são o reflexo apenas conseguirão, depois de terem entrevistado todos os encantos de Bali, sentir-se um pouco mais aborrecidas da existência. Desembarcam de cabeças pendidas, tendo por único horizonte os próprios pés, sem um olhar reconhecido para o encanto da natureza que os acolhe... Tati e eu parece que lhes despertamos interesse... Que perversão! Uma das senhoras, a quem o meu traje, evidentemente um pouco ligeiro, escandaliza, inclina-se ao ouvido do seu vizinho e murmura uma frase que adivinho pouco lisonjeira a meu respeito, pois o senhor dirigiu para a minha anatomia um olhar cheio de desaprovação e desprezo. Outro turista, cujas coxas gordas, numa brancura infecta, se enchouraçavam sob o short e faziam ondular uma horrível floresta de pêlos ruivos, vexado com certeza por ver os nossos corpos tão magros e bronzeados, assestou os óculos e lança-nos um olhar mau de missionário protestante... Depois, inclinando-se para uma vizinha, murmurou a sua impressão definitiva... uma frasezita que devia dizer mais ou menos isto:

- Que insulto para a nossa linda raça branca!... Olhem para esses pobres restos de humanidade, transformados em «indígenas»!
Não tardou, porém, a minha vingança. Quando esses cinco turistas, arrastando com eles o seu aborrecimento, punham pé na ponte e, soprando como cachalotes, enxugavam com os lenços já encharcados as gotas de suor que lhes escorriam dos capacetes tropicais, gritei muito alto para Tati, em bom inglês:

- What a beautiful morning (eu pronunciei mourning). Everything so gay... and so cool. [Que linda manhã («enterro»)]. Está tudo tão alegre... e faz tanto fresquinho!

Esta simples frase, dita, é verdade, com o pior espírito, dá o resultado esperado: uma fuzilaria de olhares irritados, que me fazem estremecer de satisfação!

Pobres turistas, favorecidos da fortuna!.. . Fazem mal em pensar que encontrarão alegria correndo assim o Mundo!... Não é em Bali nem noutra qualquer parte que a encontrarão... E em vós mesmos! Façam, portanto, uma pequena viagem dentro de vocês, se tiverem vagar... e meios! Saberão então o motivo por que são pobres e infelizes: é porque o vosso coração está vazio. Façam um pequeno «cruzeiro circular» dentro de vocês próprios. Talvez então possam compreender e gozar os encantos com que os deuses se comprazem em alegrar os caminhos... todos os caminhos!

254

Com que ficarão vocês a mais, depois de verem as mulheres balinesas, de seios nus, ou depois de elas dançarem para vocês? Vós, minhas senhoras, que pareceis tão chocadas com a nossa nudez bronzada de brancos, não o ficareis certamente com a nudez dessas mulheres morenas, mas crede que saireis do espectáculo com inveja dos seus seios duros. E vós, senhores tão gordos e brancos, ao vê-las, na sua graça simples e pura, oferecer os seus corpos num gesto flexível de oferta aos deuses, não podereis impedir que, mesmo por detrás dos óculos de tartaruga, os vossos olhos deixem transparecer um mau desejo...

E são pessoas como vós, arrastando consigo a sua atmosfera de veneno, que ensinam, muitas vezes, a seres simples e verdadeiros, como o são hoje essas balinesas, que se deverão defender dos «civilizados» que sois. E, para se defenderem de vós, ver-se-ão obrigados a empregar essa feia armadura de nossa fabricação, a mais feia armadura que pode haver: o nosso pudor hipócrita. Creiam-me. Deixem-se ficar em casa!

17 de Junho.

Tati há meses que anda com uma ideia fixa : fazer-me filhoses... com ovos. Pensa, não sem razão, que serão um pouco mais digestivas. (As que ele me cozinha para o «mata-bicho» da manhã... compõem-se essencialmente de farinha desfeita em água do mar, acrescentada, aliás parcimoniosamente

255

com um bocado de leite condensado). Voltou a descer à terra, ontem à tarde, com um dólar-ouro, para ver o «Chinês», porque aqui, como nos cantos mais

recônditos do Pacífico, encontra-se sempre um «Chinês» abrigado por detrás dum balcão.

O «Chinês» de «Gili Manuk» não conhece o câmbio em curso (ou talvez o conheça demasiado bem); aceita ficar com o dólar mas com larga margem de segurança.

E Tati volta, muito orgulhoso, com... cinco ovos! Esses cinco ovos, comprados na casa do «Chinês», só poderão com certeza parecer-lhe duas vezes «muito caros».

Na loja encontra um malaio falando bem inglês, que atravessa regularmente o estreito com o seu outrigger: aproveita para lhe fazer perguntas e traz-me informações sobre as horas das marés e os hábitos locais das vagas e vazantes.

Hoje persigo o capitão da chalupa a motor com o mesmo assunto: as informações são as mais contraditórias ! O homem do navio é menos animador. Declara-me que a corrente é muito forte para ser completamente anulada pela maré; que ele desce sempre o estreito, algumas vezes com a velocidade de cinco a seis nós, e que o teremos sempre diante do nariz... Mas, acrescenta, «o vento ó, no geral, favorável e conseguireis vencê-la com facilidade!»

Que grandes tolices nos podem por vezes dizer estes marinheiros que deixaram de o ser, estes homens cujo senso marítimo, se alguma vez o tiveram, foi atrofiado e finalmente morto pelas

256

trepidações do seu motor! Esse bravo malaio, capitão duma chalupa de hélice, deve dar com certeza, todos os dias, com a existência das correntes que atravessa, mas combate-as com a maior facilidade... mais ou menos cana de leme! Com certeza nunca se deu ao trabalho de lhes calcular os hábitos e fantasias!

Acredito mais nas informações do homem da piroga de vela, e aparelho uma hora antes da estagnação da corrente... (Quer dizer, ainda com corrente contra nós, a fim de ficar bem situado na altura da revessa... Se houver alguma!). Sinto-me um tanto inquieto. Apesar do vento favorável e bastante «fresco», passamos para a margem oposta como um caranguejo e perdendo perto de três milhas contra o vento! O homem do motor teria razão contra o homem da vela ?... Irei eu com todo o pano em riba, e fazendo umas boas 4 milhas, encontrar-me à noite no mesmo sítio de onde saí esta manhã e, se o vento me abandonar, onde ontem me encontrava?

Pouco a pouco recupero a confiança (que, aliás, não tinha totalmente perdido). Acompanhando a costa oposta de Java, vendo passar árvore após árvore, uma avançadazita da costa após outra, que tão depressa me atirava para terra como para o largo, tomando um avanço de alguns metros para logo o perder, encontramos finalmente na parte mais apertada do estreito... Menos duma milha... De repente, a corrente abrandar, cessa e volta a partir, desta vez favorável!

257

Valente capitão do barco a motor, tu mentiste por ignorância! E logo verifico que ele mentiu duas vezes, visto que a brisa, que me afirmara ser sempre favorável na subida, falha-nos de repente: o Kaimiloa, levado apenas pela corrente, com os panos inúteis, sem governo, vai transpor sozinho o estreito... Ainda um quarto de milha, e estamos safos! Mas, ah!, a corrente diverte-se em atirar-nos da costa de Java para a de Bali, ao mesmo tempo que fazíamos, em violentos remoinhos da água, voltinhas ridículas sobre nós próprios, aproximando-nos perigosamente da ponta baixa de «Pasir», onde se eleva uma coluna encimada por um fanal. A água aparece-nos verde--clara, por debaixo da quilha, o fundo mostra um feio relevo de corais pontiagudos... Tati e

eu, armados de comprido bambu, afastamos o Kaimiloa, sempre à espera do primeiro choque. Vou fundear, porque, apesar dos nossos esforços... não conseguimos dirigir-nos à vara. Hesito! Fundear nestes fundos inquietantes ! Quando sinto vir um leve sopro de cima das colinas, meto a vela ao vento, avanço alguns metros, tento navegar. A refrega chega de onde eu a esperava: estamos a postos! O Kaimiloa gira sobre si mesmo, vira de bordo descaindo. O velame tende-se um pouco: e passamos, mesmo a rasar, por um rochedo velhaco, que nos surge por sotavento!... Deus seja louvado!

Fora do estreito encontramos uma mareta encarneirada desagradável, devido a correntes

258

desencontradas e a fundos acidentados: só temos, para nos afastarmos um pouco da terra, uma brisa muito fraca soprando por refregas. Com uma noite destas dançamos... mais do que nunca dançamos, balouçando, com vento forte, nos grandes mares do Pacífico.

18 de Junho.

Quando me aproximo de Sourabaya, sinto certa inquietação! Não é o mar que ma produz, nem as costas de Java ou de Madura, entre as quais navegamos, mas sim o mapa marítimo de que me sirvo e que... em princípio... devia dar-me, duma e doutras, informações preciosas... O mapa é a carta n.º 3001 do Serviço Hidrográfico da Marinha Americana, comprado dois dias antes da nossa partida de Honolulu e considerado corrigido segundo as últimas notícias to mariners. Inquieto? Claro que estou, pois no caminho que conduz a Sourabaya, por leste, leio, segundo as sondagens, que não pode haver passagem para um vapor e que até o Kaimiloa, encontrando lá o mar um pouco duro, se arriscaria a culapar! Os fundos máximos são ali, com efeito, de duas braças, e, no entanto, parecendo indicar a entrada duma passagem que o mapa não cita, vejo lá mas é o barco-farol que o mapa aponta !

O meu espanto atinge o cúmulo quando, ao cair da noite, passamos ao alcance de voz desse barco-farol. Os ocupantes saúdam-nos com alegria.

259

Caída a noite, vejo o seu clarão varrer o mar, como se ali estivesse para servir de alguma coisa!

Os holandeses, pensei eu, conhecidos no Mundo pela excelência da iluminação das suas costas e balizagem dos seus canais, pela facilidade com que dragam, aterram, desimpedindo um canal do limo e da areia que o obstruem, ao mesmo tempo que enchem de limo e areia os mares que cobiçam, a fim de os tornarem campos de plantio, não puseram com certeza aqui este barco farol apenas para embirrar com os navegadores!... Também não o puseram lá para ver circular os milhares de barquitos malaaios que sem cessar correm da costa de Java para a de Madura e que passariam muito bem sem ele.

Tati sonda: os fundos são muito superiores àqueles que o mapa americano indica... Que dizer?

Avançando um pouco mais na direcção de Sourabaya, vejo surgir faróis de todos os cantos da costa... O mapa desconhece-os! Que mais posso dizer? Apesar de tudo, prudência! Fundeemos! Amanhã, ao amanhecer, tornaremos a partir.

A meia-noite passa um vapor a 200 metros de nos: esse, para navegar, deve ter com certeza mais de 3 metros de água sob a quilha!.. .

Domingo.

Viramos de bordo logo que despontou o dia. esperava! Na nossa frente um canal perfeitamente

260

balizado e (sem desprimor para a carta n.º 3 001) com mais de três metros de fundo!

Aportar à vela num porto desconhecido... é apaixonante! Trata-se de adivinhar os contornos, os relevos, perscrutar o sítio onde se deve

fundear. E necessário de antemão saber decidir sobre o caminho a seguir, para atacar o ponto escolhido com bom ângulo de incidência! Em muitas costas acidentadas é preciso adivinhar por números os pequenos pormenores de observação, se a brisa se conservará quando nos aproximarmos, como ela está e se não nos reservará algumas mudançazitas de humor, de que nos possamos servir.

O sítio escolhido de longe não é nunca o melhor; se não é por causa da âncora, pelo menos por causa das autoridades encarregadas da polícia do porto.

Encontra-se hoje neste caso o Kaimiloa. Ao aproximar-me, assinalo um cantinho bem abrigado... mas, aproximando-me ainda mais, noto que esse canto possui o grave defeito de estar mesmo no meio dum canal... e que esse canal é o que dá entrada para o porto de guerra!

É domingo e neste dia nada há mais morto, administrativamente falando, do que um porto holandês.

Tanto pior! Fundeio e depois se verá! Há-de vir alguém ver este esquisito barco que, além de tudo, teve a bizarra ideia de escolher um bom ancoradouro numa zona proibida! Não falhou: meia hora mais tarde, da ponta do porto (onde até agora todos pareciam dormir) surge uma chalupa

261

a motor que se dirige para nós. Um malaio de uniforme, e com o capacete redondo dos oficiais da Holanda, dirige-nos a palavra relanceando olhares simpáticos e admirados à sua volta. Em poucas palavras explicamos-lhe a aventura, de onde vimos e para onde vamos. Desfaço-me em hipócritas desculpas por ter tomado este ancoradouro ! Ele indica-nos logo outro, uns 300 metros mais longe... Ótimo! Estendo-lhe um cabo de reboque, que ele tem a gentileza de aceitar. Um dos indígenas veio ajudar Tati a levantar a âncora e, minutos depois, temos o melhor ancoradouro do porto!

A vedeta deixa-nos. Os escritórios estão fechados, está tudo fechado, mesmo os escritórios do nosso cônsul, onde me esperam montes de cartas. Eu sei: são «notícias» já velhas de dois meses! No entanto, o caso aborrece-me e vou-me deitar!

CAPÍTULO 13 --- Sourabaya e passagem do estreito da Sonda

Sourabaya, segunda-feira.

Vou ver o comandante do porto. É um marinheiro simpático. Com a maior amabilidade, inquire das necessidades do Kaimiloa. Pretendemos apenas pôr o barco em seco para limpeza e inspecção dos cascos, esses cascos que se divertiram a culapar algumas pontas de coral na passagem da Grande Barreira! Muito bem! Logo nos recomenda um canto sossegado e dá ordens para que os barcos indígenas que o encham nos deixem livre o local.

Vamos lançar-nos o mais depressa possível ao trabalho, pois sinto que não criaremos bolor neste país: uma vez recebidas algumas cartas e expedidas outras, feita a inspecção dos aparelhos e dos cascos e dada uma camada de pintura exterior... toca a içar o pano, rapazes!, toca a ir para o mar!

Com efeito, que interesse pode ter para mim esta grande cidade? Decerto que é uma cidade como tantas das nossas, apesar da sua situação geográfica. Uma cidade cosmopolita de mercadores e turistas, com uma população, como há tantas,

composta de pessoas que pensam, muito convencidas, que estão no centro do universo, só vivendo pela importância que se dão ou quereriam dar, pelo dinheiro que ganham ou quereriam ganhar, e sabendo, para completar o seu encanto, ter a suprema delicadeza dos civilizados: sorrir uns para os outros, quando, afinal, desejariam antes morder-se!

A maioria da população indígena é da raça bastante misturada que habitualmente se designa pelo nome de malaia. Deveria, por isso, despertar em mim maior interesse, dado o importante papel que lhe atribuem ainda hoje na solução do problema etnológico polinésio, a que

me dedico. Outros mais qualificados do que eu estudaram cientificamente, sobretudo no decurso destes últimos anos, os diferentes caracteres raciais de que ela se compõe: lendo os seus livros, armazenarei em dias a ciência que eles levaram vidas inteiras a fixar. A única observação que posso fazer, tendo já acotovelado tantos malaio nas diferentes ilhas da Malásia, é que qualquer pessoa, contentando-se com uma observação muito superficial, poderia afirmar isto: se Fornander, o reputado sábio das questões polinésias, cujas teorias são ainda hoje para muitos as únicas cientificamente fixadas, houvesse na sua vida encontrado algumas amostras deste povo, não teria com certeza apontado os malaio às gerações vindouras como sendo os antepassados indiscutíveis dos polinésios! No entanto, Sourabaya interessou-me bastante,

264

sob o ponto de vista etnológico, nesse ramo de etnologia geralmente ignorada a que se poderia chamar «etnologia náutica»...

Existe, porém, um sinal comum a malaio e polinésios... Pelo menos, a certos malaio: uns e outros são povos marítimos. O porto de Sourabaya, com a ribeira que une a baía à cidade, não passa dum vaivém pitoresco de veleiros indígenas. Dois tipos principais: o pequeno veleiro costeiro da vizinha ilha de Madura e as grandes escunas de Macaçar, que encontramos a bordejar por toda a parte entre as ilhas das Índias neerlandesas.

Os veleiros de Madura, fáceis de reconhecer pelas suas rodas de proa triangulares, ricamente esculpidas, e pela preocupação decorativa, que os leva a realçar de cores vivas as mais pequeninas peças de madeira da sua construção, é que me despertam especialmente o interesse, pois os seus cascos, em face das suas linhas, parecem ser uma cópia perfeita dos de certos juncos chineses do Fokien... (a não ser que os juncos do Fokien sejam uma cópia destes praus malaio!) ao passo que o seu velame triangular, encerrado em compridas e leves armações de bambus, lembra, em corte e aparelhagem, as velas das embarcações de certas ilhas da melanésica Fiji e de alguns centros polinésicos...

As escunas de Macaçar, de cascos brancos sublinhados de verde-claro, têm formas barrigudas e a tolda em abóbada, de onde aponta um audacioso gurupés, de popa erguida em castelo,

265

que as aparenta directamente com as caravelas de Colombo. Essas dão-nos a certeza da sua origem : são cópias, levemente modificadas, das dos primeiros navegadores portugueses e holandeses do Século xvii. Aqui, foi a aparelhagem e o pano que se modernizaram. Nota-se com espanto, nesses barcos de relativamente grande tonelagem, que têm como sistema e aparelho de governar os dois incómodos e pesados remos da época pretérita.

O capitão duma dessas escunas, a quem manifestei a minha admiração por não ver o seu barco dotado de um bom e prático leme central, respon-deu-me, surpreendido:

- É o nosso uso!

Não podia haver réplica possível. Sentindo, não obstante, a necessidade de se explicar, fez-me um grande discurso, do qual pude apurar o seguinte: «O marujo encarregado da manobra dum desses remos é obrigado a estar inclinado para fora do barco, sobre a amurada, numa posição de equilíbrio inquietadora. Se por acaso, durante a noite, se deixa adormecer, já sabe o resultado: cai ao mar! Assim, o capitão está seguro da boa vigilância do seu homem do leme e pode, por seu turno dormir descansado!»

A história não é falha de pitoresco, mas, no entanto, nada explica. Devemos antes ver, na causa da conservação teimosa deste aparelho arcaico, o fenómeno psicológico tanta vez observado nos povos marítimos: a força do hábito, contra a qual nada parece prevalecer.

266

E se por acaso se deve produzir uma mudança de construção, aparelhagem, manobras, etc., se essa mudança se efectua, é com desconcertante lentidão. E deixará, durante futuros longos anos, marcas indeléveis das suas primitivas origens !

Dá-se aí um facto que não se pode ignorar: etnologia histórica. Se o estudo das diferentes raças me permite combater sem dificuldade a teoria estabelecida duma origem malaia dos povos polinésicos, o estudo «marítimo» das embarcações indígenas (etnologia náutica) que encontramos ainda em nossos dias no arquipélago firma-nos mais na teoria que eu adopto... da ideia contrária : a incursão, em determinada época, dum povo de navegadores vindo de leste e deixando no arquipélago malaio vestígios tão evidentes da sua passagem que se poderão apontar ainda hoje as suas habituais rotas de navegação, bem como os seus principais pontos de escala... Mas isto é outra conversa!

Segunda-feira.

Vou fazer uma visita ao nosso agente consular, M. P. J. Bifard, um simpático holandês... Entrega-me o correio, que leio indelicada-mente a um canto do seu escritório. Peço-lhe notícias da... Europa. A leitura da colecção dos Gringoire do ano passado parecia anunciar-nos cataclismos próximos !

267

A França lá está, disse-me ele, sorrindo. Blum caiu, mas surge no novo Gabinete; dizem-no Bigado com os comunistas e desconfia-se de que l'eu trabalho de mau francês !

Não acredito muito. Que esse homem seja aliado dos comunistas, isso é com ele e daí comerá! Quanto a trabalhar como mau francês, isso nunca so admitirei... Parece-me inadmissível que façam l'eu em Paris comida... que não seja francesa !

O cônsul pergunta-me amavelmente se não [precisamos de qualquer coisa. Pondo então de [parte um inoportuno orgulho, declaro-lhe que, [em vista da nossa próxima passagem pelos mares [frios do Cabo da Boa-Esperança, seria útil que ele passasse uma inspecção ao seu guarda-roupa e visse se lá descobria por acaso algum velho vestuário quentinho... que viria mesmo ao pintar... No dia seguinte manda-me um grande embrulho: descubro logo uma elegante camisola de lã e alguns fatos completos de linho palm-beach, que, diz-me numa nota, <lhe

estão muito apertados». Não tanto como isso, no entanto, visto que estão justamente à medida do grande Tati. Quando encontrarei eu, Santo Deus, em qualquer escala, um amigo elegante com a minha estatura? Desculpa-se por não ter nada mais quente para nos oferecer e preenche esta lacuna juntando aos palm-beach algumas boas garrafas de Borgonha.. . Estas, ao menos, aquecer-nos ão... o coração! Ia abandonar Sourabaya sem lá haver descortinado o menor vestígio de franceses, quando,

268

tendo descido a terra pela segunda e última vez (a cidade dista alguns quilómetros do porto), diviso na rua principal um soberbo estabelecimento de cabeleireiro com espelhos a luzir... que me parece dos nossos...

- Se entrássemos para ver ? pergunto a Tati. Além disso, temos necessidade de cortar o cabelo.

- Podemos perguntar o preço! resmunga o meu companheiro. Aqui deve ser caro!

Entramos... Uma empregada da loja dirige--se-nos.

- São os «exploradores», não é verdade? Oonheço-os, a vossa fotografia vinha anteontem no jornal de Sourabaya. O «patrão» estava justamente a pensar em ir visitá-los amanhã.

Chamam o «patrão». Este parece tão comovido como se acabasse de descobrir alguém da família.. • Leva-nos para sua casa, uma elegante moradia em plena cidade, abrigada por árvores tropicais (o penteado parece render em Java...); apresenta-nos à mulher, uma senhora simpática e tipicamente francesa ; esta apresenta-nos logo o irmão e o irmão a sua mulher... Dentro em pouco, cáímos no seio duma família inteira, quatro casais pelo menos, associados no cabeleireiro...

Nessa noite voltamos para bordo, satisfeitos! Tínhamos encontrado gente do nosso país, comêramos um bom jantar... também como os do nosso país... Todavia, ao subirmos para a plataforma da amurada... notei que não tínhamos os cabelos cortados!

269

No dia seguinte toda esta simpática família está a bordo do Kaimiloa para se despedir de nós..- acompanhada de víveres e provisões... entre as quais seis garrafas de velho Borgonha.

Quando chega a hora da partida, a família desembarca e reúne-se uns duzentos metros mais longe, defronte do porto de guerra: o Kaimiloa, com todas as velas desfraldadas, passa a alguns metros do cais... Oíço então uma voz fremente de entusiasmo que domina todos os ruídos do porto e que berra: «Viva a França!» E a voz do «patrão», e toda a família responde em coro... O pequeno grupo parece então aumentar a olhos vistos. Oficiais da Marinha holandesa, atraídos pelas aclamações, saem dos bungalow com as mulheres e os filhos... E, com certeza dominados pelo ambiente, juntam os seus cumprimentos e aclamações aos dos nossos amigos: «Viva a França!»

- Bonita partida ! declara Tati.

A passagem do estreito faz-se lindamente: vento a favor, mar liso e céu radioso. Desta vez tenho um mapa verdadeiro, um mapa holandês, editado já com as últimas rectificações. Divir-to-me a compara-lo com esse mapa 3001 que empreguei para a chegada... Os erros e esquecimentos continuam a exceder tudo quanto se possa imaginar: os dois faróis mais potentes do canal, Por exemplo, o de Sembilangan e o de Piring, são desconhecidos do mapa americano; uma «pedra» lie este coloca perigosamente mesmo a meio da

270

passagem transforma-se em bóia luminosa e os seus fundos de 4 braças num canal de 20 metros de profundidade!

Por que será que os Serviços Hidrográficos dos diferentes países se não combinam para evitar semelhantes erros? Simplificariam o seu trabalho tornando-o mais constante! Os marinheiros já deram o mais lindo exemplo de entendimento internacional tendo leis e regulamentos comuns e, sobretudo, um espírito comum... Nunca notaram que um marinheiro se entende sempre com outro marinheiro? Podem ser de nações diferentes, mas são, no entanto, da mesma «raça» : cada um tem, sem dúvida, o orgulho do seu país, mas com-preende também o orgulho da Marinha dos outros!

Ah! que se toda a gente da terra possuísse o espírito marítimo! Com um pouco de prudência, de bom senso e de entendimento desinteressado, poderíamos trabalhar muito menos, com muito maior rendimento... Tomemos o exemplo particular dos nossos mapas e instruções náuticas. Cada país tem a sua organização própria, que publica os seus documentos, servindo-se, é claro, das informações que lhe podem comunicar os diferentes países a respeito das costas que lhe interessam. Essas compilações seriam, pois, exactas se todos os Serviços Hidrográficos se pusessem mutuamente ao corrente das novas observações e das correcções trazidas, cada um no seu domínio respectivo... o que, infelizmente,

271

não constitui o caso... Assim cada país tem a despesa duma organização completa, que, não sendo nem podendo ser perfeita, se torna, para um ramo tão importante como a navegação, numa perigosa... desorganização. Umas publicam mapas que são maravilhas; outras, mapas que custam mais barato... mas que muitas vezes prejudicam as suas indicações com uma tinta que faz mal à vista... Por que não há-de haver um serviço hidro-gráfico internacional? As suas publicações que sejam editadas em inglês, visto que todos os marinheiros percebem essa língua! Nós já adoptamos o meridiano de Greenwich; talvez que, se déssemos à nossa irmã marítima a alegria de adoptar para esse caso a sua linguagem, ela tivesse a gentileza de nos entregar os seus fathoms, os seus feet e o seu Fahrenheit e tantas outras medidas que no fundo a aborrecem tanto como a nós. Não entreguem a venda dos documentos náuticos a depositários pouco escrupulosos que não ligam nenhuma às last notices to mariners; que ela Seja antes reservada a organismos oficiais e responsáveis (marinha, secretarias dos portos, consulados, etc), Bastava ver o meticoloso cuidado com que eram mostrados os mapas que comprei ao capitão do porto de Sourabaya para esperar que oficiais outl-os países procedessem com a mesma consciência. Não se encontraria mais, por exemplo, nas instruções inglesas», que o porto de Jaluit (sob

mandato japonês) é o porto de entrada da ilha Nauru, esta sob o controle da Nova Zelândia. . . Não aconselharia o meu maior inimigo a ir à Jaluit do arquipélago das Marshall pedir autorização para tocar em Nauru; seria ali recebido por um mau governador japonês de cabeça rapada, depois detido e acusado por ele de espionagem, não tendo talvez como nós, no Fou Po, a sorte de se safar!

Estreito de Sonda, 1.º de Julho.

Costeamos a ponta noroeste de Java. A costa de Samatra períla-se na nossa frente. Navegando a rasar a terra, com um mar de sonho, o Kaimiloa, sob uma brisa regular, dobra a ponta Saint-Nicho-las e passa em revista cada rocha, cada praia e cada árvore da costa... Que rico e lindo país! Penso nesses valentes holandeses, lá longe, em terras baixas, frias e húmidas, travando uma luta de titãs para ganharem ao mar algumas jeiras de terra, despendendo a sua energia e o seu dinheiro a entulhar o Zuiderzee, quando têm aqui em profusão vastos domínios, ricos, férteis, cheios de sol e, além de tudo, por explorar... Se eu fosse a rainha da Holanda, já há muito tempo que tinha transportado a minha corte para Java... declarando a Holanda uma colónia.

Põe-se o sol, num abrasamento de luz: os vermelhos e os dourados dançam sobre o mar... As montanhas e as ilhas do estreito prenderam

aos seus cumes pequenos farrapos de nuvens cor--de-rosa, recortando o seu volume em linhas bem marcadas de roxo profundo. O Cracatoa, a oeste, ergue o seu cone meio desmoronado pela última erupção: custa a crer que, nesta atmosfera tão calma, tivesse havido, há alguns anos, a mais desastrosa convulsão da crosta terrestre.

Meia-noite.

Ando da ponte para a cabina e da cabina para a ponte, como um animal acoçado.. . Experimento de cada vez demorar-me um bocadinho mais

cá fora, mas cai tanta humidade que me encharco até aos ossos... A noite prometia ser tão linda!... Desde o pôr-do-sol que a atmosfera se carregou de pesadas nuvens acobreadas. Dentro em pouco tudo se encobre: nenhuma claridade divide já o céu da linha do mar. Depois, relâmpagos deslumbrantes cortam a escuridão de minuto a minuto, iluminando à nossa volta um mar tranquilo... tranquilo até de mais. Quando a chuva principia a cair, fina e em grande abundância, os relâmpagos tornam-se em grandes e velados claiões. Todas as coisas, incluindo a mastreação e o velame do Kaimiloa, me aparecem como que através dum espesso vidro embaciado! Devemos encontrar-nos nos arredores do Cracatoa... Os ribombos ininterruptos da trovoadas, que rolam das montanhas de Java para as de

274

Samatra, parocem-se extraordinariamente com os ruídos que se ouvem quando a terra treme!

De repente tenho a impressão de viver numa atmosfera de mistério!... Irá passar-se qualquer coisa? Afasto essas negras ideias: sim, só pode ser a trovoadas que estala... e não a terra, debaixo de mim. Recordo-me, então, duma noite que passei em Sourabaya, perto dum inglês, Mr. Leeland. Esse amigo eventual falou-me com muita erudição do passado de Java e explicou-me o encanto que Bali possuía para a sua alma de artista. Mas não era essa a recordação que me prendia o espírito nesse momento: era uma colecção de fotografias do Cracatoa... antes e depois da erupção! Não me dissera ele que aquela região ficara sendo sempre, segundo a opinião dos geólogos, o ponto de menor resistência da crosta terrestre.. . o quo podia muito bem ser verdade?... Vejo especialmente uma dessas fotografias: retratava uma grande explosão submarina sobrevinda recentemente nos arredores imediatos do ilhéu.. . A ideia agora espicaça-me... Revejo a fotografia e a silhueta do Cracatoa em segundo plano... O vulcão parecia-me estar muito perto... tão perto como nós estamos agora! Tento lembrar-me a vista foi tomada de leste? Logo tenho a fraqueza de crer que ela só possa ter sido tomada de leste... e que o Kaimiloa, agora, apanhado pela calmaria, estava no mesmo sítio que... no sítio onde...

Que hei-de eu fazer? Nada! Esperar. Seria sem dúvida uma linda morte partir assim de

275

repente para o céu - uma morte original também, com um vulcão, para nos dar uma boa «velocidade inicial», como se diz em balística! Mas creio que as mortes brutais, por muito lindas que sejam, só no-lo parecem realmente quando acontecem aos outros...

Prossigo no meu manejo da cabina para a ponte e da ponte para a cabina... Procuo atravessar o negrume da noite, adivinhar o volume da ilha que se dissimula ali tão perto... Cada relâmpago torna a bruma que me cerca mais opaca!

2 horas da manhã.

Por momentos, uma vaga lenta apanha-nos de través fazendo bater as velas de estibordo a bombordo. . Os cadernais balouçam e entrechocam-se por todos os lados...

Serão os primeiros estremecimentos da crosta submarina, antes da erupção?

Na ponte, apuro o ouvido... Pareceu-me escutar um ruído de cachões a oeste... Penduro-me na vela para impedir os bambus e os cadernais de baterem. Quero ouvir melhor... Oiço... mas já não oiço... Oiço... É de se ficar maluco! E Tati lue ronca como um inocente na outra cabina ! Se ele soubesse! Ele, que tanto quer tornar a ver a sua aldeia da Trinité-sur-Mer e ir, em romaria, mal ponha os pés em França, levar uma vela à Santa Virgem d'Auray!...

Depois a brisa levanta e passa o pesadelo.

276

Às 9 horas da manhã acordo Tati. - Tudo corre bem, digo-lhe eu. Boa brisa, bom mar, tudo está limpo na nossa frente!...

2 de Julho—Latitude 6°41'sul, longitude 104°50' leste.

Entramos no grande Oceano Índico. Os cones vulcânicos de Java desapareceram no horizonte, por detrás de nós... Na nossa frente, 3 000 milhas de água.

Valente Kaimiloazinho... vamos a elas !

277

CAPÍTULO 15 --- O Oceano Indico e o Cabo das Tormentas

8 de Julho.

Há três dias que temos mar muito forte e tam-\ bóm forte brisa, soprando geralmente de leste, com feios saltos de vento do noroeste e rajadas de chuva.

As vagas às vezes parecem-nos aterradoras... terríveis à vista, mas o Kaimiloa recebe todos os seus ataques sem vacilar... ou quase. É difícil, creio, imaginar um tipo de barco mais estável.. . e, no entanto, aquele que eu construir em França há de levar-lhe a palma!... (1)

Já apanhámos bem bons golpes de mar nesta dupla piroga: os livros que se alinham na prateleira

(1) Com efeito, o novo barco construído pelo Comandante Bisschop, o Kaimiloa- Wakee, com que o ousado navegador o sua mulher estiveram em Lisboa, de passagem para as Hawai, é, segundo me declarou, não só mais está-vel como mais suave no balouçar... «Creio, disse-me ele,

que encontrei o tipo de embarcação ideal para os que quiserem fazer yachting com segurança e absoluta comodidade», (N. do T.).

278

por cima da minha tarimba (uma simples tábua que nem sequer está pregada) caíram-me já uma vez sobre a cabeça... Foi ontem, durante a

noite: um balanço tão grande e brutal que os dois cascos ainda estremeciam segundos depois do choque... E os dois membros da tripulação também!

Esta manhã, Tati diz-me, com admiração e espanto:

- Passei uma cuidadosa inspecção por toda a parte (toda a parte, constitui para ele o sistema de ligação dos dois cascos, de que ouviu dizer tanto mal em Honolulu). Pois bem... nada buliu, nem um cabelo! Parece-lhe aquilo um sonho e custa-lhe a crer... Se ele soubesse que eu também compartilho um pouco da sua surpresa!...

9 de Julho.

O oceano parece querer acalmar um tanto os seus espíritos; a brisa sopra fresca de sudeste. Que prazer ao fazer os pontos diários... Desde 2 de Julho, data em que passámos o estreito da Sonda,, obtivemos uma média diária de 130 milhas. A nossa velocidade-record foi no dia 7, com 165 milhas; ontem e hoje, 150 e 152 milhas...» Nada mau, hem? Para uma desgraçada canoa, desacreditada desde a sua concepção e renegada¹ desde o seu nascimento, filha natural e sem(documentos de identidade, sem nacionalidade nem passaporte, é bem bom !...

279

13 de Julho.

Continuamos as nossas admiráveis médias diárias. Creio, no entanto, que o Kaimiloa hoje exagera. Com alguns metros quadrados de vela orando e o seu minúsculo estai, fez bem as suas 140 milhas. É verdade, porém, que Tati acha que temos, apesar de tudo, demasiado pano erguido, e discretamente acusa-me de ser muito culpado do «baloioço» ! Sou, sem dúvida, um tanto cruel em fazer sofrer assim o valente barquinho, ficando insensível aos seus queixumes... Sou cruel e talvez também imprudente! Que os deuses da Polinésia nos protejam!

Tati acorda-me esta noite por volta das 4 horas:

- Venha ver, capitão: o tempo está a tomar má catadura e sopra já com uma força capaz de arrancar os cornos dum touro.

Subo à ponte: noite escura, céu negro... em nossa volta ríngidos selvagens. Depois de ter os olhos habituados à escuridão, vejo, a rodear-nos, monstruosas cristas de espuma, que deixam no oceano compridos rastos esbranquiçados.. . Voa-nios positivamente sobre a água, e o mar parece nnaa fúria cuspidando a sua baba, despeitado por nao nos poder engolir... Por detrás chicoteia-nos com os seus escarros odiosos, que o furacão pulveriza em fumo até ao alto do mastro... Temos de amainar! Já era mais que tempo: uWa rajada violenta cai-nos em cima... As vagas

280

voltam a agarrar-nos e rebentam, fervilhando, entre os dois cascos... Terminada a manobra, que não durara dois minutos, trememos dos pés à cabeça - mas de frio! —, pois segundo o nosso hábito (hábito que tem por fim conservar a nossa roupa enxuta) manobramos com & farda do regulamento, isto é... em pêlo. . . Ora nós já navegámos bastante para o sul, desde Java, e Julho nestas latitudes é um autêntico mês de Inverno.. . Encontramo-nos, no entanto, sob os trópicos.. . Santo Deus, quanto nos vai fazer tiritar lá em baixo, ao sul do Cabo da Boa Esperança! E lembrar-se a gente de que há pessoas que vivem em países tão frios. . . tão frios, que cai lá neve e a água às vezes gela... Essas são, com efeito, corajosas!

14 de Julho.

Hoje é dia de festa nacional e republicana!

Tati disse-me ontem:

- Amanhã teremos bom tempo!

Bem desejava que estivesse bom, mas receio que a sua aspiração não fosse «desejada» com a força precisa para se impor aos elementos: hoje está o mesmo tempo enfarruscado.

Tati gosta das festas e de as comemorar, mas para isso necessita que a natureza participe nelas.

Em previsão do 14 de Julho, ele tinha «surripiado», como confessa, duas garrafas de Borgonha

do nosso cônsul de Sourabaya; estava combinado que, para essa data, eu devia exceder-me na preparação dos «macaronis», deitar-lhes um pacote inteiro de kraft cheese e uma colher cheia de tomate...

Prometeu-me até uma surpresa para o pequeno almoço: as filhoses seriam feitas nessa ocasião com quatro ovos... quatro ovos que ele tinha também escondido, religiosamente, num esconderijo só dele conhecido.

Infelizmente, quando me chamou, como todas as manhãs, às 8 horas, notei que estava com cara de caso.

- Não espere que eu lhe faça sequer o mata--bicho, hoje, com um mar destes, participa-me, trágico.

O mar, na verdade, não está nada apetitoso de ver mas, como conheço o meu camarada, finjo que não dou por isso...

- Dormiu? pergunta-me ele.

- Dormi toda a noite!... E sonhei! Estava numa terra, debaixo dos coqueiros, que leve brisa apenas...

Mas adivinha que o vou arreliar (mau hábito que não há maneira de perder), e, sabendo muito bem que eu não tivera nenhum sonho idílico, resmunga, em tom de censura:

- Como é que conseguiu dormir com todo este balanço?

- E que talvez eu seja um tipo no género de Joffre... Vendo que tudo corre o melhor possível e que nada mais há a fazer... ressono.. . Ora

neste momento que há para fazer? Nada, não é verdade? A vela está arriada... Só temos de esperar que isto acabe... Se o barco rebenta num destes pérfidos golpes de mar, hem, ficamos «tramados», não te parece? E, afogados por afogados, mais vale que esta aventura nos aconteça quando estivermos meio-mortos de sono. Julgaremos talvez que sofremos algum pesadelo... E só nos sentiríamos realmente acordados já.. . mortos! Tem piada, não tem?...

Tati não aceita bem a graça...

E, para por sua vez me assustar, declara:

- Pois bem, quer que lhe diga? Hem, quer? Vamos com certeza para o fundo!

Explica-me então que, para me não acordar, se vira obrigado a despejar, de hora a hora, grandes baldes de água da embarcação de estibordo... que tem uma entrada... e que, se o tempo continua assim... isto vai «piorar» e então... não sei se. . .

- Então? Se o quê? E a catástrofe...

Tati?

Pobre camarada, parece perfeitamente desconsolado por não ter conseguido comover-me!... Devia pensar que, se a embarcação de estibordo estivesse realmente no estado desesperado que me comunicava, ele não esperaria pela manhã para mo dizer...

- Vamos lá ver, condescendi eu, essa célebre entrada de água...

- Esta é forte! Há pouco a água esguichava

283

por todos os lados, sobretudo «por baixo» da porta, mas, desde que aqui está, nem uma só vez!... Vai pensar que isto ainda são tretas!

- Não, não me impingiste tretas, mas estás nervoso, Tati. Contavas com sol e bom tempo para o dia 14 de Julho. . . e estás um pouco desapontado, é o que é...

Preparo o «mata-bicho»... Ele vê-me trabalhar, vexado, pois o «mata-bicho» é uma das suas atribuições.. . e, assim, parece-lhe que penetrei nos seus domínios... Quase lhe peço quatro ovos para fazer as filhoses, mas travo a tempo.. . Seria de mais!

Quando acabámos de engolir o café, mandei Tati descansar.

- Deixa-me sozinho nesta embarcação, vou tentar descobrir o que motiva esta entrada de água!

Tati sai a resmungar.

Noto daí a pouco que a água se infiltra por debaixo da porta e que é mais ainda a que vem do compartimento estanque do porão da ró.

Exactamente o que aconteceu, à nossa partida, com o porão de vante...

O porão está com certeza cheio e, para lhe diminuir o nível, deve-se aplicar o sistema dos vasos comunicantes... Decido, pois, estancar a porta. Como esta é de correr, prego-lhe por dentro um pedaço de lona de vela, que susterá a água que esguicha e canalizá-la-á para vante,

deixando-a escorrer através da parede da cabina... Por um furo suplementar!

284

Uma hora depois chamo Tati. Volta tranquilizado! Que se teria passado! Sem dúvida reflectiu maduramente.

- Se bebêssemos uma pinga do «branco», dis-se-lhe eu alegremente. Olha para o meu trabalho... Que tal te parece?... Nada elegante, hem? Tati examina-o sem dizer palavra. Ouvem-se pelo lado de fora as grandes vagas que rebentam na porta, e a água esguicha por debaixo dela: a tela incha de repente com a pressão, mas pouco a pouco desincha. Sustada pela lona, a água escorre para fora: nem uma gota passa para dentro...

Tati emborca dum trago o seu copo de vinho branco, sorri e diz-me:

- Claro que não é elegante, mas também é certo que não está mal engendrado!

Voltou-lhe o moral! Bxplico-lhe que o resto da água vem do porão e que será preciso fazer um buraco no da popa como se fez nos porões da proa.

- Então façamos isso já, brada ele. E, com uma corda enrolada à cintura e armado duma broca, igualmente amarrada, estende-se logo na ponte com metade do corpo suspensa e comigo sentado nas pernas, para fazer contrapeso. As vagas rebentam-nos em cima, mas a broca gira... Está o buraco feito: a água escoia-se logo, veloz, direita ao sítio onde se devia ter deixado ficar: o mar!

Toma-se nova dose de «branco», depois outra! O mar cada vez berra mais, mas não tarda que o achemos ridículo na sua fúria...

285

- Não faz mal, diz Tati a rir, mas a verdade é que começam a aparecer buracos neste barco... por todos os lados !

- Sim, meu velho, e, se isto continuar, não será num barco que chegaremos a França, mas sim num passador!...

Como desde manhã apenas tomámos uma chávena de café, o efeito desses golezitos repetidos de vinho branco excede as minhas previsões: estamos ambos algo «entornados»!

Cheio de zelo, começo, sem dizer palavra, a fazer os macaronis... E uma delícia de macaronis, capazes de causar inveja ao próprio Mussolini... Abrimos uma segunda garrafa de Borgonha... Resultado: desta vez estamos perfeitamente embriagados!

Tati, em maré de confidências, e sem se preocupar com o ruído da tempestade, vai-se pouco a pouco lançando na narração duma dessas descrições retrospectivas de que possui o segredo, pondo-me mais uma vez a nu a sua alma... Aeusa-me, primeiro, da hora de depressão desta manhã e arrepende-se; depois, recordando o passado, volta a fazer-me confiências já ouvidas, a repetir-me as histórias do Fou Po, de Shiao Ken, das latas de conserva que comia às escondidas, quando estávamos a rebentar de fome, e do cro-nometro atirado ao mar... Fico, no entanto, surpreendido ao ouvir-lhe fazer certa confidência

286

que até então me escondera: a história de uma ave martirizada que lhe devia pesar bastante na consciência para a ter guardado só para si durante estes anos todos...

Ao ouvi-lo, penso em como é de lastimar que não se encontre ali uma esteno-dactilógrafa para tomar nota da sua descrição: um romancista encontraria nela assunto para um dos mais espantosos romances psicológicos que jamais apareceram.

Foi aquela a primeira vez que não içámos a nossa bandeira no dia 14 de Junho: não que tivéssemos perdido o orgulho de a fazer flutuar e de a mostrar, mas porque gosto muito dos seus pedacinhos de pano azul, branco e vermelho, que, fustigados por aquela tempestade, se tornariam em breve, ao longo da sua adriça, num farrapo sujo e desfiado.

Que mar, Santo Deus! Que confusão, que urros selvagens!... Palavra que, se neste dia de festa nacional e republicana o povo se agita em França na mesma proporção dos elementos, deve lá haver um «sarilho» dos diabos!

15 de Julho.

O tempo amaina suavemente.

21 de Julho.

Depois de três dias de brumas e chuvas frias, eis que volta de novo o sol.. . Ah! o sol, querido

287

sol bendito sejas!... Como diabo podem viver certos seres humanos, meses, anos, às vezes toda a vida, em terras de névoa e nuvens baixas? São lá retidos com certeza pelo ganancioso desejo de o-anhar muito dinheiro. E para quê tanto dinheiro? Para conseguirem, dizem eles, o seu lugar na vida. •. O seu lugar na vida? Que o guardem em casa com os seus milhões! Eu prefiro o meu, no mar, sem a «massa»!

26 de Julho.

E o Kaimiloazito continua sempre a deslizar com bom andamento! Temos tido em todos estes dias um tempo glorioso, um céu limpo de nuvens, dum azul tão leve e delicado que esfumava sem transição os seus tons de pastel até ao horizonte e desmaiava, quase branco, por cima do oceano; não daquele branco sempre um tanto leitoso dos mares tropicais, que dá apenas uma impressão de cor, mas dum branco impalpável e dir-se-ia luminoso... enquanto o oceano sublinhava o conjunto com uma aguada azul-escuro metálico. Só às vezes se desenhava no céu, aqui e além, uma nuvenzita grossa como tiro de schrapnell, que logo desaparecia... Como nos sentimos felizes banhados pelo azul da Natureza!

Desde o meio-dia que duas enormes baleias uos acompanham... Que monstros!... Tentei fotografá-las, pois divertiam-se por vezes em deitar

288

a cabeça fora de água como se viessem dar uma vista de olhos à paisagem da superfície... Manhosas, surgiam sempre do lado onde eu as não esperava: o tempo de me pôr em posição, de tornar a focar a máquina, e já elas tinham desaparecido, satisfeitas... Parecia mesmo que troçavam do mundo, com as suas bocas rasgadas até às orelhas! Evidentemente que o tempo deve estar claro... Dois pequenos cumes elevam-se por detrás do horizonte, a dois quartos do estibordo... Dir-se-iam dois ilhéus vistos duma distância de 30 milhas, e são os dois cones vulcânicos da ilha da Eeunião, de 3 000 e 2 600 metros de altitude, aproximadamente, que avistamos a 120 milhas... quer dizer a 220 quilómetros!...

27 de Julho.

E meio-dia. Estamos a norte-sul da Eeunião. Latitude 25°50', a 100 milhas do centro da ilha...

28 de Julho.

Desta vez são quinze as baleias que nos acompanham. Posso tirar algumas fotografias. Vão, vêm, parecem, certas vezes, muito brancas, dentro da água límpida: divertem-se, não percebo porquê, a nadar com um ângulo de 45° sobre um dos lados, mostrando-nos a barriga... Parecem-me

289

grandes e bons bicharocos confiantes! Ter-se-iam esquecido dos baleeiros e dos seus arpões? O nosso Kaimiloa deve parecer-lhes um barco pacífico! Uma delas é amaldiçoada por ter tido a má ou humorística ideia de nos assoprar o seu repuxo a alguns metros por barlavento, o que faz com que nos caia nos corpos nus uma chuva fria e desagradável. O calor não é grande neste canto do Oceano Índico! A mesma baleia, depois duma voltinha de inspecção em redor do barco, vem no nosso encalço devagarinho, segue-nos o rasto e, aumentando de velocidade, aponta para nós, entre os dois cascos... Grito a Tati, que está na proa:

- Olha, ela encaminha-se para o barco! Oiço-o exclamar:
- Cos diabos, só a cabeça é mais larga do que os dois cascos juntos! Como só vejo, à ró, neste momento, metade do corpo, que se encaminha para nós, olho com apreensão a sua poderosa cauda aproximando-se e atirando «meigamente» a água a uns 7 ou 8 metros de distância.
- Que monstro! pensei eu.
- Deus queira que ela não se divirta a brincar connosco! grita o meu camarada.
- Mais devagar, Tati, mais devagar, és capaz de a assustar. Não vês que já mexe a cauda com mais nervosismo?
- Mas o bicho passa.. . Gosto de ver esses bons animaizinhos, mas não assim tão perto.

290

A tarde a brisa refresca, volta a sudoeste, depois guina para o sul e conserva-se finalmente do sudoeste. O mar aumenta. Amainamos um pouco de pano para a noite. Para quê ganharmos milhas para noroeste?

29 de Julho.

Feio dia: céu cinzento, frio, mar agitado.. . mau caminho. Se esta malvada brisa continua, iremos parar à costa sul de Madagáscar.

31 de Julho.

Já era tempo de esta coisa acabar... Aliás, nem sempre se podem ter ventos ponteiros e mau mar. De tempos a tempos está certo, pois apreciamos depois melhor os ventos favoráveis e os> mares manejáveis. A brisa volta a soprar de leste e do nordeste; o céu e o mar tornam-se azuis; o sol canta.

Uma enorme baleia, talvez maior do que as que tínhamos visto, corta-nos o caminho, aproada a sudoeste... Navega a um quarto de grau; aquela deve saber bem para onde vai... Sinto-me algo vexado por veda

tão desdenhosa.. . Onde irá com tanta pressa? Algum encontro de amor, talvez... Isso lembra-me coisas !... Vá, Tati! Icemos o pano todo!

291

6 de Agosto.

Até me custa a acreditar: dir-se-ia que navegamos nos trópicos... e com bom tempo! Mar chão, ligeira brisa fixa, soprando de leste para sudeste, um sol abrasador que se tornou mais acari-ciador do que nunca...

Palavra que as proximidades do Cabo das Tormentas não se apresentam muito más!

E um grande dia, que empregamos ajuizadamente a pôr os barcos como deve ser, pois eles portaram-se maravilhosamente nestes últimos tempos.

Temos duas molas das vigas de ligação da plataforma partidas. Ao descobrir semelhante coisa, Tati amedronta-se um pouquinho, mas, sabendo que estavam partidas havia dois dias e que apesar disso a plataforma aguentara, maior admiração dedica àquilo a que ele chama «o conjunto»... Não temos molas para as substituir. . . Tiro, por isso, as dos estais, que estão em bom estado, e ponho em seu lugar as molas partidas, remen-dandoas conforme posso...

Mais vale que caia o mastro do que ver os dois barcos separarem-se. . . Aliás, o mastro, devido ao seu sistema de fixação na plataforma, deve aguen-tar-se mesmo sem molas e até sem ovéns.

A seguir, estendemos na ponte, a secar, toda a colchoaria e a roupa salpicada de humidade, e abrimos de par em par as janelas e as portas.

. .

Sol, faz sol!

292

Um peixe, o primeiro que vemos desde o estreito da Sonda, ronda ao longo da amurada.

- O arpão, disse eu. Depressa, Tati! Vamos hoje comer peixe fresco com arroz.

O meu camarada estende-me o instrumento, mas tira-mo outra vez.

- O último peixe que pescámos foi em Torres Strait... lembra-se? Já tínhamos então um outro a bordo... Deixámo-lo afogar-se a reboque; caiu--nos logo uma refrega em cima... Devíamos tê-lo soltado e não o fizemos... Uma hora depois, julgávamos poder passar por cima dos recifes e encalhámos !

- É verdade, não havíamos sido bons para aquele peixe... Pescámo-lo BÓ pelo prazer de pescar, visto que tínhamos a bordo uma carga de víveres... Agora também temos bastantes víveres, não é verdade ?... Tens razão, guarda o arpão!

15 de Agosto.

Tati também se lembrou de que o dia 15 de Agosto é de festa... e tirame, de novo esconderijo, uma garrafa de Pontet Canet (a última, declara ele) e um pacote de macarrão... Desta vez abusamos um pouco dos macarrões... Geralmente comemos num dia arroz e no outro macaroni; agora só nos ficarão massas... enlatadas... Oh! não que sejam más, mas já estão preparadas... Não valem as que cozinávamos no Kaimiloa... Em comparação,

293

não é nada, menos que nada, apenas vulgar alimento !...

Vivemos, desde ontem, dias dignos dos mais belos do «mapa», como se dizia nos grandes «correios» à vela. Claro que não andámos muito, mas de ver tudo tão calmo e tão leve à nossa volta sentimo-nos felizes... Está tão bom que parece até uma partida que os travessos deuses pregam a Tati... A ele, que tanto temia as proximidades do Cabo e as suas águas encapeladas, tornam-lhe o mar calmo e preguiçoso, cintilante dum sol de Inverno, mas não quente... que Tati não resiste à tentação de mergulhar nele...

Quando os yachtmen de Honolulu souberem que me banhei no Cabo, não acreditarão, diz-me ele... Tinham-me de tal maneira assustado com o seu Cape Good Hope!

Jantamos na ponte...

Uma colónia de baleias chega-nos a contra-bordo, vindo desta vez do nordeste. Tati anda muito excitado com esses animais, porque está há

dias enfronhado na leitura do célebre Moby Dick, de Melville... Não lhe agrada nada que uma Moby Dick qualquer se divirta com certas fantasias... Mas por que razão as teriam elas? Estes animais, a quem o autor americano, que as conhecia bem, atribui uma inteligência quase humana, poderiam talvez, sem que por isso as devêssemos censurar, agir como os seres humanos.. . atacar, matar, destruir... só por prazer! Nós vamos atacar os bichos nas suas florestas... Por que é que

294

elas ou os peixes não hão-de atacar os homens que se aventuram nos seus mares?

Mas não o farão, se as deixarem em paz.

Creio, como Melville, que estas baleias possuem uma inteligência quase humana, mas parece-me que devem ter a mais aquilo que os homens possuem raramente: coração ! Deus queira que nunca encontremos uma baleia com mentalidade de homem... Não esperaria muito tempo para ter o prazer just for fun, como dizem os americanos, de, com uma valente pancada da sua cauda, atirar com os nossos dois barquitos ao ar!...

16 de Agosto (noite).

Era bom de mais... Hoje o tempo enfarruscou,.. Apesar disso, meu Deus, obrigado por nos teres dado esses lindos dias de ontem e de anteontem !

Esta noite o mar amansou... Ficamos, no entanto, com as velas em baixo. Vêm valentes rajadas de oeste.

De repente arrefece.

18 de Agosto.

Tati desperta-me para me comunicar que o tempo tem melhor aspecto e que talvez possamos voltar a içar... O mar, com efeito, só conserva da sua louca agitação nocturna uma respiração ofegante, que se traduz em longa vaga... Já não tem força para berrar, isto é, para rebentar.. .

A brisa caiu por completo. Apesar disso, içamos a vela, quanto mais não seja para a secarmos. . •

Por volta das 3 horas da tarde, levanta-se uma refrega de leste, que refresca, se fixa e refresca ainda mais...

O meu ponto coloca-me a 90 milhas a leste de Port Elisabeth... Parece-nos ver, numa aberta, um cantinho de terra...

Não percebo bem, em todo o caso, como os meus cálculos me levam assim tão próximo de terra... Não seria Tati que, durante estes últimos dias do seu quarto, se aproximaria mais do que eu queria da costa? Desconfio um pouco. Já há oito dias, no decorrer duma pequena discussão, ele me dissera:

- Tenho as minhas razões para não gostar dum caminho muito sul.

Pedi-lhe explicações... Entrincheirou-se deste modo:

- Agora não lhas posso dar: mais tarde, falarei...

Afigurava-se-me, então, muito difícil contornar a África sem rumar ao sul, e quase lhe disse que o canal de Moçambique não é bem um canal como O do Suez e que o Kaimiloa, não tendo rodas para atravessar as terras, tinha de se desenvencilhar nos mares com os ventos que Deus mandava e que Deus, por motivos só dele conhecidos, mas no entanto muito acessíveis à compreensão humana, faria soprar ao sul de África bastantes ventos de

oeste. Portanto, para o Kaimiloa, não seria mau estar um pouco ao sul. Sentindo, porém, que ele não estava com disposição para graças, calei-me... Terá medo do frio? Não creio.. . Em todo o caso, não tanto como eu!

Uma ideia supersticiosa, talvez? Também seria atendível...

Enfim, logo verei se ele se diverte a modificar de mais o rumo enquanto eu durmo, quando fizer o ponto da manhã... Nesse caso ver-me-ei obrigado a mostrar-lhe ainda «posições» algo modificadas. Ele pensará, assim, estar onde quereria estar, nós estaremos, porém, onde devemos estar... e ficaremos ambos satisfeitos!

Há bocadinho uma foca mostrou o seu focinho mesmo perto de nós. Brrr! Não é fato para nos aquecer. Numerosos pássaros voam à nossa volta: albatrozes, fragatas e «satânicas»...

Seguimos os seus voos graciosos com simpatia, e eles sentem-no. Ao fim duma hora de calma podre, vieram pousar sobre a água, à volta da amurada: atiramos-lhes migalhas de bolachas... Acorrem, nadando, até tocarem na amurada... Para os albatrozes, deve ser a estação do amor: erguem-se no ar dois a dois, pousam na água juntos e, embalados pela vaga, brincam, dando-se bicadas... Que impressão esquisita deve causar um beijo na boca com um grande bico, duro e curvo, como o deles!... Mas talvez que haja pássaros como as pessoas. É mais a ideia que se espera duma sensação que nos seduz do que o

297

gesto físico que fazemos para a sentir. Os pássaros devem ter também muita imaginação!

19 de Agosto.

É isto o Cabo das Tormentas! Esta noite é, com certeza, a mais linda de toda a travessia: clara, leve, luminosa, com uma brisazinha muito certa, regular... exactamente o necessário... Todo o pano em cima, um rasto deixando a sua fosforescência bem marcada na água escura... Mar calmo... estranhamente calmo...

Dois dias deste abençoado tempo, e voltamos a esquina !

20 de Agosto.

De cada vez que canto as doçuras do Cabo, os deuses maus divertem-se em desmentir-me. Como o tempo muda rapidamente nestas paragens!

Às 3 horas da manhã, ontem, deixei a Tati uma bela brisa favorável de nor-nordeste. Às 5 horas, balanços fora do vulgar acordam-me (na verdade, era preciso serem fora do vulgar!)

- Isto refresca! diz-me Tati.

Também, com este noroeste!

Olho para o barómetro; desceu catastròfica-mente!
Subimos depressa para a ponte, amainamos uma vez mais as velas e,
amarrando tudo, vamo--nos deitar.

298

Que noite! Aqueles assobios lúgubres, os choques brutais do mar, que
parecem querer dismantelar os nossos dois cascos, quase me
impedem... de dormir!

22 de Agosto.

E aquilo continuou durante todo o dia de ontem! Pobre Kaimiloazinho !
Submetemos-te a dura prova, mas tu pareces ter suportado bem o
golpe! Bravo!
Será esta a forma como o grande Atlântico quer receber este barquito,
vindo de tão longe trazer-lhe a saudação do seu grande irmão vizinho, o
Pacífico?... Os mares também terão ciúmes uns dos outros?
Mas a tempestade deu o que tinha a dar. Hoje voltou a calma, tanto ao
mar como ao céu! Só nos resta a recordação de horas angustiosas, de
vagas batendo contra os cascos ou caindo raivosas sobre nós e,
sobretudo, desse assobio sinistro do furacão, que se erguia em
crescendo, passando das notas graves, como de um queixume, a
verdadeiros urros - gritos de loucura, de fúria histórica, cujas notas
agudas julgo ainda sentir a martelar-me os ouvidos.
Começou aquilo no dia 21, ao amanhecer... Só conservávamos içada
uma pontinha do estai.. . Mas ainda era de mais! As 10 horas o estai de
mezena, sobre o qual estava envergado, rebenta... Uma hora depois,
choques brutais fazem-nos

299

empalidecer na cabina onde estávamos fechados: foi a cana de leme
que se partiu.. . A pesada «mecha», entregue a si mesma, balança-se
na vaga e a comprida porta do leme bate-nos no casco, com risco de se
partir... Conforme pudemos, imobilizámo-la com grande reforço de

cabos, amarrados por todos os lados, e refugiámo-nos de novo na cabina, encharcados e a tremer.

O mar torna-se o mais furioso possível. Decidimos então empregar a nossa âncora flutuante: foi-nos tão gabada pelo nosso Marine Supply de Honolulu que quase temos o direito de esperar dela milagrosos efeitos... Não possui um reservatório, uma lata para deixar correr o óleo, habilidosamente alojado no cone de tela?

Largamos o aparelho com um cabo de fio de aço, de 20 metros, montado sobre um tornei, alongamodo com uns cinquenta metros de grosso filame... e esperamos o milagre! Dois minutos mais tarde, vemos a tralha bamba saindo e descendo na vaga e o Kaimiloa volta a atravessar-se...

A linda âncora flutuante ter-nosda abandonado? Não! Eitá ainda presa pelo seu cabo de sirga, fixo na ponta do cone.

Conseguimos, «caçando» e «largando» conforme as necessidades, erguer o aparelho para bordo... Foi o cabo de aço que cedeu... Com certeza não teve elasticidade suficiente para aguentar os esticões. Substituí modo por um bom cabo de linho, e largamos tudo de novo para o mar. . . Minutos mais tarde, atravessamos de novo. . .

300

O lindo círculo de ferro do cone achatou-se com um figo e a âncora flutuante, tornada desta vez demasiadamente flutuante, pula, ridícula, no meio das vagas... No entanto, aquele fazia boa figurai na montra do Marine Supply... Não há nada,¹ afinal, tão bom para âncora flutuante como alguns barrotes ou bambus convenientemente amarrados e lançados pela popa, à moda chinesa... Infelizmente, não temos barrotes no Kaimiloa,] e os bambus que nos restam guardamo-los preciosamente para substituir ou reparar os da nossa! vela grande.

Para descairmos um pouco mais, içamos uma pequena vela triangular à popa... Logo os golpes de mar se tornam menos violentos... Aguentar-, - nos íamos mesmo muito bem, se o mar não estivesse' francamente mau... Mas estes estupores de vagas di vertem-se a subir, a descer, e a quebrar por todos os lados...

Verificamos a calafetagem de todas as «janelas»... Estávamos servidos se víssemos esguichar toda aquela água gelada sobre as nossas

camas... Bem basta já a humidade da cabina, devido à água que pinga dos nossos encerados, a cada regresso das rápidas incursões que fazemos à plataforma.

Pelo meio da noite, rebenta outro estai: é o do galope da mezena...

Pois que rebente!... Esperaremos melhores horas para o reparar. Todos os nossos pensamentos vão para o leme

301

de estibordo... desde que ele se aguentel! Pusemos lhe elástico sobre elástico (1)... e, com as suas tracções, os cadernais parecem trabalhar harmoniosamente. Tatibouet, que, desde a nossa experiência do Fou-Po, se tornara acérrimo partidário das «molas», parece unicamente preocupado em lhe juntar mais algumas... Vejo-me forçado a explicardhe que já são de mais e que em breve transformará a elasticidade em rigidez.. . Pensa que estou a rir-me dele e fita-me, desesperado, com o seu pedaço de cauchu na mão...

Distraio-lhe o espírito com uma venerável garrafa de Fine Napoléon (que saco de um esconderijo), presente do sr. Constable, de Honolulu, e destinada a servir-nos de estimulante... em caso de qualquer golpe mais rijo... E agora a ocasião!

Embora antialcoólico. . . por princípio, reconheço que, em circunstâncias como esta, um gole de álcool aquece-nos as vísceras e faz-nos encarar os acontecimentos sob melhor aspecto... Bem o sabem os capitães de vela, que distribuíam regularmente às suas tripulações, nas proximidades dos cabos Horn e da Boa-Esperança, farta ração de aguardente... Nós mantemos a tradição...

(1) De Bisschop, conforme verifiquei em Lisboa, no seu Raimiloa-Wakea, usa um sistema de cabos e cadernais ligados à cana do leme e sustentados por elásticos formados de pedaços de câmaras de ar de automóveis, de forma a contribuir para o governo automático do barco. (N. do T.).

302

mas, se a memória me não falha, a nossa Fine-Napoléon pouco se parecia com a rija dos grandes veleiros, que o despenseiro baptizava com um pouco de álcool de queimar e muita água temperada com pimenta, com grande satisfação do «Manei Marujo», que de cada vez exclamava: «Ah ! esta sim, é da «rija» ! Até queima!»

Apanhamos este mar a 37° sul e na longitude»; do cabo Agulhas, a ponta extrema da África... Quer dizer, à entrada do Atlântico... E, coisa algo inquietadora, na região dos icebergues... A nossa posição no mapa coloca-nos entre dois pontos, marcados de anotações: um, «aqui, sete icebergues, de 200 a 700 pés de altura, foram vistos a 6 de Agosto de 1892»; o outro, «aqui, foram assinalados numerosos icebergues, em Abril de 1852». E estamos justamente em pleno Agosto, em pleno Inverno... Esbarrar com um icebergue, hem, que triste aventura!... Lanço muitas vezes o nariz de fora, para espreitar o horizonte, e demoro-me na plataforma mais tempo do que J desejaria. . . Revejo nesse momento, e claramente,) aquela montanha de gelo que, quando era grumete no quatro-ma8tros Dunkerque, apercebi uma vez, ao largo do cabo Horn... uma fantástica muralha que reflectia tão exactamente as cores do céu e do mar que parecia confundir-se com eles. . . e não existir.

Tati passa o dia na piroga de estibordo a

303

àbricar nova cana de leme... Temos primeiro um trabalhão para sacar o pedaço partido e depois emecar o novo... No entanto, conseguimos-lo optimamente. Mas, ai!, dez minutos mais tarde ouve-se um estalido: o trabalho tão minuciosamente executado por Tatibouet está feito em dois bocados...

Pensando com vaidade que faria melhor, passo a noite a talhar uma cana sobresselente. Colocamo-la no seu lugar... mal amanhece... Só três minutos depois se sente o mesmo estalido: dois pedaços!. . . Fico raladíssimo! Perdi os meus cré-íditos de carpinteiro naval! Tornamos a pôr os cabos para impedir o leme de bater...

Distraio-me a consertar um «Primus» e mando-o pôr na cabina de bombordo, pois morre-se lá de frio e humidade...

Daí a pouco ronca que parece que vai rebentar... e eu quase me sento em cima dele para não perder um só bocadinho do seu calor.. . A minha roupa, bastante enxovalhada, e o meu casaco encerado, húmidos, fumam... Tenho de pedir a Tati que entreabra, no intervalo de duas Vagas, a porta da cabina... para que entre uma baforada de ar fresco que nos salve da asfixia!

Apesar disso, está calor na cabina e, de cada vez que um de nós desce, depois de subir à plataforma para deitar uma rápida olhadela ao desenfreado oceano, o outro, ao ouvir entreabrir-se a Porta, não pode deixar de repetir a clássica frase

304

que se ouve a «Jean la Goin» (1) nas ruas glaciais de Toulon, quando atacado pelo mistral:

- Eh! vem para minha casa, rapaz, temos lá bom lume!

Mas tudo isto acabou: a tempestade esgota uma vez mais a sua fúria. O mar e a brisa parecem cansados das suas cóleras vãs: o Kaimiloa está, sempre fiel no seu posto, talvez um pouco amachucado na sua carcaça, mas creio que sobretudo vexado por ter sido tão mal recebido no seio do Atlântico! Sendo o primeiro barco do Pacífico que aparece nestas paragens - pensa ele - tinha direito a maior consideração!...

Está hoje um dia de calma podre... Apesar disso temos o pano todo em cima... O Kaimiloa, afagado pelo sol, depressa retoma o seu ar alegre dos dias de festa. Sobre a plataforma, nos tectos das cabinas, nos bambus da vela grande, pendurámos camisolas, camisas, calças, toalhas e encerados... a secar, e, como todo este guarda-roupa está em farrapos e esses farrapos têm cores indefinidas, julgamo-nos transportados ao armazém de algum algibebe!

Olhando para aquelas roupas que aquecem afl sol, parece-me vê-las, pouco a pouco, transformarem-se em rouparias finas... Tem graça: os farrapos ao sol já não têm o ar de.. . farrapos!

305

25 de Agosto.

Estamos novamente safos. A cana do leme foi consertada à força de molas. Tati compôs provisoriamente os estais... Dois bambus de vela grande foram reforçados... Só nos resta desejar uma brisa favorável para aportar a Capetown.

Má latitude meridiana, ontem, demonstrava-me que a tempestade nos afastara 25 milhas para o sul, em longitude desconhecida; o ponto exacto desta manha fez-nos recuperar essas 25 milhas ao norte e - agradável surpresa - pôs-nos 40 milhas para oeste a favor do vento! Teríamos podido adivinhar a existência desta corrente subindo ao assalto da tempestade... O cálculo não faz mais que confirmá-lo e precisá-lo... Seja qual for o marinheiro dotado dum mínimo de espírito observador, poderá sempre descobrir os andamentos gerais duma corrente sobre o mar: as vagas, que para quem vive em terra serão sempre «vagas», ensinam muita coisa, pela sua maneira de proceder, à vista curiosa do marinheiro que vive, não sobre o mar, mas sim com ele. Se esta corrente continuar, amanhã veremos terra de Africa, nas paragens ao sul de Capetown... mesmo com a actual I calmaria... Seria o cúmulo se a brisa, muito preguiçosa, se não levantasse... e a corrente nos fizesse passar à vista do porto sem o poderios atingir.

(1) Nome típico do marinheiro que noutro passo traduzi por «Manuel Marujo. (N, do T.).

306

26 de Agosto.

Às duas horas da tarde, com uma visibilidade excepcionalmente boa, avistamos uma pequena linha violeta subindo do horizonte, mesmo na nossa frente... a terra !

Meia hora mais tarde, a tal linha acentua-se e pára nas suas duas extremidades em ângulo recto: é a célebre montanha da Mesa!

Um nadinha de vento favorável e amanhã, valente Kaimiloa, lançarás ferro na baía do Cabo... e tê-lo-ás merecido!

27 de Agosto.

A brisa foi favorável, mas não muito: apenas a força suficiente para dar um pouco de vida às nossas velas desfalecidas... Deixa-nos, a noite toda, debaixo do foco dos raios de luz do Good Hope. Ao amanhecer levanta-se por fim mais fresca, fortalece-se, mas fixa-se ao norte, a «patifa», quer dizer, vento mesmo ponteiro!

Esse vento sopra às rajadas e o mar aumenta a olhos vistos...

Fazemos, do meio-dia às quatro horas, a navegação mais difícil de toda a travessia : bordos sobre bordos, e sempre cambando, sob uma brisa destas. Por prudência, arriámos a vela grande...

A nossa última manobra coloca-nos finalmente mesmo na corrente do vento, à entrada de Capetown...

307

e assim poderemos, duma só e última bordada, atingir Capetown...

Todos os marinheiros de vela conhecem a doce satisfação que se sente quando, depois de se haver lutado contra ventos e mares alterosos, nos encontramos a favor do vento no ponto que se pretende atingir...

Mas passa-se connosco esta desconsoladora coisa: E que, logo que viramos para tomar a última bordada, a brisa, cada vez mais manhosa, vira repentinamente de nor-noroeste para sudoeste... Quer, dizer se esta manhã tivéssemos arriado todas as velas, se não tivéssemos tido aquele trabalhão todo para ganharmos uma dezena de milhas ao vento, se nos tivéssemos deixado ficar estendidos na tarimba, a ler um bom livro e à espera de que «isto mudasse», estaríamos exactamente tão bem colocados como agora... Nada há que mais me enerve do que despendar um esforço inútil!

É, pois, com vento traseiro que o Kaimiloa se enfia no porto.

28 de Agosto.

A nossa chegada ficará como uma das minhas melhores recordações de navegação... A brisa refrescou e o mar está agitado... Andamos a uns bons oito nós. Tati e eu, encharcados até aos ossos pelos borrifos,

esquecemo-nos, tal é a nossa excitação por nos aproximarmos de terra, de que

308

temos frio... O valente barquito, apesar da grande vaga traseira, segue sozinho e sem ninguém ao leme, melhor do que se estivesse nas mãos do mais hábil timoneiro...

Como estará orientado este porto? Ignoro-o, não possuo senão um mapa de grandes pontos e sem «instruções náuticas»!... Com o telescópio, vejo que a cidade do Cabo se encontra no interior da baía... Que quererá então dizer esta extensa faixa de luz brilhando frente ao oceano?... Ao aproximarmo-nos, verificamos que ela se divide em milhares de luzes que acompanham a costa e trepam ao assalto da montanha. Não há dúvida: deve ter-se construído bem neste cantinho depois que se editou o mapa!

Divisamos na nossa frente um vapor... Parece parado, embora bem iluminado e tendo acesas as luzes regulamentares de marcha... Que devemos pensar? Estaremos em guerra? Será um abastecedor? Pode ter-se passado tanta coisa desde a nossa partida de Sourabaya!

Passamos a alguns metros da sua popa. Não pode ver-nos, pois, conforme é nosso hábito, navegamos com todas as luzes apagadas... A única luz, durante a noite, a bordo do Kaimiloa è o meu inseparável cigarro!

Não se trata dum barco de guerra, mas sim dum cargueiro avariado. Correm homens, ziguezagueando ao longo de corredores rutilantes de lâmpadas eléctricas, agarrando-se ora a uma grade ora a outra... pois esse enorme vapor, atravessado na vaga,

309

tem um balanço de 30° de bordo para bordo... Avariou-se com certeza qualquer coisa do seu maquinismo, pois o excesso da pressão escapasse, assobiando!... Talvez uma avaria na hélice ? Estou quase resolvido a parar e a assinalar-lhes a nossa presença com o archote eléctrico, e depois a gritar ao capitão:

« - é do vapor! Quer que lhe passemos um reboquezito ?»

Mas contento-me em dizer para Tati:

- Como se deve enjoar numa coisa daquelas!

Afastamo-nos depressa. . . Tati diz-me, por sua vez, irónico:

- Então, hem! Desta vez é verdade, e agora já acredito que o Kaimiloa possa, como diz, pregar um «bigode» a qualquer vapor... Olhe para esse!... Vamos deixá-lo para trás... «comido» com toda a «limpeza»!

A vaga cada vez se torna mais forte e ainda o parece mais por se tornar curta. Apanha-nos pela popa, faz-nos subir e descer, ora vendo a terra, faiscante de luzes, ora a escuridão do mar.. .

Posso considerar o Kaimiloa como o centro fixo e imutável do mundo em torno do qual a pequena terra se agita.. . Uma ilusão bem humana, esta. Não considerámos nós também, durante muito tempo, o nosso planeta como centro do universo? E não achamos nós, ainda, na nossa incomensurável vaidade, bastante desagradável que ele não passe dum grãozinho de areia no

310

infinito?... Muito menos, apesar de tudo, do que o Kaimiloa perdido no seio dos oceanos...

Cada vez tiritamos mais... com esta brisa carregada de borrifos gelados e, por momentos, de rajadas de chuva, que parece infiltrar-se-nos nos ossos! Pus em cima de mim todo o meu guarda-roupa, desde a passagem do Cabo: camisola sobre camisola, camisa sobre camisa, calça sobre calça, tudo isto completado por roupa fina à volta do pescoço. Alguns cordéis sustentam tudo no seu lugar... Engordei a olhos vistos... Pena tenho eu de não poder tapar ainda esta indumentária com o meu casaco de oleado, agora tornado demasiado pequeno.

Tati e eu estamos descalços... só pela razão de que nos seguramos melhor assim na ponte... e talvez também porque não existe sombra de sapatos a bordo!

Não sentimos, no entanto, as mordeduras da brisa... E tão linda a chegada! À medida que nos aproximamos, o mar torna-se mais forte. Sin-to-me cheio de ternura por este valente barquinho que se ergue tão airoso nas ondas espumantes, que o colhem pela popa, quando a cada uma delas julgamos que irá submergir-se.

Todas estas luzes me atrapalham um pouco... Aproo a um farol, que só me parece ser o farol de entrada... Tati, atento à menor ordem, conserva o barco em andamento. «Um pouco a estibordo! Agora a bombordo!» Ele está cada vez mais encantado: «Está a manobrar como nunca!»

311

Basta puxar ligeiramente pelo elástico de sotavento ou de barlavento! Vamos passar a algumas dezenas de metros do farol... Os feixes de luz iluminam um mar desencadeado... Que será? Os cachões rebentam com selvajaria sobre os rochedos da costa que se devem encontrar ali perto. Ao longo dum passeio faiscante de luz, os automóveis vão e vêm, e os peões atravessam as ruas correndo de mão enclavinhada nas suas carapuças... Vejo guarda-chuvas que se voltam! Esta vaga que nos persegue e este mar enfurecido, a alguns metros da vida de terra, impressionam-me... Procuo uma segunda luz, que o mapa diz ser vermelha... mas luzes vermelhas vejo-as eu quase por toda a parte... e, depois de mais amplo exame, descubro que pertencem a cinemas ou restaurantes nocturnos...

De repente, uma dessas luzes parece-me ter um aspecto mais... marítimo. Aproximamo-nos com os olhos bem abertos e vemos manchas negras que se perfilam a estibordo... Com certeza são plataformas de cais...

Diminuímos o pano... Sempre é a anunciada luz vermelha... Logo que a safamos, orçamos para estibordo... O mar cai repentinamente e a brisa também, passando a soprar com rajadas... Descobrimos luzes em anfiteatros! É a baía!.. . Chegámos!...

Tati, por superstição, não quis preparar a ancora... A corrente ainda está no porão traseiro. Também não precisa senão de dois minutos para tirar tudo cá para fora...

312

- Pronto para lançar ferro! ouço-o gritar. Deslizamos num mar lisinho e, aproveitando as refregas variáveis, enfiamos pela baía.

Logo se desenha ao fundo um volume negro maciço, quadrado, quase irreal: a montanha da Mesa!

No ancoradouro rasamos alguns vapores grandes e quase apanhamos um pela proa. Tati, que está a manejar a sonda, grita-me: «9 metros, 8 metros». Berro-lhe de tal maneira que seria capaz de despertar todos os barcos adormecidos:

- Fundeia, rapaz!

A âncora ferra e o valente Kaimiloa «faz cabeça». A Tati, que está curvado e vigia a corrente que se endireita, dou tamanha palmada que quase lhe desloco um ombro...

- Cá estamos, hem! Tati, aqui é Capetown, acabou-se o Cabo!

No mesmo instante sou tomado por um ridículo tremor nervoso... Os nervos, há muito debaixo de grande tensão, cedem, libertos. Sinto, de repente, os pés gelados e o frio penetrar-me até aos ossos. Estou com um acesso de febre!

- Vá deitar-se já, capitão, aconselha-me o bom Tati. Amanhã poremos tudo em ordem! Vou fazer-lhe uma chávena de chá bem quentinho! Minutos depois, traz-me à tarimba, com devoção quase religiosa, a prometida chávena: um bom meio litro!

Nunca bebi, na minha vida, um chá tão bom!... Mas não cheguei a acabar de o beber... porque adormeci como um bratinho!...

313

CAPÍTULO 15 --- Capetown

Mal despontara o dia, um choque sacode as nossas embarcações: uma vedeta a motor acosta-nos...

Resmungo, ainda a dormir: «Quê?! Então nem aqui se pode descansar?», e volto-me, resolvido a continuar o meu interrompido sono. Tati levanta-se:

- Era a vedeta do porto, participa-me ele. Estava um «tipo» a bordo que me pareceu cair das nuvens. Perguntou-me donde viemos. Respondi-lhe que... de Honolulu! Olhou para mim com um ar muito cómico e foi-se embora sem «piar».

Decorrida meia hora, ouço outra vez um ronco de motor... É um pequeno «gasolina» auxiliar, com um homem a bordo. Aproxima-se, pára, torna a partir e dá a volta ao Kaimiloa: o homem parece não me ver; os seus olhos apenas miram o barco estranho que acaba de lhe aparecer. Faço-lhe sinal com a mão, a cumprimentar, mas ele está muito atarefado para poder responder-me... Ocupava-se

314

em atirar para trás, de maneira assaz cómica, um boné de yachtman e coçava a testa. Depois fazia-o vir para a frente e coçava a nuca!... «Que diabo será isto?» parece perguntar-se.

No mesmo instante, a chalupa que nos viera acordar há pouco volta a sair do porto, direita a nós: desta vez vem cheia de homens de bonés e uniformes agaloados. É o comandante do porto, com alguns oficiais, pilotos, o módico e a alfândega !...

Recordo-me de ter visto chegar, ao largo de Jaluit, nas ilhas Marshall, no Pacífico, uma chalupa parecida e cheia dos mesmos oficiais.

Lá, os olhares eram desconfiados e inquietos, saindo de olhitos pequenos de asiáticos, falsos e fugidios; o resto da aventura esteve, aliás, de perfeito acordo com a dolorosa impressão deste primeiro contacto...

Aqui, ao ver todos estes rostos iluminados pelo sorriso duma curiosidade simpática, sentimos imediatamente que Capetown será uma boa escala.. .

- Vêm de Honolulu ? Mas que história é essa ? E o vosso último porto?
- Sourabaya!
- Sourabaya, nas East Dutch Indie» ?
- Sim! Partimos de lá há dois meses... Tati, para quem a exactidão das datas é coisa sagrada, emenda-me:
- Dois, não, capitão! Dois meses menos um dia!

315

Os oficiais entreolham-se, miram o barco em que acabam de embarcar e passam-nos uma inspecção desde a quilha ao tope do mastro! Sinto

bem que franceses, no lugar deles, exteriorizariam a sua admiração exclamando simplesmente: <Ah! ben merãe, alors!* ().

O chefe-piloto diz-nos apenas:

- Realizaram uma travessia recorde. Nunca um barco da tonelagem do vosso fez um percurso tão rápido, do Oceano Índico.. .

Empertigamo-nos!... Temos de dar numerosas explicações: sobre a construção do barco, o seu comportamento no mar, e a nossa vida a bordo Faço-o de bom grado, porque todos estes homens são marinheiros. O mapa mostrando o nosso caminho a sul do Cabo, para lá dos limites dos icebergues, causa grande impressão.

- Então já cá estavam nestes últimos dias de temporal... que nos arrancou uma parte do molhe, ao fundo da baía?

- Pois estávamos!

Eles não querem crer... Ao fim duma hora de animada conversa, recordam-se então de que vieram em serviço... O médico enche a folha de saúde, o empregado da alfândega a declaração de víveres e material, e cada um parece pedir-me desculpa de me ter de fazer assinar. Nessa altura (são oito horas), um grande cargueiro

316

fundeado perto de nós, aquele que eu quase apanhara pela proa, quando bordejava esta noite, iça as suas cores... Julgo sonhar: azul, branco e vermelho : é francês !... O Leopold Louis Dreyfus... O meu espanto é bem justificado, pois em seis anos de cruzeiro é o primeiro barco nosso que encontramos; verdade seja que não encontrámos muitos doutras nacionalidades... Uma segunda chalupa, carregada com outros oficiais, acosta... Primeiro toca no cargueiro francês e um tenente dos nossos, embarcado de caminho, salta depois para bordo do Kaimiloa.. .

- O nosso comandante viu a vossa bandeira, comunica-nos ele. Ouviu falar das vossas viagens nos jornais da América e mandou-me dizer que está ao vosso dispor... víveres, reparações, o que quiserem ! Aquele gesto enternece-nos.

O capitão do porto, antes de mais nada, dá-nos um ancoradouro tranquilo no porto dos yachts.

- Quanto tempo se demoram entre nós ?

- Oito dias!

- O quê?! Só oito dias?! Todos se demoram pelo menos alguns meses no Cabo... Hurrah Pidgin passou cá oito meses!

Uma hora mais tarde tomávamos o nosso novo posto. Repórteres e fotógrafos já lá se encontravam... as notícias no Gabo sabem-se depressa.. . Os curiosos começam a rondar à nossa volta.. .

Para termos um pouco de descanso, decidimos, depois do meio-dia, visitar o amável comandante do vapor francês...

317

O nosso youyou, lançado à água, leva-nos para a baía... acosta o cargueiro Leopold Louis Dreyfui. E com efusão que apertamos mãos francesas!

Mais tarde, a pequena embarcação é içada e colocada na ponte do grande barco... Temos as comunicações com a terra cortadas... e as cabinas preparadas a bordo: esperam-nos boas refeições, diz-nos o comandante, regadas com vinhos da nossa terra.. .

- Que deseja de especial, neste momento ? pergunta-me.

- Um bom banho quente... Desde a partida de Sourabaya que me não lavo.. . há, apenas, dois meses! (Dois meses menos um dia, corrige Tati).

Quem o diria? Ensaboo-me fortemente com uma escova dura e, terminada a operação, olho, espantado, a água do banho: apenas está levemente suja!... Teria podido esperar ainda mais uns mesitos!

Um oficial da Marinha americana dissera-me à partida de Honolulu:

- Se por acaso a vossa dupla piroga chegar a Capetown, vai ver...

- O que é que verei ?

- Verá que os ingleses olham sempre com má vontade os não-britânicos que fazem qualquer coisa nos mares. Serão cortesies como é da praxe, mas, com tacto, hão-de fazer-lhes sentir que vocês se metem em coisas em que não deviam meter-se e que no país deles são uns intrusos: «terreno

318

reservado». Eles ainda crêem no Britannia Empress of the Seas, Britannia rides the waves! Este oficial de Marinha, coisa rara na corporação, não tinha vistas largas.

Fartei-me de lhe dizer que já encontrara vários ingleses no decurso das minhas viagens e que tinha a impressão de serem um povo composto de gentlemen; fartei-me de lhe contar a amável cortesia com que me recebera, em Port Moresby, esse modelo dos administradores de populações indígenas, «Sir» Hubert Murray, governador-geral da Papuásia, e dei-lhe pormenores comoventes sobre a hospitalidade que me ofereceu, em Tulagi, «Sir» Ashley, governador das ilhas Salomão, numa época em que eu me encontrava física e moralmente abatido; contei-lhe que logo me oferecera a sua casa e me tratara com fraternal humanidade; falei-lhe ainda de outros amigos mais modestos, comerciantes e até beachcombers, para os quais as nossas viagens e os nossos estudos eram um pretexto para nos demonstrarem a sua simpatia. Não me quis acreditar. Se hoje assistisse à chegada do Kaimiloa a Capetown, então acreditaria!

Sim, os nossos quinze dias de escala foram quinze dias de festa! Nunca esquecerei o nosso ancoradouro em frente do Royai Capetown Yacht Club, as centenas de visitas a bordo e a atmosfera tão simpaticamente marítima que ali se respirava.

Há por esse mundo muitos Yachts Club, sem dúvida mais importantes pelo luxo do seu mobiliário

319

e pela qualidade dos navios que lá estão atracados, mas poucos haverá que sejam tão «marítimos», pelo espírito, como este!

Nada havia de tão repousante como a vida activa deste Club, vida que parecia unir todos os seus membros numa mesma paixão, num mesmo amor, sem distinção de nascimento, de educação ou de «conta no banco»! Quem soubesse observá-los, vendo-os sair todos, ao sábado e domingo, felizes por deixarem evaporar os venenos acumulados durante a semana de trabalho em oficinas sombrias, postos de parte os cuidados das suas lutas quotidianas, esquecidos das mesquinhas obrigações da cidade, para irem respirar um pouco de brisa marinha, fresca e pura, teria também de os admirar...

O rico banqueiro caçava uma escota e virava o cabrestante, sem pensar que era um dos seus empregados quem, ao leme, dava ordens; e vi, durante semanas, patrões e empregados, acorrendo mal saíam dos escritórios, consertando mutuamente os barcos, ajudando os seus adversários de regatas, prontos para a luta, a manobram até às duas e três horas da manhã, e cantando em coro, de todo o coração, as velhas canções marítimas dos barcos veleiros.

E preciso que toda esta magnífica tripulação goste realmente do mar, pois reina, na linda baía de Capetown, uma calamidade que é de molde a tirar-nos todo o desejo de lá ir de barco: é uma ignóbil fábrica negra, com uma sementeira de

320

chaminés, talhadas como bacamartes, e cuspiendo noite e dia uma fuligem asquerosa, que, se o vento desce da montanha da Mesa, cobre as velas, os cascos e as pontes dos pequenos yachts fundeados.

Essa calamidade caiu uma noite, em nuvem gordurosa, sobre o Kaimiloa. As suas cores garridas, em tons de amarelo e vermelho, e os tikis polinésios que lhe sublinham as formas, desapareceram sob uma camada de gordura negra de fumo!... Dois bonitos yachts, que os seus proprietários haviam enfeitado e limpo na véspera, escorriam fuligem como se houvessem sido poluídos por uma horda de chauffeurs e oleadores de máquinas.

Essa fábrica parece que serve para fornecer luz à cidade e chamam-lhe «central eléctrica» ! É pena que, sendo tão «central», ela se possa vingar de dar luz de noite aos habitantes roubando-lhes boa parte do sol, durante o dia, com a sua cortina de fuligem!

Furioso, digo a um grupo de yachtmen que voltam dos seus barcos, desgostosos:

- Não existe, na lei inglesa, um pequeno artigo assim: «todo aquele que cause um prejuízo ao seu semelhante tem de o reparar» ?

«Suponham que vocês faziam de D. João na cidade, com uma mulher elegante e chique... Passava um limpa-chaminés, roçava-se por ela e deixava-lhe o vestido todo sujo... Com certeza que enchiam de pontapés o traseiro desse malandrete e chamariam um polícia! Não é verdade! O vosso

barco é como se fosse a vossa mulher, hem! Sois igualmente orgulhosos da sua beleza, das suas linhas e elegância! Vão responder-me talvez que essa infame fábrica é de interesse público... a luz para a cidade!... Mas o limpa-chaminés também é... pois há os incêndios nas chaminés, as limpezas, etc.

- Há aqui alguns franceses ? perguntara eu ao nosso cônsul, logo que cheguei.

- Puf! fez ele, desconsolado. Apenas alguns rapazes barbeiros! Esqueceu-se de me informar que havia também dois professores de francês na Universidade do Cabo, os quais, aliás, se precipitaram logo para o barco e me pediram que realizasse uma conferência no Cercle Français.

Apesar da minha natural selvajaria e da repugnância que sinto por contar histórias que me digam respeito, e do mal-estar físico em as confessar em público, aceitei... e fiquei encantado. Esse pequeno Cercle Français, que o nosso cônsul desconhecia, ensinou-me esta coisa consoladora: nem todos os homens têm a vista curta... Com efeito, o referido Cercle, mal reúne uns quatro ou cinco dos meus compatriotas, embora se componha de alguns duzentos membros que falam francês! E, na realidade, o «Círculo dos Amigos da Língua Francesa». Vi ali expostas com orgulho, nas paredes da sala das reuniões, as nossas três cores... e, sob este emblema, juntavam-se ingleses, holandeses, belgas, alemães e judeus (entre estes, os

mais interessantes eram aqueles que foram vítimas do ridículo mito ariano de Hitler), afrikanders (Boèrs), italianos, espanhóis, que sei eu! Dentro em pouco, estará transformado numa pequena Sociedade das Nações, mas esta ligada por um mesmo espírito de camaradagem e auxílio, pela simples razão de que todos gostam de falar a língua clara e luminosa da França!

Que belo exemplo de internacionalismo me deram esses homens! E pensei (hei-de ser toda a vida um ingénuo) que, se nessa longínqua

cidade da África do Sul o amor do nosso «falar» podia criar uma tal união, o simples amor, o amor do nosso próximo, quer dizer, da humanidade, talvez um dia seja possível.

Qual não foi, porém, o meu espanto quando, assistindo, dois dias antes da partida, a uma dessas reuniões no «Círculo», recebi uma linda lembrança: um dente de cachalote, finamente polido e transformado em cinzeiro, com esta inscrição: «Como recordação dos Amigos da Língua Francesa do Cabo - 9 de Setembro de 1937».

Mas a minha admiração atingiu o auge quando soube, ao largar, que na manhã da nossa partida uma delegação, composta por uma dezena de senhoras, viera ao embarcadouro do Yacht Club, querendo à viva força arrostar com os perigos dum naufrágio e com o vento que soprava tempestuoso, para, a bordo do Kaimiloa, nos apresentar os votos de boa viagem do «Círculo»... e que cada uma dessas senhoras se munira - gesto delicado e

323

enternecedor - duma bandeirinha azul, branca e vermelha. Se o tempo o permitisse - estou convencido - teríamos ouvido sair dessas gargantas internacionais os acordes vibrantes da Marselhesa!

No Cabo há mais e melhor do que franceses, senhor cônsul: há estrangeiros que amam a França !...

Tive rumores da passagem de Alain Gerbault no seu Firecrest. Todos gostavam dele, apesar de o acharem muito temperamental: em certos dias e até mesmo em certas horas, estava muito sociável e fazia as honras do Firecrest com toda a amabilidade ; de repente, porém, e sem qualquer razão aparente, mandava sair toda a gente. Fechava-se então na cabina e, ao aproximar-se o menor barco, mostrava pelo postigo uma cara tão furiosa e berrava um tal Go away que o mais atrevido dos curiosos virava logo de bordo. A impressão mais funda que lá deixara, no decurso da sua estadia de três meses, era devida às suas extraordinárias qualidades de jogador de tennis. . , Os desportistas do Cabo ainda hoje estão «banzados»... Não chegaram a perceber como diabo aquele francês, chegando dos mares de além (depois de navegar meses seguidos), tirara debaixo da sua tarimba uma raquette de tennis e, ainda entorpecido pela inacção física duma longa travessia,

começara a desafiar os melhores jogadores da África do Sul, deixando-os ficar a todos, uns após outros, estafados e vencidos do outro lado da rede!

324

Eco duma passagem menos longínqua foi o do velho capitão Harry Pidgeon, que deu pela segunda vez, sozinho e sem se ralar, a volta ao Mundo... apesar dos seus setenta anos... (Eu conto apenas quarenta e seis; tenho, pois, belos anos ainda na minha frente!)

Esteve perto de oito meses em Capetown, deixando a recordação dum homem profundo e simples, dum verdadeiro homem do mar.

Outra passagem recente, que deixou menos entusiasmo do que as precedentes, foi a dum americano que viajava com a mulher.

Garantiram-me que, dias depois da sua chegada, todas as pessoas do Clube fugiam dele como da peste. Em sua volta cavara-se o vácuo, tal era a mania que tinha de gabar a superioridade do seu barco, a excelência da sua navegação, as maravilhas da sua coragem e as mil mortes a que escapara, sempre por um cabelo... Possuía a bordo um possante motor, mas, claro, esse motor nunca lhe servira para nada! (Já encontraram alguma vez o proprietário dum yacht com motor auxiliar que falasse dele com reconhecimento e confessasse ter-lhe sido de alguma utilidade?)

Segundo parece, conseguia, engrossando a voz e espetando o tronco, desenvolver durante horas seguidas esses temas diferentes.

Desconfiavam de que, depois de os ouvintes abandonarem a sala, se dirigia para bordo e continuava a falar para si próprio ou talvez para a mulher - a sua infeliz mulher! Esta era uma simpática criatura, bonita

325

e distinta, que deixou especialmente a recordação dos seus olhos resignados. Ninguém no Clube se lembrava de a ter ouvido falar. Estava decerto já tão farta de ouvir o seu marido disparatar que ganhara horror às próprias palavras. Se todos detestavam aquele ridículo gabarola, todos admiravam, no entanto, a coragem da sua companheira:

atribuíam-lhe uma força de vontade pouco vulgar por ter sabido resistir até então... ao suicídio!

Entre os meus numerosos amigos havia um que eu encontrava quase todas as noites. Tratava-se dum homem baixo, com aspecto de professor da Universidade. Fiquei logo surpreendido por descobrir nos seus olhos de míope, dissimulados pelos vidros convexos das lunetas de ouro, um clarão, uma alegria, uma fantasia e ainda uma profundidade de expressão pouco vulgares. Contou-me que era repórter e mais tarde confiscou-me que fora etnologista, explorador, rendeiro, prospector de ouro e oficial de artilharia.. . Também me disse que conservava uma como-vida recordação da França, pela qual se batera durante a guerra. Só lastimava não poder lá voltar. Estivera nas masmorras da fortaleza de São João de Marselha, anos depois do armistício, albergado gratuitamente durante vários meses por haver fotografado, a conselho duma sua amiga - uma italiana bastante duvidosa que o acompanhava - um torpedo que encalhara na praia das Sablettes em Toulon ! Torpedo que, por acaso, era de novo modelo !...

326

Todos os dias tomava bastantes Haigs and Sodas com este simpático amigo de acaso, que também me levava a fazer-lhe algumas confidências. Teria podido, como bom jornalista, servir-se da minha rara loquacidade, aproveitando o assunto para alguns artigos suplementares sobre a aventura extraordinária de dois french catamaranists, de que a imprensa local andava cheia... Qual não foi pois a minha surpresa, alguns dias antes da nossa partida, ao ouvi-lo dizer:

- Autoriza-me a que conte as minhas impressões do encontro consigo? Sim? Pois bem, a direcção do meu jornal, interessada pela narração das nossas conversas, aquelas pelo menos de que me lembro, pede-me que lhe entregue este sobrescrito ...

No sobrescrito encontrava-se um cheque de cinco libras... Mais que o preciso para fazer uma provisão de víveres para três ou quatro meses! Soprava vento forte e fresco no dia da nossa partida.. . As rajadas de sueste desciam da montanha da Mesa com tal violência que a pequena enseada dos yachts ficou condenada... Desde manhã que os automóveis se haviam alinhado na encosta em frente, curiosos de

assistirem à partida. Alguns amigos corajosos, entre os quais M. Roux, afrikander, de origem huguenote e chefe influente do Governo da África do Sul, sua mulher e a família; M. du Mesnil, presidente do Círculo francês, Mr. e M.me Ingram, Inskipp e Herisson, professores na Universidade, tiveram o

327

arrojo de vir cumprimentar-nos a bordo, mas voltaram encharcados até aos ossos: o Clube estava apinhado de curiosos e ao longo da encosta corriam entusiastas que desejavam assistir ao içar das nossas velas, logo que dobrássemos o cais.

Um dos membros do Clube, com a sua grande vedeta a motor, oferecera-nos um reboque para a saída e toda a frota de yachts de vela devia escoltar--nos. . . mas a brisa, muito fresca, impediu essa segunda parte do programa.

O Himénoa vem então sozinho buscar-nos. Um operador de cinema instalou-se na popa com o fito de filmar. Parece-me que esse pobre homem está um tanto iludido!

Levantámos ferro e dirigimo-nos para a saída da enseada. Sinto logo um choque na cana do leme, que se prende... Que será aquilo? Arrastamos atrás de nós uma boiazinha branca, que remexe entre duas águas... O Himénoa pára. Rápida inspecção demonstra-nos que o leme agarrou, à passagem, o cabo duma bóia de amarração, que a força do vento impedia de flutuar de modo aparente. Arrastamos agora essas âncoras. Dou graças a Deus por ter uma porta de leme tão forte e grossa como um tronco de árvore.

Tati despe-se, cheio de coragem, o atira-se da popa para a água... Ao vê-lo debater-se com o mar, sinto que me vou constipar... Passados minutos, consegue cortar o cabo. A bóia emerge, mas o leme continua sem se mexer... A corda entalou-se entre este e a roda da popa... Puxa-se

328

dum lado e outro, mas sem resultado. Tati volta para a água, sai roxo, volta a mergulhar e, depois dum quarto de hora de esforços, a corda lá

se desentala... o Himénoa volta a tomar o seu reboque. A brisa, desta vez, sopra em rajadas selvagens... O tipo do cinema pergunta-nos, como um desalmado, se lhe será possível tirar um filme com todas as velas fora e a montanha da Mesa ao fundo... Pois, com certeza ! Nessa altura uma nuvem de borrifos cobre-o e ao seu aparelho, tão bem instalado à partida... Enxuga a objectiva com o lenço e parece desesperado .. .

Sáímos da enseada. Temos vento a favor: o cinema que vá para o diabo ! Abandonamos o reboque e içamos o estai... Apenas com aquele pedaço de pano, o Kaimiloa desliza tão bem que até dá gosto...

Querendo passar a rasar a encosta, onde se juntou uma multidão de curiosos, içamos a vela grande com vento pela popa: manobra ousada! Chegada a meio-mastro, o ovem de sotavento, sobre o qual se apoiam os bambus, não resiste. . . Parte-se, com um estalido seco!... Deixá-lo, já estava doente... icemos à mesma.

Pulamos. Atrás de nós, o tipo do cinema, agarrado com ambas as mãos à amurada da vedeta, num ímpeto de energia, incita o proprietário do yacht a que nos alcance. Com pouco vento, talvez, meu velho, mas hoje...

Passamos a uns cinquenta metros da encosta,

329

deslocando a água, branca de espuma. Encontra-se ali uma centena de curiosos e quase todos os membros do Royal Yacht Club... Marinheiros como eles, entendem que nos devem vir cumprimentar à entrada do grande oceano.. .

A brisa traz-nos uma aclamação vibrante: «Viva a França !>, seguida de três vigorosos «Hip! Hip! Hip ! Hurrah!»

Chega-nos nova aclamação, mais forte ainda: «Viva a França!» Sinto-me tão excitado, como dizem os ingleses, que abandono a cana do leme, subo ao tejadilho da cabina, agito os braços e dou comigo a berrar com todas as forças: «Viva a... América do Sul!»

A brisa está muito fresca... Com certeza não deram pelo meu engano... Que diabo! Todos se podem enganar... Passa-se tão depressa dum continente para o outro... com este Kaimiloa!

Às 16 horas e 30, navegando de 5 a 8 nós, dobramos a 2 milhas a leste o farol da ilhota situada à entrada da baía e, mudando de amuras, bem ao largo, saltamos sobre a vaga e metemos pelo Atlântico.

330

CAPÍTULO 16 --- Atlântico

20 de Setembro.

Há oito dias já que navegamos ao longo da costa com boa brisa de éssudeste... Bela navegação! Nada há a fazer num barco como o Kaimiloa... senão trabalhar naquilo que nos apeteça... Por mais que eu o desminta, a maior parte dos marinheiros e a totalidade dos «da terra» continuarão persuadidos de que cada hora de travessia num barquito pequeno é uma hora de luta contra os elementos, e não tardam em nos considerar como desportistas... Engano! O nosso único trabalho, durante o dia, é a manobra do «Primos»... Acendê-lo de manhã para o «mata-bicho» (trabalho de Tati), acendê-lo às 3 horas da tarde para o «almoço-ajantarado» (trabalho do capitão)... depois, a lavagem de dois pratos ao longo da borda (trabalho de Tati), e pronto, acabou-se a faina do dia e acabou-se a manobra! O resto do tempo pode ser empregado a ler um bom livro, a enfronhar-nos nos estudos e pesquisas que os nossos gostos comportam, ou ainda

331

a fazer aquilo que muitas pessoas hoje esquecem ou descuidam... apenas isto: «pensar».

Os bons alísios que a carta dos ventos nos promete até as proximidades da linha abandonam-nos neste momento, (latitude 23° sul, longitude 3°3(y leste)... o mar cai, fica liso, e balouçamos no meio de enormes colónias de man of war que reflectem as cores do arco-íris... Faço várias vezes uma pequena experiência divertida... Tocados pela ponta dum bambu, esses moluscos agarram-se-lhe com todos os

tentáculos. Logo que voltam para a água, soltam-se e não há nada que possa então levá-los a agarrar-se novamente... O bambu já lhes não interessa... Aquela gelatina viva.. . perceberá, terá inteligência?

24 de Setembro.

Calma... calma. E os alísios? Onde estão eles? O mapa dos ventos, do Serviço Hidrográfico americano, só indica nestas paragens, e por um mês, uma percentagem de 2 por cento de calma e 98 por cento de brisa bastante fresca de leste. . .

Esta tarde, balouçamo-nos preguiçosamente sobre grande e comprida vaga vinda de oeste e noroeste; talvez por ali tenha havido qualquer alteração, o que em parte explicaria estas calmarias invulgares... O barómetro conserva-se normal...

Pequena aragem chega-nos depois do lado sul, sueste: o Kaimiloa retoma o seu caminho.

332

Distingo em breve, por bombordo, grandes manchas castanhas. Aproo para lá e, chegado ao local, verifico, surpreso, que essas manchas são originadas, a alguns metros de profundidade, por grupos de pontos luminosos com reflexos metálicos das mais variadas cores: amarelos, azuis, verdes e vermelhos... tão metálicos e variados como os vestidos de lantejoulas das artistas brilhando à luz da ribalta... Nada têm de comum com a habitual vida fosforescente do mar...

Sinto-me um ignorante... Sei tão pouco de biologia marinha!... E uma das muitas lacunas que tenho de preencher: existe no mar muita coisa misteriosa, que só os vagabundos como nós, em tão completo contacto com ele, podem notar... Que lástima não poder girar algumas horas nestas paragens para estudar as correntes, a sua temperatura, diferença de salsugem, colher talvez algumas dessas palhetas luminosas, observá-las mais tarde e participar as minhas observações profanas a qualquer sábio especialista que pudesse levantar uma ponta do misterioso véu!... Prossigo viagem com o coração oprimido, pois tenho a impressão de que não cumprio o meu dever... Deixá-lo! Mais tarde tirarei a desforra...

Está fresco, muito fresco. Deitamo-nos, tapados com os nossos dois cobertores; quer dizer, naquilo que diz respeito à minha roupa de cama, com o meu cobertor e o grosso sobretudo de Inverno que me deu, à partida de Capetown, o meu amigo repórter.

333

Um albatroz veio ainda pairar em volta do barco (latitude ao meio-dia 22°42'). A brisa desta vez tem jeitos de querer fixar-se!

30 de Setembro.

Avistei às 8 horas a ilha de Santa Helena mesmo pela frente... e dobrámo-la a 3 milhas por bombordo...

Pobre Napoleão! Ir morrer ali, depois de ter percorrido com as suas botas vitoriosas todos os campos de batalha da Europa! Estou a vê-lo sobre os rochedos, com o olhar e o pensamento perdidos ao largo.. . Face ao oceano, que o tinha prisioneiro, quantas vezes não deve ter pensado que para combater os ingleses de então melhor teria valido uma «grande frota» do que um «grande exército» ... Se esse diabo de homem tivesse aplicado os seus métodos apenas na formação dos quadros duma marinha, uma verdadeira marinha de «marinheiros», e escolhesse os almirantes como escolheu os seus generais, não teria dificuldade, para animar os seus navios, em encontrar almas bem formadas. Encontrá-las-ia entre aqueles que vincaram para sempre a nossa glória no mar: os nossos corsários!

Bem fardados, esses homens não fariam tão má figura como isso nas recepções da corte, mas teriam belo aspecto nos combates!...

Há o hábito de dizer que Santa Helena é um

334

rochedo. Não devemos exagerar. Trata-se duma bonita ilha, que não deixa de ser pitoresca. Vista do mar, acho-a semelhante a certas ilhas do Pacífico, embora um pouco nua... As suas cristas recortam-se, esta tarde, roxas, sobre um céu avermelhado, de sol-poente... Céu puro, sobre o qual correm algumas nuvenzitas douradas, impelidas pelo

alísio, e que os cumes retêm à passagem... É tudo o que verei da histórica ilha. Aqui não haverá escala!

No decorrer duma conversa na Rádio, em Capetown, o locutor perguntou-me bruscamente se eu fazia tenção de ali parar. Apanhado de imprevisto, respondi:

- Santa Helena? Parar em Santa Helena? Não pense nisso! Parar onde vocês aprisionaram my good friend (sic) o Imperador Napoleão?

O microfone registou a resposta: uma gargalhada muito franca e desportiva... o que não me impediu de supor logo que para a maioria dos que me escutavam eu acabara de cometer uma gafe... No dia seguinte soube que toda a gente achara aquilo, pelo contrário, muito humourous!

Há cem anos apenas, não é verdade ?, que, num lindo dia como este, uma fragata de França, a Belle-Poule, abordou à ilha e veio recolher o sagrado depósito das cinzas do Imperador!

Bonito gesto esse, o do bom rei Luís Filipe, que, se bem me lembra, escolheu para cumprir essa importante missão o seu terceiro filho, príncipe de Joinville, capitão-de-fragata da Marinha Real,

335

que embarcou um pesado caixão envolto na gloriosa bandeira azul, branca e vermelha da Revolução e do Império...

E esta noite, diante da ilha violeta onde com certeza às vezes vem rondar a sombra do grande Imperador, o Kaimiloa não quer ficar atrás da Belle-Poule: Tati e eu, devagar e piedosamente, içamos as três cores...

7 de Outubro.

Todo este tempo tenho estado deveras preguiçoso ... Com dias tão lindos não me apetece fazer nada.

Dobramos Ascensão e estamos a 6° sul. O sol, ao meio-dia, está a pino por cima das nossas cabeças, mas já não percebo bem isto, pois à noite precisamos sempre dos dois cobertores...

A 3 de Outubro, apenas a 12° sul, um albatroz, esse pássaro dos mares frígidos, rondava ainda em volta do barco...

As nuvens das camadas superiores há dois dias que correm com boa velocidade para nordeste; as refregas de chuva são frequentes... Tudo isto marcou com certeza encontro naquele ponto duvi-doso... Que carga de água iremos nós apanhar !...

Golfinhos e outros peixes da mesma raça saltam alegremente à volta do barco e tão perto que Tati e eu, estendidos na popa de cada uma das pirogas, nos entretemos a bater-lhes à passagem, o que, aliás, não parece comovê-los. Desde há uns

336

dias que encontramos numerosos bancos de peixes--voadores.

9 de Outubro.

Cessaram as refregas da chuva... A temperatura tornou-se repentinamente mais suave... Com dois dias desta brisazinha, estaremos no Equador. Só esta noite é que conseguimos dormir sem cobertor. O dia esteve radioso... Dir-se-ia que o Atlântico nos quer mostrar que pode ser tão encantador como o Pacífico...

Que noite de sonho acabo de passar na ponte! Chamo Tati, com pesar, para ele vir tomar o quarto: o fino crescente da Lua, descendo para o horizonte com as duas pontas apontando o zénite, parecia há pouco que também se ia deitar com saudades...

12 de Outubro.

Passámos esta noite a Linha, vinte e nove dias apenas depois da partida de Capetown... Não é nada mau, meu valente Kaimiloa! Cortámo-la por 16°, um pouco mais a leste do que a rota habitual dos grandes veleiros (que geralmente a cortam por 20°).



Papaleaiaina e Eric de Bisschop



Eric de Bisschop



337

14 de Outubro.

Chove com força. ,. Como está bastante quente, aproveito para tomar o primeiro duche desde o Cabo... Higiene é saúde!...

17 de Outubro.

Latitude 5°29' norte, longitude 18°10' oeste. Noite e dia de calma podre... Passava-se a vida inteira no mar com noites e dias como estes... Uma vez mais pomos a arejar os fatos, despejamos as malas e o armário-mala.. .

- Isto já cheira a aproximação de França! diz-me Tati.

Contemplo sem orgulho a exposição do meu guarda-roupa... Nada de famoso entre aquilo tudo para uma pessoa elegante vestir... Fará frio quando chegarmos a França e o sobretudo do meu amigo repórter, que há um mês me serve de cobertor, apanhou um jeitinho de enrugado e está com uma cor tão duvidosa que me proíbe para sempre de o exhibir em público...

Reparo então que só tenho um par de sapatos muito usados e que mesmo esses são de ténis... Para Dezembro, estão pouco indicados!

19 de Outubro.

Depois de alguns dias de brisa variável, voltamos às calmarias. De tempos a tempos, algumas

338

nuvens negras sem importância aparecem no céu, desmancham-se e desaparecem sem se esperar!

Andorinhas estafadas deixaram-se cair a bordo: primeiro duas, depois mais sete... Donde virão ? Para onde vão ? Tati e eu vimo-las chegar de... oeste... A oeste só vejo as costas da América... it's a long'way!...

Semimortas de cansaço, deixam-se agarrar na mão... Depois recuperam forças e voam à volta do barco... Uma delas entra na cabina e, confiante, vem pousar na almofadada minha tarimba, onde estou a ler... Pergunto-lhe, devagarinho, de onde vem? Entreabre um olhito, olha-me de soslaio e torna a voltar para o seu sonho. Como é fina e bonita, com as suas asas cor de pinhão e o colo levemente colorido de âmbar vermelho! Sinto-me tomado de simpatia por esse bichinho que atravessa os oceanos talvez pela mesma razão por que eu, um bicho grande, o faço... Repito a minha pergunta devagarinho, mas ela, talvez para castigar a minha indiscrição, levanta um nadinha o ângulo da sua linda cauda e deixa cair ao canto da minha almofada uma coisinha muito branca... Tendo-se assim libertado (e talvez explicado), volta a mergulhar na sua indiferença... Ponho todo o cuidado ao tirar a coisinha muito branca, com medo de a acordar... Ao pôr do Sol, todos esses passarinhos, nove, se reúnem, apertadinhos uns contra os outros, sobre um bambu da vela grande...

339

- Ainda lá estão as andorinhas, diz-me Tati, ao amanhecer. Com o primeiro raio de sol, fizeram um voozito alegre em volta do barco mas, surpreendidas por uma refrega, voltaram outra vez a refugiar-se lá em cima. Quatro delas abrigaram-se na cabina... acabada a refrega, e a que parecia o chefe da esquadrilha veio ao pó da porta, soltou alguns pios de reunião e todas, em coro, retomaram o voo para leste.

21 de Outubro.

Mais uma história de pássaros...

Desta vez foi um antipático pássaro que veio pousar no mastro: um gavião de bico adunco, todo embiocado nas suas penas, feias penas manchadas de amarelo e branco, sujos. Ao vê-lo agarrar-se e correr ao longo da caixa do mastro, sente-se que está senhor das suas garras... Breve nos prova isso: algumas horas após a sua chegada, uma andorinha, exausta, deixa-se cair a bordo e o horrível bicho, sorrateiramente encostado à junção do mastro, salta-lhe em cima.

Falha-a... A andorinha, dando uma volta, vem postar-se sobre uma corrente de ligação na plataforma... Chega outra andorinha, esvoaça sem saber bem onde há-de pousar. Do seu abrigo, a primeira previne-a, com gritinhos, da presença do bandido, que a espreita na mastreação.. . Encontrando-me na cabina, ouvi daí a minutos um grito de desespero.

340

- Ouviu, capitão?... Olhe para aquele indecente, diz-me Tati, leva-a nas garras!...

Com efeito o gavião voa com a sua presa, mas, não sabendo onde se colocar para completar o seu feio gesto, tenta voltar para bordo...

- Depressa Tati, um pau!

Em menos de segundos o meu camarada desencantou um enorme bambu... Mesmo no momento em que a ave de rapina vai pousar no telhado da cabina, ele assenta-lhe uma valente paulada, que só lhe apanha uma asa, mas que lha deixa em papa: a ave e a sua vítima caem à água. A andorinha, liberta, voa uns metros, mas torna a cair... O gavião debate-se na água sem conseguir descolar. Já tem a sua conta... Queria aproar para a andorinha e pescá-la, mas está uma calma podre. A andorinha tenta um derradeiro esforço, voa uma centena de metros, torna a cair, mas desta vez perto da proa do barco. Nesse momento, e aproveitando uma pequena refrega, caço a escota... e governo na direcção do animalzito, que Tati, com todo o cuidado, apanha à passagem... Enxugámo-la, tratámo-la e, apalpando-a delicadamente debaixo das asas, vimos-lhe sangue... Colocamo-la a um canto da cabina sobre algodão...

Às 4 horas da manhã Tati acorda-me. Está com cara de enterro.

- Morreu, diz-me ele!

Sem me lembrar já de nada, digo-lhe:

- Quem ?

341

- A andorinha!... Não a deitaremos já ao mar, não é verdade, capitão?... Vou «velá-la».

22 de Outubro

Já não é um veleiro este Kaimiloa, é um aviário. Esta manhã, todo satisfeito, chega-nos um tentilhão... Que virá fazer para o largo?... Este não tem nada o aspecto de cansado... e é duma familiaridade! Pousa-nos nos ombros, na cabeça, dá-nos bicadas... parecendo lastimar que nós não tenhamos nada para lhe oferecer... Consola-se fazendo na cabina de estibordo uma caça habilidosa às nossas raras baratas... Ao cabo de alguns minutos, estas, cheirando-lhe a inimigo, desaparecem... De tal maneira que Tati, querendo descobrir uma para lhe oferecer como pequeno almoço, enfurece-se por não a encontrar ...

A confiança que este animalzinho deposita em nós é comovedora... A existência teria tanto encanto se pudéssemos viver sempre de harmonia com a vida que nos rodeia! (Com os animais, pelo menos, visto que com os homens parece ser mais difícil!)

Por que será que estes pássaros, que em terra se não podem abordar, são aqui no mar tão familiares? Talvez saibam que uma alma de marinheiro... Não, porque entre os marinheiros também há brutos... Creio antes que adivinham os estados de alma daqueles de quem se aproximam...

342

Gostaria que este tentilhão ficasse sempre connosco a bordo... Passou a noite toda na cabina a um canto da minha prateleira, dormindo confiante, com a cabeça metida nas suas penas amarelas. Ao nascer do sol, começou a cantar - disse-me Tati —, deu uma volta ao barco para soltar as asas e voltou depois para a sua caça às baratas... Consegui finalmente descobrir uma nos fundos, debaixo do sobrado... Uma bem grande. Que festança! Atira-se a ela e quase se estrangula com uma das patas recortada como serra... Corto-lhe o bicho em bocadinhos... Passados minutos, só existem as pontas das asas... Depois, com a barriga cheia, desaparece... Tati e eu não o vimos ir-se embora. Ingrato! Nem sequer cantou à despedida!...

1." de Novembro.

Todos estes dias temos tido pequenas brisas variáveis intercaladas de calmarias... Bela navegação! Estamos pelo través de Conakry, a 150 milhas... Descemos devagarinho para as ilhas de Cabo Verde.

O mar há vários dias que anda cheio de enormes atuns vermelhos, que desenvolvem guerra sem quartel aos peixes-voadores e a uma espécie de chocos que também saltam não sei por que processo. Julguei até que eles só conseguiam sair da água sob o impulso brutal dos seus resfôlegos. . .

343

Mas não, vejo alguns que, tal como os peixes-voadores, mudam a direcção de voo, mal tocando na água...

As cabriolas dos atuns e os seus saltos em comprimento são inacreditáveis e julgo não exagerar dizendo que registei saltos de 7 metros de altura e de 25 a 30 de comprimento... Esses enormes peixes nadam mais depressa do que os voadores, caçam-nos e, saltando da água atrás deles, abocam-nos muitas vezes quando vão em pleno voo... Hoje está um tempo escuro e feio, verdadeiro tempo de Todos os Santos... Por que é geralmente triste este dia? Simplesmente, creio eu, porque alguns vivos, que durante o decorrer do ano não pensam nos seus mortos, julgam que nesse dia devem arvorar cara de enterro e ter o coração torturado... E os brutos conseguem-no: vêem tudo negro! Talvez seja então verdade o que me contaram certos selvagens: que se o tempo triste pode fazer ideias negras, as ideias negras podem também dar tempo triste, e que nós, com os nossos pensamentos, influímos mais sobre o mundo físico do que julgamos! Aproximamo-nos das ilhas de Cabo Verde... Lá, deve haver cemitérios e gente vestida de preto que se lamenta: «Ah! querida desaparecida!... Uma mulher tão boa!»

A brisa esta noite cai de repente. Devemos encontrar-nos a sotavento do arquipélago.

344

2 de Novembro.

Ao nascer do dia, Tati acorda-me... Estamos próximos de terra e parece que derivamos para ela. A ilha Brava, a mais ao sul do arquipélago de Cabo Verde, lá está, a 3 milhas, rugosa, árida, apenas visível sob o véu da bruma matinal.. .

A sua vizinha mais importante, que deve erguer para o céu um pico dos seus 1000 metros, está invisível: só grandes volutas de nuvens, coroando o banco de névoa, se agarram aos seus cimos, para nos indicarem que é ali que ela se encontra...

Há um barco à vista, o primeiro desde a partida de Capetown... há mês e meio... Chamo Tati:

- Um três-mastros no horizonte!

O meu camarada desata a rir na cabina:

- Isso não pega! grita-me ele.

Nunca na sua vida vira um square rigger no mar e era um sonho seu cruzar algum...

Prometi-lhe esse prazer por acaso, atrevendo-me muito, pois esses veleiros, orgulho dos marinheiros e nobres ornamentos dos mares, desapareceram quase por completo... Existe apenas uma dezena, quase todos com a bandeira norueguesa, prosseguindo a grande tradição da corrida aos cereais da Austrália... E realmente uma «barca» o que eu vejo ao longe.. . Mas não com certeza um dos dez sobreviventes da grande época! Que virá ela rondar nestas ilhas?...

Ruma para sul, com todo

345

o pano em cima, desde os traquetes às caranguejas... A algumas milhas de nós, cai na mesma zona de calma... Não governa mais e dá alguma3 voltas na água... O seu velame desce... Sobre-joanetes, papafigos, estais, todo o velame é colhido num ápice.

Pontos negros correm ao longo das vergas... Depois uma nuvem de fumo envolve-lhe a popa... Tem motor, o «moderno»!... Afigura-se-me, logo que ele, com as vergas nuas, retoma o caminho, que perde assim toda a poesia... Mas não posso deixar de sentir certa inveja ao vê-lo deslizar sobre a calma deste mar liso.

Aproxima-se. E uma bonita «barca» de casco branco com várias filas de vigias... Nada tem dum dos grandes correios das corridas aos cereais... As velas foram colhidas com rapidez. Lá em cima devem ter uma grande tripulação... Um barco-- escola, talvez?
Içamos a nossa bandeira e ele içã a sua. . . Saudamo-nos, mas nunca saberemos a que países nos orgulhamos de pertencer... pois as nossas cores não têm força para se expor ao sol... (1) Passa a uma milha de nós e vemo-lo, duas horas mais tarde, por detrás do horizonte, tornar a içar as suas velas e, com o pano fora, retomar o largo, a

(1) Enganava-se o capitão de Bisschop... Agora, aquando da sua recente passagem por Lisboa, foi informado de que se tratava na verdade de um navio-escola, a nossa Sabres, em viagem de instrução pelas ilhas. (N. do T.).

346

caminho do sul... O motor fê-lo sair da zona de calma!... Nós ainda cá estamos debaixo dum céu de fogo, balouçando-nos preguiçosamente ao sabor da vaga. .
Má noite... Foi-nos necessário, para aproveitar o menor sopro, pormo-nos de novo a < mexer> para o sul, de onde vínhamos, para encontrar o nordeste do outro lado das ilhas.

3 de Novembro.

Levámos toda a noite e toda a manhã para fazermos quinze milhas no sul!...
São três horas da tarde. Por fim cabe-nos a vez de sair da zona de calma...
Navegamos agora com bom andamento, aprofados a noroeste...

No mar.

Desde as ilhas de Cabo Verde, nem uma palavra no meu jornal... Quando muito, breves notas em linguagem convencional nalguns cantos dos meus cadernos de cálculos! Porquê? Porque, pela primeira vez depois de seis anos... também eu estou «chateado»!... «chateado»!!! Desde as ilhas de Cabo Verde que nada nos caminha bem. Só podemos agora ter dissabores, no estado de depressão em que nos encontramos. A crise começou no dia 23 de Novembro.

347

Cruzáramos, na véspera, dois vapores correndo para o sul: o Frisco, italiano, e o Cédania, alemão... Ambos nos perguntaram para onde íamos e de onde vínhamos, e se não precisávamos de nada... Há dois dias que estávamos parados por causa da calma... Muito bom tempo... Por que estaríamos então nervosos ?...

No dia 23 de manhã vê-se um quatro-mastros a leste, no horizonte... com pano reduzido. Faz o mesmo caminho que nós, ou antes, está, como nós, parado no mesmo sítio, devido à calmaria...

Breve muda de amuras e dirige-se-nos. Também aquele tem motor. Ao aproximar-se, iça a sua bandeira: vermelha, com a cruz gamada preta sobre fundo branco. Vamos também içar a nossa!

Nessa altura tenho uma brincadeira, que me parece inocente...

Assestando o binóculo, digo a Tati :

- Oh! há muita gente a bordo... Olha, vejo uma mulher, uma linda e loira mulher!

Mas noto logo que o rosto de Tati se transforma. Olha-me com olhar de doido... Eu não disse, no entanto, nada de extraordinário...

- Capitão, por que é que brinca sempre comigo ? Quer dar-me cabo da paciência?

(Não percebo...)

- Sim, está uma mulher a bordo! Está uma mulher a bordo! Diz isso porque quer que eu vá... vestir umas calças...

Cada vez percebo menos... E não posso deixar de sorrir!

348

Vejo então o meu camarada, como que tomado de crise nervosa, estender-se ao comprido na plataforma, a chorar... a chorar... ao mesmo tempo que dava murros na cabeça e nas tábuas... e gritava:
- Peço-lhe por tudo, não se ria! Já não posso mais!... Já não posso mais! Oh! Santa Ana, acaba com isto !... Acaba !... Suplico-to !... Senão atiro-me à água!

Tati impressiona-me... Tento levantá-lo. Por que seria esta crise, tão violenta e repentina? Com certeza estive durante semanas a conter os nervos e não pode mais. Não encontro nenhuma explicação lógica para tal abatimento...

O quatro-mastros aproxima-se ... Vem-nos para cima...

Tati levanta-se... Estamos tão perturbados com a cena brutal que acaba de se dar a bordo e com a majestade desse grande veleiro que nos vai passar a alguns metros que nos esquecemos de içar a bandeira...

Da ponte, o comandante interpela-nos em francês :

- São vocês que vêm de Honolulu?

- Sim! (Como é que ele pôde saber isso? Com certeza foi algum rádio do cargueiro alemão Cédania, que ontem encontrámos!)

- Hurrah! grita ele.

Passa-nos a alguns metros. É um barco-escola: cadetes alinham-se ao longo do castelo... O capitão prossegue :

349

- Para onde vão ?

- Para França!

- Desejamos-lhes boa viagem!

Nessa altura os cadetes soltam, à voz de comando, um hip, hip, hurrah, que nos faz estremecer de alegria.

Queremos saudar e é então quando vemos que não temos a nossa bandeira... Vou, a correr, buscá-la... e amarro-a à adriça. Um estridente apito chega-nos do quatro-mastros... Admirado, e comovido ao mesmo tempo, vejo a bandeira alemã, que desce, primeiro, devagarinho, saudando por três vezes o barquinho francês.. .

Eu berro: «Viva a Marinha alemã!» E os cadetes rugem: «Hurrah, Frank-reich!»

Tanto eu como Tati esquecemos, com a comoção, a cena de há pouco...

O veleiro, o Comodoro Jonhsen, afasta-se pouco a pouco, e também pouco a pouco o rosto de Tati volta a carregar-se. Aquilo, com uma boa noite, passa-lhe!

De facto, no dia seguinte Tati está calmo ou pelo menos aparenta-o: chamando-me para o «quarto», participa-me quase com alegria que está outro vapor no horizonte aproado para nós...

- Vamos pregar-lhe uma partida? digo-lhe em tom brincalhão.

- Que partida?

- Ora ouve! Vamos ficar cada um na sua embarcação... Vimo-lo vir... e ele não nos verá.

350

Observaremos as suas reacções perante um barco tão esquisito e sem ninguém a bordo.

O vapor aproxima-se: é um lindo paquete! Posso ler-lhe o nome: Cottica. Não traz bandeira, mas pelas linhas é holandês cem por cento. .

Pára diante da nossa popa e vai passar por estibordo... A ponte está cheia de curiosos: os passageiros empurram-se nas amuradas... Nós não bulimos... Está a 20 metros de nós!

De repente, cortando o espaço, ouve-se um formidável toque de sereia... Saímos então ambos das nossas embarcações... bronzeados, quase nus, barbas hirsutas... Esta aparição parece admirá-los ... Chamo o comandante, saudando-o com a mão:

- Hello, baby! you need something ? (Olá, pequeno, precisa de alguma coisa?)

Perceberá ele a brincadeira ? Não creio! O seu megafone pergunta:

- Onde vêm?

- De Honolulu!

Faz repetir... «Aqui estão, pensa ele, uns doidos varridos, novas vítimas do mar!» Repito:

- De Honolulu! Passámos pela Austrália, pelo Oceano Índico e pelo Cabo da Boa-Esperança...

Ele continua sem responder...

Levado pela velocidade adquirida, o paquete afastou-se um pouco. Põe as máquinas a trabalhar, dá um giro e torna a aproximar-se... Está quase a abordar-nos. Os passageiros nas

351

pontes de passeio são cada vez mais numerosos e agora munidos de máquinas fotográficas...

O comandante grita de novo... Que é que diz? Agora sou eu que fico interdito...

Pergunta-nos:

- Estão aflitos ?

Sempre tem cada uma !... Temos, porventura, aspecto de aflição? Eu respondo:

- Não, não estamos! Agora, pelo menos... Fazemos caminho, pela Madeira, para a França... Isto é, faremos caminho quando houver vento! Não responde.. . Esquece-se de pôr as máquinas em andamento e, quando se decide, cumprimentamo-lo... Esquece-se também de responder... Se ele até se esqueceu de içar a bandeira !

Muito gostaria de conhecer as impressões do capitão desse Cottica, no dia do seu encontro com o Kaimiloa...

O rosto de Tati, alegrado por aquela pequena diversão, retoma mais uma vez o seu aspecto sombrio, cada vez mais sombrio, à medida que os dias vão passando! Já não trocamos a mínima palavra... O seu olhar foge do meu, cada vez mais: é intolerável! Consigo dificilmente não olhar para aqueles olhos, para os não ver desviarem-se. Evito mesmo olhar sequer para o meu camarada: até vê-lo de costas me aflige! Também eu já sinto desejos de que esta viagem acabe... o mais depressa possível!

352

Quando Tati sobe para a ponte, vou eu ler para a minha tarimba. Mal ele se estende na tarimba, vou eu sentar-me na ponte... De preferência na proa, o mais longe possível!

Ele deve, no entanto, lutar também contra o aborrecimento e o desespero, pois esta tarde, mal o sol se pôs, foi como de costume ajoelhar-se na traseira da embarcação de bombordo para rezar a sua oração...

Muita vez, subindo para a ponte, o vi fazer o sinal da Cruz com os olhos erguidos para o Céu... Pobre diabo!... Oxalá conserve a sua fé em SantAna...

Sempre que isto acontece, finjo que o não vejo.. . Por que é, no entanto, que não deixa de se esconder de mim para rezar? Tem medo de me ver sorrir? Conhece-me então muito mal! Se ele soubesse que também eu rezo a minha oração... e não só à noite... Aliás, é no mar que se reza melhor... Todos sentem no mar a necessidade de elevar a alma para Deus... O que é talvez diferente é a ideia que formamos de Deus. Se não tivesse as noites a ajudarem-me a refazer-me, sinto que também não aguentaria. As noites passo-as fechado na cabina de bombordo, com os meus cálculos e os meus pensamentos... e a sua atmosfera vivificante de solidão...

Ah! como eu compreendo os Slocum, os Gerbault, os Pidgeon e tantos outros, os que navegam sozinhos!

Tati é muito meu amigo e por mim deixar-se-ia

353

cortar aos bocados. Sou muito seu amigo e também me deixaria cortar aos bocados por ele... Mas a verdade é que ele nunca foi meu amigo, nunca poderá sê-lo, e eu nunca o serei dele... Porquê? Porque vivemos sempre sobre planos diferentes... Não temos os mesmos fins, «sentimos» diferentemente... Havemos de sofrer sempre um pelo outro... desejando-nos, no entanto, todo o bem possível!

Ele sofreu em todos estes anos mais do que eu... pois, se consigo muita vez isolar-me no meu egoísmo e esquecer... o que me reconforta, ele não o consegue. Sente então que eu me isolo... e é de tudo o que menos suporta!

Santo Deus! Que esta viagem acabe o mais depressa possível! O azar persegue-nos... é fatal, com espíritos tão abatidos como os nossos! A brisa brinca connosco, troça de nós... e de que maneira!

A partida do Cabo, decido-me a escalar a Madeira. Para isso subo muito para oeste, mas logo a seguir descaio, pela força dos ventos do quadrante norte... Que vão para o diabo!... Em vez dos ventos favoráveis do norte, temos de bordejar dez dias com brisas contrárias de leste.

Resolvo-me então a subir para o norte, fazer escala pelos Açores e passar lá as festas do Natal e Ano Novo (estou certo de que isso retemperará Tati). Mas todo este programa vai mais uma vez para o diabo! No momento de aterrar em Ponta Delgada, caímos sobre uma zona de ventos de oeste.. .

354

Desconsolado e de acordo com o meu camarada, deixamo-nos levar para as costas de Portugal! Agora caminhamos para a entrada do Tejo...

Tati, que desde ontem está melhor, fez-me nova confissão: explica-me que aquilo que o atirara abaixo fora a ideia, alimentada desde a partida de Capetown, de poder passar o Ano Novo na Bretanha, em Trinité-sur-Mer, junto de sua velha mãe... Mas agora, havendo compreendido que estava «comido», conformara-se... Enfim, isto não acabou muito mal. Amanha estaremos em Lisboa!

Já não é sem tempo. Desde 20 de Dezembro que temos, como víveres, cinco pacotes de bolacha de munição, arroz e uma garrafa de azeite... meio litro de petróleo para o «Primus» e os faróis!

Felizmente que as relações com Tati melhoraram muito... Se não tivesse um candeeiro para trabalhar à noite na embarcação de bombordo, para me distrair, para me isolar e esquecer... não aguentaria! Ontem bebemos o nosso último gole de água (há dois dias que cozemos o nosso arroz em água salgada, mas essa manha faz sede!)

30 de Dezembro.

Paramos diante das luzes da entrada do Tejo... mas o azar ainda não acabou: o tempo muda e a brisa, virando de repente para leste, sopra, tempestuosa...

Decididamente os deuses não querem que o Kaimiloa fundeie em Portugal... : Madeira, Açores, Lisboa... Nada a fazer! «Magalhães, que fizeste tu no Pacífico ? Gostaria tanto que o Kaimiloa te pagasse a visita!... Os seus deuses parece, porém, que o não consentem: - Deixaste lá por longe más recordações?»

Experimentamos fundear a algumas milhas do Tejo, ao sul, na barra de Setúbal... mas o azar continua a perseguir-nos: o mar está agitado e a brisa sopra do norte!

Consulto-me: iremos meter de capa próximo de terra, à espera que abrande, ou pôr-nos-emos ao «fresco», de vento em popa, ao longo da costa, sobre Gibraltar ou Tânger?...

À noite decidimo-nos por esta última resolução.

Aliás, Tânger era o porto de escala previsto à partida de Honolulu.

Tanto se saberá ali como noutro lado se os espanhóis continuam em revolução ... e se lançam bombas sobre os barcos sus-peitos ... Lá do alto, o Kaimiloa dará ideia dum engenho infernal ?...

Comemos apenas bolachas: o arroz cozido na água salgada enjoa-nos... Temos sede, mas, como o tempo está fresco, aguenta-se. O que é preciso é que isto não dure muito... A saliva torna-se-nos pegajosa na boca... Não são más estas bolachas... Achei uma excelente maneira de as preparar: põem-se de molho em água do mar, o que as faz inchar um bocado, e depois dá-se-lhes uma passadela numa frigideira com azeite. Deus queira que

isto também não dure muito tempo. Estou a fumar folhas de chá... O último chá que bebemos, e cujas folhas eu tive a boa ideia de guardar e secar, misturo-o com chá verde... enrolado em papel de jornal...

Felizmente ainda me restam três caixas de fósforos, pois tenho de acender dez vezes a fio estas «beatas»...

Estranha situação a nossa!... Acabou-se a água! Acabaram-se os víveres! Tabaco também já não há!... E há tantos navios que passam por nós e nos ultrapassam! Que quantidade de barcos existe nesta costa!...

1.º de Janeiro.

Ah! que horrível 1.º de Janeiro!... O tempo está bom... e nós chegámos... Há pouco, pelo través de São Vicente, passou perto de nós um barco holandês, o Haúlerich... Na ponte, vejo o capitão, muito excitado, agitando os braços... Está cor-de-rosa, ou por outra, vermelho: com certeza acabou de comer um bom almoço... É ele quem primeiro nos cumprimenta com a sua bandeira... reforçando o cumprimento com três toques de sereia...

Podia fazê-lo parar, pedir-lhe víveres, uma boa garrafa talvez para festejar o Ano Novo. . . Estou certo de que acederia de bom grado ao nosso pedido... Mas não, seguimos... Nunca pedimos esmola a ninguém... e não vamos começar

357

agora... Rebentaremos se for preciso, mas com dignidade!... Sentirmo-nos tão próximos de terra e tão perto do fim dá-nos coragem para tal decisão!

Passamos São Vicente... A boa brisa nor--nordeste caiu... Calma... Para a tarde a brisa volta a soprar do nordeste, salta para és-nordeste e daí a pouco é como um furacão.

Estamos aproximadamente a 30 milhas ao S. 30° E. de São Vicente...

Creio que este é um dos mares mais duros que temos suportado...

Vagas curtas, fortes, quebradas... Às duas horas da manhã amainamos e metemos de capa.

O moral de Tati (que estranha natureza a sua!...) é hoje estupendo...

Temos uma grande conversa na cabina enquanto as águas martelam os cascos... Tenta, como ele diz, ver claro em si mesmo e explicar a si próprio a sua conduta. A mesma interrogação se lhe apresenta sempre... Como é que, detestando o mar e sobretudo este género de navegação, continuou?... Gostaria de o saber, diz Tati.

Devo ajudá-lo a ver claro! Lembra-me que eu lhe oferecera em Honolulu reembolsá-lo dos adiantamentos de dinheiro que me fizera, aquando da construção do Kaimiloa... e que me suplicara que conservasse o

dinheiro comigo... Não tinha, pois, confiança alguma no barco... mas porquê ? Porquê ?

Conversámos durante toda a noite.. . mas sem resultado. Nenhuma luz nova o elucida... É verdade

358

que eu mal o auxilio naquela análise, e só com a maior prudência... Nem um nem outro podemos dormir... Mais umas milhas e chegaremos a Tânger... a porta do Mediterrâneo e... quase a da França!

2 de Janeiro.

Às 9 horas da manha, enquanto a brisa e o mar parecem cair... um formidável choque estremece o Kaimiloa... Entreabro a porta da cabina e vejo a da embarcação fronteira... toda aberta...

- Deixaste aberta a outra cabina? pergunto a Tati.

Julga que eu estou de novo a brincar. Salto então para a plataforma e vejo o desastre... Já não há porta: uma vaga meteu-a dentro... Já há dias que ela mal se segurava pela parte de baixo... A vaga apanhou-a em falso e fê-la em bocados... A cabina está cheia de água... o sobrado flutua .. Que importa! O moral é bom... Em poucos minutos, pregamos pedaços de tela, que reforçamos interiormente com bocados de madeira, para tapar a abertura... Deixamos um buraco em cima para podermos ir despejar a água que marulha lá dentro... Não nos afligimos nem rogamos pragas!

Uma hora depois, está tudo arranjado, provisoriamente... Se não nos acontecer mais nada daqui até Tânger, isto aguentar-se-á!

Cai-nos uma refrega em cima, e uma refrega

359

de granizo... Que sorte! Apanhamos dois baldes de granizo... e enchemos a boca com aquele gelo refrescante!

3 de Janeiro.

Rumamos para E 1/4 NE, a fim de encontrarmos a linha dos vapores
São Vicente - Gibraltar.

Boa brisa noroeste, oés-noroeste... É a segunda vez, desde Cabo Verde, que ela sopra deste lado...

Que quantidade de vapores passam aqui! Vamos caminhando entre a costa da Europa e a costa de África. Amanhece. Uma manhã rosada e alegre... Tânger lá está em baixo, a algumas milhas, mas a brisa não sopra...

Só à noite é que nos podemos aproximar... e entrar na baía... Estamos atentos, pois não tenho mapas. Passamos a rasar uma grande encosta que não víamos, seguimos ao longo de alguns barcos de guerra que estão fundeados, e ancoramos... ao acaso, assim que encontramos fundo...

Depois, adormecemos como dois brutinhos...

4 de Janeiro.

Acordo sobressaltado... E noite ainda... Oiço Tati, que dá explicações para um barco que turra contra o nosso casco.

Uma voz áspera pergunta:

- What are you doing here, without light? (Que estão aqui a fazer de luzes apagadas?)

360

Tem razão! Fundeámos, mas não acendemos as luzes de paragem. Também não poderíamos acendê-las ...

- Não podia ser, responde Tati, em francês. Já não temos petróleo...

- O quê?! É francês?

- Sim, sou bretão! prossegue Tati.

- Mas então devia ter dito isso logo, continua a voz, já noutro tom.

- Onde vêm?

- De Capetown! Silêncio.

- Sabem? Há pouco quase que os partia ao meio... quando dava entrada a um paquete da «Peninsular»... Foi só o tempo de fazer marcha atrás. Devem mudar de ancoradouro, aqui estão na passagem!

Minutos depois, o comandante do porto, pois era ele, reboca-nos para o interior de uma baiazinha bem abrigada... E, assim que amanhece, conduz-nos à Secretaria do porto...

Breve nos encontramos ante dois bons pedaços de pão, canecas de café com leite... e uma boa garrafa de «branco». Um belo «mata-bicho», pois tinham ido chamar à pressa o árabe da esquina...

E achamo-nos, sobretudo, diante dum amigo, verdadeiro amigo... esse marinheiro: o capitão do porto : Maria!

361

Tânger, a Branca... Não contava demorar-me ali senão uns dias, mas encontro-me com um companheiro de guerra: François de Pierrefeu. A vida dele orientou-se de maneira diferente da minha... As aspirações é que não mudaram. Lanço-me nos seus braços.

- Deves ficar aqui, diz-me ele. Vens instalar-te em minha casa, escreves o teu livro, pões as tuas notas em dia... e só irás para França quando tiveres tudo pronto. Segue o meu conselho.

Organiza-me uma conferência para me arranjar alguns «cobres». O ministro da França, M. Avonde Froment, dá-me a honra de ir presidir. O Kaimiloa ainda não foi reconhecido como francês! Porém, a bandeira que icei à partida de Honolulu parece-me receber, com este gesto, uma primeira aprovação oficial... O pequeno barco consolida assim... o seu estado civil!

Demorei-me quatro meses em Tânger... Quatro meses bem ocupados... O imprevisto das aventuras de terra apenas de longe poderá interessar à história do Kaimiloa... Deu-se lá, no entanto, um facto que muito interessou o capitão do Kaimiloa: a recepção dum cabo telegráfico de Honolulu comunicando-lhe a chegada de Papaleaiaina...

362

CAPÍTUULO 17

Mediterrâneo

Tânger, 8 de Maio.

É a data marcada para a partida!

Ao afastar, de manhãzinha, as cortinas do meu quarto, vejo com alegria que as nuvens vêm de oeste... Mas há apenas três dias que as nuvens correm assim, vindas de oeste, no céu de Tânger: justamente desde o dia em que resolvi aparelhar para a última etapa. O caso afigura-se-me de bom augúrio...

«Há quatro meses que o vento leste sopra no estreito de Gibraltar...

Nunca se viu tal», repetia-me todos os dias o comandante do porto, e de cada vez eu respondia-lhe, confiante:

- Isso mudará com a partida do Kaimiloa, pois serão necessários bons ventos de oeste para evitar as costas da Espanha e os seus embustes...

Acredite-me! Eu penso que os deuses do Pacífico, que são, como se sabe, os mais poderosos, têm a palavra no governo do Atlântico!

Vou para bordo. Tati já içou a nova bandeira francesa, um nadinha maior do que a velha e dum

363

azul, branco e vermelho que cantam alegremente ao sopro da brisa. É um presente do comandante do contratorpedeiro Forbin.

- Não gosto de resquiller, como se diz em Marselha, não obstante!...

Agora, que parece podemos arvorar oficialmente as nossas cores, não estava certo de que chegássemos a casa com a velha bandeira, a da partida de Honolulu... Estava «miserável». Segundo o nosso hábito, não a arriáramos, a cada escala, do topo do mastro, e esta última, de Tânger, acaba de perfazer quatro meses : o vento leste comeu-lhe a cor vermelha, só escapando uma orlazita; desfiou metade do branco, tendo a outra metade mudado para pardo sujo... e o azul, esse, então, tornou-se preto indeciso...

Que a nova bandeira flutue, pois, orgulhosamente no céu... é justo! A outra não perderá, por isso, o seu lugar de honra: será ela que, depois

de lavada e consertada, trapejará no Kaimiloa à chegada a França.

Assim fizemos e ela pareceu criar nova vida.

Encontrando no escritório do hotel, uma velha bandeira desprezada, da «Union Jack», descosi--lhe com toda a paciência as barras de étamine, que mãos mais hábeis do que as minhas uniram de ponta a ponta. Vista de longe, tem de novo os ares duma bandeira francesa... Uma bandeira francesa misturada com «Union Jack»... Que símbolo ! Viva a cordial Entente !

Desde que na cidade souberam da nossa aparelhagem, cada um tratou logo de perguntar: «Puseram o vosso barco em condições?»

364

Invariavelmente, eu respondia : «Não» ! E que o nosso Kaimiloa não tinha de ser posto em condições: a não ser a pintura da chegada, uma rápida limpeza do cobre dos dois cascos, e mais nada! Alguns «marinheiros» admirar-se-ão talvez da nossa indiferença ao saberem que nem sequer verificámos o menor pedaço de cabo, que nem sequer lançámos uma olhadela ao estado da vela grande, envergada há dois anos, mas sólida no seu posto apesar das queimaduras do sol, da humidade e das chuvas!.. . Sim, há perto de dois anos que a tela desta grande vela não vê o «polidor» nem recebeu o menor pontinho!... Isto não impede que oiçamos, com certeza, e a despeito desta concludente experiência, os yachtmen de bonés de pala, ou marujos de vapores, exclamar: «Que ideia tão ratona, não acham, terem empregado velas «chinesas» ?...»

Tati encontra-se já a bordo, impaciente pela aparelhagem. Ontem ainda eu julgava ter de adiar a partida, porque o meu camarada estivera dois dias torturado... por violentas cólicas!... Ao contrário do que os maldosos poderiam pensar, elas não eram causadas pela ideia de voltar para o mar... Essa ideia teve até, pelo contrário, resultado oposto e ele participou-me com orgulho ontem à noite... que tudo voltara à normalidade !...

Os nossos únicos preparativos de aparelhagem consistem em embarcar os víveres... e soltar uma âncora que fundeámos com segurança e cuja

corrente, depois de quatro meses de rotações em todos os sentidos, deu numerosas voltas em torno da nossa bóia.

O meu bom amigo e marinheiro, comandante do porto, prevendo as dificuldades que teríamos, manda-nos logo uma lancha munida de possante guincho, e quatro árabes, dando à manivela, içam-nos rapidamente corrente, âncora e bóia. E, para complicar tudo, uma enorme fateixa comida pela ferrugem, que podia muito bem ter pertencido a qualquer galera fenícia...

Como para aparelhar não tínhamos mais do que içar as velas, deixámos o barco, a fim de comermos em terra a nossa última refeição, em companhia de alguns íntimos.

Tati e eu gostaríamos de comer esse almoço num pequeno restaurante, defronte da gare de Tânger-Fez, onde, esfomeados, jantáramos a primeira vez na noite da nossa chegada... Que jantar, meu Deus!

Havemos de lembrar-nos dele toda a vida! Os «donos» trataram-nos com especial atenção e nós comemos selvaticamente como albatrozes, sem pensar que os nossos estômagos só haviam recebido, nos últimos oito dias de mar, arroz cozido em água salgada e algumas bolachas de molhadas em água também salgada e aloiradas num resto de azeite rançoso de coconote!...

De tal maneira que, no fim da refeição, com as entranhas revoltas, tive de abandonar a mesa... Apenas havia chegado... à «casinha»... vi a porta sacudida com tanta força que julguei

que ela se partia, tais eram os socos que lhe aplicavam...

- Abra, capitão, abra!

- Mas... mas estou cá eu, respondi.

- Pelo amor de Deus, abra! Não posso mais! Corri o fecho para ver na minha frente um

Tati pálido e desfigurado, que, com voz de além--túmulo, me dizia:

- Oh! meu Deus, que belo jantar!... Mas não quer passar... Sinto-o no estômago... Vou vomitá-lo!...

Apenas tive tempo para me eclipsar!...

O nosso jantar da partida não foi nada que se parecesse com o da chegada... Tendo-o regado bem, e decididos desta vez a digeri-lo como merecia, a vida afigurava-se-nos bela e fácil!

No embarcadouro do Yacht Club estão alguns amigos e curiosos para os últimos apertos de mão, desejos de boa travessia, algumas assinaturas e numerosas fotografias.

Na baía, o Kaimiloa já se encontra invadido... Salta-me à vista um bonito uniforme recamado de ouro e condecorações: é o do simpático comandante do Basque, o capitão da corveta Kergoncuff, que tão maritimamente nos soube receber à chegada e cujo torpedeiro retomou de novo o seu posto de guarda à baía... Declara-me logo que a sua «bateria de cozinha» não foi ostentada em minha honra e se pôs «tudo em cima» foi simplesmente por Joana d'Arc, de quem, segundo parece, é hoje o dia de festa !...

367

Enterneço-me ao ver junto dele M. Avonde Proment, ministro de França, e a sua gentil esposa. O Kaimiloa parece-me que é mais honrado à partida do que à chegada!

A hora da aparelhagem soou. Os nossos ilustres visitantes embarcam na vedeta do torpedeiro e vão assistir a algumas evoluções da «dupla piroga polinésica».

Só estão a bordo o meu querido camarada de guerra, François de Pierrefeu; um jovem amigo de dezasseis anos, Rob de Muns, filho dum embaixador de Espanha refugiado em Tânger, e... Papaleaiaina. Todos três assistirão a algumas mudanças de bordo, na baía, que aceitámos fazer para permitir ao Sindicato de Turismo de Marrocos a realização de um filme cinematográfico colorido.

Papaleaiaina, fiel ao lindo costume tradicional nas ilhas Havai, põe-nos sobre os ombros as «leis» da partida e é com as nossas grinaldas de flores que finalmente largamos.

... Iço o estai e a mezena! O Kaimiloa dá voltas ! Iço a vela grande! o Kaimiloa enfia, airoso, para a saída do pequeno porto.. . Pierrefeu olha com insistência para aquele barco que se governa sozinho... e a sua alma de verdadeiro marinheiro parece vibrar a novo apelo dos «horizontes longínquos». Papaleaiaina revê, com certeza, outra partida,

a primeira, a aparelhagem do Kaimiloa de Honolulu, perante três mil curiosos acotovelando-se nos cais para terem uma última visão

368

da estranha piroga condenada pelos peritos náuticos a naufragar juntamente com os dois loucos que vogavam para a morte! O jovem Muns, de alma aberta para a aventura, parece viver a «grande hora da sua vida!»

Cruzamos um vapor que entra na baía. O nosso amigo Maria, que acumula as funções de piloto com as de comandante do porto, dirige-nos da ponte grandes acenos de despedida e berra pelo megafone desejos de boa-viagem...

Passamos a rasar a traseira do Basque, que corresponde com um galanteio ao nosso cumprimento, deixando a bandeira arriada mais tempo do que o habitual. Desembarcamos para a vedeta do torpedeiro os nossos três passageiros da última hora e, saudando pela última vez a terra, aproamos sobre o Estreito.

Um quarto de hora decorrido, vejo uma embarcação a motor perseguir-nos, a toda a velocidade, no meio duma fumarada de borrifos. Paro! É Maria!

Acosta e estende-me a mão:

- Logo que o barco fundeou, não pude resistir e vim atrás de si...

Gostava de lhe apertar a mão!

Bom amigo... bom coração de marinheiro! Entendeu que para dizer adeus aos seus irmãos devia fazê-lo no mar!

Sopra uma boa brisa de oeste, acompanhada de quando em quando por uma nuvenzita de chuva fina. Vamos, valente Kaimiloa, ainda mais um esforçozito!... Só falta atravessar um pequeno lago... Lá em baixo, do outro lado, é a França!...

369

9 de Maio.

Toda a noite brisa fresca de oeste: se pudesse durar assim! Tati, para não falhar ao seu costume, depois duma prolongada estadia em terra, está enjoado... menos, no entanto, do que à partida de Honolulu. Como pode haver tanto vapor para ir e vir neste corredor de Gibraltar?... Passamos a noite no meio deles, despercebidos, pois, segundo o nosso ajuizado hábito e ao contrário dos regulamentos estabelecidos, navegamos com as luzes apagadas... No entanto, mostrei há pouco um archote eléctrico e juro que nunca mais recomeçarei semelhante fantasia... Estávamos ao largo, com amuras a bombordo, e um vapor pela proa, ligeiramente a estibordo, vinha direitinho a nós... A Lua brilhava por instantes, bem clara, entre duas nuvens. Receando que esse barco me não visse à noite e manobrasse à última hora estupidamente para se safar de mim, decido-me a mostrar-lhe uma luz... Foi o mal que fiz... Avistando aquela claridade na sua frente, o oficial de quarto, admirado e sabendo que se encontra na presença dum veleiro, mas ignorando com certeza de onde vem o vento, faz orçar o seu pesado tamanco parvamente para estibordo, cortando-nos o caminho. Primeiro penso que seja uma guinada do homem do leme, mas não. Devo, por meu turno, chegar também a estibordo, o mais a estibordo que puder, com risco

370

de «atravessar» perigosamente e dar assim o golpe mortal aos bambas doentes da minha grande vela. Safamo-nos mesmo à justa, e passo com um arrepiozito a alguns metros duma enorme traseira, aliviada, onde uma estúpida hélice meio fora da água faz foc, foc! Não posso deixar de gritar ao oficial de quarto a pior injúria do meu vocabulário de marinheiro:

- Vai-te para os diabos ... soldado !

Esta manhã avista-se a costa de Espanha, um pouco enevoadada, sob um céu branco. Que natureza áspera! Céus, que mau carácter deve ter a gente que viva numa costa tão árida! Se um dia me visse obrigado a assentar arraiais em semelhante sítio, onde não poderia encontrar, segundo me parece, nem uma árvore com que construísse uma espécie de barco em que me pusesse a andar, creio bem que nesse caso, tal como eles, também eu faria «revoluções».

Hoje, cozinha simplificada: não se come!

Tati continua com o estômago esquisito e eu aproveito para fazer um dia de dieta. Sente-se necessidade disso, depois de quatro meses de cozinhados em terra. Fizemos nestas vinte e quatro horas 140 milhas. Se assim continuarmos, bateremos um novo recorde!

10 de Maio.

Tati está melhor. Continuamos ao largo das costas de Espanha, bem ao largo, conforme manda

371

a prudência. Através do Cabo de Grata - disse-me o meu camarada esta manhã - os projectores varreram o mar... e pareceram parar sobre nós. Nada de brincadeiras, hem!

Hoje, belo prato de macarronete à Kaimiloa, regado com uma boa garrafa de vinho branco - uma vida de lordes!... Sinto-me feliz ao verificar que não perdi a mão. Amanhã farei arroz... Depois de amanhã, massa, e assim sucessivamente até que cheguemos a França. Para quê variar de ementa, quando se come com apetite? Como eles complicam a vida em terra: hors-d'ceuvres, pratos e pratos, sobremesas que nem sempre se comem com apetite... e, no fim, uma data de loiça para lavar! . . .

Continua a soprar «bom vento fresco»... É um gosto vermo-nos encaminhar assim para a França! É estupendo: nada estala na aparelhagem!

11 de Maio.

O mar está bastante forte, de oeste, com tendência para cair. Céu claro. Verei o «P. and O Rancki», que deve ter ontem abandonado Tânger?... Nesse paquete vão olhos que devem perscrutar o horizonte, esperando descobrir a silhueta dentada duma vela de bambus. Faço o ponto para me conservar na rota dos vapores que de Gibraltar passam a leste das Baleares.

12 de Maio.

Calmaria durante toda a noite. Que pena!... Tinha andado tão bem até aqui... e vamos agora perder a nossa bela média de 140 milhas por dia... Consolámo-nos tomando o nosso primeiro banho de sol. Três grandes tartarugas dormem à superfície, a alguns metros de nós. Experimentamos aproximar-nos. Tati mergulha... e as tartarugas também!

Um enorme pacote, dumas 25000 toneladas, passa-nos perto: é italiano, o Giuglio Cesare, todo branco com os dois canos amarelos. Derivamos no seu rasto: cascas de laranjas, limões espremidos) garrafas vazias, caixotes vários, folhas de alface e caixas de cigarros... Entre estas últimas, reco-nheço muitas duma marca sul-africana que eu fumava na travessia do Atlântico. Esse pacote deve vir de Capetown... Penso, ao ver todos os detritos que o navio deixa na sua esteira... nas horas trágicas do Fou Po. Tínhamos então, já mortos de fome, cruzado o Tayo Maru, que ia de São Francisco a Honolulu e que não percebeu os nossos sinais de desespero. Os nossos olhos, apenas entreabertos, haviam perscrutado a superfície da água desde o amanhecer... na esperança de descobrirem alguns restos... mas nada, nem a mais pequenina folha de couve!

Se tivéssemos apanhado um rasto como este, que bênção! Ter-nos-íamos aguentado mais uns oito dias!

13 de Maio.

Continuamos sempre na linha dos vapores. Hoje vemos um cargueiro... Mas que cargueiro! Possui uma particularidade a que não estamos habituados desde há seis anos: é francês!

E o primeiro barco do nosso país encontrado no mar depois de anos e anos de navegação no Fou Po e no Kaimiloa. O Leopold L. Dreyfus, encontrado em Capetown, estava no porto... Parecia que éramos os únicos do nosso país que ainda percorríamos os mares !

Moderou o andamento, passou quase a tocar-nos e o seu capitão interpelou-nos:

- Precisam de alguma coisa?

- Não, obrigado! Mas, se quiser assinalar a nossa passagem: a bordo tudo bem... Dirigimo-nos para Cannes!

É o Normanville, do Havre. Um grupo de marujos, à ré, grita-nos: «Viva a França!» Quem é que me dizia que já não havia espírito patriótico na nossa terra? O pequeno cargueiro afasta-se, cumprimentando-nos.

14 de Maio.

A brisa acaba de se levantar do noroeste, bastante fraca: vento francamente ponteiro. Temos de desistir de dobrar a Grande Balear, Maiorca, por sul e leste... Que fazer? Bordejar sem nos aproximarmos dessas terras espanholas, que me

374

disseram ser perigosas, esperando uma mudança de vento? Nunca na vida! Que vão para o diabo os espanhóis, a sua revolução e, sobretudo, os conselhos de prudência que me deram à partida de Tânger.. . Aproveitemos estes nordestes para passar entre a Maiorca e a Minorca. Depois se verá!

Breve reconhecemos o ilhéuzito que se destaca da ponta sul da Maiorca. Rumamos, para o dobrar, pelo través a 10 milhas (haja prudência!). As proximidades destas terras estão bem guardadas: desde as 10 horas da manhã que se ouve um ronco de motor... Submarino ou avião? Pesquisamos, em vão, céu e mar... Só passada meia-hora é que nos chega de sotavento uma esquadrilha de três hidros voando rente à água... Aproa na nossa direcção... Sentimo-nos algo inquietos. Oxalá não se divirtam a atirar-nos bombas! É-se tão selvagem nos nossos civilizados países!

Os três aparelhos passam quase a tocar-nos (içamos a bandeira) e continuam o seu caminho para nor-noroeste.

Amáveis, estes espanhóis! Mas seriam na realidade espanhóis, ou italianos, ou alemães? Amáveis, sim: isso é verdade!...

Aliás, a quem pertencerão hoje estas Baleares? Aos «vermelhos», como dizem, ou aos brancos, como também se diz?... Poderia ter-me informado à partida. Vermelho e branco, para mim, é tudo a mesma «massa» - uma massa bastante azeda! Uns têm o poder e querem conservá-lo,

375

os outros não o têm e quereriam tomá-lo. Uns e outros, apresentando ótimas razões para isso, e achando que as dos outros são das mais desgraçadas!

Enfiamo-nos, com bom andamento, pelo estreito. Avisto no horizonte, mesmo na frente, uma pequena chalupa. Será uma patrulha? Poucas graças, hem! Que nos deixe em paz !...

Paço uma pequena sesta, mas às 4 horas Tati acorda-me: um veleiro, uma escuna de três mastros com todo o pano ferrado e o motor a trabalhar, dirige-se para nós. Deito uma olhadela com o binóculo: maldição! Tem um canhãozinho no castelo: é uma patrulha! Por que nos perseguirá? Com certeza não tem muito más intenções, pois não iça qualquer sinal nem nos chama à fala para nos fazer parar. Alcança-nos a pouco e pouco, passa-nos uns dez metros a estibordo. Toda a tripulação para ali está como siderada a olhar. Levanto o braço. Tati também levanta o dele e o mesmo fazem todos os espanhóis... Parece que tudo caminha bem!

- Donde vêm? pergunta-me em francês o capitão, que fala pelo megafone.

- Dê la Mare Pacífico, julgo eu responder em espanhol. E acrescento, para maior compreensão: da Austrália, dei Sul-Africa para la Francia! A minha resposta parece entusiasma-los. O capitão agita os braços, excitado, leva outra vez o megafone à boca e, com voz de trovão, berra:

- Bravo... Bonne voyage à la caravela dê Colombo !

376

Saudamos... o patrulhador saúda... Uf! E eu a pensar que na Europa só havia selvagens! Grande erro! Os meus amigos papus não procederiam melhor! . . .

O vaporzito que avistámos esta manhã vem ter connosco: também é um barco-patrolha. Uma chalupa armada em barco de guerra... do mesmo tipo daquele que eu comandava em 1915 em Dunquerque e Calais. Mas eu só tinha para guerrear uma pobre peçazita... Este tem uma metralhadora contra aviões, mas no seu convés, em frente da ponte, estende-se um grande canhão, pelo menos duns 100 milímetros... Com certeza que é para se dar mais ares de <guerra>, pois fico com a impressão de que, se ele quisesse disparar com aquela peça, o cano ir-lhe-ia pelos ares e a hélice soltar-se-ia... Mesma aproximação, mesma curiosidade e mesma gentileza... Não me posso conter que não grite: «Arriba Espanha!»... Quer sejam brancos ou vermelhos, creio que o meu grito dá para os dois!...

Bela navegação, muito ao largo. Ao cair da noite dobramos o ilhéu ao norte da Maiorca, a cem metros, e oiço o mar quebrar sobre os rochedos a pique... Navegamos a 8 nós... Geralmente, costuma haver, em tempo normal, sobre esta ponta, um possante farol, que ainda lá está, mas tanto nas Baleares como nas costas de Espanha fazem-se economias de iluminação... A revolução não veio, de resto, mudar muito as coisas... Aliás, todos os marinheiros conhecem o ditado:

377

«luzes espanholas; características: luzes negras com relâmpagos cinzentos» !

Má noite. Logo que safamos a ponta, abrigados pela montanha, caímos numa zona de calma. Passo o meu quarto aproveitando os menores sopros que vêm das montanhas para me afastar de terra... Esses sopros chegam de meia em meia hora, duram três minutos e surgem, de cada vez, dum bordo diferente.

Domingo, 15 de Maio.

Calma. Banho de sol!

16 de Maio.

O céu cobre-se. Chuva, rajadas, trovoadas... Bem se pode fazer feio o tempo que não impressiona o Kaimiloa: é demasiado tarde, já viu muito pior!

O céu, por volta da meia-noite, aclara. As rajadas cessam e vem outra vez a calmaria.

17 de Maio.

Tempo bonito e claro esta manhã: avistamos a 35 milhas «ao norte» a costa de Espanha, Barcelona e o cabo Creuz. Ao meio-dia, Tati chama por mim: - Atiram-nos para cima, capitão! Vejo os esguichos provocados pelos obuses...

378

Salto para a ponte e toca a investigar. Realmente, vejo daí a pouco elevarem-se, muito ao longe, os esguichos da água: um, dois, três, quatro... Falso alarme! Tati é muito novo para ter visto rebentarem obuses no mar, à sua volta... Talvez tenha podido notar que aquilo que tomava por explosões de obuses se assemelhava muito a esses repuxos que expectoram as baleias e os cachalotes. Calma durante toda a noite.

19 de Maio.

Quando me levanto, o mar dorme ainda na... bruta calma! Uma refregazita surge, fazendo cócegas à superfície, para o despertar um pouco! Alegres grupos de golfinhos saltam à nossa volta e, tendo-nos demonstrado o que podem fazer em piruetas, desaparecem em direcção ao norte: quereriam a seu modo convidar-nos para a viagem e mostrar-nos que é por ali o caminho para a França? As pequenas refregas morrem e renascem... O Kaimiloa aproa a nordeste para reconhecer Sició, ao sul de Toulon. A estibordo emerge uma baleia... - Deve ser aquela que rondava à nossa volta esta manhã, declara Tati. E um monstro. Nunca julguei que existissem no Mediterrâneo baleias desta envergadura. O meu camarada conta-me então que, ao amanhecer, e quando se encontrava acocorado na

borda da plataforma cumprindo o rito diário das suas funções intestinais, essa baleia, emergindo muito próximo, lhe assoprara desrespeitosamente quase... no nariz!

A brisa refresca. Esta noite sopra vento muito fresco. Cobre-se o céu, chuva fina.

Meu Deus, que escura noite!.. . Oxalá a terra de França se encontre no mesmo sítio onde estava há doze anos! Seria uma grande «espiga» se, com este mar e esta noite, ela derivasse umas quarenta milhas para o sul...

Está um frio estúpido, húmido... Fecho-me na cabina com os meus «cálculos» e só ponho o nariz de fora, de tempos a tempos, para ver se continuamos sempre sozinhos no mar.

Sábado, 20 de Maio.

Vai fazer três dias que não anoto nada neste caderno. Estou muito excitado! Primeiro foi a abordagem, uma autêntica paródia! Há dois dias que não faço observações. Está um tempo escuro, - um tempo enfarruscado... Aproximamo-nos de terra sem saber ao certo a média que fizemos: uma verdadeira navegação de camponeses! No geral, fizemos norte, sim !

- Fazendo norte, diz-me Tati, havemos de chegar a qualquer lado, visto que nos encontramos no Mediterrâneo.

Claro! Mas, aproando a leste, oeste ou sul, aconteceria o mesmo!

Decretei, por conjectura feita pelo <faro>, que devíamos encontrar-nos nos arredores de Toulon... Ei-la, a linda navegação astronómica...

Deixá-lo! Eu, que passava as noites a fazer cálculos náuticos com alturas tomadas há seis meses, devia ter tirado o ponto ao menos uma vez para executar uma última abordagem exacta... Nunca pensei, falando com franqueza, que a névoa, a chuva, a borrifagem e este pesado manto de nuvens ao norte me escondessem de tal modo as costas da França.. .

Avançamos, sem ver um palmo a mais dum quarto de milha... Por volta das 5 horas da tarde o mar muda repentinamente de cor... A costa não deve estar muito longe! Mas, que ponto da costa? Lanço uma olhadela ao mapa geral que possuo. Logicamente, nas proximidades de Toulon, só o planalto de Bauquières poderá justificar semelhante mudança na cor das águas... Meia hora depois, por entre a névoa, distinguimos uma chalupa à pesca... Não vale a pena largar a sonda. Se essa chalupa navega é porque tem fundos para navegar!.. . Passamos-lhe por detrás:

- Toulon? grito-lhes eu.

- Por ali! respondem eles, estendendo o braço na direcção de leste.

E isso mesmo, pensei, estamos no planalto de Bauquières... A brisa acaba exactamente de mudar durante uma refrega e parece fixar-se a noroeste com rajadas... Muito bem. Isso anuncia-nos um golpe de mistral, que desfará a bruma.

381

Deixamos derivar com rumo a leste e, ao cair da noite, a cerração que esconde a costa alivia... Um fecho luminoso ilumina com os seus clarões difusos o horizonte. Um pouco por estibordo conto os clarões: um, dois, cinco segundos... Não conheço qualquer luz com esse ritmo em Toulon. Que quererá dizer? O meu Broas Náutica Almanach não estará em dia? Admirar-me-ia isso da parte dos senhores ingleses. O horizonte desanuvia-se pelo través e uma outra luz sobe, fixa-se, apanhando um canto todo do céu. Não resta dúvida: ali em baixo está uma grande cidade... mas se não é Toulon... então, então, mas... «ó que é» Marselha... e o farol é Planier! Ora aqui está uma navegação!... Divirto-me ao pensar na cara de Tati quando lhe comunicar a notícia. . . Julgámos esta tarde, quando encontrámos a chalupa, admirar, através da névoa, uma linha que um e outro decretámos ser a terra e logo, conforme combináramos à partida de Tânger, fomos buscar a garrafa de champanhe que seria aberta assim que avistássemos as costas da França. Bebemo-la com alegria. Talvez fosse terra, mas não aquela em que pensávamos.. .

Por agora é o caminho de que necessitamos... «Não abrandes, rapaz!» A brisa de noroeste sopra com uma força capaz de levar tudo pelos ares... Não importa! Conservo todas as velas em cima: os bambus da

vela grande gemem com o esforço. Se rebentarem, logo se vê.
Fazemos por momentos

382

os nossos dez nós.. . Vejo Planier desaparecer do horizonte, varrer-nos pelo través e ficar-nos para trás... Que belo espectáculo, este do Kaimiloa a enfiar para o porto, por entre uma fumarada de borrifos !... Interrompo a minha contemplação: há qualquer coisa nos mastros que cedeu. Foi o estai do mastro grande que rebentou com um estalido seco.. .

Um outro ruído, este de madeira que estala, e mais impressionante, segue-se... Vários bambus da vela grande acabaram a sua vida! O estai partido cai, juntamente com a corrente e a mola, sobre o tejadilho da cabina de Tati. O meu camarada deita a cabeça por entre a porta meio aberta:

- Senti um choque, participa-me ele.

«Não te enganas», pensei eu. - Não é nada, respondi-lhe, então. Foi o estai de sotavento. . . depois foram alguns bambus. E, para completar o meu discurso: - Sabes, Toulon? Sim? Pois bem, é.. . Marselha!

Ele fecha bruscamente a porta, enfia o casaco de oleado e salta para a plataforma como se a mola do estai lhe tivesse chicoteado o traseiro.. .

- Que diz? Marselha?

- Sim, e esta luz por detrás de nós é Planier! De repente, parece assustado pela velocidade com que navegamos.

- Se fosse descansar? aconselha-me ele. Aceito, entusiasmado. Há duas noites que não prego olho: não devido ao tempo nem às preocupações da navegação, mas apenas ao enervamento

383

da chegada... a França... após doze anos de ausência...

- Que caminho devemos seguir? pergunta-me.

- Como os caranguejos, de rocha em rocha, seguindo a costa sempre. Tudo está bem iluminado. . . e o tempo limpou.

Deito-me. Creio poder dormir, mas não consigo. Ouço Tati, que amaina a vela grande e se põe a consertar o estai... Valente rapaz !

Mais tarde ouço-o berrar para um vapor que nos cruza muito perto:

- Não podes mudar de rumo, hem, filho dum porco ?!

Depois de três horas de pesquisas vãs em busca de sono, levanto-me.

Nasceu o dia. Andámos bem, co'os diabos! O tempo agora está claríssimo... O mistral limpou céu e terra...

Volto a deitar-me e vou desta vez mergulhar no nada, quando Tati me grita :

- Venha ver! A. esquadra sai de Toulon ! Ele pronuncia «a esquadra» com a entoação

respeitosa de todos os bretões.

Não penso mais no descanso. Revejo Toulon... esse velho Toulon que só conheci durante a guerra, um Toulon cheio de encanto, onde estranhas tradições não haviam ainda morrido: as recordações precisam-se. O Kaimiloa deve estar exactamente nas mesmas águas que assistiram, no decorrer dum dos meus primeiros voos de observador de hidroavião, a uma queda em parafuso de 800 metros: do piloto apenas se viu um braço meio arrancado

384

que, dentro duma manga, flutuava sobre o mar... e minutos depois um amontoado de carnes inchadas e roxas, comprimidas num casaco de salvação. Recordo o gesto sublime, que mais tarde me contaram, do mecânico observador do segundo aparelho, que se atirou à água para segurar esse volume informe, que era eu, até à chegada dum torpedeiro; depois o transporte para o hospital de Saint-Mandrier (que julgo adivinhar ali atrás da Sició, perto do vale Saint-Greorges); a investida dos médicos, entusiasmados, a puxarem-me pelos pós, pela língua, a massajarem-me a barriga, tão inchada que dir-se-ia que rebentava, e, depois, desconsolados com tanta ginástica inútil, a sua partida, meia hora mais tarde, declarando:

- Pobre diabo! «Está pronto»!...

Penso também na nobre senhora enfermeira--chefe, cuja casa julgo descortinar lá ao longe, sobre as colinas de Tamaris, M.me Sauvaire Jourdan, que, sozinha com esse afogado de membros esmigalhados e crânio fracturado, começou, para se exercitar, a puxar-lhe pela língua e a dar-lhe massagens na barriga... e que, daí a minutos, admirada por

ver o espelho que lhe pusera em frente da boca embaciado, chamou todos os doutores, gritando:

- Mas, doutores, o vosso cadáver... o vosso cadáver não morreu!... Não, ele não morrerá... e tenho a impressão hoje, vinte e dois anos mais tarde, que continua a não passar muito mal...

385

Vejo-me obrigado a interromper a minha visão... Não é a esquadra que sai, mas sim um cruzador, que, aliás, nos vai passar pela popa: a bandeira francesa do Kaimiloa desce três vezes devagarinho, tão devagar quanto possível para mostrar o respeito que deve à ilustre Marinha de França. Mas (sinto como que profunda punhalada no coração) a bonita unidade da Marinha francesa passa, orgulhosa e desdenhosa!

Pobre Kaimiloazinho! Deves parecer tão pequenino lá do alto daquela torre que nem te viram... Esse grande irmão moderno sente-se tão poderoso com os seus canhões que cospem fogo e com todas as suas máquinas e ferros que se julga no direito de te desprezar um pouco... Além disso, chama-se Plutão... compreendes? Plutão é o seu Deus e esse Deus deve ter ciúmes do teu, que se chama Eolo, que sabe modular-se com um canto de harpa ao longo dos teus bambus, ao passo que ali se ouve um barulho de bigorna que sai das entranhas do teu irmão... Plutão!

Outra unidade de guerra se aproxima também de nós, por bombordo, precedida dum submarino.

Começamos nova saudação... Ah ! Esses barcos sabem viver. Não esperam sequer que acabemos de cumprir o nosso dever de delicadeza para responderem : enquanto a bandeira do Kaimiloa se desprende do tope do mastro, a sua desliza no pau de mezena.

Um bonito yacht, de pano caçado à bolina cerrada, afronta o mistral e, com o galhardete do

386

Yacht Club de France arvorado, cruza-nos por estibordo. Proprietário, convidados e tripulação, reunidos na popa, fazem-nos uma ovação...

Mas, santo Deus, como todos esses barcos baloçam e arfam com um simples marzito de mistral... Só de os ver, quase fico enjoado! O submarino, esse, não se contenta com uma simples olhadela...

Persegue-nos, aproxima-se e abrandando o andamento. O comandante, estado-maior e alguns membros da guarnição agruparam-se no «quiosque». Segue-nos com o mesmo andamento durante alguns minutos, mas depois, aumentando de velocidade, prolonga-se com a nossa amura de estibordo. O comandante interpela-nos:

- Os meus parabéns !

Eu grito-lhe: «Viva a França!» Saudamos novamente. Dá uma volta, apanha-nos, evita-nos a alguns metros...

- Vamos para Cannes, disse-lhe.

- Sim, já sabemos!... Estão lá à vossa espera!...

Tomamos juntos a passagem das Salinas d'Hyères, entre Giens e Porquerolle. Desta vez passa-nos, sem exagero, a uns 3 metros. Que bela fotografia se tirava agora: o último modelo de barco moderno e o último canto duma linda Marinha! Este comandante manobra o seu barco com extraordinária calma e sangue-frio... Não tem medo de provocar avarias! Não é da força de muitos dos seus camaradas para quem os anos de comando são um cabo difícil de dobrar e que só

387

têm um fim: acabar o estágio sem «sarilhos», e para isso evitam qualquer manobra mais arriscada. Desde então ficam, oficial e definitivamente, consagrados: comandantes perfeitos e bons pilotos! É talvez patetice o que vos vou predizer, comandante do submarino Thétys, mas, se o diabo fizer com que a França seja arrastada para novo conflito, sereis daqueles que saberão escrever novas e gloriosas páginas no livro da nossa Marinha de Guerra; pareceste-me a alma do vosso barco... e, mais, um «marinheiro». Amanhã sereis do mesmo modo a alma duma esquadra, e para se vencer no mar é preciso ter alma. Escutai: se eu fosse Ministro da Marinha, assim que estalassem as hostilidades, mandaria muitos almirantes jardinarem e mudaria o destino das suas estrelas fixando-as em mangas como as vossas! Acompanha-nos, dá uma volta, torna a vir quatro ou cinco vezes, com certeza para mostrar à tripulação este barquito da Polinésia que ostenta

as cores francesas... Os que estão de quarto às máquinas são substituídos, porque também eles devem ver...

Valente comandante, obrigado por nós e pelo Kaimiloa !

Cada vez me sinto mais enervado. Vamos a andar bem! O mar, às vezes bastante forte, rebenta-nos pela traseira... O que especialmente parece admirar a tripulação desse submarino é

388

que a bordo do nosso barco não haja ninguém ao leme... O valente barquito governa sozinho, sem a menor guinada... Aqui não há sperry, mas sim um barco equilibrado, no casco e no velame, com bocados de câmara de ar de automóvel fazendo as vezes de mola sobre as talhas do leme. Concorde que não tenha um aspecto nem muito marítimo nem muito moderno, mas, como dizem os americanos, It works anyway! Vejo desfilar novamente esta costa, depois de doze anos de ausência...

Algumas casas mais, mas sempre bonita, sempre a mesma. Cada cantinho evoca para mim recordações que eu julgava esquecidas ... e, revivendo-as, admiro-me de as ter vivido. Como o mar pode modificar um homem 1 Entre a extremidade leste da ilha do Levante e o farol de Camarat, a brisa foge-nos... A calma prolonga-se até ao começo da noite... Abandonamos a brisa de oeste e, a leste, um vaporzito dirige-se para nós, com vento traseiro... Trava-se luta entre as duas brisas contrárias: pesadas nuvens se amontoam sobre as nossas cabeças... Estamos assim... com calma, à entrada do porto !...

Felizmente que todas essas nuvens, acompanhadas de trovões e relâmpagos que cegam, se desfazem sobre nós. Que chuva! Uma chuva torrencial ... Dura a noite toda... Com a chuva, porém, levanta-se uma brisa que nos permite dobrar o farol de Camarat, aliás de maneira estranha: fechados na cabina e com a cana do leme amarrada...

389

O Kaimiloa deseja, na sua última singradura, governar mais inteligentemente do que nunca. Talvez não queira, sabendo o estado desgraçado em que se encontram os nossos impermeáveis (que disso só têm o nome), que cheguemos constipados a França...

A chuva é tão cerrada que o potente facho luminoso do farol já não chega até nós... Mas eu é que tive o cuidado, antes da trovada, de tomar bons apontamentos e, por isso, o caminho que o Kaimiloa leva revela uma média de perfeita segu-rança...

Julgando safada a ponta do cabo, sinto que vou adormecer em pó: tenho o cérebro em fogo. Será a excitação da chegada ? Gostaria tanto de descansar uma hora... Estendo-me um [bocado.

- Se ouvires um valente choque, digo a Tati, é porque não safámos os rochedos da ponta!...

- Mas já nos encontramos em França! responde-me ele.

Consigo dormir duas horas e acordo mais bem disposto... O céu limpou-se pouco a pouco com o despontar do dia. Na névoa matinal, reconheço, de través, Agay, o seu viaduto e os rochedos vermelhos... e lá adiante, mesmo em frente, uma encosta de brancas vivendas !...

Cannes ! O céu descobre ainda mais: a estibordo sobe o triângulozinho da Garoupe, encerrando, como num estojo, a baía de Théoule e as ilhas Lórrins...

A França ! E a França ! Será possível ?

Tati e eu andamos numa cabina para a outra,

390

percorrendo à doida e sem qualquer fim a plataforma. Ele deve sentir o mesmo que eu. Tenho de repente a impressão de que o Kaimiloa se tornou demasiado pequeno... e que pela primeira vez sou seu prisioneiro. Queria poder correr para terra, voar!

Oh! Eolo, querido Deus dos ventos, faz um esforçozinho! Canta uma última vez nas nossas velas para que mostremos ao povo da França o que valem as lendárias duplas pirogas da Polinésia !

Meio-dia.

Arrastamo-nos... Há pouco, um avião passou por sobre as nossas cabeças... Uma chuva fininha cai devagar. Sem sabermos como passar o tempo, fazemos uma espécie de arrumação a bordo, deitamos ao mar uma colecção de trapos velhos bolorentos, bocados de madeira que já não serviam para nada, cordas gastas e latas vazias... Tudo isto flutua

no mar calmo em redor de nós, estupidamente. De repente lembramo-nos de que não nos barbeámos... Vamos fazer-nos bonitos ! Deus do céu, como parecem compridas estas últimas milhas !
Estamos agora a 500 metros do quebra-mar e a calma é cada vez maior... Damos voltas e reviravoltas sempre no mesmo sítio. E eu... que tanto sonhara com uma bonita entrada, que desse que falar!
Inspecciono os cantos da cidade, de binóculo em punho. Já quase não reconheço a

391

Croisette. Como aquilo mudou do lado de Carlton... Há um sem-número de vivendas novas encarrapitadas sobre a Califórnia. Oxalá não estragassem o seu lindo porto, que dorme aos pés da antiga cidade! O céu está cinzento... A chuva é fina... Triste Côte-d'Azur! A cidade parece deserta... Há uma hora que nos encontramos aqui... e não se ouve nada!

- Esperam-vos em Cannes, disse-nos o comandante do Thêtys... Que mentiroso!

E não sopra a menor aragem... Os bambus da vela grande mal batem ao longo dos mastros... O meu coração, esse, então, bate com tal força que parece querer saltar-me do peito!

392

CAPÍTULO 18 --- Na boa cidade de Cannes

Sob um céu baixo. Cannes, envolta numa bruma de chuva fina, parece-me uma cidade abandonada.

Tati só tem olhos para a terra e não compreende :

- É isto a Cote d'Azur? Ao ouvi-lo, fazia outra ideia. Não chega aos calcanhares de Trinité-sur-Mer! E o seu famoso porto dos yachts, com que me enchia os ouvidos? E os yachts?... Onde estão eles? Se os há, são dos.. . que têm medo de se molhar! Também não são curiosos...

- Não são curiosos ?

- Pois claro! Há duas horas que andamos aqui às voltas, sem vento e a duzentos metros dos molhes, e nem um só veio ver-nos de perto! Devemos, no entanto, parecer um barco fantasma com os nossos dois cascos e as nossas velas de bambus! Nada posso dizer. Estou tão desolado como ele. Sonhara tanto com uma linda entrada triunfal, ajudada por bom golpe de vento e sob um céu nitidamente limpo!

393

Nesse instante, uma pequena refrega de oeste faz estremecer as nossas velas... Ao norte esboça-se uma aberta, recortando o último plano das colinas de Mougins... Um bocado de bruma rompe-se por cima da Califórnia, mostrando uma faixa de céu azul... Por esse buraco infiltra-se um brilhante raio de sol, que alegremente desliza e parece correr, passando sobre o porto, ao encontro do Kaimiloa.

Milagre! Com esta carícia de luz, toda a cidade desperta e sorri...

Começam a agrupar-se pessoas à beira dos molhes e outras acorrem ao longo da Croisette. Uma vedeta a motor, carregada até mais não, aproa para nós.

- Vimos mandados pela comissão de recepção! grita um dos passageiros.

- Comissão de recepção?! exclamo eu, surpreso.

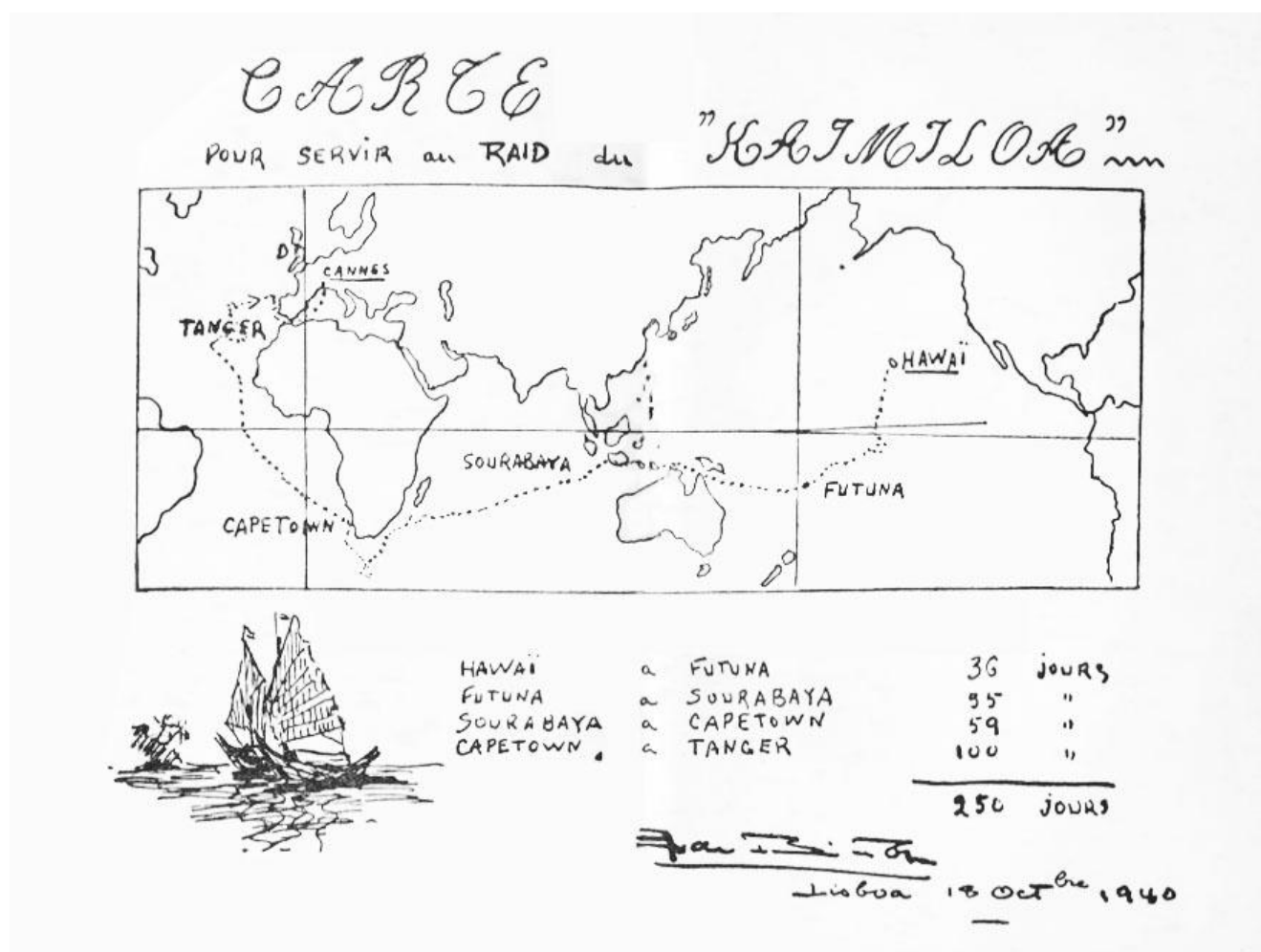
- Sim, a comissão encarregada de organizar a vossa recepção.

- A nossa recepção?! exclama Tati. Temos então de calçar sapatos?

O barco acosta e todos saltam para bordo. Felicitam-nos pelos nossos feitos, olhando-nos como se viéssemos dum planeta diferente...

Ouço-os, distraído. Não posso despegar os olhos daquele canto da França! Encontro-o por fim, agora que está fremente de luz... agora que o seu céu voltou a estar azul. Olho também para a multidão que começa a aumentar, que se agita, que solta exclamações de boas-vindas e hurrahs...

Atracamos. Os <enviados> da comissão querem



394

manter-nos no cais. O capitão do porto auxilia a manobra... Um repórter do Paris-Soir, o grande jornal de informações onde, com a assinatura de M. Henri Danjou, acaba de aparecer uma série de longos artigos sobre «A extraordinária aventura de dois franceses», lá está para colher as informações da última hora. Chamo-o de parte:

- O que vem a ser a tal comissão de recepção?
- Não sabe ?... A cidade de Cannes quer recebê-los oficialmente ?!
- Oficialmente!
- Sim, o Ministro da Marinha vai mandar amanhã um aviso e uma esquadilha de hidroaviões... O porto será embandeirado... Dispararão vinte e um tiros de peça!...
- Vinte e um tiros de peça ? !
- Sim, senhor, e o maire e o administrador de Cannes virão recebê-lo. O cortejo dirigir-se-á para a mairie, onde será servido um champanhe de

honra... Depois, após haverem assinado o Livro de Ouro, haverá discursos.

- Discursos ?

- Sim, sim! Por que diabo chegaram tão depressa ? Não os esperavam senão daqui a dois ou três dias...

- Muito depressa, disse? Catorze dias!... Pois bem, sabe que o Kaimiloa venceu Sourabaya - Capetown em cinquenta e nove dias?... Com o mesmo andamento, teríamos feito Tânger-Cannes em cinco!

395

Não me posso conformar com toda esta mexida e com a recepção oficial... O repórter afirma-me: está tudo preparado e organizado, não pode «roer-lhes a corda»... Vão pedir-lhes com certeza que façam, amanhã ou depois, uma falsa saída, para que haja... uma nova chegada !...

No cais, julgo reconhecer rostos de amigos, mal3 velhos uns doze anos, que me sorriem. Alguns curiosos gritam-me: «Até que enfim voltaste, Eric!», mas eu não os reconheço bem...

Suplico ao capitão do porto que não atraque o Kaimiloa ao cais e me deixe fundear no meio do porto, pois sinto necessidade de calma!... O amável repórter pergunta-me, então, o que pode fazer de momento para me ser agradável. Peço-lhe que telefone imediatamente a minha mãe, que tanto receio tinha de morrer sem me tornar a ver; às minhas irmãs e a outros entes queridos que me esperam em Nice...

Uma hora depois, toda essa gente reunida carrega comigo, chorando de alegria... Parece-lhes que venho dum outro mundo. Um mundo mais longínquo que o das ilhas oceânicas!. . . No decurso destes doze anos de ausência, muitas vezes me julgaram morto... empalado pelos chineses, vítima do espeto dos canibais ou das maxilas dos tubarões!...

396

Alguns meses depois da chegada do Kaimiloa a França, no decurso duma conferência feita perante a Sociedade de Geografia de Paris, concluí nestes termos:

«Esta viagem de regresso a França possuía para mim pouco interesse científico: não passou dum raid sem finalidade útil!... >

Sem finalidade útil! Talvez exagerasse, porque as aclamações dos americanos de Honolulu, que saudaram o Kaimiloa à partida, e as dos australianos de Torres-Straits, dos holandeses de Java, dos ingleses e dos africanos do Cabo, que o viram chegar e tornar a partir, com gritos entusiásticos de «Viva a França!», devem ter um certo alcance.. .

Aos gritos de «Viva a França!»... e, no entanto, partíramos sem bandeira... pelo menos, oficialmente.... Podia-se lá permitir bandeira a um «duplo caixão» que, no dizer das autoridades navais, devia, assim que chegasse ao largo, fazer-se em pedaços? Que o meu país e as suas leis marítimas me perdoem se, apesar disso, icei as três cores à partida!...

Depois de doze anos de ausência, revia em Maio deste ano o «doce país», e esse país repre-sentado pela boa cidade de Cannes, que fez ao Kaimiloa uma recepção grandiosa cuja recordação ainda me perturba...

Pensava eu, perante as aclamações da multidão

397

e perante a saudação oficial do meu país, que o valente barquinho se tornara digno da confiança que nele depositara... «A tua nacionalidade? perguntei-lhe à partida de Honolulu. Está na tua mão ganhá-la... e impô-la a todos!»

Sim, repito-o, minhas senhoras e meus senhores, se pudemos realizar estas viagens, e realizá-las dignamente, è porque sabíamos que havia em França pensamentos - que digo eu ? —, corações que nos seguiam. Primeiro o da nossa admirável Sociedade de Geografia, que quis, desde a minha partida» conceder-me a sua confiança e colocar a minha expedição sob o seu alto patrocínio... E ainda o do maior dos franceses e de sua mulher: o Marechal Pétain e a sr.a Marechala.

Algumas horas depois da chegada do Kaimiloa, | entregaram-me dois telegramas.

Um dizia:

«Sociedade de Geografia, orgulhosa do vosso grande êxito, dirige-vos sinceras, vivas e cordiais felicitações pela vossa maravilhosa viagem, com a esperança de vos receber brevemente em Paris.»

398

O outro era duma concisão que todos vós conheceis :
«Bravo, Eric, sinto-me orgulhoso de si!».

a) PÉTAÏN.

Pois bem! Deixem-me perguntar-lhes, minhas senhoras e meus senhores, quem é que, dentre vós, não partiria de boa vontade e não suportaria com alegria as mesmas provações e sofrimentos, para receber à volta dois telegramas como estes ?.. .

399

EPÍLOGO

. . .Há dois anos, na praia de areia clara onde nascia o Kaimiloa, uma mulher dissera-me:

« - Parta, sem receio, nesse barco de lenda, nesse barco de meus maiores. Parta com fé e atra-vessará os mares vitoriosamente... E chegará, visto que é esse hoje o fim da sua viagem, às margens longínquas do seu país, a França!»

E, mais devagarinho, acrescentara:

< - Talvez que então abandone de novo o seu país distante para regressar às nossas ilhas... em busca do nosso sonho...»

E por isso que, breve, um outro barco de lenda, o Kaimiloa - Wakea, seguindo o caminho do Destino, içará a sua vela e vogará, sempre com fé, em direcção às ondas azuis do grande oceano misterioso...

A sua vela abrigará então dois sonhos... dois sonhos que serão um só!

NOTA FINAL

O sonho realizou-se!.. .

O Kaimiloa - Wakea, tendo a bordo a princesa Papaleaiaina, hoje esposa do capitão Eric de Bisschop, largou de Bordéus em Junho de 1940, a caminho do Pacífico.

Lisboa conheceu o simpático casal, ouviu a conferência do sábio marinheiro, teve o prazer (a poucos concedido) de admirar os bailados simbólicos da linda princesa havaiana.

O público festejou-os pelo seu arrojo, e acarinhou-os, porque neles descobria aquilo que mais comove o nosso povo: a fé interior nos destinos duma grande pátria imorredoura, a realização de um sonho de amor, muito romântico, sincero e puro.

Do grande Marechal Pétain recebeu Bisschop, à data da publicação do seu livro Kaimiloa, a carta cuja tradução apresentamos aqui:

30 de Julho de 1939.

Meu caro Eric:

Foi para mim uma grande alegria encontrar na história tão vivida do vosso Kaimiloa a realização do sonho de que tantas vezes me falara noutros tempos e que você prosseguia, com indomável tenacidade, através de tantas aventuras, obstáculos e sofrimentos.

Os perigos mortais a que por várias vezes vos sujeitastes não conseguiram desviar-vos do caminho que tínheis escolhido nem fazer-vos abandonar qualquer das empresas ou estudos que vos havíeis imposto.

Os jovens que lerem este livro extrairão dele uma magnífica lição de energia e, com ela, a fé que permite tudo ousar e empreender.

Aceite, meu caro Eric, as minhas sinceras felicitações e a expressão da minha dedicada e afectuosa amizade.

a) PR. PÉTAİN,

Com a tradução deste livro admirável, julga a Livraria Clássica Editora prestar de certo modo um serviço ao País. Na verdade, é na leitura dos

grandes feitos dos modernos navegadores que o gosto pelas coisas do mar, onde fomos grandes entre os maiores, poderá de novo ressurgir na alma dos portugueses.

Eric de Bisschop, carácter de marinheiro e coração de patriota, é para todos um exemplo das virtudes e qualidades que, parece, só surgem e se retemperam fazendo face à Aventura!

Os EDITORES.

----- F I M -----



ÍNDICE

I - Na Gafaria de Molokai	5
II - Honolulu	22
III - A construção: Nascimento do «Kaimiloa»	36
IV - O primeiro ensaio: Primeiros passos dos gémeos	61
V - A primeira saída: Partirá? Não partirá?	77
VI - A grande aparelhagem	100
VII - Isto vai mal! Isto vai melhor!	111
VIII - Isto vai cada vez melhor!	129
IX - Futana	145
X - De Futuna à Grande Barreira	188
XI - A passagem da Grande Barreira	214

- XII - Navegando em torno de Bali 238
- XIII - Sourabaya e passagem do estreito da Sonda 262
- XIV - O Oceano Índico e o Cabo das Tormentas 277
- XV —Capetown 313
- XVI- Atlântico 330
- XVII - Mediterrâneo 362
- XVIII - Na boa cidade de Cannes 392
